

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Sandra Isabel da Silva Fontoura

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS ENTRE OS
ANOS 1979 E 1989:
DIÁRIOS DE CLASSE E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS**

Santa Maria, RS
2022

Sandra Isabel da Silva Fontoura

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS ENTRE OS
ANOS 1979 E 1989:
DIÁRIOS DE CLASSE E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elisete Medianeira Tomazetti

Santa Maria, RS
2022

Fontoura, Sandra Isabel da Silva

O Ensino de Filosofia no Colégio Manoel Ribas entre os anos 1979 e 1989: Diários de Classe e experiências de professoras / Sandra Isabel da Silva Fontoura.- 2022.
298 p.; 30 cm

Orientadora: Elisete Medianeira Tomazetti
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2022

1. Ensino de Filosofia 2. Diários de Classe 3. História da Disciplina I. Medianeira Tomazetti, Elisete II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, SANDRA ISABEL DA SILVA FONTOURA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Sandra Isabel da Silva Fontoura

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS ENTRE OS
ANOS 1979 E 1989:
DIÁRIOS DE CLASSE E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação**.

Aprovado em 31 de agosto 2022:

**Elisete Medianeira Tomazetti, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

Altair Alberto Fávero, Dr. (UPF)

Marcos Alexandre Alves, Dr. (UFN)

Cláudia Cisiane Benetti, Dra (UFSM)

Simone Freitas da Silva Gallina, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2022

*Dedico este trabalho (um dos maiores esforços da minha trajetória acadêmica), para você, que sem dominar as angústias da vida, nos deixou tão cedo, abrindo uma imensidão de lacunas e interrogações; meu sobrinho – meu afilhado, meu filho de toda uma vida. Guri de alma boa e coração cheio sonhos, transformados em aflição. O teu sorriso, o último abraço de esperança na sala da casa, e a última mensagem, na qual me pontou indiretamente, a sua partida ainda pulsa sentidos. Hoje peço que
seja luz!*

Com muito amor, para você meu Anderson da Silva Brites.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às forças divinas, as quais me oportunizaram experienciar a construção desta tese de doutorado. Visto que, durante o percurso de pesquisa e construção textual vivenciei muitos desafios, principalmente, a fragilização da minha saúde, mas o sonho de conquistar este título, somado ao apoio familiar foi fundamental, para eu buscar motivação e produzir cada linha deste trabalho, ora com dor, ora com medo de não conseguir vencer as dificuldades cotidianas.

Em meio à pandemia e o sonho de ser Doutora em educação, muitas vezes pensei e problematizei minha existência em um mundo infectado e infectante, com pessoas queridas e próximas falecendo, questionei-me: Não será egoísmo eu manter esse sonho tão latente dentro de mim? Esses atravessamentos introspectivos causaram-me anseios, conflitos internos, como também a certeza de que viver é superar, é se desafiar, é lutar, é vencer. Então, mesmo em um mundo impregnado de contradições no âmbito político e social, estou aqui delineando os meus agradecimentos, que simbolizam uma vitória de cunho pessoal, onde venci as delimitações que meu corpo apresentou no decorrer deste processo de doutoramento.

Desta forma, agradeço à minha orientadora Professora Dra. Elisete Medianeira Tomazetti, a qual me acompanhou em minha jornada acadêmica, como também no meu retorno a este contexto, por meio do PIBID - Projeto de Licenciatura em Filosofia desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria.

Ao meu esposo Máximo Clair Ilha Fontoura, que foi incansável nessa jornada, ao cuidar-me; provendo o meu transporte para assistir as aulas do Curso de Doutorado em Educação na UFSM e posteriormente na realização das atividades de campo, feitas durante o desenvolvimento desta Tese.

À minha filha Mirieli Fontoura, a qual esteve ao meu lado em parte dos trabalhos de campo realizados no Colégio Estadual de Ensino Médio Manoel Ribas, onde trabalhamos juntas no processo de procura e separação dos diários de classe, bem como na sistematização das fotografias que este trabalho exigia. De modo singular, agradeço os/as colegas de trabalho: as Professoras Neda Maria Diogo Cavalheiro, Angélica Prestes, Mirian Gonçalves Teles, Carmen Coffy, Flavia Dozza Pereira Santos, Nádia Jacqueline Barrichello, Elvane Gallert Fagan, Angélica Cruz,

Christiane Marin, ao professor Alan Patrik Buzzatti e familiares os/as quais me deram apoio e incentivo a continuar esta jornada.

À minha neta Cecília Fontoura Pastorio, pelo amor e carinho, que desde muito cedo aprendeu o significado do estudo e da colaboração, que ao meu lado e da minha filha também passou a desenvolver a sua tese, onde organizou uma caixa carregada de materiais e sempre que eu começava a estudar ela dizia: - Também vou trabalhar na minha tese e, assim foi compondo uma diversidade de desenhos e atividades com tintas.

Aos/as professores/as do Programa de Pós-graduação em Educação pelos momentos de aprendizagem e re/construção de conhecimentos;

Aos meus colegas de curso;

Aos/as bolsistas, professores e professoras que atuaram no Projeto de Licenciatura em Filosofia - PIBID - UFSM, pelas experiências e compartilhamentos de saberes;

Às equipes Gestoras do Colégio Estadual de Ensino Médio Manoel Ribas, pelo espaço de pesquisa e acolhimento de 2017 até 2022, na retomada da presente pesquisa;

Aos meus familiares e amigos;

Aos meus colegas de trabalho e aos/as Professores/as do Colégio Estadual de Educação Básica Professora Edna May Cardoso;

Aos/as professores/as que compuseram a minha banca de qualificação de projeto de doutorado.

E desde já, aos/as professores/as que integram a banca de defesa de Tese de Doutorado.

Sentimento do mundo (Carlos Drummond de Andrade)

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.
Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.
Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.
Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer
esse amanhecer
mais noite que a noite.

RESUMO

O ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS ENTRE OS ANOS 1979 E 1989: DIÁRIOS DE CLASSE E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS

AUTORA: Sandra Isabel da Silva Fontoura
ORIENTADORA: Elisete Medianeira Tomazetti

Esta tese de doutorado foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, na Linha de Pesquisa 2 - Políticas Públicas Educacionais, Práticas Educativas e suas Interfaces. Teve como objetivo geral compreender a constituição do ensino da disciplina Filosofia ministrado no Colégio Manoel Ribas- Santa Maria/RS, entre os anos 1979 e 1989, período que corresponde à ditadura e as brechas da abertura política. Os diários de classe e as entrevistas realizadas com três professoras de Filosofia que atuaram no período foram o corpus da investigação. Buscou-se compreender a partir desse corpus as experiências do ensino da Filosofia na escola no contexto da Ditadura Militar e o início do processo de redemocratização do país. Emergiu da análise hermenêutica realizada, a orientação teórico-metodológica adotada, na compreensão dos conteúdos que deveriam ser ensinados e os modos como eram ensinados no período. A orientação hermenêutica de Gadamer (1997; 1999), nas edições da obra “Verdade e Método”, articula o entendimento da história através de uma perspectiva filosófica, a partir da qual o passado é concebido como práticas do vivido em seus possíveis encontros com o presente. A análise do corpus, o qual foi denominado como “arquivos” tornou factível a recuperação da memória histórica das professoras, a partir das entrevistas e de seus diários de classe dos Segundo e Terceiros Anos do Segundo Grau. A tese perseguida ao longo da investigação se expressa da seguinte forma: os arquivos constituídos durante a pesquisa, demarcado pelo período sombrio de nossa história e pelo início da abertura democrática, dá visibilidade ao que se ensinava sobre a Filosofia e seus modos de sua transmissão na sala de aula, conforme as condições políticas do país iam lentamente alterando-se. Trata-se, pois, de uma pesquisa de caráter histórico importante, a qual poderá contribuir significativamente para que a comunidade filosófica e educacional mantenha a memória acerca dos caminhos da Filosofia como disciplina escolar no Brasil, de modo, a impedir que o passado seja apagado e/ou negado. Assim, espera-se, que a história da disciplina possa retornar como força tensionadora e problematizadora do presente vivido com a Reforma do Ensino Médio (2017) e BNCC (BRASIL, 2018).

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Diários de Classe. História da Disciplina.

ABSTRACT

THE TEACHING OF PHILOSOPHY AT MANOEL RIBAS SCHOOL BETWEEN 1979 AND 1989: CLASS JOURNALS AND TEACHERS' EXPERIENCES

AUTHOR: Sandra Isabel da Silva Fontoura
ADVISOR: Elisete Medianeira Tomazetti

This doctoral thesis was conducted in the Graduate Studies Program in Education at UFSM, in Research Line 2 - Public Educational Policies, Educational Practices and their Interfaces. Its general objective was to understand the constitution of the teaching of Philosophy as a subject taught at Manoel Ribas School - Santa Maria/RS, between the years of 1979 and 1989, a period that corresponds to the dictatorship and the gaps of political opening. The class diaries and the interviews with three Philosophy teachers who worked in the period were the corpus of the investigation. It was sought to understand, based on this corpus, the experiences of teaching Philosophy at school in the context of the Military Dictatorship and the beginning of the country's redemocratization process. Emerged from the hermeneutic analysis conducted the theoretical-methodological orientation adopted, in the understanding of the contents that should be taught and the ways in which they were taught in the period. Gadamer's hermeneutic orientation (1997; 1999), in the editions of the work "Truth and Method", articulates the understanding of history through a philosophical perspective, from which the past is conceived as practices of the lived in its possible encounters with the present. The analysis of the corpus, which was called "archives" made it possible to recover the historical memory of the teachers, based on the interviews and their class diaries from the Second and Third Years of High School. The thesis pursued throughout the investigation is expressed as follows: the archives constituted during the research, demarcated by the dark period of our history and the beginning of the democratic opening, give visibility to what was taught about Philosophy and its modes of transmission in the classroom, as political conditions in the country were slowly changing. It is, therefore, an important historical research, which can contribute significantly to the philosophical and educational community to keep the memory about the ways of Philosophy as a school subject in Brazil, in order to prevent the past from being erased and/or denied. Thereby, it is expected that the history of the subject can return as a tensioning and problematizing force of the present lived with the High School Reform (2017) and BNCC (BRASIL, 2018).

Keywords: The teaching of Philosophy. Class Diaries. History of the Subject.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização atual do Colégio Manoel Ribas no município de Santa Maria/RS	49
Figura 2 – Registro do Diário de Classe da Turma 1-B (1985)	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Disciplina de Filosofia (1979), Professora Catarina	199
Quadro 2 - Disciplina de Filosofia (1979), Professores Arthur e Joana.....	200
Quadro 3 - Disciplina de Filosofia (1979), Professoras Elisabete e Joana.....	201
Quadro 4 – Disciplina de Filosofia (1980), Professores Catarina e Manuel	203
Quadro 5 – Disciplina de Filosofia (1980), Professoras Eulália e Catarina	204
Quadro 6 - Disciplina de Filosofia (1982), Professora Catarina	207
Quadro 7 - Disciplina de Filosofia (1982), Professora Eulália	208
Quadro 8 – Disciplina de Filosofia (1983), Professora Eulália	211
Quadro 9 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Catarina	213
Quadro 10 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Maria.....	215
Quadro 11 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Eulália	217
Quadro 12 - Disciplina de Filosofia (1985), Professora Maria.....	219
Quadro 13 - Disciplina de Filosofia (1985), Professor Manuel	221
Quadro 14 - Disciplina de Filosofia (1985), Professora Eulália	223
Quadro 15 - Disciplina de Filosofia (1986), Professora Eulália	225
Quadro 16 - Disciplina de Filosofia (1986), Professor Manuel	227
Quadro 17 - Disciplina de Filosofia (1986), Professora Bibiana	229
Quadro 18 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Bibiana	233
Quadro 19 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Maria.....	236
Quadro 20 - Disciplina de Filosofia (1987), Professor Manuel	238
Quadro 21 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Eulália	240
Quadro 22 - Disciplina de Filosofia (1988), Professor Manuel	243
Quadro 23 - Disciplina de Filosofia (1988), Professora Bibiana	245
Quadro 24 - Disciplina de Filosofia (1988), Professora Eulália	247
Quadro 25 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Elisabete	249
Quadro 26 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Bibiana	251
Quadro 27 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Eulália	253
Quadro 28 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1979.....	255
Quadro 29 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1980.....	256
Quadro 30 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1985.....	257
Quadro 31 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1986.....	258
Quadro 32 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987.....	259

Quadro 33 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1988	260
Quadro 34 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987	261
Quadro 35 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1982	262
Quadro 36 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1983	263
Quadro 37 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1983	264
Quadro 38 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1985	264
Quadro 39 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1986	264
Quadro 40 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987	265
Quadro 41 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1988	265
Quadro 42 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987	265

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI	Ato Institucional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEE	Conselhos Estaduais de Educação
CFE	Conselho Federal de Educação
CHS	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
COOPFER	Cooperativa dos Funcionários da Ferrovia
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
DCE-SM	Diretório Central dos Estudantes de Santa Maria
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPT	Ensino Profissional e Técnico
FGB	Formação Geral Básica
FMI	Fundo Monetário Internacional
IF	Itinerários Formativos
IPES	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OSPB	Organização Social e Política do Brasil
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
RCG	Referencial Curricular Gaúcho
SEAF	Associação de Estudos e Atividades Filosóficos
SEDUC-RS	Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul
SNI	Serviço Nacional de Informação
SOE	Serviço de Orientação Educacional
SOP	Serviço de Orientação Pedagógica
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNB	Universidade Federal de Brasília
USAID	<i>United States Agency For International Development</i>
USE	União Santa-mariense dos Estudantes

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
2	A ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HERMENÊUTICA A PARTIR DE GADAMER: UM CAMINHO À COMPREENSÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS (1979-1989)	31
2.1	DIALOGANDO COM A HERMENÊUTICA.....	32
2.2	DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM PROFESSORAS DE FILOSOFIA.....	42
3	RECORTE HISTÓRICO SOBRE OS VÍNCULOS DA VIAÇÃO FÉRREA NO PROCESSO DE FUNDAÇÃO DO COLÉGIO MANOEL RIBAS	45
3.1	A INCORPORAÇÃO DO MANOEL RIBAS À REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO: OS ATRAVESSAMENTOS DE SUA HISTÓRIA ENTRE O PASSADO E O PRESENTE	48
4	UM RECORTE HISTÓRICO-POLÍTICO DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR EM TEMPOS SOMBRIOS	59
4.1	A EDUCAÇÃO NO BRASIL MILITARIZADO	62
4.2	REORDENAMENTO, VIGILÂNCIA E TECNOCRACIA NA ESFERA DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE 1964	69
5	O ENSINO DE FILOSOFIA DE 1979 A 1989: UM POUCO DA HISTÓRIA DE SUAS VISIBILIDADES NO COLÉGIO MANOEL COMO DISCIPLINA CURRICULAR	79
5.1	DIÁRIOS DE CLASSE DE 1979: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRODUZIDAS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA ATRAVÉS DA COMPREENSÃO DOS CONCEITOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS EM SALA DE AULA	80
5.2	OS DIÁRIOS DE 1980: O ENSINO TRADICIONAL DE FILOSOFIA NAS BORDAS DA SUA PERMANÊNCIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS.....	85
5.3	O ENSINO DE FILOSOFIA PELAS BRECHAS DA RECONSTRUÇÃO DO ESTADO DEMOCRÁTICO: OS DIÁRIOS DE AULA DE 1985	105
5.4	UM POSSÍVEL NOVO ENFOQUE NO ENSINO DE FILOSOFIA: DIÁRIOS DE 1986.....	120
5.5	ENTRE A ÊNFASE NA FILOSOFIA CLÁSSICA E OUTROS MOVIMENTOS NA ABORDAGEM DOS CONTEÚDOS: 1987	134
5.6	DIÁRIOS DE 1988: OUTRAS VISIBILIDADES NA PRODUÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE FILOSOFIA ...	146
5.7	O ANO LETIVO DE 1989: ENTRE MUDANÇAS E MARCAS DE UM ENSINO PROPEDÊUTICO	153
5.8	O ENSINO DE FILOSOFIA NOS TERCEIROS DO SEGUNDO GRAU: ENTRE OS CONTEÚDOS DESCRITOS NOS DIÁRIOS DE CLASSE E SUAS REPETIÇÕES DE 1982 A 1985	170
5.9	DIÁRIOS DE CLASSE DE 1984: O ENSINO DE FILOSOFIA DESENVOLVIDO NO DECURSO DAS PRÁTICAS DE DEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL.....	180
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
	REFERÊNCIAS	193

APÊNDICE A – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1979): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	199
APÊNDICE B – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1980): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	203
APÊNDICE C – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1982): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	207
APÊNDICE D – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1983): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	211
APÊNDICE E – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1984): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	213
APÊNDICE F – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1985): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	219
APÊNDICE G – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1986): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	225
APÊNDICE H – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1987): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	233
APÊNDICE I – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1988): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	243
APÊNDICE J – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1989): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS	249
APÊNDICE K – DESENVOLVIMENTO GERAL DA APRENDIZAGEM NAS TURMAS DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA - DIÁRIOS DE 1979 A 1989	255
APÊNDICE L – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PROFESSORA CATARINA	267
APÊNDICE M – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PROFESSORA JOANA	275
APÊNDICE N – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PROFESSORA - BIBIANA	279
ANEXO A – POEMA - ENTRE A FLOR E O PARAFUSO	289
ANEXO B – POEMA - FASCINA-ME A CORAGEM	291
ANEXO C – MÚSICA: CAMPO, PAMPA E QUERÊNCIA	293
ANEXO D – CORAÇÃO DE ESTUDANTE	295
ANEXO E – O ÚLTIMO DISCURSO DE CHARLES CHAPLIN, EM O GRANDE DITADOR	297

1 INTRODUÇÃO

Iniciei a pensar este trabalho de tese a partir do momento em que coloquei meu olhar sobre a disciplina de Filosofia, sendo eu professora do ensino médio de uma escola pública. Passei a refletir sobre sua importância em sala de aula e as dificuldades quanto a sua carga horária, que é em média de apenas 1h/aula por semana em grande parte das escolas públicas. Esse fato reduz o tempo do professor-filósofo junto aos seus alunos.

A tese que desenvolvi teve como materialidade os Diários de Classe de disciplina Filosofia no Colégio Manoel Ribas (também conhecida popularmente, como Maneco) uma escola pública, com tradição e experiência no ensino de Filosofia no antigo Ensino de Segundo Grau e, atualmente, no Ensino Médio – 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) – Santa Maria, vinculada à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS).

A justificativa para os caminhos delineados na pesquisa de doutorado residiu no resgate dos modos de ensinar Filosofia no Colégio Manoel Ribas no período marcado pela Ditadura Militar e início da abertura democrática, no qual a disciplina Filosofia quase desapareceu das escolas de Segundo Grau em praticamente todo o país. Tornou-se por um tempo disciplina optativa, ficando à escolha de cada unidade escolar ofertar ou excluir os conhecimentos filosóficos da sua grade curricular.

A questão que orientou a pesquisa foi: *Como se constituiu o ensino da disciplina Filosofia ministrado pelo/as Professores/as no Colégio Manoel Ribas-Santa Maria/RS entre os anos 1979 e 1989, período que corresponde à ditadura e às brechas da abertura política?* Nessa linha de análise, cada diário de classe foi considerado no âmbito dos estudos aqui desenvolvidos, como arquivos históricos; logo, ao analisá-los lhes concedi visibilidade, no próprio ato da minha interpretação.

Nessa direção, os objetivos específicos da tese foram articulados com as seguintes demandas: a) analisar os diários de classe da disciplina de Filosofia, produzidos no Colégio Manoel Ribas, entre os anos de 1979 e na década de 1980, com vistas ao entendimento das possibilidades de produção da escrita e da reflexão filosófica, por parte dos/as estudantes; b) compreender os caminhos tomados pela disciplina Filosofia no contexto da Lei nº 5,692/71, Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para o ensino de 1º e 2º graus (BRASIL, 1971), mediante a Ditadura Militar e suas influências no modo de ensinar nas escolas secundárias; c) construir um arquivo

com as narrativas docentes, cujas falas expressem as experiências de parte daquilo que foi vivido no ato de ensinar Filosofia entre 1979 e os anos de 1980.

A compreensão hermenêutica destes registros se deu a partir da percepção dos mesmos, também, como uma memória histórica construída pelos professores e pelas professoras, que atuaram na disciplina Filosofia no período. A tese que foi perseguida durante a investigação está dimensionada da seguinte maneira: *os diários de classe e as entrevistas realizadas com algumas professoras de filosofia atuantes no colégio Manoel Ribas, no período indicado, possibilita a compreensão dos modos como a disciplina foi desenvolvida, ou seja, demonstra a potência de sua historicidade como forma de contribuir para a história da disciplina.*

Para fazer a análise dos diários e das entrevistas foi utilizada a orientação hermenêutica. No Capítulo II da tese: *A orientação hermenêutica em Gadamer: um dos caminhos à compreensão do Ensino de Filosofia no Colégio Manoel Ribas (1979-1989)*, para tanto, eu explicito, através da leitura de edições da obra “Verdade e Método” (GADAMER, 1997; 1999), os rumos norteados por esta pesquisa, na qual o autor articula a compreensão da história através de uma perspectiva filosófica, em que o passado é concebido como práticas do vivido expressas na história, em sua factualidade. Isso se dá através do deleite, ou negação da arte, bem como da compreensão dos registros escritos, dos modos de operar a política, a cultura, a religião, em seus jogos de sentidos – enquanto condição fundante da estética e seus nexos com a verdade e a existência das coisas mundanas. Em vista disso, a compreensão sobre o ensino da disciplina Filosofia no período produziu um espaço de encontros intertemporais de aprendizagem e de produção da história, como nos sugere Gadamer (1997).

Logo após, mediante o objetivo de conhecer um pouco mais do universo social e cultural da instituição em estudo foi construído o Capítulo III: *Um recorte histórico sobre os vínculos da Viação Férrea no processo de fundação do Colégio Manoel Ribas*, no qual, em primeira instância, eu dou ênfase aos assuntos gerais pertinentes à existência dessa instituição. Este capítulo foi estruturado com base na necessidade de se abordar algumas questões que relacionam a história da Viação Férrea à fundação do Colégio Manoel Ribas, em conformidade com o trabalho de Cardoso e Zamin (2002). Igualmente, foram utilizadas bibliografias auxiliares para o resgate dessa história e dos vínculos destas duas instituições.

Em virtude da dimensão histórica que a ditadura assumiu nas décadas de 1970 a 1980, tendo ainda, em vista o marco temporal dessa pesquisa houve a necessidade de contextualização e do redimensionamento teórico de determinados acontecimentos relevantes a este contexto, no Capítulo IV: *Um Recorte Histórico-Político da Educação no Contexto da Ditadura Militar Em Tempos Sombrios*. Nele são apresentados alguns eventos sociais, cujo matiz se constituiu por ações voltadas à repressão da população, as quais serviram de instrumentos para consolidar a ditadura em seus processos de composição e na permanência dos militares no comando do Poder Executivo, datada de 1964 a 1985.

Mediante tais circunstâncias, igualmente, eu retomei as questões educacionais presentes na LDB/1971 (BRASIL, 1971), a qual foi analisada enquanto uma estratégia e dispositivo legal de poder situada no campo da tecnocracia jurídica, que orientou o rumo tomado pela educação nacional e, também, o controle das condutas da sociedade civil. Onde, na escola houve de modo bizarro à reestruturação destas questões através dos conteúdos ministrados nas disciplinas de Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Estudos dos Problemas Políticos Brasileiros.

Por meio dos estudos de Fazenda (1988), Ghirdelli Jr. (1994) e Ferreira Jr. e Bittar (2008) foi aprofundada a análise das políticas públicas voltadas ao ensino nacional, cujas práticas foram direcionadas ao cumprimento das demandas educacionais, definidas pelo assessoramento realizado por especialistas, advindos principalmente dos Estados Unidos, nas atividades coordenadas entre o Ministério da Educação (MEC) e o *Instituto United States Agency For International Development* (USAID). Essa parceria tinha como propósito a construção dos núcleos de ensino profissional nas áreas das ciências, enquanto uma estratégia necessária à visão da época para a composição das novas propostas educacionais, a serem efetivadas no ensino básico e superior, voltadas neste ambiente hostil, à formação de mão de obra especializada, para acelerar a produção de capitais no país.

Nesse capítulo, introduzo também as bases gerais da crise monetária e do subsequente desgaste político e econômico ocorrido na travessia dos anos setenta, ao dialogar com Lafer (1984) e outros autores, os quais abordam, em seus estudos, as temáticas pertinentes à análise estrutural e crítica da Ditadura Militar, da educação, das leis e dos pareceres, cujos dispositivos legais concedem a base jurídica do ensino brasileiro e demais documentos oficiais, responsáveis ao

adensamento do ensino voltado à profissionalização dos/as jovens. Portanto, analiso, através deste autor, a vigência do governo militar como um produto de constantes reordenamentos do Estado, por intermédio a elaboração de políticas públicas, re/aparelhamento das redes de controle e coação doutrinária das pessoas e das instituições sociais, através do uso da violência física e censura contra o livre pensar dos cidadãos, que protagonizaram atos de resistência a este regime de governo.

Diante do exposto, foi preciso retomar, nessa instância, a condição opcional concedida à disciplina de Filosofia, cuja situação permaneceu todo o período da Ditadura Militar, principalmente, após a promulgação da LDB/71 (BRASIL, 1971).

Vale, a priori, assinalar que tal conjuntura não mudou muito durante a fase de abertura política, pois de 1985 até 2008, a Filosofia se fez presente, ainda de forma optativa na escola, ou seja, muitas instituições de Ensino Médio não a incluíam em seus currículos. Sobre este contexto apresento uma breve discussão a respeito da Lei nº 5.692/71 (BRASIL, 1971) e, do mesmo modo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), atualmente em vigência, com muitos remendos constitucionais.

Também utilizo, na compreensão destas leis, os estudos de Horn (2000) e Gallina (2000), sendo que, a partir das suas concepções, elaborei uma reflexão plural sobre a opcionalidade e o lugar da disciplina de Filosofia, mediante sua pertinência educativa e social na formação dos jovens no interior do Estado Militarizado e na atualidade. Nesse processo de leituras, ancorei-me, igualmente, nos estudos de Chauí (2000), Aranha (1996; 2000), Piletti (1996), entre outros autores que figuraram neste cenário de narrativas e problematizações, no que diz respeito aos rumos tomados no tocante ao Ensino de Filosofia no Brasil, durante o Estado de Ditadura e sua luta posterior para se consolidar na escola.

Neste sentido construo, precipuamente, uma reflexão crítica acerca de que pouco importa os conhecimentos filosóficos serem de suma relevância à construção da cidadania dos/as jovens desde a LDBEN/1996. Visto que o acesso as suas categorias conceituais permaneceu, ainda em parte, limitado por este dispositivo, omisso, de modo singular, quanto à obrigatoriedade da disciplina de Filosofia nas grades curriculares do Ensino Médio, cujo nível de formação hoje corresponde ao

Ensino Médio ou Novo Ensino, a partir das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017¹. Tal conjuntura educacional expressa, atualmente, complexas dificuldades à sua permanência como disciplina curricular neste grau de formação, isso, frente à introdução singular dos Itinerários Formativos, Projeto de Vida, Culturas e o Ensino Profissional e Técnico (EPT).

Em virtude disso, as significações destas experiências situam-se no entorno das tramas do poder, primeiramente tecidas pela Ditadura Militar e, posteriormente, pelo delineamento das atividades articuladas nos quadros da redemocratização do país, cujas reflexões adentram o século XXI. Isto, em um período de expressivas investigações sobre o processo de articulação dos novos sentidos e das possibilidades de permanência do filosofar na escola.

Após esta caminhada entre universos teóricos, entendidos neste estudo como lugares de luta em favor da afirmação e presença da Filosofia na escola, eu passei a tratar então, no Capítulo V: *O Ensino de Filosofia de 1979 a 1989: um pouco da história das suas visibilidades e permanência no Colégio Manoel como disciplina curricular*, o qual trata especificamente sobre os diários de classe referentes ao ensino de Filosofia ministrado nos Segundos Anos. Nesse momento, também elaborei um breve reconhecimento desta realidade nos Terceiros Anos do Segundo Grau - de 1979 a 1989, tendo como base de estudo a compreensão das anotações sobre os conceitos filosóficos, as atividades de leitura, as quais embasaram a elaboração dos relatos e sínteses conclusivas, bem como as apresentações de trabalhos temáticos. Em grande medida, estas práticas pedagógicas foram desenvolvidas através de estudos dirigidos (na forma de pesquisa) acerca do que foi lido e investigado, cuja correlação com a realidade atual, se deu principalmente após 1985. Igualmente, eram utilizados os seguintes instrumentos de aprendizagem: exercícios, testes e provas bimestrais.

¹ A partir de 2019, em muitas escolas, será denominado de Novo Ensino Médio, em mais uma troca de nomenclatura dos estudos secundários. Isto, mediante ao advento da BNCC (BRASIL, 2017), cuja aprovação redefiniu a situação da disciplina de Filosofia, mencionada na letra deste texto, apenas como práticas de estudos, atualmente tomada pelo Referencial Curricular Gaúcho (RCG), como componente curricular ainda sem um lugar definido nos três anos do curso pelo chamado Novo Ensino. Fato que enseja no tempo presente, mais uma vez, a reafirmação da Filosofia na escola, sendo que todas as disciplinas da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, neste ano corrente, terão suas cargas horárias redimensionadas, visto a introdução da formação profissionalizante neste grau de ensino (RIO GRANDE DO SUL, 2018).

Assim, nesta fase da pesquisa, a compreensão hermenêutica me possibilitou no ato elaborativo desse último capítulo, o entendimento dos conceitos e das atividades de Ensino da Filosofia, enunciadas nos diários de classe. Sobre esta parte da investigação, inicio por dizer que, em alguns momentos, foi basilar comparar, através do dizer da hermenêutica, os conteúdos desenvolvidos no decorrer 1979 e na década de 1980, dentro de uma perspectiva da historicidade de seu ensino. Isso, mediante a necessidade de analisar as permanências e mudanças, no tocante à abordagem dos conhecimentos filosóficos ensinados até então no Colégio Manuel Ribas.

A mesma postura se deu no que se refere à presença dos estudos sobre a psicologia no Ensino de Segundo Grau, os quais foram agregados nos planos de ensino da disciplina de Filosofia, praticamente em todo o curso destes 11 anos, cujos estudos perfizeram a materialidade desta tese. Vale enfatizar, mais uma vez, que eu mantive como principal marco investigativo desta pesquisa as estruturas enunciativas presentes nas descrições dos diários de classe, a partir dos quais verifiquei que houve poucos movimentos diferenciados no tocante à constituição das práticas didáticas realizadas em sala de aula, principalmente até meados de 1986.

Sobretudo, porque o enfoque dos conteúdos procedidos nos Segundos e Terceiros Anos se mostraram, em seus campos descritivos, muito próximos entre si, seja no tocante àquilo que foi ministrado no decorrer dos Segundo Anos entre 1979 a 1989 e dos Terceiros Anos, mesmo após a democratização do país no contexto do Segundo Grau – Preparação Para o Trabalho. Porém, a partir de 1986, alguns professores demonstraram, em seus apontamentos nos diários de classe, que vivenciaram, em sala de aula, junto aos (as) escolares, momentos de protagonismo e intensidade no tocante à produção, com mais constância, de debates e trabalhos temáticos voltados às questões socioculturais e políticas, nos quais, em parte, a compreensão dos conceitos filosóficos foi atualizada na fluência dos fatos e problemas cotidianos.

Com base nisso, os temas tratados na disciplina de Filosofia ministrada no Colégio Manoel Ribas versaram sobre a ética, correlacionada à liberdade e à Filosofia Política, bem como acerca das dimensões práticas que envolviam o planejamento familiar, entre elas o aborto. Do mesmo modo, foi referenciado o papel da liderança em sala de aula nos processos de entendimento do equilíbrio e das potencialidades nas relações de grupo e de liderança entre as turmas. E, por fim, a

conjuntura da primeira eleição direta no Brasil em 1989, a violência, a desigualdade social, o papel da mulher na sociedade patriarcal.

Portanto, esta pesquisa concedeu alguns sentidos e visibilidades na esfera da compreensão de uma pequena e importante parte da história do Ensino de Filosofia ministrado no Colégio Manoel Ribas, o qual persistiu no decorrer da Ditadura Militar. Fato que incorreu na afirmação de sua presença e importância no Ensino de Segundo Grau, oportunizando assim aos/as escolares uma aproximação com conceitos da Filosofia Antiga à Atual, com vista à reflexão, autonomia do pensar e fruição do ato da leitura e análise textual.

Com efeito, no processo elaborativo dessa pesquisa, eu constituí espaços/tempos de dúvidas estranhezas, onde também retornei ao vivido ao manusear cada diário de classe, no ato de sua catalogação, os quais estavam desgastados, seja pelo curso dos anos, seja pelo modo como foram armazenados, ou, pela sua invisibilidade, atirados, ao esquecimento.

2 A ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HERMENÊUTICA A PARTIR DE GADAMER: UM CAMINHO À COMPREENSÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS (1979-1989)

Inicialmente, vale dizer que a escolha, bem como a reflexão de uma metodologia de pesquisa, é sempre um processo complexo na condução de uma investigação e busca de uma possível descoberta, ou, nova leitura do vivido, enfim, das experiências humanas, nos seus jogos de sentido e movimentos plurais.

Feita a escolha deste caminho, utilizei, neste estudo, a orientação hermenêutica de Hans-Georg Gadamer (1997; 1999), trabalhada nas edições do livro de sua autoria *Verdade e Método*, bem como artigos atuais que dialogam com o seu modo de pensar sobre a compreensão da história vivida, e daqueles fatos do pequeno cotidiano, os quais ainda não foram contados e estão lá, quase que escondidos nas caixinhas do passado, apenas em visibilidade.

No caso deste estudo, não segui estritamente um método em suas correlações sistemáticas, mas uma orientação no processo de pensar o passado, no limiar de um presente, até então impregnado de repetições e recortes. Isto, em meio aos sentidos que atravessam a vida das pessoas, a tradição e a cultura do ensino brasileiro. A reflexão filosófica na escola, por vezes, ficou limitada a práticas de cristianização de seus conteúdos, como fora lá no Brasil-Colônia. E, na diáspora dos tempos, o ensino de Filosofia, em seus variados processos de dispersão nos currículos escolares, foi ministrado, a partir das generalidades da História da Filosofia e da Lógica.

Ressalvo aqui a importância destes processos, mas quando operam isolados da reflexão crítica e da autonomia própria da leitura e escrita filosófica, temos, então, apenas um ensino protocolar. É este movimento da Filosofia que problematizo nesta tese, o qual é averiguado no diário docente, nas décadas em estudo, com base na compreensão hermenêutica.

Saliento, quanto ao uso da compreensão hermenêutica, que Gadamer, no Prefácio da segunda edição de *Verdade e Método*, declara os seguintes propósitos:

O fato de eu ter-me servido da expressão "hermenêutica", pesando-lhe às costas uma velha tradição, conduziu certamente a mal-entendidos. Não foi minha intenção desenvolver uma "doutrina da arte" do compreender, como pretendia ser a hermenêutica mais antiga. Não pretendia desenvolver um sistema de regras artificiais, que conseguissem descrever o procedimento metodológico das ciências do espírito, ou até guiá-lo. Minha intenção também não foi investigar os fundamentos teóricos do trabalho das ciências do espírito, a fim de transformar o conhecimento usual em conhecimento prático. Se se dá uma consequência prática das investigações apresentadas aqui, isso não ocorre, em todo caso, para um "engajamento" não científico, mas para a probidade "científica" de reconhecer, em todo compreender, um engajamento real e efetivo. Minha intenção verdadeira, porém, foi e é uma intenção filosófica: O que está em questão não é o que nós fazemos o que nós deveríamos fazer, mas o que, ultrapassando nosso querer e fazer, nos sobrevém, ou nos acontece (GADAMER, 1999, p. 14).

Inclusive, a orientação hermenêutica a partir de Gadamer me permitiu construir os caminhos da compreensão do Ensino de Filosofia através dos diários de classe dos/as docentes do colégio Manoel Ribas (1979-1989). Realizei também as leituras, e do mesmo modo, a análise dos demais documentos que sinalizam o passado do Ensino de Filosofia na escola em questão, em um diálogo com o tempo no qual me encontro situada, no mundo atual.

2.1 DIALOGANDO COM A HERMENÊUTICA

No que diz respeito à hermenêutica proposta por Gadamer em *Verdade e Método*, eu utilizei as edições referentes aos anos 1997 e 1999, como aportes para compreender os dizeres pertinentes à história que remete à interpretação de parte daquilo experimentado na docência no ensino de Filosofia no Maneco de 1979 a 1989. Esta escolha considerou a produção das práticas sociais próprias destes períodos e os empreendimentos pessoais dos docentes no desenvolvimento de suas ações pedagógicas em sala de aula.

Nesse sentido, insere-se a importância da composição dos jogos pertinentes aos campos plurais da vida e, de modo singular, nessa pesquisa, a compreensão das ações pedagógicas experimentadas pelos/as docentes e escolares do Colégio Manoel Ribas. Isto, mediante os atos sutis do Estado Militar, para controlar ou limitar o espaço do pensar filosófico na escola, consequência da operacionalidade da LDB/1971 (BRASIL, 1971), cujas diretrizes conduziram a Educação Básica no Brasil até o esgotamento de suas bases políticas, em 1985.

No decurso de vários processos, principalmente a partir de 1971, a disciplina de Filosofia foi modificada em seus sentidos, visto que a relevância de seus conteúdos foi pormenorizada na escola de Segundo Grau.

Bonfim (2010, p. 77), ao analisar o pensamento de Gadamer, aponta que, no processo da compreensão hermenêutica:

Ele renuncia à interpretação de um método único para se alcançar a verdade, mas admite tão somente que há uma pré-direção para ela, mediante o entendimento dos fundamentos linguísticos. Ao contrário de Heidegger, a análise de Gadamer da compreensão do sentido não parte semanticamente da abertura linguística ao mundo, mas pragmaticamente da busca por entendimento mútuo entre autor e intérprete (HABERMAS, 2004, p. 86). Nesse sentido: Heidegger só se interessa pela problemática da hermenêutica histórica e da crítica histórica com a finalidade ontológica de desenvolver, a partir delas, a estrutura prévia da compreensão. Nós, ao contrário, uma vez tendo liberado a ciência das inibições ontológicas do conceito de objetividade, buscamos compreender como a hermenêutica pôde fazer jus à historicidade da compreensão [...].

Em Gadamer (1999), a experiência hermenêutica é colocada a partir da procura pessoal, ou seja, do esforço de entender o dizer do outro, em que a associação de sentidos é matizada pela experiência, a qual compõe um modo de pensar, atravessando a existência, seja do autor, seja do intérprete, em suas interfaces dialógicas. Percebo, nessa concepção, que a rigidez dos fundamentos linguísticos é deslocada para a experiência, como práticas da vida, as quais comunicam os sentimentos e os desejos em seus fazeres.

Em consequência, a compreensão do autor e do intérprete conduz ao aparecimento da história e, portanto, cria espaços/tempos destinados à liberdade de pensá-la no campo daquilo que, embora pertença à história, ainda não foi contado. Logo, as visibilidades dos registros pertinentes aos documentos produzidos em determinada trama histórica podem constituir outras possibilidades de compreensão de uma prática social, neste caso, de modo singular, o ensino de Filosofia no Colégio Manoel Ribas, com marco temporal datado nas décadas de 1970 e 1980.

Porém, é necessário ao pesquisador compreender que é preciso esclarecer os conceitos fundados em generalizações apressadas, nas quais a interpretação se fecha nas próprias intenções do autor sobre si. Por suposto, a verdade, para Gadamer (1997), deve enunciar-se como um campo de possibilidades na constituição de novas interpretações e conceitos, em um processo constante de adequação de seus sentidos à realidade das coisas e dos fatos. Bonfim (2010, p. 78)

afirma que o processo de compreensão hermenêutica em Gadamer exige atenção, tendo em vista os possíveis equívocos nos processos de leitura e de investigação da história, mediante:

[...] os preconceitos que nos dominam frequentemente comprometem o nosso verdadeiro reconhecimento do passado histórico. Mas sem uma prévia compreensão de si, que é nesse sentido um preconceito, e sem a disposição para uma autocrítica, que é igualmente fundada na nossa autocompreensão, a compreensão histórica não seria possível nem teria sentido [...] (BONFIM, 2010, p. 78).

Dessa forma, a orientação hermenêutica proposta por Gadamer (1997) constitui-se em círculo aberto na busca pela verdade, no decurso da compreensão da linguagem, que revela o ser da história e, portanto, do próprio homem, cuja interpretação de mundo se faz no processo de apreensão dos sentidos produzidos pelo sujeito, sobre si e acerca dos nexos da existência. A ser, reconhecida, como prática do vivido. E, no dizer do autor, este processo se efetiva no campo da hermenêutica, por meio da reciprocidade das significações entendidas pelo intérprete de uma obra, na qual suas percepções e sentidos se reconheçam, na esfera da interpretação do dizer do autor, que a produziu na ordem de outro um tempo, onde a apreciação da experiência, ali colocada, passa a se mostrar como historicidade.

Ele também considera a História como um processo do pensar que opera sobre as ações do homem, em contraposição ao transcendentalismo e às abstrações próprias da história tradicional, e aquelas pertinentes às ciências, até então pensadas sob o prisma do purismo universal e de certo esquecimento da existência, dado que:

Compreender é compreender uma expressão. Na expressão algo interior se faz imediatamente presente. Mas o interior, "a essência interna", é a primeira e autêntica realidade. Droysen se movimenta aqui num solo inteiramente cartesiano, e segue a Kant e a Wilhelm von Humboldt. O eu individual é como um ponto solitário no mundo dos fenômenos. Mas em suas exteriorizações, sobretudo na linguagem, e fundamentalmente em todas as formas em que consegue dar-se expressão, deixa de ser um tal ponto solitário. Pertence ao mundo do compreensível. Assim, a compreensão histórica não é, fundamentalmente diferente da compreensão linguística (GADAMER, 1997, p. 327).

Gadamer (1997, p. 327), na obra "Verdade e Método", expõe sobre a concepção de Droysen, o qual entende: "[...] que a dupla natureza da história" se apoia no encantamento de que ainda existe "uma natureza humana", cuja

incompletude se faz nas linhas do inacabado e, portanto, na travessia dos desejos e das experiências, nos seus porvires, como realidades históricas; em que as vicissitudes, honrarias e vontades próprias do “ser” do homem aparecem. Neste campo de sentidos que se conflitam, cabe ao homem, mediante sua incompletude, seus erros e seus acertos, proceder com vistas à integridade, e juntamente considerar as manifestações inerentes ao “espírito” na sua íntima relação com os aspectos físicos configurados na corporeidade, lugar no qual a vida se abriga, tece sua história, desenha o presente e projeta o seu devir.

Quanto a este aspecto, a compreensão em Gadamer faz-se a partir do olhar voltado para o modo acerca de como o ser humano se constitui no mundo e, dessa forma, o autor vincula a historicidade ao plano da existência ontológica do ser. Essa historicidade atravessa a existência e, na sua multiplicidade de sentidos, produz as possibilidades de interpretação daquilo que é factual.

Ainda sobre este assunto, conforme Pereira e Reis (2016), Gadamer encontra a inspiração para pensar os campos necessários à composição da hermenêutica em Heidegger, correspondente ao conceito de Dasein, a partir do qual o autor afirma que a base da compreensão, como um processo do pensar, implica um voltar-se para a história. Tal processo demanda ao “ser” vergar seu olhar para o modo acerca de como a existência acontece nesse mundo e, portanto, pode ser compreendida através daquilo que nos apresenta, em suas visibilidades. Desse modo, para Gadamer, o autor e o intérprete colocam-se em uma disposição mútua, embora, por vezes, separados pelo tempo. O envolvimento de ambos se dá no processo de interpretação do ser, da sua linguagem, no campo próprio da historicidade produzida no plano da experiência ontológica do ser no mundo.

No entanto, vale observar que, segundo o próprio Gadamer (1997), a hermenêutica não é concebida como um método encerrado em uma racionalidade propriamente científica, pois, nos círculos de compreensão da história, tem-se muito mais uma ontologia acerca do ser-no-mundo (como já foi aduzido), cuja compreensão se situa e é orientada pela historicidade desse mesmo ser-no-mundo. Não equivalendo, portanto, a um método sistemático, a ser empregados sobre as coisas da vida. Logo, a hermenêutica não é uma forma instrumental de compreensão, muito embora se apoie na facticidade histórica, na qual o “ser-no-mundo” se mostra e deixa o rastro de sua existência.

No início do prefácio da segunda edição de “Verdade e Método”, Gadamer (1997) declara que, mesmo tendo utilizado o termo, “hermenêutica”, não o fez no sentido clássico. Assim, ele:

Não pretendia desenvolver um sistema de regras artificiais, que conseguissem descrever o procedimento metodológico das ciências do espírito, ou até guiá-lo. Minha intenção também não foi investigar os fundamentos teóricos do trabalho das ciências do espírito, a fim de transformar o conhecimento usual em conhecimento prático. Se dá uma consequência prática das investigações apresentadas aqui, isso não ocorre, em todo caso, para um "engajamento" não científico, mas para a probidade "científica" de reconhecer, em todo compreender, um engajamento real e efetivo. Minha intenção verdadeira, porém, foi e é uma intenção filosófica: O que está em questão não é o que nós fazemos, o que nós deveríamos fazer, mas o que, ultrapassando nosso querer e fazer, nos sobrevém, ou nos acontece (GADAMER, 1997, p. 14).

Ao confrontar parte desta questão, Santos (2013) e Pereira e Reis (2016), em seu estudo sobre o primeiro capítulo da obra “Verdade e Método” de Gadamer, também entendem que o autor, ao tratar da hermenêutica, não a reduz à teoria da arte, pois a sua investigação tem como foco produzir um entendimento específico sobre o jogo e a estética. Igualmente, ele procura compreender, em relação a ambos os elementos, aquilo que diz respeito à experiência produzida através de certos aspectos e formações, as quais se encontram: “[...] fluidas de sentidos que se notabiliza por ser articuladora de possibilidades lúdicas” (SANTOS, 2013, p. 102). O propósito então é perceber as considerações feitas por Gadamer sobre a experiência hermenêutica, em suas conexões com a história, com a arte/estética e com a linguagem, enquanto expressão do ser na sua relação ontológica, na dimensão de si mesmo e do outro.

Esta leitura permitiu-me entender que estes processos são produzidos por mediações nas quais a estética é pensada por meio de uma projeção de sentidos atravessados pela existência, e, portanto, isentos das composições teóricas que argumentam em favor da neutralidade, da mensuração dos fatos inerentes à vida e da organização metódica da verdade. O mesmo vale para os conceitos deontológicos, os quais buscam firmar os saberes alicerçados no universalismo com o subsequente desaparecimento dos campos de diferenciações, delineados pelas coisas na sua concretude.

Vale dizer que a hermenêutica proposta por Gadamer (1997) não parte de uma representação pura dos objetos e das ações práticas, mas da capacidade de,

por meio da interpretação das vivências, no entremeio de possíveis encontros, entre tempos diferentes, possa então, surgir no universo do presente, a novidade, ou, o resgate do passado em outra perspectiva. Desse modo, a experiência hermenêutica considera os processos históricos produzido no campo dos saberes em suas conexões com as práticas sociais.

Assim, em seus aspectos filosóficos, a compreensão em Gadamer (1997) não se situa apenas em um eu, o qual pensa o mundo a partir de si, ao contrário disso, o autor já apresenta, em “Verdade e Método”, conceitos que denotam a importância das experiências compartilhadas, ou, entrelaçadas no próprio processo da interpretação enquanto vivências.

De acordo com Santos (2013) Gadamer (1997) supera:

Nessa perspectiva, o que é verdade está situado dentro do que a consciência permite afirmar enunciativa e representativamente como verdade; *adaequatio rei ad intellectum* – adequação da coisa ao intelecto –, a origem imediata, como escreve Martin Heidegger (1889-1976), da noção de verdade, noção da qual a modernidade tanto se valeu. No entanto, Gadamer toma verdade não mais como um médium entre o intelecto e a coisa, mas como experiência hermenêutica. As dimensões de verdade mais fundamentais elucidadas por Gadamer podem ser observadas já na estrutura de *Verdade e Método*. A separação dos capítulos indica que a arte, o entendimento histórico e a linguagem são os horizontes privilegiados de se encontrar a verdade, já não mais como ou decorrentes de métodos (SANTOS, 2013, p. 103-104).

Com base no exposto por Santos (2013), a produção do conhecimento na modernidade, face aos novos processos de formação dos saberes, é submetida a outros modos de sistematização no campo das ciências naturais, com atravessamentos também nas ciências do espírito.

Em princípio, esse pressuposto é de comum acordo entre os pesquisadores Santos (2013) e Pereira e Reis (2016), pois as investigações acerca da verdade e do método têm resultado em um árduo empreendimento no decurso dos estudos filosóficos, bem como da sistematização destes conceitos. Visto que tais desafios ainda implicam a problematização e novos estudos sobre situações plausíveis a serem pensadas na produção da verdade, e como os procedimentos metodológicos podem ser empregados, neste contexto?

Nesse sentido, Gadamer (1997) questiona o método tradicional em seu uso linear, por restringir a compreensão das coisas do mundo e, portanto, da verdade. Quanto a este conflito, Quirino (2010, s./p.) apresenta o seguinte entendimento:

O problema do método, segundo Gadamer, está no enquadramento dado pela lógica da verificabilidade e por ser radicada na filosofia da subjetividade. Sendo assim, a partir da reviravolta linguístico-pragmática efetivada na Filosofia contemporânea, a hermenêutica centra sua atenção não mais nos aspectos teórico-instrumentais da elaboração de regras para a compreensão, mas, sobretudo, na própria estrutura ontológica da compreensão, portanto, algo anterior à discussão de procedimentos formais para se compreender.

Assim sendo, pode-se inferir que a consciência do sujeito foi pensada na modernidade como o lugar de onde provém toda e qualquer possibilidade de reconhecimento/cognição das coisas que habitam o mundo. Logo, a verdade está vinculada aos movimentos da consciência do ser, em seus múltiplos processos de averiguação e de exame das coisas, que, nesta ordem, podem ser representadas pelo discurso.

Referente à estética e às estruturas do jogo, Santos (2013) observa que a abordagem de Gadamer sobre a estética, a qual permeia este embate de sentidos, não abandona os argumentos que atravessam a própria noção de subjetividade. Segundo essa análise, o jogo configura-se como um imperativo do próprio desejo, que, por vezes, parece intangível à razão, embora seja abrigado nela de modo singular, como consciência. Contudo, é através do desejo que o sujeito pode acionar o gosto pelo belo e pensar, por exemplo, o campo estético de “uma determinada obra de arte”, na qual o pensamento e o desejo são colocados na dimensão do vivido.

Sobre o exposto, Quirino (2010) entende que, na obra “Verdade e Método”, a verdade é situada em seus deslocamentos, em face da historicidade pertinente às experiências humanas, nas quais o jogo, no entremeio, dos fazeres culturais e sociais, em sua amplitude, não desaparece no passado. E, por vezes, este jogo demanda uma compreensão na sua coexistência ontológica, com os sentidos apresentados nas ações factuais do mundo contemporâneo.

Em síntese, Quirino (2010, s./p.) entende que:

A ideia geral encontrada em Gadamer é de uma postura de abertura, de encontro entre a historicidade e cientificidade, verdade e método, lógica e ontologia. Desta forma, o método é alargado e a verdade é desocultada. O conceito de jogo apresentado por Gadamer é a estrutura modelar deste movimento de alargamento, desse movimento dialético, ou seja, o jogo é tomado como modelo estrutural para a explicação da compreensão segundo a hermenêutica filosófica [...].

[...] O título do livro, verdade e método, apresenta estes termos de forma marcante no decorrer da obra, sem ser exclusivistas, ou seja, o conceito hermenêutico destes termos possui pretensão de validade universal, pois engloba por uma abordagem ontológica os conceitos já constituídos pela filosofia da subjetividade e que tem se propagado ao longo da história da filosofia. O jogo é revelador de todo este processo, uma revelação sem esgotamento, um movimento constante.

Seguindo esta mesma linha de análise apresentada por Quirino (2010), Santos (2013) enfatiza que Gadamer, ao perscrutar a compreensão sobre como o jogo procede, em particular no âmbito da estética alemã, mostrou outro ponto de vista sobre seus aspectos conceituais. Isto, porque trata da arte como um ponto de partida da hermenêutica, que é refletida através dos atravessamentos de componentes subjetivos, entre eles o desejo. Assim, o pensamento filosófico moderno, em suas abstrações, não considerou, portanto, a conduta ou o procedimento do jogador, no que se refere ao contexto do desejo e as suas aspirações e arbítrio, cujos sentidos podem deslocar as peças no tabuleiro do jogo nas suas interfaces e deslocamentos empírico.

Tampouco foram acentuadas, neste contexto, as questões singulares pertinentes ao comportamento do jogador no tocante ao desenvolvimento das jogadas em suas tramas protagonizadas, enquanto um ser produtor de historicidade no campo do vivido. Sendo estes aspectos referentes à existência, ao jogo e ao passado considerados por mim na análise dos diários dos/as professores/as constituídos no ato de ensinar Filosofia entre 1979 e 1989, os/as quais foram considerados, também nesta pesquisa, como tramas do vivido em suas dimensões factuais, produzidas no contexto de um Estado Militarizado.

Quirino (2010), ao dialogar com o historiador Huizinga sobre a importância do jogo como uma estrutura que adentra as variadas dimensões da existência dos indivíduos, coloca-a apenas como uma parte inerente ao jogo. Assim, busca compreender os aspectos do jogo, sobretudo naquilo que corresponde à vida, com seus fazeres e dificuldades. Em vista disso, a percepção não é orientada apenas pelas relações produzidas pelos componentes lúdicos, enquanto uma ferramenta ao entendimento da estética, mas pela compreensão das composições pertinentes às experiências constituídas no universo dos jogos sociais:

[...] da religião, da política ou das relações sociais, por exemplo, mas por que todas essas dimensões são marcadas pela natureza do jogo. Não há um objeto tabuleiro ou um jogo de cartas para estas dimensões, o que

ocorre é um envolvimento, uma pertença do ser humano nessas dimensões. Não se dêem aqui um instrumento, mas um modo de ser do jogo, que ocorre tanto no mito, quanto no culto, que são exemplares do jogo (QUIRINO, 2010, s./p.).

Conforme os estudos de Santos (2013) e Quirino (2010), a partir de “Verdade e Método” em Gadamer, pode-se afirmar que todo o indivíduo está inserido em uma teia sedimentada no fluxo dos jogos, a qual lhe permite locomover-se nas suas interconexões com o mundo, que também é seu e do outro. É nele, com sua materialidade, que o homem pode fazer referências sobre as coisas e as circunstâncias de sua existência, na qual o jogo se mostra na externalidade, seja das regras sociais no âmbito da religião, seja na conjuntura da política e demais nexos que produzem a vida em sua historicidade, onde tudo pode mudar a qualquer momento.

Em particular, segundo Quirino (2010, s./p.), nos contextos do jogo, referente à ordem social é nas suas dimensões mais duras, que residem os rastros da materialidade de sua constituição. Além disso, nele estão dispostos: as normas e encadeamentos, enquanto importantes vetores no processo de entendimento arte/da estética, em seus deslocamentos de sentidos no eixo do tempo. E quando, pensado na dimensão das ações humanas, o jogo apresenta os seguintes aspectos:

As regras, as ordens possibilitam o início, o desenvolvimento e o desfecho do jogo, na verdade, o jogo possui sua ordem própria. Tão própria que é perfeita no jogo. No jogo apresenta-se uma ordem diversa da falibilidade corrente da sociedade. Os movimentos, as regras devem ser obedecidas, salvo contrário o jogo corre riscos, risco de ser desfeito, desmanchado, de se estragar o jogo [...] Dentro desta trilha em que a arte possibilita seus próprios vestígios, o conceito de jogo é fundamental, pois é o fio condutor da explicação ontológica da obra de arte, e da própria compreensão, sua natureza é muito mais do que didática, pois o jogo é o próprio modo de ser da obra de arte (QUIRINO, 2010, s./p.).

Ainda, conforme o exposto acima, a arte está intimamente ligada ao jogo e a suas normas. Deste modo, essa proximidade encontra sua coerência na extensão que estes dois conceitos assumem, frente aos processos operatórios da consciência, haja vista que os contextos criados pelo jogo constroem um ambiente marcado por uma coesão de sentidos, cujo fascínio atravessa os sujeitos implicados no cenário da disputa. Posto isso, o próprio jogo assume uma amplitude, em que o jogador, embora não desapareça totalmente nesse processo, tem seu protagonismo

ofuscado no desenrolar da disputa, na qual as regras do próprio jogo passam a arbitrar as jogadas e seus nexos produtores: da arte e da verdade.

Na acepção do próprio Gadamer (1997), a importância da arte como um dos pressupostos à compreensão da verdade reside na configuração dos jogos que a produziram, ou seja, na singularidade das suas intenções fundantes, as quais ainda provocam sentidos na travessia da história. Logo, a arte, em seus processos de deslocamento temporal, ao ser, submetida a uma reinterpretação, é igualmente atualizada como um produto esteticamente materializado por um modo de pensar e fazer.

Portanto, de acordo com Gadamer (1997), a orientação hermenêutica, por ser produzida no solo da arte e, portanto, na dimensão de uma diversidade, constitui-se a partir do entendimento daquilo que se encontrar expresso seja na letra de um poema, nas narrativas dramáticas, seja em uma pintura e, até mesmo, no ato de ler um texto histórico. No entanto, a estética, diante desses contextos, não é definida tão somente pela boniteza, própria da representação das coisas materiais, ou, do sentimento de felicidade ou aversão; mas se dá também junto às possibilidades de compreensão das ausências e conflitualidades de uma época, tais como: a fome, a miséria, a guerra, a morte e a nostalgia, entre outros aspectos da existência subjetiva e material.

Nesse sentido, a compreensão dos diários de classe, enquanto documentos históricos, os quais remontam às práticas dos professores e professoras do Colégio Manoel Ribas de 1979 a 1989, está embasada nas descrições originais dos diários de classe elaboradas por estes/as docentes na condução do Ensino de Filosofia. Porquanto, tais registros, em suas visibilidades pretéritas, denotam a maneira como eles e elas ministravam os conceitos filosóficos, organizavam os instrumentos de aprendizagem e avaliação no tocante ao desenvolvimento de regência na disciplina de Filosofia, em sala de aula.

Da mesma maneira, esta compreensão explicita também as questões pedagógicas e didáticas situadas no entremeio de um jogo político marcado por disputas sociais e de afirmação de uma cultura conservadora, no qual o próprio ato de ensinar a Filosofia, bem como a sua permanência, já se apresentava como uma prática de resistência. Nessa linha de análise, eu considereei o funcionamento da Filosofia no Colégio Manoel Ribas de 1979 a 1989, a cada passo dado na pesquisa,

como um espaço de encontros intertemporais, como nos orienta Gadamer (1997), ao olhar o vivido no fluxo da história interpretada no presente.

2.2 DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS COM PROFESSORAS DE FILOSOFIA

No desenvolvimento da pesquisa, além do trabalho de campo nos arquivos vivos do Colégio Manoel Ribas, datados do período 1979-1980 foi imprescindível, em um segundo momento, minha aproximação com memórias de práticas docentes. Para tanto produzi um breve questionário na modalidade de entrevista semiestruturada com três professoras (Apêndices- L, M e N), as quais atuaram nesta instituição, em parte dos anos referentes a este período. De acordo com Triviños (1987), este instrumento de pesquisa tem sua configuração embasada no encontro entre as teorias utilizadas e o curso tomado pelas hipóteses. A fala dos entrevistados deve apresentar coerência mediante a materialidade da pesquisa que é proposta.

Por conseguinte, uma das indicações importantes desse procedimento indica que as informações sejam sistematizadas de forma concomitante aos movimentos da coleta de dados, a fim de evitar a alteração das percepções dos entrevistados na fase correspondente à compreensão de suas respostas. Também, dentro desta perspectiva, os questionamentos foram construídos de forma a permitir que as docentes entrevistadas desfrutassem espaços/tempos de liberdade, para expressar seus sentidos a respeito dos assuntos indagados.

A elaboração do roteiro pertinente à entrevista semiestruturada, igualmente, seguiu as referências de Triviños, através das quais, eu adotei uma atitude de prudência quanto à clareza, à quantidade e à extensão das perguntas. Isto tendo em vista os nexos dos questionamentos com os objetivos da tese, as possíveis respostas ao problema e a verificação das hipóteses. Posteriormente, este procedimento exigiu uma retomada da compreensão dos diários de classe no decurso de uma nova reavaliação, mediante os dados coletados através das falas das docentes. Com efeito, esta prática demandou um conjunto de procedimentos para que eu pudesse dar conta da operacionalização das fases necessárias à consecução da pesquisa e, assim, concluí-la de modo adequado.

Ainda vale observar que a hermenêutica não desapareceu no processo de análise das falas das três docentes entrevistadas; ao invés disso agregou sentidos

no decurso da compreensão, cujas conexões foram de suma importância na produção da pesquisa. Elas atenderam também aos princípios ontológicos da hermenêutica, uma vez que a lembrança, ou recordação, conforme Gadamer (1997) nos remete às práticas do vivido. Assim, quando suas falas foram deparadas com os conteúdos listados nos diários de classe da disciplina de Filosofia houve uma melhoria no entendimento destes registros².

² Observo que estas três docentes foram denominadas a partir de nomes fictícios, a fim de preservar suas identidades pessoais e funcionais, dentro de uma percepção ética. A entrevista com a Catarina foi realizada no Café Dani, 15 de outubro de 2020; com a professora Joana em sua residência, 23 de outubro; com a professora Bibiana, também no Café Dani, Santa Maria RS, 27 de outubro 2020. As duas primeiras docentes citadas atuaram no Colégio Manoel Ribas no início da década de 1970 adentrando aproximadamente até metade da década de 1980, a última docente nos períodos de 1986 e após 1990; as três professoras e foram acessadas inicialmente através da Rede Social- Facebook, posteriormente as entrevistas foram marcadas por celular e *WhatsApp*.

3 RECORTE HISTÓRICO SOBRE OS VÍNCULOS DA VIAÇÃO FÉRREA NO PROCESSO DE FUNDAÇÃO DO COLÉGIO MANOEL RIBAS

Em primeira instância, dou ênfase neste capítulo aos assuntos gerais pertinentes à Viação Férrea da cidade de Santa Maria/RS, mediante a necessidade de abordar algumas questões que relacionam esta entidade à história da fundação do Colégio Manoel Ribas. Isso porque a materialidade deste estudo tem como fundamento a investigação do ensino de filosofia realizado nesta instituição escolar nas décadas de 1970 e 1980.

Em segunda instância, já que a origem do Colégio Manoel Ribas se vincula à referida entidade, foi necessário, então, buscar os atravessamentos de suas histórias, ou seja, um pouco dos movimentos e dos sentidos que as aproximam. Isto, com a observância de que a primeira atua no âmbito do ensino até o presente momento, enquanto a segunda teve suas ações direcionadas à prestação de serviços públicos na área do transporte, através das malhas ferroviárias, até ano de 1996.

Assim, vale retomar algumas informações acerca do funcionamento da Estação Ferroviária de Santa Maria, a qual, de acordo com as pesquisas de Alice Cardoso e Criméia Zamin (2002), provavelmente tenha sido concretizada na metade da década de 80, no século XIX, com a finalização dos trilhos, para compor as malhas (os caminhos) a serem percorridas pelos trens, até entrarem nos domínios da cidade. Nessa ocasião, ainda conforme Cardoso e Zamin (2002), as vias férreas permitiram os acessos entre as seguintes regiões do RS: Porto Alegre - Cachoeira do Sul - Santa Maria/Marcelino Ramos, interligando os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo ao sul do Brasil. Por suposto, este novo contexto criou novas necessidades educacionais, cujas demandas estão na criação do Colégio Manuel Ribas.

As autoras expõem, a partir de suas investigações, que este projeto remonta às últimas décadas do Brasil-Império, tendo como uma das metas prioritárias fundar uma estrutura de transporte eficiente, para dar conta do escoamento das cargas pesadas provenientes dos diversos setores da produção, com vistas à prosperidade da economia, à planificação do fluxo dos transportes e à sustentabilidade financeira, quanto aos custos empreendidos. Também, por ocasião do término das obras, iniciou-se o funcionamento das linhas que integravam as localidades de “[...]”

Ferreira, Jacuí, Estívia, Arroio do Só, Otávio lima e Santa Maria” (CARDOSO; ZAMIN, 2002, p. 67). Entendo, com base neste estudo, que o surgimento das ferrovias e das estações de trem transformou a geografia dos lugares nos quais suas estruturas foram construídas, dando origem também a novos estabelecimentos de ensino, encontros de culturas, postos de trabalho, desenvolvimento de bens e de capitais.

No entanto, segundo essas autoras, a mudança de rumo na economia do Brasil conduziu à modificação da logística dos transportes nacionais, cujos projetos passaram a operar com ênfase na locomobilidade humana e de cargas através das rodovias. De modo que, paulatinamente, os trens perderam seus espaços como um dos principais modelos de transporte voltado ao deslocamento de cargas e também de pessoas. Diante desse contexto, muitos destes trens e das estações férreas, hoje, estão desativados, e suas estruturas se transformaram em artefatos museológicos, foram extintas ou estão depredadas. Semelhante situação ocorre, também, com as malhas ferroviárias, já que muitas, atualmente, subjazem esquecidas nos campos, nos quais restam, por vezes, apenas marcas dos pedaços de trilhos. Por conseguinte, no Brasil, aproximadamente na última década do século XX, tem-se a seguinte realidade:

[...] "O tempo dos trens" entre 1874 - ano que foi fundada a primeira ferrovia no Estado e o final da década de 1950, fase em que o modelo ferroviário começou a ser substituído pelo modelo do transporte rodoviário. Tal substituição foi sendo gradual, com a extinção contínua do tráfego em determinados trechos até a última viagem do trem de passageiros, entre Porto Alegre e Uruguaiana em 1996. Na década de 1990, a Rede Ferroviária Federal S/A- RFFSA foi incluída no programa nacional de desestatização criado pelo governo Collor, sendo então dividida em seis malhas regionais para fins de privatização. A malha Sul formada pelos 6.8586 quilômetros de estradas nos Estados do RGS, Santa Catarina e Paraná, foi leiloada em 1996, sendo arrendada pela ferrovia Sul Atlântico, depois América Latina Logística-ALL empresa com sede em Curitiba, que atualmente opera o sistema de cargas em nosso Estado (CARDOSO; ZAMIN, 2002, p. 13).

Vale observar que, atualmente, os trens, de modo geral, são utilizados apenas para o transporte de cargas pesadas e estão, de acordo com o aduzido, sob a gestão da iniciativa privada, que de certo modo não prioriza a conservação de suas estruturas, principalmente no que se refere ao cuidado das Estações Ferroviárias. A realidade exposta pelas autoras no curso de suas análises e na catalogação das fotografias publicadas na pesquisa traduz o estado precário destas

instituições e a falta de interesse dos órgãos públicos em preservar e conceder vitalidade para esta modalidade de transporte.

No entanto, ainda permanecem as lembranças, como uma memória histórica que fora produzida nos diversos processos de uso dos trens, nos seus deslocamentos, seja de cargas ou de passageiros. Nessa perspectiva, Cardoso e Zamin (2002, p. 15) também descrevem que:

[...] a beleza das paisagens cortadas pelos trilhos até a contrariedade com as condições nem sempre ideais do transporte. Aqui e acolá, essa memória é hoje evocada por múltiplos elementos materiais que testemunham silenciamentos, o tempo que o apito dos trens causava alvoroço por onde cruzava.

Esta compreensão significativa construída pelas autoras, em seus estudos sobre a história e as condições atuais da Viação Férrea na região Sul do país, realiza uma conexão entre o passado e o presente; no dizer de ambas, encontram-se narradas as experiências dispersas, que, de modo indireto, vicejam os sentidos delineados pela singularidade da percepção dos operadores dos trens e dos passageiros. Entendo que as memórias constituídas na relembração destas viagens, segundo Cardoso e Zamin (2002), além de produzirem um sentimento de comoção, recriam sentidos plurais, nos quais as significações de cada cenário são traduzidas pelas memórias da “paisagem” e pelo barulho dos trens em suas andanças. Assim, nesses lugares e nas recordações guardados pelo tempo, reside ainda, a boniteza de cada cenário, que quando lembrado torna-se uma experiência, mediada pelo sentimento afetivo e pela compreensão estética do passado.

Com base no exposto, há de se considerar a importância da pesquisa de Cardoso e Zamin (2002) no processo de investigação acerca da composição das estações de trem, a qual abrange desde o funcionamento delas até a extinção de parte de suas estruturas administrativas e a minuciosa análise dos materiais utilizados na modelagem da arquitetura dos prédios que ainda restam dessas estações no estado do RS.

A existência dos prédios das estações e das malhas, cujos contornos ainda restam e encontram-se desenhados pelos trilhos, constituem, hoje, no RS, uma marca factual das histórias acerca de múltiplos tempos atravessados pelos projetos de investimentos econômicos, pela vontade e labor dos trabalhadores que construíram e fizeram funcionar as Viações Estações Férreas, no Brasil.

Conforme Cardoso e Zamin (2002), o patrimônio da estação ferroviária incluía aqui: a Vila Belga (habitada pelos funcionários e suas famílias), trilhos, imóveis que abrigavam as estas estações e os setores administrativos, o Colégio Manoel Ribas e a extinta Escola Hugo Taylor, cujas estruturas locais têm importante valor histórico/patrimonial e cultural, na cidade de Santa Maria RS. Em linhas gerais, parte destes suportes materiais e de apoio da Viação Férrea encontra-se danificada, atirada ao desleixo, em virtude da ação do tempo, das práticas de depredação e da ausência de investimento do poder público, para preservar essa memória. Desse modo:

A estação férrea é tombada em nível Municipal e Estadual (2002). Em 2007, o prédio foi finalmente restaurado pela Prefeitura Municipal. Mesmo com a estrutura danificada, alguns projetos foram realizados no local, na tentativa de revitalizar a área. Um deles foi o Brique da Estação, que, um domingo por mês, promovia feira de artesanato e gastronomia. Outras atividades que ainda funcionam no local é o Ateliê da Estação, formado por artistas plásticos que organizam exposições e eventos culturais e a Secretaria de Município da Cultura. A instalação do órgão governamental na Gare apoiou-se na ideia de revitalização e de levar novamente o movimento para o local (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA, 2010, p. 02).

Após o entendimento de alguns aspectos da história da Viação Férrea em Santa Maria/RS, passo a analisar, no próximo subcapítulo, seus nexos e aproximações com o processo de estabelecimento do Colégio Manoel Ribas. Na compreensão de Cardoso e Zamin (2002), junto com a feitura da malha ferroviária, que constituiu, na travessia do tempo, a prosperidade para a região, bem como a ampliação de postos de trabalho e o aumento do contingente populacional nas cidades, situadas no seu entorno. Logo, o desenvolvimento econômico também suscitou a criação de instituições educacionais, para dar conta das demandas voltadas à formação dos filhos e filhas dos ferroviários. Entre estas, tem-se em Santa Maria a fundação do Colégio Manoel Ribas, cuja história é atravessada pela existência de outras escolas que o antecedem.

3.1 A INCORPORAÇÃO DO MANUEL RIBAS À REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO: OS ATRAVESSAMENTOS DE SUA HISTÓRIA ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Em um encontro entre o passado e o presente, o Colégio Manoel Ribas preserva muitos artefatos e documentos inerentes a sua história no acervo do seu

Memorial, o qual se encontra em uma sala, instalada no sótão, próxima a biblioteca. Na outra subdivisão, ao fundo estão guardados os arquivos da instituição, incluindo os fichários gerais e os diários de classe dos professores e professoras. Sendo que estas três estruturas se encontravam, no período correspondente ao desenvolvimento desta pesquisa de campo desta pesquisa, realizada entre 2017 e 2018, submetidas a condições precárias. Esta situação tem dificultado a preservação dos documentos oficiais que remontam às experiências pedagógicas ali vivenciadas.

Para fins de ilustração do espaço habitado pela escola na atualidade, segue sua localização atual.

Figura 1 – Localização atual do Colégio Manoel Ribas no município de Santa Maria/RS



Fonte: Edição Cartográfica/2018 - Daniel Junges Menezes e Mirieli Fontoura.

No intuito de contar alguns eventos referentes à existência desta unidade de ensino, passo apresentar as informações sobre a história de sua fundação, junto a alguns dados acerca do seu funcionamento, catalogados de modo breve na página online da instituição.

Assim, na sessão que trata do histórico do Colégio Manoel Ribas, consta que, na década de 1920, com a prosperidade da Viação Férrea - Cidade de Santa Maria/RS (fato já mencionado por meio da compreensão dos estudos de Cardoso e

Zamin, 2002), os ferroviários contavam, para prover o ensino dos meninos, com a Escola Hugo Taylor. Nesta, desenvolviam-se as práticas pedagógicas e as oficinas de formação técnica, portanto, era necessário conceder este mesmo nível de instrução educacional às meninas.

Logo, para dar conta da educação feminina, foi projetada a construção de outro imóvel, com vista a instituir a Escola de Artes e Ofício Sessão Feminina, chamada oficialmente de Santa Teresinha do Menino Jesus, cujo objetivo era oferecer uma educação destinada às filhas dos trabalhadores da ferrovia. Tal empreendimento foi idealizado pelo Sr. Manoel Ribas, na época diretor da Cooperativa de consumo dos empregados da Viação Férrea, nesse período considerada uma das maiores associações de ferroviários da América Latina.

A área predial da escola somava 6.130m², edificada em lote de terra com 13.600m². O perfil da construção contava:

[...] com uma bela arquitetura de influência renascentista europeia. Ali com esmero da administração pedagógica das Irmãs Franciscanas as alunas aprendiam desde técnicas domésticas, comportamento social até tocar refinados instrumentos musicais que vinham da Europa. Com o passar do tempo, com a política de estímulo ao transporte rodoviário e conseqüente declínio do poder sindical dos ferroviários, eles já não tinham condições de manter seus bens e serviços e progressivamente, vão terceirizando seu patrimônio. Dentro desta lógica mais tarde, o local passou a abrigar outras instituições de ensino, a Escola Artesanal Dr. Cilon Rosa, o Grupo escolar João Belém e o Ginásio Estadual Manuel Ribas (Histórico do Colégio Manoel Ribas³).

Entende-se, a partir do exposto, que, neste tempo, primava-se ainda pela arquitetura europeia no adorno dos prédios, além disso, havia uma segregação sexista no processo de ensinar e aprender. Dado que, a educação das mulheres tinha como propósito ensiná-las a ocupar-se com a esfera da casa e da maternidade, constando a presença de alguns requintes dos conteúdos das artes no processo de formação destas jovens. Todavia, os componentes educacionais ministrados nessa escola primavam por um ensino confessional, também voltado às técnicas domésticas; cujos sentidos vinculam-se a uma herança, um resíduo cultural que remonta às bases fundantes do Brasil-Colônia, bem como ao curso tomado pelo patriarcado. Desse modo, o lugar reservado à mulher era a casa, e nessa ordem, a

³ Informação disponível no link do Colégio Manoel Ribas:
<https://colegiomanuelribas.weebly.com/histoacuterico.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

responsabilidade de alimentar e zelar pela vida de suas crianças. Da mesma maneira, também, cabia-lhe ensinar a fé junto à esfera familiar.

A partir da monografia de especialização de autoria de Ana Elisa Garcia Krebs (1996), intitulada: “História e Vivência numa Escola Feminina: A Escola de Artes e Ofício Santa Teresinha do Menino Jesus-1921 a 1942”, pode-se entender um pouco da condição da mulher em meados do século XX. De acordo com as narrativas das escolares, esta instituição as educava em conformidade às exigências da época, até mesmo os materiais didáticos eram constituídos para prover o ensino e a aprendizagem dos conteúdos e dos fazeres domésticos, envolvendo as técnicas de culinária e os trabalhos artesanais, a serem desenvolvidos em casa e custeados pela escola, cuja mantenedora era a Cooperativa da Viação Férrea de Santa Maria. Estas práticas do vivido, atualmente, remontam a importância das memórias destas instituições constituidoras de parte da história da educação, neste município, bem como das políticas públicas criadas, para atender o ensino dos/as filhos/as dos trabalhadores da Viação Férrea. E, o modo como eles e elas eram ensinados/as.

Por conseguinte, na escola feminina, as práticas educacionais eram delineadas pelo rigor disciplinar, de modo que tanto os atrasos como as conversas descontextualizadas dos assuntos da aula não eram tolerados nos três turnos letivos. A ex-aluna Dolores Dorneles expõe: “Na sala de aula era todo mundo sentado em silêncio. Quando se queria falar tinha que levantar o dedo” (KREBS, 1996, p. 27).

As alunas do regime de externato ou semiexternato entravam às 08h30min e retornavam para suas casas às 17h30min. Aquelas que estudavam no regime de internato permaneciam na escola e recebiam formação no turno da noite, com horários reservados para o recreio. Sobre o funcionamento dos estudos no noturno, a aluna do externato, Necir Rosseto, com 64 anos, diz: “Não se podia chegar na aula atrasada. A gente tinha que comungar e também escutar o Hino Nacional todos os dias antes de iniciar a aula” (KREBS, 1996, p. 27). Em ambos os regimes, eram oferecidas as refeições às jovens, que, por sua vez, também tinham como incumbência a limpeza da área de recreação; cabia-lhes ainda a tarefa de ajudar na cozinha - lugar no qual elas aprender as lidas da casa.

Segundo a compreensão da autora acerca das memórias das ex-alunas da Escola de Artes e Ofício “Santa Maria do Menino Jesus”, entende-se que elas pacíficas/tolerantes às regras impostas, por práticas rígidas de ensino, tanto na

escola como no âmbito da educação familiar. De modo que estas senhoras, ao rememorarem os tempos de meninas/estudantes, que ainda habitam suas lembranças, mostraram-se conformadas com a situação formal colocada por uma conjuntura política, cujas estruturas sociais as excluía inclusive da condição de eleitora - do direito ao voto, até, 1940. Igualmente, suas falas denotam a resignação diante da recusa de suas famílias de que elas adentrassem no mundo trabalho, por ser situado fora da esfera do lar.

Nas vivências remoradas por Dalila Biasoli, que na época tinha 82 anos, encontro as seguintes marcas da religiosidade, do medo e do pecado:

Naquela época era diferente... A autoridade era muito respeitada. Eu tinha um medo de faltar a missa! A Freira havia dito que a gente ia morrer e parar no inferno, se faltasse missa. Eu tinha um medo louco disso. É assustavam mesmo. E eu pensava assim: eu gostaria de morar para fora, onde não tivesse igreja, porque assim eu não precisava ir à missa e então eu não pecava. Aqui tinha Igreja e eu precisava ir à missa. Se eu morasse para fora, eu não precisaria ir à missa. E aí não seria pecado compreende? E eu não iria para o inferno (KREBS, 1996, p. 28).

Em 1940, a Escola Santa Teresinha, com grande aceitação pela comunidade, passou a ter em seu quadro de estudantes o significativo número de 1.223 alunas; e, assim, suas atividades foram mantidas durante todo o ano de 1942. No reverso deste processo, por questões operacionais, envolvendo os custos da educação, um ano depois, em 1943, o funcionamento desta instituição de ensino ficou a encargo do Estado do Rio Grande do Sul, que assumiu sua manutenção. Conforme Foletto (2008, p. 88 *apud* ROMERO; BORIN, 2016, p. 04):

A partir de mobilização comunitária, juntamente com o poder público municipal foi criado o Ginásio Estadual de Santa Maria, que passou a funcionar no mesmo Prédio do Instituto Olavo Bilac, em 1953. Logo no ano seguinte, foi trocado o nome para Manoel Ribas, e a sede passou a funcionar no prédio da Escola Cilon Rosa. Essa a partir do ano de 1974 tornou a única escola a ocupar o local até hoje, atendendo os alunos de ensino médio. O prédio pertenceu à COOPFER⁴ até o ano de 1977, quando foi incorporado pelo governo do Estado do rio Grande do Sul por desapropriação.

Ainda, segundo Romero e Borin (2016), o Colégio Manoel Ribas surgiu a partir das determinações do Decreto nº 4.205, publicado aos dez dias do mês de outubro de 1953, através de um plano de ação de autoria de Helena Ferrari Teixeira,

⁴ Cooperativa dos Funcionários da Ferrovia (COOPFER).

membro do Poder Legislativo Municipal, desta cidade; porém esta entidade foi efetivamente reconhecida pelo nome de seu patrono, em torno de um ano depois, em 1954.

Na época do desenvolvimento das últimas etapas desta pesquisa, o Colégio Manoel Ribas oferecia o Curso de Ensino Médio nos três turnos, com 986 alunos efetivamente matriculados na instituição. Na área de recursos humanos, atuavam 85 docentes os/as quais prestavam os serviços referentes à educação e gestão escolar, 18 servidores/as estaduais, distribuídos/as entre os setores administrativos, produção da merenda dos alunos e limpeza geral da instituição. Quanto à disciplina de filosofia, seus conteúdos eram oferecidos nos Primeiros Anos, um período, nos Segundos Anos, dois períodos e nos Terceiros Anos, um período, deste modo os/as estudantes tinham acesso aos estudos filosóficos nos três anos do Ensino Médio. Estes dados foram informados pela secretária da escola e pela professora Maria Helena Romero nos dias 27 e 28 de agosto de 2018.

Em linhas gerais, o Colégio Manoel Ribas presta a formação de Ensino Médio, ensino com curso de três anos, e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com duração de dois anos. Esta instituição, ainda se encontra:

Abrigada numa construção histórica e artisticamente diferenciada como casa de educação, em 10 de outubro de 2014, o Maneco completou 61 anos. Seu primeiro diretor foi o professor Rômulo Zanchi, um culto e exigente padre que, junto com grandes mestres, em memoráveis aulas preocupavam-se em informar e formar jovens. Educando pelo exemplo. E marcaram a história da educação em Santa Maria. Tanto que pela notável qualidade de ensino, chegou a ser considerado colégio padrão no RS. “Passávamos nos primeiros lugares dos vestibulares mais concorridos sem necessidade de fazer cursinhos” alguns alunos lembram, saudosos desse tempo (Histórico do Colégio Manoel Ribas⁵).

Adalgiro Batistella (2010), que também ministrou a disciplina de Filosofia no Colégio Manoel Ribas de 1985 a 1988 no turno da noite, tem publicado em duas versões dos blogs da escola, na parte denominada “Nossa História”, o texto de sua autoria intitulado: Uma Livre Interpretação Sobre “O Portal de Entrada do Maneco”. Neste breve artigo, o professor elabora uma análise da arquitetura do acesso principal do colégio, pontuando a beleza das imagens talhadas na porta, cujos

⁵ Informação disponível no link do Colégio Manoel Ribas: <https://colegiomanoelribas.weebly.com/histoacuterico.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

sentidos estéticos habitualmente são desconsiderados pela comunidade escolar que, por ela, adentra a instituição, por vezes de modo contínuo. Isto decorre, em seu dizer, da desatenção quanto à importância da arte de cunho confessional ali expressada, a qual se encontra vinculada à história da instituição escolar da “Congregação de Irmãs religiosas de Santa Teresinha do Menino Jesus”.

Na percepção do autor:

A primeira interpretação é uma homenagem e uma exaltação à Virgem Maria por ter gerado em seu útero sagrado o Filho de Deus, Jesus Cristo. Assim visto, Maria é o canal de comunicação e de intermediação entre Deus e os homens, entre a Terra e os Céus, entre a matéria e o espírito. A segunda interpretação tinha e tem como fundamento uma filosofia pedagógica de vida através do seguinte lema: “aqui se dá Luz e Vida”. O útero materno em sentido *lato*, gera a vida, isto é, realização profissional e humana, e a vida em sua continuidade, gera luz, sabedoria e conhecimento. [...] Além destas descrições temos ainda os cravos, grandes e pequenos, incrustados nas portas, significando que o saber pertence à todos os quadrantes do universo social, quer sábios ou não, ricos ou pobres. Para chegar a plenitude do saber é preciso superar os sofrimentos e as derrotas para atingir a felicidade, assim como os cravos sagrados da cruz de Cristo trouxeram a salvação e a felicidade para todos os seres humanos (BATISTELLA, 2010, s./p.).

O professor Adalgiro Batistella, ao analisar a arte que adorna o portal de entrada da escola, pontua também as interfaces plurais que fazem parte de encontros de culturas trazidos para a cidade de Santa Maria RS, a partir da consolidação da Estação Férrea na cidade, e de suas ações educacionais, instituídas anteriormente nesta unidade de ensino, sob a condução de uma irmandade cristã. Fato que explica a adoção da pedagogia confessional na instituição até a sua estatização.

Nestes delineamentos, o Ensino de Filosofia, quando pensado na linha do passado, seja em seus desencontros e aproximações de sentidos, são experiências factuais que movimentaram a vida das pessoas e seus modos de pensar as dificuldades cotidianas. E, nesta ordem, que também compreendo os atravessamentos da política, da religião, dos costumes e das condutas vigentes na cidade até meados do século XX, bem como das décadas subsequentes aos anos de 1970 até 1989. Isto, considerando os processos de formação filosófica dos jovens na borda dos eventos da Ditadura Militar, as condições do ensino na escola e as possíveis dificuldades vivenciadas pelas professoras e professores de Filosofia no exercício da docência, principalmente a partir de 1971.

Vale dizer, ainda em caráter inicial, que o Colégio Manoel Ribas, como instituição de ensino médio, constituiu saberes na travessia da sua existência, ao produzir histórias coletivas e afirmações individuais, as quais denotam uma trajetória de cuidados com os alunos e professores, seja nas atividades de ensino, seja nos processos de aprendizagem, mesmo em tempos de tensão política. Desse modo, o colégio contribuiu com a formação de uma quantidade ímpar de cidadãos aptos para atuarem em diversos setores, responsáveis pelo funcionamento da sociedade, entre eles: a indústria, o comércio, a agropecuária, a saúde, a educação, as artes e a política. Nesse sentido, encontram-se destacados, na página da instituição, os conteúdos que correspondem ao seu histórico e a sua contribuição no preparo intelectual de dirigentes políticos, dado que:

Através de seu grêmio estudantil, o Maneco foi uma espécie de escola de formação de lideranças. Em suas salas de aula, muitos jovens receberam sua base de conhecimentos, descobriram suas vocações e transformaram-se em destacadas personalidades. Ali tiveram suas primeiras iniciativas como líderes. Reitores, vereadores, prefeitos, governadores, deputados, secretários de Estado e alguns ministros brasileiros sentaram em suas classes. [...] Ex-alunos, ex-professores e a comunidade lembram os grandes desfiles estudantis e, ainda hoje, se emocionam ao ver passar sua banda marcial, que há mais de 50 anos [...]. Por todas estas razões, o Maneco não está apenas no coração do Estado. Está no coração de milhares de pessoas que podem ter ido embora para os mais longínquos lugares, tomado os mais diferentes rumos e profissões, mas ficaram ligados à história do colégio por um elo invisível que guardam com carinho (Histórico do Colégio Manoel Ribas⁶).

Posto isso, apresento um recorte referente à organização dos alunos no Grêmio Estudantil, cujas informações compõem o acervo do Memorial do Colégio Manoel Ribas. Observo que o Grêmio Estudantil da instituição foi criado como resultado do esforço e de reivindicações dos alunos por um espaço próprio, para que pudessem se organizar, produzir eventos estudantis e reivindicarem seus direitos e demandas. Ainda, em tempos de Ditadura, a presença desta entidade representou uma conquista à comunidade escolar. Em 1984, quando passei a fazer parte desta escola, o grêmio já se apresentava um espaço de resistência ao Estado Militar, uma vez que era o lugar no qual os alunos se encontravam para discutir o processo de redemocratização do país e as formas de luta que poderiam constituir.

⁶ Informação disponível no link do Colégio Manoel Ribas:
<https://colegiomanoelribas.weebly.com/histoacuterico.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

Nessa fase, o desgaste do governo militar era eminente, em virtude da crise econômica e do acirramento da resistência protagonizada pelos movimentos sociais. Assim, os estudantes, entre eles eu, passamos a se integrar aos movimentos estudantis locais, junto às seguintes representações: União Santa-mariense dos Estudantes (USE), Grêmios Estudantis das demais escolas públicas do Segundo Grau com atividades e Diretório Central dos Estudantes de Santa Maria (DCE-SM), para dar conta de suas aspirações, em favor das liberdades política e civil.

De acordo com o exposto, no panorama da Cidade de Santa Maria, pode-se ainda mencionar que o Colégio Manoel Ribas é uma instituição de ensino com significativa tradição filosófica na formação educacional dos alunos. Inclusive, antes do término da Ditadura Militar, a presença da Filosofia já habitava de forma efetiva sua grade curricular, sendo um lugar em que se constituíram muitos militantes na luta pela democracia no curso das décadas de 70 e 80.

No decorrer dos trabalhos de campo desenvolvidos no Maneco, ainda destaco que, embora este trabalho não seja uma autobiografia, como eu cursei o Segundo Grau - Preparação para o Trabalho nesta instituição, alguns sentidos destas experiências foram movimentados em mim, pela relembração. Haja vista que, durante o primeiro retorno ao pátio da instituição, como já mencionei anteriormente e, após, no processo de manuseio dos diários referentes ao ensino de Filosofia, eu encontrei meu nome listado no diário da professora Eulália, no ano de 1984, com as minhas notas, com os diagnósticos comportamentais dos alunos e a descrição geral dos processos de aprendizagem.

Neste contexto eu fui tomada pela sensação de relembração, a qual aparecia até quando eu me deparava com os diários correspondentes aos períodos, que antecederam a minha formação educacional no Maneco. Assim, de modo estranho, eu estava ali, anos depois, ajoelhada junto ao corredor dos arquivos vivos, onde ao abrir estes documentos passei a imaginar que cada nome listado nas chamadas correspondia a uma história, a um movimento de vida. A intensidade, das descrições de cada diário que, por sua vez, situava o passado pertinente ao cotidiano das práticas filosófico-pedagógicas feitas em sala de aula, transbordadas de significações. Nesse entremeio do presente, eu encontrei entre estes documentos, um pouco da minha própria história como estudante, agora revividas, também, enquanto professora e pesquisadora em Educação.

Então, a partir desta experiência, eu percebi que os registros, as descrições daquelas experiências docentes acerca do ensino de Filosofia, na medida em que iam sendo compreendidos, igualmente eram retirados da inércia produzida pelo esquecimento da história. Muito embora estas experiências pertençam, de modo singular, à ordem de um pequeno cotidiano pedagógico, elas são de suma importância para a compreensão dos modos de pensar o ensino de Filosofia nas décadas de 1970 e 1980, bem como no presente, para que o passado não seja esquecido, no interior de caixas de papelão.

Isto, em uma conjuntura política em que o exercício da liberdade era regulado pelos princípios ditados pelo governo militar, frente à presença obrigatória dos ensinamentos da Educação Moral Cívica, da OSPB e da opcionalidade do ensino religioso para os alunos, a ser necessariamente ofertado na grade curricular da escola. Logo, estas disciplinas ocupavam de modo regular, espaços significativos reservados à produção dos conhecimentos escolares. Haja vista que, na pesquisa de campo, foi muito comum eu achar, em cada pilha de documentos pedagógicos, mais diários dessas disciplinas do que daqueles referentes ao ensino de Filosofia.

Enfim, as primeiras inserções na escola procederam ao final de 2016 e os estudos de campo realizados em 2017, os quais marcaram o meu retorno ao Colégio Manoel Ribas, do qual fui aluna durante o Segundo Grau, entre os anos de 1984 a 1986. A minha reaproximação do lugar no qual eu estudei se explica em face da materialidade deste projeto de doutoramento, o qual, conforme já foi aduzido, norteou-se pelo estudo acerca da constituição e do funcionamento do ensino de Filosofia nas décadas de 1970 e 1980.

4 UM RECORTE HISTÓRICO-POLÍTICO DA EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR EM TEMPOS SOMBRIOS

Neste capítulo, trato, a partir de uma abordagem plural, dos contextos que circundam a realidade nacional no período da ditadura; e, de modo particular, das décadas de 1970 e 1980, tendo em vista as conexões entre a realidade do país nesses períodos e os modos de ensinar nas escolas de instrução secundária, inclusive no Colégio Manoel Ribas, que integra a materialidade desta pesquisa.

Também analiso alguns importantes eventos sociais matizados por ações voltadas à repressão do povo, as quais serviram de instrumentos para consolidar a ditadura nos processos de composição e de permanência dos militares no comando do Poder Executivo por vinte e um anos. Logo após, retomo as questões educacionais produzidas pela LDB/71 (BRASIL, 1971) e as estratégias de poder e de controle das condutas da sociedade civil no decurso do provimento da sustentabilidade governamental, bem como o subsequente desgaste político e econômico na travessia dos anos setenta.

De acordo com Lafer (1984), a ditadura operada em 1964, na fase pós-governo populista, instituiu uma rede de barganhas (de trocas voltadas a certo conforto social da população), a partir das quais a liberdade civil foi colocada em segundo plano, em favor da estabilidade econômica e da segurança coletiva. Tal conduta remonta à crença de que o Estado é o principal provedor no que se refere ao funcionamento da sociedade civil. Basta ver que, nesta percepção, os dispositivos de poder operados durante o Governo Militar tiveram como pontos centrais, o uso das técnicas para dismantelar os sentidos democráticos. Isso, diante do controle dos princípios de liberdade da população. Assim, nessa conjuntura, sobrou apenas uma pequena presença das estruturas de governo definidas antes de 1964, pela democracia, mesmo diante dos altos índices de conflitualidades política e social.

Logo, o Poder Legislativo passou a operar de modo parcial no Congresso Federal, tornando-se, então, apenas um instrumento necessário à afirmação institucional do Estado autoritário. Nesta lógica, o Congresso Nacional funcionava apenas como um suporte legal à execução das estratégias garantidoras da ordem, da paz social e do progresso econômico dentro e fora do país. Este campo de práticas sociais, segundo Lafer (1984), revela a incapacidade dos sujeitos coletivos e

o Poder Legislativo produzirem os adensamentos necessários à construção de uma democracia, que também garantisse a funcionalidade do ordenamento social.

Em síntese, para o autor, além dos militares obterem o controle majoritário na condução do Poder Executivo, estes instituíram para si amplas prerrogativas na área dos outros dois poderes mantenedores da máquina estatal, o Poder Judiciário e o Poder Legislativo foram usados, por vezes, como dispositivos legítimos de controle acerca daquilo que poderia, ou não, ser feito ou enunciado no âmbito operatório das táticas de governo do país.

Ainda, conforme Lafer (1984), nesse período, as instituições governamentais produziram práticas de interdição às liberdades políticas civis, através de perseguições aos grupos de resistência ao Estado Militarizado, fundamentadas no civismo e na harmonia coletiva, em que a adesão das classes populares foi produzida por meio da execução do programa de desenvolvimento econômico financiado pelas agências internacionais. Entre elas, está o Fundo Monetário Internacional (FMI), cujos efeitos concretos constituíram a movimentação no progresso da indústria, que fora em parte fictício, porém estrategicamente narrado em seus efeitos, produzindo sentidos e adesão ao regime de governo pontuado em 1964.

A partir dos estudos de Lafer (1984) a respeito da Ditadura Militar no Brasil, tem-se a compreensão da existência de dois modos de operar as ações políticas constituídas entre os grupos dos militares responsáveis pela funcionalidade deste regime de governo: a linha dura e a linha dos moderados, os quais apresentavam diferentes modos de pensar, no que se referia à permanência dos generais no Poder Legislativo. Os primeiros desejavam impor o controle acirrado do Estado sobre as práticas sociais protagonizadas pelos civis, cujo objetivo era contenção de possíveis fúros de resistência e a movimentação de novos focos da esquerda socialista no Brasil, com vistas à permanência definitiva do exército na liderança e na condução do Poder Executivo.

Já os segundos, na condição de partidários da moderação desta forma de regulação política do Estado, apresentavam, então, um discurso diferenciado no tocante à continuidade dos generais na condução do governo nacional, posto que concebiam a militarização do Poder Executivo como um instrumento transitório no processo de reordenamento da sociedade civil. Isto, mediante a necessidade de extinção dos movimentos subversivos e da corrupção, os quais atravessavam os

governos de moldes democráticos vigentes no Brasil até 1964. Com efeito, do ponto de vista de ambas as linhas, a gestão política do país estava impregnada de vícios, enquanto uma herança dos governos populistas; porém, os moderados divergiam em suas narrativas quanto à permanência da Ditadura Militar, já que a concebiam como uma necessidade temporária a ser finalizada através da erradicação das práticas que degradavam a democracia brasileira.

A partir do exposto, o ativismo e a militância política foram tomados no Brasil como práticas subversivas, passíveis de repressão e de imputação de penalidades. Desse modo, tem-se a recusa das práticas democráticas e a prevalência dos dispositivos institucionais de segurança nacional, enquanto um campo estratégico à consolidação e continuidade da ditadura, principalmente, na sua primeira década de funcionamento.

De acordo com Lafer (1984), nessa arena de contradições políticas, subsistia uma pálida oposição do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), cuja existência também servia à afirmação táctica do governo no campo de sua legitimidade jurisprudencial, visto a pretensa necessidade de conceder sentido à circulação dos ideais previstos pelas democracias liberais capitalistas. Isto, no interior de um conjunto de relações políticas e sociais estabelecidas pelo governo militar, as quais, por sua vez, necessitavam de aceitabilidade e adequação às leis.

Porém, no entorno destas relações de poder, vicejava, na clandestinidade, os movimentos estudantis e, sob as ações dos movimentos sindicais, a resistência de grupos que atuavam em luta pela liberdade e justiça social no trabalho, mesmo em um tempo de violentas ações coativas contra a sociedade civil.

Ainda, no caso do governo militar, considerando o dizer de Lafer (1984, p. 72) no processo de fabricação das formas de controle social, o modelo de mediação política migrou de um dispositivo para outro, dentro da seguinte ordem, do: “[...] AI-1 para o AI-2, deste para o AI-5”. A partir destes mecanismos de aparelhamento jurídico-estatal, o Poder Legislativo foi progressivamente controlado e, por vezes, retirado da esfera das deliberações políticas.

Nessa instância, o governo passou a produzir uma política financeira centralizada pelo Poder Executivo, através de um campo de estratégias corporificadas, a fim de cumprir as demandas cruciais na composição dos ajustes dos capitais voltados ao desenvolvimento do país, a partir de uma significativa autossuficiência, alicerçada no uso da força coercitiva assegurada por lei, junto à

sutileza dos conteúdos ideológicos pertinentes aos princípios cívicos. Nessa época, uma das prioridades dos generais presidentes era resguardar um percentual significativo de adesão dos diversos setores sociais organizados e satisfeito com a administração do Estado, bem como manter em silêncio aquela parte da população que ainda contraditava a militarização política do país.

Sobre o exposto, para Lafer (1984) e Teixeira (2000), o controle das liberdades civis, agregado ao estreitamento de parte das obrigações do Poder Legislativo e, por vezes, a sua ausência total ou parcial na construção de importantes projetos públicos, teve como resultado, já na metade da década de 1970, a redução do capital político-social do regime militar. Porém, Lamounier (1998) observa que as eleições nunca foram definitivamente suspensas em âmbito nacional, pois o regime militar concedia certo atendimento às exigências liberais no campo da representação política em quase todas as unidades federativas, muito embora, dentro de um prisma de controle da ascensão política da esquerda e, por conseguinte, de seus militantes.

Ainda, de acordo com Lamounier (1998), a preservação destes espaços representativos produziu, no interior das ações do governo militar, muitas fissuras, oportunizando, assim, os deslocamentos necessários de parte dos poderes institucionais, antes controlados pela Autoridade Executiva, para a população. No entanto, independentemente destas concessões, face à crise econômica, à superficialidade das ações voltadas ao civismo e ao provimento superficial da segurança interna do país (premissa maior utilizada dentro da lógica dos discursos constituídos pelos militares), a sociedade civil já tinha construído, ao final da década de 1970, alguns caminhos que conduziram ao enfraquecimento contínuo da ditadura. Entre eles, a reivindicação de seus direitos políticos e de cidadania; cujos espaços de resistência alteraram as bases de apoio político da Ditadura Militar.

Porém, neste campo de construção de sentidos, ainda se configurava uma multiplicidade de ações, que conjugadas, mantiveram, até 1985, a funcionalidade do Poder Executivo sob o comando dos generais.

4.1 A EDUCAÇÃO NO BRASIL MILITARIZADO

De modo particular, como esta investigação trata do Ensino de Filosofia em uma escola de Segundo Grau, a partir daqui, constitui uma compreensão geral da

educação no Brasil militarizado. Então, início por introduzir a realidade escolar no contexto da Ditadura Militar, tendo como base os estudos de Fazenda (1988), a qual afirma que o governo militar, ao prescindir de um projeto que preconizava, desde 1920, o acesso universal à educação, na verdade, criou um quadro de estratégias políticas que acabaram fragilizando o desenvolvimento do Estado. Porém, antes disso, a oferta do ensino público para todos já tinha sido intensamente debatida no governo de Juscelino Kubitschek, através de diálogos e polêmicas tematizadas entre os educadores, os quais defendiam a preponderância da educação pública, e aqueles que advogavam em favor do funcionamento eficaz das redes de ensino privadas.

Mediante tais contradições, segundo a mesma autora, discutiu-se em larga escala o modelo de educação a ser seguido no país, pois, conforme o governo, o ensino nacional devia ter suas bases ancoradas nos saberes práticos dos professores e nos estudos das concepções educacionais produzidas em outros países, a partir de ideias e projetos voltados à teoria do capital humano. Por esta ótica, independentemente da qualidade das argumentações constituídas em favor da escola pública, visto considerarem que cabia ao “Estado” prover o funcionamento das redes de ensino no Brasil, essa proposta foi descartada “[...] porque ia contra a proposta política de Juscelino Kubitschek, de fortalecimento do setor privado” (FAZENDA, 1988, p. 20).

De acordo com a mesma autora, neste panorama de ajustes na condução política e dos necessários adensamentos do sistema de produção do país, ocorreu a constituição de uma organização administrativa em que a economia ficou a encargo, basicamente, dos setores dominantes, cujas ideias e ações constituíram o fortalecimento do Poder Executivo, tendo como consequência, já nessa época, o início dos processos de fragilização dos espaços de intermediação política do Poder Legislativo. Ao contrário disso, na metade da década de 1950, nos demais países, nos quais vicejava a democracia, os representantes do povo eram os principais gestores das estratégias políticas de ensino, em consonância com os princípios pertinentes às sociedades liberal-democráticas.

Posteriormente, conforme a mesma autora, em 1961, a educação foi mais uma vez submetida a mudanças, por ocasião da breve passagem do governo de Jânio Quadros no Poder Executivo Nacional. Nessa conjuntura política, o ensino dos/as jovens secundaristas teve seus objetivos direcionados à formação de

competências em nível técnico; ou seja, já neste tempo, a educação foi concebida na ótica das especializações e do crescimento econômico do Brasil.

Para responder a este fim, Fazenda (1988, p. 21-22) ainda expõe que foram estabelecidas as seguintes instituições:

Conselho Federal de Educação em 1962, à atuação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), à vinculação a organismos estrangeiros UNESCO, OEA, FAO, OIT alicerçando-se, sobretudo na *Carta de Punta del Leste* (responsável por uma série de assinaturas entre o MEC (Ministério de Educação e Cultura) e a USAID (Agency for International Development). Além do “colonialismo científico”, o país nos anos 60-70, de toda uma vigilância manifesta das potências estrangeiras, através do projeto Camelot e do CIES (Conselho Interamericano Econômico e Social) Secretária da OEA para assuntos culturais, científicos e de informação tivemos: o impedimento e uma compreensão real de nossas dificuldades educacionais, através dos diagnósticos e previsões parciais dos Planos Nacionais de Desenvolvimento, produzidos por “tecnocratas” para atender e “camuflar” as exigências do “modelo”.

No decorrer da década de 1960, para dar conta da reforma do sistema educacional brasileiro, o governo contou com a assistência de entidades estrangeiras, as quais o auxiliaram na elaboração de métodos de ensino e na produção de diagnósticos. Isto, com o propósito de analisar as condições da instrução escolar oferecida às crianças e aos jovens no âmbito da educação pública e privada, para criar, a partir destas técnicas, um modelo de formação educacional que qualificasse o ensino, tornando-o, assim, um dos principais suportes à readequação da economia nacional, tendo por base o *pragmatismo instrumental*⁷.

Nessa linha de análise, Saviani (2005) também salienta que os objetivos educacionais que compunham os planos de ensino voltados à aprendizagem em 1964 foram propostos para atender a aquisição de conhecimentos gerais por parte dos alunos. Desse modo, o ensino funcionava, muitas vezes, associado às generalidades da história e da religião, tendo como pano de fundo uma abordagem superficial da História da Filosofia.

Com vistas a este mesmo objetivo, o governo militar implantou, no início década de 1970, por meio da LDB/1971 (BRASIL, 1971), o ensino profissionalizante, com uma significativa adesão da sociedade civil, o que lhe creditou eficácia e

⁷ Vale observar, novamente, que a condução destas mudanças foi oportunizada pelo capital externo, emprestado pelas economias denominadas desenvolvidas, através do FMI.

legitimidade para operacionalizar esta legislação na esfera do ensino nacional de Segundo Grau. Tal dispositivo legitimou a presença do ensino religioso no Estado laico como uma permanência histórica nas grades curriculares; sendo que, no Segundo Grau, era tido como uma disciplina a ser obrigatoriamente ofertada pela escola, mas de caráter opcional para os alunos.

Fazenda (1988) também observa que, nessa conjuntura, ocorreu o abandono de um programa de educação liberal em favor do predomínio das ideias cívicas, enquanto suporte do projeto desenvolvimentista instituído na formação das crianças e jovens. Assim, muitas pessoas cresceram neste ambiente, sendo expropriadas do direito ao exercício das liberdades políticas e civis; dadas as condições instrumentais e doutrinárias estabelecidas por um modo de ensinar imposto pelo autoritarismo político e militar.

Ainda, sobre as questões controversas no cenário da educação nacional, Saviani (2008) apresenta algumas considerações tecidas no simpósio realizado entre agosto e novembro pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) junto ao governo, cujas práticas se efetivaram em dezembro de 1964, no qual foram tematizadas as orientações para o ensino nacional. Este instituto tinha, como uma das metas prioritárias, conduzir as ações a serem seguidas no ensino brasileiro em todos os seus níveis de formação.

Para tanto, produziu-se um registro geral, com a descrição criteriosa das principais ideias que conduziram o evento, cujas descrições davam ênfase à atualização da economia e das demandas do mercado, enquanto importantes princípios que passariam a conduzir o ensino dos estudantes brasileiros. Este fato implicou o posterior planejamento de um modelo de escola na qual a função era formar sujeitos aptos a garantirem o crescimento dos setores produtivos, dentro das premissas do capitalismo e, por conseguinte, do aporte de capitais.

Os efeitos desta conversão de olhares postos sobre o ensino público foram sentidos até mesmo pela “escola primária, que nessa perspectiva foi igualmente colocada, na dimensão da produtividade”.

Em síntese:

A orientação geral traduzida nos objetivos indicados e a referência a aspectos específicos, como a profissionalização do nível médio, a integração dos cursos superiores de formação tecnológica com as empresas e a precedência do Ministério do Planejamento sobre o da

Educação na planificação educacional, são elementos que integrarão as reformas de ensino do governo militar (SAVIANI, 2008, p. 295).

Os estudos sobre as temáticas e orientações produzidas nesse simpósio tiveram sua sequência no desenvolvimento do seminário “A Educação que nos convém”, por meio do qual o ponto de vista apontado nos debates do primeiro evento pontuou, mais uma vez, os interesses das classes empresariais, elucidando, assim, os propósitos da instrução escolar desejada para desenvolvimento do país. A partir destes atravessamentos, as intenções do governo militar em consolidar uma concepção de ensino corporativo ficaram claras, bem como seus objetivos, voltados à análise e ao enfrentamento de certas contradições ainda vivenciadas na escola.

Ao analisar este cenário, Saviani (2008, p. 296) descreve que a organização deste evento configurou-se da seguinte maneira:

A iniciativa da organização do Fórum se pôs como uma resposta da entidade empresarial à crise educacional escancarada com a tomada das escolas superiores pelos estudantes, em junho de 1968. Durante os meses de julho, agosto e setembro, o IPES se dedicou à preparação do evento, que se realizou de 10 de outubro a 14 de novembro de 1968. Teve papel decisivo na organização do evento Roberto de Oliveira Campos, que havia sido ministro do Planejamento do governo Castelo Branco entre 1964 e 1967, situação em que definiu a política econômica do regime militar e implementou suas principais medidas. A ele eram submetidos os temas e os sumários das conferências e os nomes dos participantes a serem convidados.

Saviani (2008) informa que, nessa ocasião, foi tratado em torno de onze (11) temas acerca da educação, correlacionados de maneira extensiva a suas áreas de conhecimento. Ainda se encontravam, na proposição destes estudos, alguns pontos vagos, resumindo-se aos seguintes tópicos: quatro analisaram o ensino, abrangendo suas generalidades no tocante as suas práticas; e os outros seis trabalharam as questões peculiares aos processos de qualificação profissional nas universidades nacionais.

Por último, um dos temas foi reservado às conclusões constituídas nos trabalhos gerais da conferência, dos quais foram retirados os princípios norteadores para a elaboração do ensino a ser aplicado em âmbito nacional, em face do necessário atendimento das demandas do mercado e da sociedade. Estes delineamentos foram sintetizados na súmula final do evento, objetivando-se a melhoria das condições educacionais voltadas à formação para o trabalho.

Conforme o autor, nestas discussões, a importância e a singularidade das culturas locais constituídas no entorno da vida das pessoas foram renegadas, em uma atitude de desrespeito às comunidades territorializadas nas periferias do país. Por conseguinte, estes descompassos produziram um projeto de educação marcado pela ausência do reconhecimento das realidades cotidianas da população brasileira. Vale observar que esta concepção de ensino antecede a aprovação da reforma educacional de 1971, e na verdade, prepara os caminhos para a sua posterior construção.

Em correlação ao exposto, Ferreira Jr. e Bittar (2008, p. 340) consideram que:

[...] o projeto “Brasil, país do futuro”, assentado no processo de modernização autoritária das relações capitalistas de produção, repercutiu, em decorrência das demandas científicas e tecnológicas que a sociedade urbano-industrial exigia tanto no âmbito da reforma universitária de 1968 quanto na reforma da educação básica que instituiu o sistema nacional de 1º e 2º graus, em 1971. [...] os objetivos propugnados pelos governos dos generais-presidentes: primeiramente, os planejamentos econômicos, nos quais estavam estabelecidas as diretrizes que vinculavam organicamente economia e educação, e depois a materialização dessas diretivas no âmbito das reformas educacionais [...].

Nesse contexto, os projetos de desenvolvimento econômico e da reforma do ensino nacional foram idealizados pelo governo, vinculados às metas políticas de adequação sistemática da economia e da educação, em que o equilíbrio da estrutura estatal residia na mediação política, concentrada na Autoridade Executiva. Por fim, foram constituídas as seguintes metas estruturantes, que deram forma aos propósitos do governo: “Plano de Ação Econômica do Governo (1964-1966), Plano Decenal de Desenvolvimento Econômico e Social (1967-1976), Programa Estratégico de Desenvolvimento (1968-1970) e Reforma Universitária (1968)” (FERREIRA JR.; BITTAR, 2008, p. 341).

O governo militar construiu tais medidas por meio de expedientes oficiais concatenados a pactos políticos, para potencializar a produção de capitais e a educação, alavancando o crescimento das estruturas financeiras. Nessa perspectiva, os pilares da reforma do ensino nacional estão assentados na Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, cujo ato elaborativo ocorreu em 1971, tendo, como uma das prioridades, fundamentar a instrução técnico-profissional no Ensino de Segundo Grau – Qualificação Para o Trabalho.

Ao seguir esta mesma linha de compreensão, Ferreira Jr. e Bittar (2008, p. 343) compreendem que, para cumprir com o projeto de desenvolvimento do país:

[...] o regime militar primou por estabelecer um governo de técnicos, com base no fortalecimento centralizador do Poder Executivo e pautando as ações administrativas pelo primado do econômico sobre os aspectos políticos e sociais. Neste contexto, a ideologia tecnicista serviu como um invólucro mistificador do projeto “Brasil Grande Potência” que os governos dos generais-presidentes utilizaram para justificar a supressão das liberdades democráticas e, por conseguinte, a repressão política que se abateu contra as tendências oposicionistas. Assim, a propensão em transformar o Estado aos moldes de uma grande empresa, gerenciada por técnicos que absorvessem as funções da política pela dita eficiência que eles representavam, constituiu-se no leito da ideologia tecnicista que embalou o regime militar.

Por este ângulo de entendimento, as ações e as leis brasileiras foram reeditadas, com o fim de transformar o país em uma nação impetuosa e desenvolvida, frente às economias de relevo global. Logo, os dispositivos de poder (as leis e seus arranjos institucionais) eram constantemente atualizados, no intuito de revitalizar o processo de organização dos programas de desenvolvimento socioeconômico pretendidos pelo governo, cujos sentidos, foram articulados a partir de uma perspectiva doutrinária e de um paradigma de ensino tecnicista, voltado mais uma vez ao atendimento da iniciativa privada.

Também acerca dessa temática, Aranha (1996), ao analisar a educação vigente neste período, reafirma que condução do ensino se deu de forma autoritária, haja vista a pouca participação do Poder Legislativo na produção dos projetos educacionais e das políticas sociais, pois:

Os brasileiros perdem o poder de participação e crítica, a ditadura se impõe, violenta. Uma sucessão de presidentes militares fortalece o executivo e fragiliza o legislativo. Diversas medidas de exceção acentuam o caráter autoritário do governo: Lei de Segurança Nacional, Serviço Nacional de Informação, prisões políticas, inquéritos militares, proibição do direito de greve, cassações de direitos políticos, exílios e etc. (ARANHA, 1996, p. 211).

Por conseguinte, os espaços de participação política em vários momentos foram fechados, ou passaram a ser monitorados de maneira constante. Do mesmo modo, ocorreram ações de inspeção nas instituições de ensino e os cargos administrativos das direções e chefias de setores passaram a ser indicados pelo governo. Semelhante atitude foi adotada na gestão do Poder Executivo das

Unidades Federativas do Brasil e de muitas cidades tidas como bases da segurança nacional. Daí decorreu uma redução significativa das eleições, incluindo as representações majoritárias nas capitais e em algumas cidades de grande porte ou naquelas situadas em territórios estratégicos.

4.2 REORDENAMENTO, VIGILÂNCIA E TECNOCRACIA NA ESFERA DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE 1964

Neste subcapítulo, aprofundo a compreensão das estratégias de controle adotadas junto às práticas da tecnocracia que configuraram as atividades de gestão do ensino e da economia brasileira durante a vigência do governo militar, como produto de um reordenamento de políticas públicas. A partir dos estudos de Fazenda (1988), Ghirdelli Jr. (1994) e Ferreira Jr. e Bittar (2008), é possível entender que a provisão dos projetos voltados ao ensino nacional tem suas aplicações práticas direcionadas ao cumprimento das demandas educacionais, conduzidas com ênfase e por meio do assessoramento realizado por especialistas advindos dos países desenvolvidos, entre estes, os Estados Unidos. Isto, mediante o propósito de acelerar a produção de capitais e constituir núcleos de formação profissional nas áreas das ciências, a fim de operacionalizar os novos saberes nas instituições de ensino básico e superior, para servirem às fábricas e às empresas nacionais.

Ainda, de acordo com Fazenda (1988, p. 21-22), o governo, movido por esta conversão de olhar, buscou “[...] atender aos interesses que determinariam seu modo de ser. A escola passou a ser tutelada por este “mandarinato tecnocrático”, que conduziu o educando de cidadão a operário”. Devido a estas circunstâncias, o acesso desta classe a uma formação educacional de qualidade ficou restrito, inclusive nas instituições de Ensino Médio.

Portanto, uma das muitas estratégias adotadas para evitar a constituição de focos de resistência nessa fase, foi o controle sobre os conteúdos ministrados pelos professores e professoras nas escolas. De modo particular, foi estratégico, naquele período, silenciar os estudos das teorias que poderiam instigar os alunos a questionarem o regime vigente, o cerceamento das liberdades políticas e civis e as técnicas de manutenção do poder.

Sobre as questões acima expostas, evidencia-se o fortalecimento da Ditadura Militar, que ainda no decurso do primeiro ano de governo elabora fortes dispositivos

jurídicos, para controlar as manifestações dos estudantes em todos os níveis de ensino. Assim:

Em 9 de novembro de 1964 foi baixada a Lei nº 4.464, conhecida como Lei Suplicy (ministro da educação na época). Esta lei procurava acabar com o movimento estudantil ao transformar as entidades dos estudantes em órgão dependente de verbas e orientações do Ministério da Educação. A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi substituída pelo Diretório Nacional dos Estudantes; as Uniões estaduais foram substituídas por diretórios estaduais. Os estudantes não podiam se reunir, discutir seus problemas, reivindicar mais vagas e melhores condições de ensino (PILETTI, 1996, p. 117-118).

Conforme o autor, a consequência destas medidas constitucionais de controle sobre os alunos e professores, também feriu o direito ao ensino firmado dentro de um viés republicano. Por este motivo, construíram-se estratégias de conformação aos ideais dos militares, que enclausuraram os desejos e as expectativas de liberdade dos indivíduos/da população, de modo singular dos jovens, destituindo-os do direito ao contraditório, ou seja, de manifestarem suas opiniões.

Para dar conta das práticas de controle sobre os professores e jovens, de acordo com Piletti (1996, p. 115), até mesmo algumas instituições escolares foram ocupadas de modo hostil, sendo que: “[...] muitos professores e estudantes foram presos e exilados, e todas as escolas passaram a ser observadas por agentes dos órgãos de informação do governo sob o controle do Serviço Nacional de Informação (SNI)”. Também, na Universidade Federal de Brasília (UNB), houve o pedido de demissão de seu reitor, em virtude da tomada da instituição por membros do exército durante o “mês de abril de 1964”. No ano seguinte, como reação a este ato de violência expressiva: “[...] cerca de 200 dos 283 professores demitiram-se em solidariedade a quinze colegas afastados pelo reitor por razões políticas” (PILETTI, 1996, p. 115). Mediante o exposto, cabe então questionar: como ensinar em um contexto de controle do Estado sobre os fazeres pedagógicos, seja na escola, seja nas universidades?

Neste contexto, as instituições de ensino têm seus fazeres pedagógicos submetidos ao controle incisivo do governo, logo, abandona-se, de acordo com Fazenda (1988), a concepção liberal de que era de ordem do Estado prover a escolarização de todos, sem distinção de classe social, com seus princípios voltados ao exercício da liberdade. Conforme a autora, através dessas práticas sociais, prescindiu-se, no país, da importância concedida aos princípios liberais que

norteavam pretensamente a formação intelectual e a profissionalização dos indivíduos antes de 1964.

No entorno destas mudanças, os ideais republicanos pensados no campo do ensino sofreram uma inflexão contínua no curso deste tempo correspondente à militarização do Poder Executivo, devido à prevalência das estratégias de desenvolvimento econômico e cultural, com vistas à mão de obra. Prontamente, esta revolução às avessas, legitimada por leis editadas sem a ampla participação do Poder Legislativo, ocasionou, em particular, um retrocesso no universo da educação, através da regulamentação da LDB/71.

Na produção histórica dos mecanismos de poder regulatórios do Estado, conforme Horn (2000), ainda em 1961, a Lei n. 4.024/61 (BRASIL, 1961) deixa a encargo do Conselho Federal de Educação (CFE) a composição do currículo obrigatório e determina ser da alçada dos Conselhos Estaduais de Educação (CEE) recomendar: as “disciplinas complementares”, ou seja, aquelas que poderiam ou não constar no currículo escolar. Por indicação desta lei, a Filosofia não foi listada entre as disciplinas atribuídas como indispensáveis no ensino escolar secundário:

Portanto, a filosofia, em âmbito nacional, ficou sugerida como disciplina complementar do currículo, perdendo o caráter de obrigatoriedade. Para piorar, mais tarde, com o golpe político de 64, tornou-se uma mera disciplina optativa, com sua presença na grade curricular passando a depender da direção do estabelecimento de ensino, representando, do ponto de vista do seu ensino um claro retrocesso (HORN, 2000, p. 28).

O Estado Militar, igualmente, operou táticas de supervisão e controle dos cidadãos brasileiros, através da edição e do uso de leis, a serem aplicadas no processo de disciplinarização da sociedade. Entre elas novamente reafirmo, para que não seja ignorado pelos/as brasileiros/as, a severidade do Ato Institucional (AI) Número 5 - AI-5, construído no ápice do endurecimento da Ditadura Militar, aprovado em 13 de dezembro 1968. A partir daí, com a força deste dispositivo, foram impetradas formas rígidas de vigilância e domínio sobre a população, estendendo-se até 1978, quando foi revogada a sua validade, em face dos sintomas sociais provocados pelo início da reabertura política no Brasil.

Os diversos sentidos adversos peculiares a este panorama político se mostram da seguinte forma:

Encontramos na escola no início da década de sessenta um clima de agitação social, reflexo da situação opressora que vinha acontecendo. Na escola as vozes dos estudantes fazem-se cada vez mais presentes, mas bruscamente são abafadas em 1964, através da extinção da UNE (União nacional dos estudantes), dos Decretos-leis 53/66 e 252/67, culminando na criação do Ato institucional nº 5. Também as vozes dos docentes são bruscamente caladas, através do controle ideológico na universidade e do chamado “terrorismo cultural”. Todos os aparelhos de estado inadequados às atuais propostas foram desativados e a situação da escola, cuja principal função deveria ser a formação de consciências, foi transformada para atuar preferencialmente no campo da produção da economia de mão-de-obra (FAZENDA, 1988, p. 22).

Mediante este contexto, a autora explicita que surgem, nas grades curriculares das escolas e das universidades, as disciplinas voltadas ao estudo do civismo/respeito à pátria, instituídas com os nomes de Educação Moral e Cívica (principalmente nas unidades escolares de Ensino Básico) e de Organização Social e Política do Brasil, bem como os Estudos Políticos Brasileiros (nas universidades).

Em suma, a composição destas práticas de poder contou com o uso das tecnologias de tortura, dos saberes pertinentes à moral e à religião, utilizados ora para controlar os atos de resistência política dos cidadãos indômitos à ditadura, ora para produzir a verdade do Estado sobre o prisma da violência e da ideologia do civismo e dos bons costumes.

Quanto ao ensino dos jovens, este controle se deu por meio da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971), que ao tornar optativo certo núcleo de disciplinas humanísticas, cerceou a liberdade de pensar. A respeito disso, Aranha (2000) declara que atos de vigilância impostos durante a Ditadura Militar se estenderam a toda a rede nacional de ensino e, em muitas escolas, estas ações ocorreram de forma severa, com o fim de estabelecer uma consensualidade forçada no processo de regulação do autoritarismo, dirigido inclusive aos diversos setores da economia nacional. As contradições às experiências pedagógicas instituídas na formação educacional e profissionalizante conduziram uma boa parte dos profissionais envolvidos no âmbito das instituições de ensino no Brasil a construírem espaços de adesão, no intuito de homogeneizar os confrontos ideológicos de esquerda, em consonância com a realidade posta pelas autoridades executivas.

Deste modo, a vigilância sobre os conteúdos estudados no Segundo Grau e no ensino superior foi utilizada como uma ferramenta para moderar e controlar os ímpetos de resistência dos estudantes e professores, bem como seus modos de pensar. Esse fato explica a condição optativa da Filosofia na grade curricular de

Segundo Grau a partir da LDB/1971 (BRASIL, 1971). Em conformidade com este dispositivo, tem-se a seguinte prescrição:

Art. 7º Será obrigatória à inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto a primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969 (BRASIL, 1971).

Logo após, está descrito nesta lei, em *Parágrafo único*, que: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais dos estabelecimentos oficiais de 1º e 2º graus” (BRASIL, 1971). Como se pode constatar, não tem qualquer indicativo na lei em questão acerca da presença da Filosofia no currículo do Ensino Básico. Isso decorre, como já foi posto, devido ao controle e à vigilância do Estado sobre as disciplinas e os conteúdos a serem ensinados na escola.

Este fato implica, segundo Gallina (2000), a retirada da grade curricular obrigatória, além do ensino de Filosofia, as disciplinas “de sociologia e psicologia”. Isto se dá também pela ausência de uma tradição no estudo da Filosofia, como um saber voltado ao livre pensar e à criação de novos conceitos conectados à realidade brasileira. Como também a condição frágil na LDBEN/1996 (BRASIL, 1996), na qual, embora os saberes filosóficos sejam colocados como necessários ao pensar crítico e à cidadania, não aparecem, ainda, nas enunciações deste documento, como um estudo obrigatório.

A racionalidade adotada na vigilância e na inspeção constantes, até mesmo dos pequenos focos de manifestações sociais no Brasil, teve como objetivo a contenção de possíveis ramificações das redes de resistência entre a população. Em particular, a contenção das manifestações contra o regime militar foi realizada através das ações do exército, da polícia e dos demais agentes do Estado, os quais circulavam tanto no interior das instituições de ensino como fora delas, ou seja, onde houvesse sinais de movimentos contra o governo.

Diante disso, as condutas consideradas mais irrelevantes foram sentenciadas pela imputação de suspensões, prisões e expulsão dos alunos e alunas insubmissos às ordens das autoridades estatais, enquanto uma estratégia para eliminar as conflitualidades no âmbito social. Por consequência a LDB/71, também tornou determinadas disciplinas curriculares opcionais na escola, colaborando a

normalização do funcionamento destas unidades de ensino, pacificando, de forma doutrinária e alienada, a juventude.

Assim, o Estado, em suas assertivas, determinou a introdução, nas escolas, dos estudos obrigatórios dos conceitos cívicos e da ideologia vigente, por meio das disciplinas de Moral e Cívica e OSPB, cujos conteúdos priorizavam os valores familiares, a ordem e a adoração dos símbolos nacionais, conforme argumentam Cartolano (1985), Piletti (1996) e Aranha (1996). Então, a retirada da Filosofia do currículo obrigatório foi uma tática disciplinar operada de modo relacional, em que a repressão, por vezes, foi sutil, ou seja, realizada sem o uso da coação extrema, ou da violência física contra os corpos dos estudantes.

Contudo, a visibilidade da força coativa fazia-se presente na escola através da imposição de preceitos cívicos e religiosos, estendendo-se às vivências pedagógicas dos/as professores/as em todos os níveis de formação educacional, junto à inspeção sistemática das instituições educacionais e ao monitoramento das manifestações contrárias à presença dos tecnocratas no interior das escolas e das universidades. A partir destas estratégias, a Filosofia perde seu espaço no processo de escolarização dos jovens no Segundo Grau, sendo gradativamente recortada das grades curriculares na grande maioria das escolas brasileiras. Mediante o exposto, produz-se um padrão de disciplinamento sobre o pensar, o qual teve como propósito dificultar as leituras que oportunizassem a compreensão dos jovens acerca da importância da liberdade civil e de seus possíveis atravessamentos na luta pelo retorno da democracia.

Nesse sentido, analiso também parte das orientações constituidoras dos dispositivos legais nas LDB/71 (BRASIL, 1971) e LDBEN/96 (BRASIL, 1996), salvaguardando os aspectos que remontam à historicidade destas experiências sociopolíticas e culturais que tratam da condição optativa da disciplina de Filosofia na escola, no âmbito da produção de ambos os textos e da consequente outorga de suas diretrizes; preservando o distanciamento temporal entre tais concepções, com base em Silva (2007). E, do mesmo modo, considero aqui algumas posturas do Poder Legislativo, as quais denotam certa aproximação das atitudes constitucionais no que se refere à participação incisiva, ou, à presença parcial da vontade legislativa, tal como ocorreu na outorga da LDB/1971.

Assim, inicio por observar mais uma vez que, entre as definições gerais constituidoras da LDB/71 (BRASIL, 1971), está à determinação que torna a Filosofia

uma disciplina opcional. Além disso, a elaboração deste documento se deu com escassa discussão na esfera do Poder Legislativo.

Por conseguinte, no contexto das mudanças educacionais durante a Ditadura Militar, houve a prevalência do projeto pragmático de formação de mão de obra, em conformidade com os interesses do governo e do mercado de capitais (FERREIRA JR; BITTAR, 2008). Nesse prisma, o ensino foi submetido ao controle da ideologia cívica, denegando-se a aquisição dos saberes pertinentes à disciplina de Filosofia, como uma estratégia de reorientação dos modos de pensar dos alunos. Esta restrição de sentidos da presença da Filosofia concerne à maioria das escolas brasileiras. Com o advento do Segundo Grau – Qualificação Para o Trabalho, sob a determinação da LDB/71 (BRASIL, 1971), a prioridade do Ensino Básico foi definida desta forma:

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

Logo, a implantação da LDB/71 se deu atravessada pela rigidez das ações políticas adotadas no regime militar. No entanto, a partir de 1974, foram abertas, no interior desse regime de governo, pequenas fendas, as quais possibilitaram a formação de redes de resistência em luta pela abertura política, cujas articulações mostram maior intensidade já ao final desta década; seja nos debates, nas atividades ou nas mobilizações pelo retorno das liberdades políticas e civis.

No ambiente de crise nacional, os manifestos de intelectuais e de professores favoráveis à presença da disciplina de Filosofia adquirem visibilidade. Segundo Aranha (1996, p. 216):

[...] por volta de 1980, já era amplamente fracasso da implantação da LDB, e a Lei nº 7044/82 dispensa as escolas da obrigatoriedade da profissionalização, sendo retomada a ênfase para a formação geral. Nos debates é intensificada a luta pelo retorno da filosofia excluída do currículo. Pelo parecer nº 342/do Conselho Federal de educação há um tímido recomeço, em que a disciplina de filosofia ressurgiu como disciplina optativa. Nesse processo todo nada foi conseguido de graça, mas com trabalho intenso das forças da sociedade civil.

Nesse sentido, verifica-se a abertura de importantes espaços voltados às discussões da redemocratização do país e das possíveis readequações do ensino

escolar, com a revisão das grades curriculares do Ensino de Segundo Grau – Qualificação Para o Trabalho; e, nessa ordem, com a revogação deste paradigma educacional, em virtude da sua ineficácia na formação dos alunos e dos poucos resultados decorrentes da sua aplicação na potencialização do sistema produtivo nacional.

Somente anos depois, por ocasião do processo de enfraquecimento das mediações do Governo Militar na esfera das práticas sociais, políticas e culturais, que a presença da Filosofia⁸ na escola conquistou um lugar, ainda instável, na parte diversificada/complementar do currículo, sob as seguintes determinações:

Destarte, a lei n. 5.692/71- complementada mais tarde pela lei n. 7.044/82 -, intermediou o despojamento da massa crítica no país, reduzindo também a carga horária de outras matérias que instigavam à reflexão, como a história. A filosofia, através da parte diversificada, “poderia” se fazer presente no currículo pleno da escola, mas continuava sendo concebida em todos os cursos de Segundo Grau como disciplina optativa, para complementar o currículo Pleno (HORN, 2000, p. 28).

Na sequência desta compreensão, Horn (2000) expõe que, mesmo após a redemocratização do país, a Filosofia não retorna aos quadros escolares como disciplina obrigatória. Isto face às novas determinações da LDBEN/96 (BRASIL, 1996), pois a matéria referente a esta questão não contém a força necessária em sua redação que seja capaz de conceder clareza à condição conferida aos estudos filosóficos no currículo do Ensino Médio. Conforme Horn (2000), o conteúdo pertinente ao “artigo 36 da seção IV, título V”, acerca do “currículo do Ensino Médio”, é pontuado somente no “parágrafo 1º, inciso III”, ainda de forma indeterminada; pois sequer consta no texto da lei a nomenclatura da Filosofia como disciplina.

A partir desta orientação, a redação do texto, neste inciso, apresenta a seguinte configuração: “Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizadas de tal forma que ao final do Ensino Médio o educando demonstre [...] domínio dos conhecimentos filosóficos e sociológicos, necessários ao exercício da cidadania” (HORN, 2000, p. 28). Em suma, a LDBEN/96 mostra-se omissa quanto ao contexto conjuntural da Filosofia nessa modalidade de ensino, visto que

⁸ Sendo que, no ano de 1981, eu não encontrei nos arquivos do Colégio Manoel Ribas um diário sequer da disciplina de Filosofia, muito provavelmente em virtude dessa transição acerca de sua presença no Ensino de Segundo Grau.

sua presença enquanto componente curricular no Ensino Médio permaneceu dependente da postura pedagógica a ser adotada pelos (as) gestores (as) da escola.

Isto se deu em decorrência de que estas autoridades tornaram-se depositárias de autonomia para compor e discutir junto às suas comunidades (as quais representam) a grade curricular a ser instituída, em conformidade com a modalidade de ensino que ofertam. Desse modo, cada instituição possuía um espaço de apenas 25% da carga horária para oportunizar o acesso às matérias consideradas complementares, ou, os estudos optativos.

Sobre o assunto, Horn (2000, p. 29) afirma que:

Após mais de quatro séculos de caminhada no interior das práticas educativas formais, desde as “aulas régias”, os “cursos livres” ou sua configuração como “matéria optativa”, até o “caráter complementar”, a filosofia ainda não obteve a delimitação de seu lócus. Os discursos legais que a enaltecem, mas não a alocam pari passu aos conhecimentos obrigatórios, indicam que na prática pedagógica brasileira, a filosofia não superou a condição de um humanismo formalista, retórico, fundado no gramaticismo e na erudição livresca.

De acordo com Silva (2007), a LDBEN/96 (BRASIL, 1996) foi amplamente discutida através de trabalhos e debates oportunizados na sua feitura, os quais contaram com a ampla participação dos Poderes Legislativo e Executivo e das comunidades escolares. Contudo, houve certos impasses na sua finalização, pois alguns projetos importantes voltados à educação popular não foram aprovados, devido à rejeição da Vontade Executiva, ainda tímida em suas atribuições em tempo de democracia.

Por fim, somente no ano de 2008, a Lei 11.684/2008 (BRASIL, 2008) conferiu à Filosofia o *status* de disciplina obrigatória nos currículos do Ensino Médio, assim como para a disciplina de Sociologia. A partir da publicação deste dispositivo, foram determinadas as modificações para que se procedesse à inclusão destes saberes no processo de formação dos jovens, o qual segue descrito com a seguinte redação: “Art. 1º O art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações [...] IV - serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio” (BRASIL, 2008).

É relevante, então, que os/as professores/as e os/as pesquisadores/as do Ensino de Filosofia entendam a importância e o peso das permanências que sobrevêm desse passado, no qual as práticas sociais brasileiras, por vezes, não

aparecem no contexto dos saberes filosóficos produzidos em sala de aula. Assim, para desconstruir com “esta razão ornamental”, é urgente constituirmos uma releitura da educação escolar a ser colocada na ordem de nossas experiências, com vistas à produção de uma Filosofia que contradite a artificialidade epistemológica no processo de ensino da juventude.

5 O ENSINO DE FILOSOFIA DE 1979 A 1989: UM POUCO DA HISTÓRIA DE SUAS VISIBILIDADES NO COLÉGIO MANOEL COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Em princípio, fez-se necessário introduzir aqui uma análise acerca de como era educar e constituir espaços à Filosofia nas escolas, devido à falta de estrutura desses estabelecimentos e das marcas postas por um projeto de educação inacabado, feito no interior de um Estado Autoritário. Por consequência disso, as políticas públicas educacionais se mostraram, mesmo antes de 1979 e no decorrer da metade da década de 1980, ineficientes no provimento da formação profissional e na aquisição geral dos conhecimentos necessários ao exercício de autonomia no ato da aprendizagem.

De modo particular, embora a reflexão crítica fosse viabilizada na disciplina de Filosofia pelo acesso aos estudos dos conceitos filosóficos em sala de aula no Colégio Estadual Manoel Ribas - Santa Maria RS/ 8ª CRE- SEDUC; na prática, a construção desta habilidade e competência era sempre um desafio em um Estado Autoritário, o qual primava pelo ensino tradicional dos conteúdos e pela formação técnica do/as jovens estudantes. No entanto, mesmo que estas duas habilidades fossem necessárias à produção de uma análise crítica conjuntural das práticas sociais vivenciadas no contexto político do país, bem como para elaboração da escrita filosófica, muitas vezes, a aquisição desses conhecimentos era limitada na escola.

Assim, na extensão deste capítulo, eu realizo a compreensão dos entrecruzamentos e dispersões dos objetivos educacionais, os quais remetem aos modos como a Filosofia foi ensinada no Maneco, porque, mesmo sendo colocada como uma disciplina opcional, seus estudos permaneceram ofertados na grade curricular deste colégio. Nessa perspectiva, eu analisei parte de seus deslocamentos na dimensão daquilo que foi constituído no Ensino de Segundo Grau, em grande medida devido à alternância dos discursos regimentais, conforme já foi analisado no decurso desta investigação, posto que os dispositivos legais pertinentes à LDB/1971 fragilizaram a presença da disciplina de Filosofia no desenvolvimento da formação escolar dos/as estudantes secundaristas.

5.1 DIÁRIOS DE CLASSE DE 1979: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PRODUZIDAS NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA ATRAVÉS DA COMPREENSÃO DOS CONCEITOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS EM SALA DE AULA

A compreensão dos diários de classe da disciplina de Filosofia indica que foi proporcionado aos/as estudantes, na escola, espaços/tempos para estudo da filosofia, mesmo durante o governo militar (1979-1989). A seguir, constam os conteúdos comuns ao ensino de Filosofia ministrado pelas professoras e por um professor⁹ do Colégio Manoel Ribas, os quais aparecem com mais frequência nos diários de classe estudados ao longo da década de 1979 e nos primeiros anos da década de 1980; cujas práticas de ensino são consideradas significativas no contexto da atuação destas/es docentes, em um período no qual a importância do filosofar foi contraditada, em detrimento de um ensino escolar técnico-profissional.

Desse modo, foi feita uma análise integrada dos conteúdos descritos nos diários de classe, considerando a totalidade dos documentos que eu tive acesso, nos arquivos da escola. A partir destes materiais didáticos coletados, além de elaborar uma compreensão hermenêutica dos mesmos, eu coloco em visibilidade as práticas de Ensino de Filosofia ministradas no Maneco e procuro, ainda, mostrar como os conceitos filosóficos ensinados, nessa instituição, ao final dessa década.

Inicialmente, ponto que apenas a professora Catarina¹⁰ introduziu as aulas de Filosofia em 1979 a partir do estudo da mitologia grega. Após, ministrou os demais estudos filosóficos, comuns ao cronograma de ensino do *primeiro bimestre* a partir da introdução da Filosofia e seus aspectos gerais, voltados à análise de seus objetivos e relevância.

Na sequência, através dos conteúdos ministrados nos *Primeiros Bimestres* das turmas de Segundos Anos em 1979, é perceptível nas das descrições dos/as professores/as Catarina¹¹, Elizabete, Joana e Arthur, que foi abordado de modo geral, nas aulas de filosofia neste bimestre, os propósitos das “Ciências” em suas especificidades. Isso, mediante o redimensionamento dos seus campos constitutivos, compreendidos no âmbito do saber científico, de modo diverso. Em

⁹ O qual atuou na disciplina de Filosofia, de acordo com as informações dos diários de classe referentes ao ano de 1979 apenas no Primeiro Bimestre.

¹⁰ Os nomes das professoras que constam no presente texto são nomes fictícios para preservar o anonimato.

¹¹ As entrevistas das docentes Catarina e Joana se encontram transcritas, respectivamente nos Apêndices L e M.

suma, este conteúdo teve uma base constitutiva, considerando a sistematização das ciências e dos modelos de conhecimento por ela produzidos, em seus delineamentos teóricos e práticos.

Introdução à Filosofia; Importância e justificativa do estudo de Filosofia; O surgimento da Filosofia e o mito; Tipos de Conhecimento; Conhecimento vulgar e empírico; Conhecimento Científico; Conhecimento Filosófico; Conhecimento Religioso (DIÁRIO DE CLASSE).

Assim, no trato a respeito das formas de conhecimento, os docentes salientaram, em suas anotações, além dos saberes vulgar e empírico, um pouco do alicerce das noções da Religião, também, historicamente, colocada na dimensão de uma forma importante de pensar as relações de pertencimento e a fé do ser humano, abrangendo a estética de um jogo que se faz e reconstitui-se no tempo, renovando seus sentidos, no campo das leituras bíblicas ou dos cultos aos deuses de forma multifacetada, considerando suas diferenças manifestadas pela diversidade de crenças dos povos.

Quanto ao Segundo Bimestre, tem-se a composição dos conteúdos matizados pelos Estudos da Filosofia Antiga e Oriental, cujas descrições dos diários de classe se apresentam perfiladas pela História da Filosofia, haja vista seus aspectos introdutórios serem voltados, em primeira instância, uma narrativa cronológica do início da Filosofia na Grécia, seguida da apresentação das teorias filosóficas orientais, ambas, analisadas em uma perspectiva clássica:

Breve História da Filosofia Ocidental – Escola de Mileto; Os Pré-Socráticos; Os Sofistas; Estudo sobre Confucionismo; Estudo sobre verificação; Estudo sobre Taoísmo; Filosofia Indiana (DIÁRIO DE CLASSE).

Observo, de acordo com os traços das descrições destes conteúdos, que houve um aprofundamento no processo de ensino dos filósofos Pré-Socráticos, já que, na composição de seus enunciados, foi possível percebê-los em um processo mais amplo, o qual abrangeu grande parte da compreensão da Filosofia Antiga em seus começos e afirmações, enquanto uma nova produção do pensamento acerca das coisas, enfim, da *Physis* – da natureza em seus movimentos e transformações. No tocante ao pensamento de Heráclito, foi identificado o ensino do movimento dialético, situado no âmbito da transformação das coisas vivas, nos seus processos de deslocamento no eixo do tempo, na perspectiva do devir. Neste, a identidade e a relatividade se tocam na mudança do estado de ser para o não ser, logo a essência

de tudo está na própria transformação, na instância da temporalidade, ou seja, no ato de existir e findar-se na temporalidade do mundo; cujas, práticas didáticas denotam um momento significativo no ensino dos/as jovens, nesse período.

Ainda, consta nos diários destes docentes o detalhamento acerca da teoria de Anaxágoras sobre as homeomerias e das especulações de Demócrito a respeito dos princípios fundantes de seus conceitos, o átomo, a matéria e sua extensão. Fato, que demonstra a particularidade da consecução de práticas de ensino voltadas à valorização e ao aprofundamento da Filosofia Antiga, embora dentro de uma abordagem tradicional dos conteúdos. Por certo, a produção de tais conceitos adentra o universo da fase cosmológica, onde a explicação concernente à origem das coisas em seus movimentos, transformações e permanências é uma marca da escrita filosófica dos Pré-Socráticos, na qual a especulação se fez na ordem daquilo que podia ser observado de forma sistemática, através, das visibilidades apresentadas nos elementos da natureza.

Outro diferencial nas aulas de Filosofia em 1979 se mostra nos estudos das doutrinas filosóficas Orientais, também estudadas com base nas energias, bem como na natureza daquilo que é dado no mundo das coisas e no bem-estar, o qual, nesse caso, não significa a obtenção das coisas materiais e tampouco do prazer, mas refere-se a um estado de espírito e desapego seja das riquezas, seja na superação dos infortúnios da infelicidade.

Nesse sentido, estes conhecimentos foram estudados com base na Filosofia Oriental chinesa, delineada pelas percepções do Taoísmo, Confucionismo e da Filosofia Indiana, tendo como principais correntes o Hinduísmo e o Budismo, as quais também se baseavam, em parte, nestes princípios e, do mesmo modo, na concepção de que existe outra vida, após a morte do corpo terreno. Por conseguinte, estes estudos tinham como referência as circunstâncias acerca de como o homem se encontra posicionado e entende-se no mundo, com suas diferenças e similitudes em relação aos animais.

Em conexão com estes eixos temáticos foram ministrados no *Terceiro Bimestre*, os conteúdos que abarcaram a compreensão sobre:

O Homem e o animal; A condição humana; Semelhanças entre o homem e o animal; Fatores Intermediários; Diferença essencial entre o homem e o animal; Estudo sobre sensação e percepção; Estudo sobre a Imaginação e a fantasia; Estudo sobre a inteligência e desenvolvimento intelectual (DIÁRIO DE CLASSE).

Em linhas gerais, os tópicos acima citados, em suas pluralidades temáticas, colocam em ênfase os encadeamentos teóricos sistematizados na produção das aulas de Filosofia no respectivo período, as quais tiveram como temáticas centrais de acordo com o exposto, o entendimento dos conceitos acerca da sensação e percepção. Estas duas dimensões agregadas permitem ao homem sentir e compreender os nexos fornecidos pelas experiências de si mesmo (no âmbito da subjetividade) e na sua interação com as coisas do mundo, as quais podem ser conectadas e concebidas pelo movimento da sua inteligência.

Logo, é a sistematização racional dada pela lógica posta nas articulações da fala, da escrita e da capacidade de escolha frente aos nossos atos e decisões, que, em grande medida, define certas equidistâncias entre o comportamento dos seres humanos e dos animais. Porém, esta condição de racionalizar os fatos não redime o homem de seus instintos naturais, diante das suas inclinações e seus desejos, o que dimensiona certa proximidade entre as pessoas e os animais. No entanto, é esta mesma ordem instintiva que, também, nos torna, mais criativos e imaginosos; cujo limite é a existência do outro, a ser pensado no processo de construção dos atos mediativos de cada indivíduo no decurso de suas práticas sociais.

Na sequência do ano letivo de 1979, durante o andamento do IV Bimestre, o estudo da consciência encontra-se fundamentado pelas teorias tanto da Filosofia quanto da Psicologia, cuja abordagem se deu a partir dos seguintes estudos:

<i>Desenvolvimento da Consciência; Consciência Moral; Liberdade; Liberdade e Condicionamento; Tabagismo; Origem da Vida; A questão da Autoridade; Aspectos Éticos e morais; Os deveres e os direitos (DIÁRIO DE CLASSE).</i>
--

Em conformidade com as descrições dos diários de classe, estes estudos também incluíram a cognição dos conceitos relacionados ao subconsciente e à inconsciência, cujas descrições se mostraram inter-relacionadas no curso das aulas, com as dimensões da vida psíquica. Nessa direção, eu percebi, nas anotações deste bimestre, a presença singular das práticas de aprendizagem das categorias conceituais da psicologia, o que mostra, nesse contexto, certo afastamento dos conteúdos e objetivos da disciplina de Filosofia na escola. Visto que o trato destes assuntos convergiu no entendimento dos princípios da psique, entre eles os temas sobre: os hábitos humanos e os instintos. Muito provavelmente estes dois tópicos tenham sido relacionados à moral, à liberdade de escolha e a sua limitação diante

do condicionamento das pessoas, em relação aos seus vícios. Já que a dependência nos escraviza, enquanto sujeitos livres.

Por fim, os conteúdos referentes ao Ensino de Filosofia no Colégio Manoel Ribas em 1979 apresentam a configuração temático-conceitual, aqui posta de modo sistematizado, seguindo uma ordem relativamente semelhante aos diários de classe dos/as docentes que atuaram neste ano letivo, o qual encerra a década de 1970:

O Mito; Introdução à Filosofia, Importância e Objetivos; Tipos de conhecimento: Empírico, Científico, Filosófico e Religioso; Método e Conhecimento Filosófico; Ciência: Objeto material, formal e método; Método e Conhecimento Filosófico; Apresentação da História da Filosofia; Surgimento da Filosofia na Grécia; Filósofos Pré-Socráticos; Os Filósofos Jônios – A Matéria Única; Tales de Mileto, Anaximandro e Anaxímenes; Filósofos Pitagóricos - Pitágoras de Samos; Heráclito de Éfeso – A Materialidade, O Não-Ser e o Vir-A-Ser; Identidade e Relatividade – O Ser e sua essência; Heráclito – O Tempo e o Movimento; Pitágoras o número e a quantidade; Empédocles: Os Quatro Elementos; Anaxágoras – A Teoria das Homeomerias; Demócrito – A Teoria Atômica/ A Matéria/ A Extensão; Os Filósofos Sofistas; Período Antológico – Sócrates, Platão e Aristóteles; A Filosofia Oriental, Pensamento e Universo; Semelhanças e diferenças entre o homem e o animal; Estudo sobre inteligência; Percepção e desenvolvimento intelectual; Memória – A Consciência e seus níveis: seus aspectos gerais e funções; A divisão da consciência; O superego ou censura; Origem da vida; O ser humano e o meio social; A autoridade; O meio social e a liberdade; O Homem e seus direitos (DIÁRIO DE CLASSE).

Vale observar que, neste último bimestre de 1979, apenas a professora Joana trabalhou com conceitos transversais à Filosofia, a partir da aula expositiva estruturada pelo tema intitulado: “Maturidade e Velhice”, aproximando os jovens de importantes conceitos acerca dos processos que delimitam a historicidade de uma vida em suas fases constitutivas, abrangendo os sentidos do ato de existir e estar no mundo, vinculados de forma subsequente à indagação acerca do “Eu – quem sou eu?”, um importante questionamento realizado junto aos/as escolares. Ainda, dentro desse diferencial, também foi trabalhado o tópico referente aos Instrumentos Mentais do Eu – Mente Intuitiva, Intelectual e Espiritual. Igualmente, de modo conexo a estes conteúdos foi realizado um estudo temático através da leitura do texto: “O Sentido da Vida”, sem a citação das referências autorais e bibliográficas, o qual incita-nos jovens a pensarmos sobre o significado da vida, suas nuances, limites e desafios.

Ainda, no encerramento deste bimestre, foi abordado acerca da conjuntura da sociedade atual, definida pelo tema geral: “Sociedade”; “Propaganda – Sociedade de consumo”, cujos tópicos foram estudados por meio da apresentação dos estudos em sala de aula de modo dialógico. No tocante à composição da vida social, se pode inferir, em conformidade com os registros da professora Joana, que seu entendimento sobre este tópico foi entrelaçado à compreensão das relações de

consumo, visto seus sentidos mostrarem-se voltados à reflexão dos dispêndios (dos gastos) incitados, de modo geral, por meio de publicidade e Marketing dos produtos dispostos à venda, principalmente, nas sociedades de moldes capitalistas. Estas aulas finais traduzem uma aproximação dos conteúdos ensinados pela docente, com as realidades vivenciadas no dia a dia das/os jovens estudantes.

5.2 OS DIÁRIOS DE 1980: O ENSINO TRADICIONAL DE FILOSOFIA NAS BORDAS DA SUA PERMANÊNCIA NO COLÉGIO MANOEL RIBAS

Apresento a seguir excertos que compõem os diários de classe de professores/as de Filosofia¹² da referida escola, relativos ao *Primeiro Bimestre* de 1980, a cargo da professora Eulália¹³, a qual atuou nas seguintes turmas dos Segundos Anos no Colégio Manoel Ribas - Santa Maria/RS: 2-A, 2-B, 2-C, 2-E, 2-D e 2-F. Neste contexto de aprendizagem entre os/as jovens secundaristas, passo a pontuar, primeiramente, a importância da presença da Filosofia no Colégio Manoel Ribas, para, em seguida, elucidar as marcas de um ensino tradicional, cujos sentidos atravessam a década de 1980. No entanto, nesse mesmo processo produzido no ato de ensinar e aprender Filosofia, as novidades se fazem presentes em uma diversidade de práticas voltadas à leitura, breves momentos de iniciação à pesquisa e desenvolvimento das habilidades e competências peculiares à prática da oratória.

Em linhas gerais, apresento aqui alguns espaços tempos de produção pedagógica que delineiam o trabalho e o esforço das professoras na manutenção do Ensino de Filosofia no Maneco na década de 1980. No entanto, têm-se, no entremeio destas atividades, registros que apontam para certas repetições dos conteúdos, e por vezes, certo desaparecimento das atividades que envolviam o protagonismo dos/as alunos/as, bem como o retorno destas práticas mais dinâmicas, de acordo com as demandas de cada bimestre. Os percursos de aprendizagem também estavam relacionados ao envolvimento das turmas durante as aulas, com a reflexão dos conceitos filosóficos, leituras de textos não filosóficos, participação em palestras, produção de questionamentos e, do mesmo modo, com a aplicação de exercícios temáticos.

¹² Importante observar que a identidade dos docentes será resguardada a partir do uso de nomes fictícios.

¹³ Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena, atuou no Colégio Manuel Ribas durante toda a década de 1980.

Mas, de modo particular, eu enfatizo, no desenvolvimento desta pesquisa, os esforços dos docentes na produção das aulas de Filosofia e na organização dos diários, os quais mostram a diversidade e a qualidade dos temas abordados em aula, independentes de alguns momentos de repetições de determinados conteúdos, os quais eram ministrados, por vezes, de forma muito semelhante tanto nos Segundos Anos como nos Terceiros Anos.

Assim, no primeiro bimestre, como uma atividade comum ao início do ano letivo, ocorreu a apresentação geral da disciplina, a partir dos estudos introdutórios à Filosofia, com a realização dos testes de sondagem de interesses, seguidos de reflexão textual. Os conteúdos desenvolvidos, neste contexto, são apresentados logo abaixo.

Introdução e Justificativa do Estudo de filosofia; Surgimento da Filosofia na Grécia: Importância dos Mitos - Bases filosóficas (Escola Eleática); Importância e Significado da Filosofia; Tipos de Conhecimento: Conhecimento Vulgar e Conhecimento Filosófico (DIÁRIO DE CLASSE).

Notamos que os conteúdos desenvolvidos objetivaram elucidar os processos de organização do conhecimento e suas incursões na produção de um método do estudo da natureza (da *physis*) e daquilo nela contido, aliado à problematização de suas estruturas constituintes.

Após as atividades de ensino referentes à origem da Filosofia, sua relevância e significação conceitual, a docente realizou trabalhos de estudos dirigidos em todas as turmas, com o seguinte título: "Importância e Significado da Filosofia", envolvendo os alunos com a temática estudada.

Assim, verifiquei um diferencial no decurso desse bimestre: em algumas turmas, houve mais ênfase nos estudos dos tópicos sobre a Filosofia Antiga, conforme é especificado nos diários de classe, com maior detalhamento acerca da história da Filosofia, peculiar a esta época, encontrando-se listado, de forma singular, os conteúdos referentes à Escola Eleática. Em outras turmas, a abordagem acerca deste período é ministrada de forma sucinta, com menos aulas registradas sobre a Mitologia e a Filosofia Antiga.

Conforme Reale e Antisire (2003), os sujeitos que operaram as narrativas acerca dos mitos (fossem eles aedos ou poetas gregos) versavam de modo indireto sobre a realidade da vida nos primórdios do mundo antigo; em seguida, surgem os filósofos da arché, caracterizando a linguagem do princípio originário de todas as

coisas. Ainda hoje, estes saberes atravessam capítulos de livros e textos filosóficos, cujos aspectos teóricos, em suas dispersões, ainda produzem afetamentos singulares ao serem ressignificados em sala de aula junto aos/às jovens. Isso nos mostra um pouco das possíveis conexões a serem feitas nas aulas de Filosofia.

Contudo, a origem dos saberes filosóficos se encontra descrita de modo resumido nos diários da professora Eulália em todas as turmas pertencentes ao *Primeiro Bimestre* dos Segundos Anos de 1980¹⁴. Nas estratégias de ensino adotadas, a docente agrega a este processo de aquisição dos conhecimentos em sala de aula o estudo da mitologia. Por conseguinte, a poética acerca dos mitos¹⁵ e os processos iniciais da produção do pensamento filosófico constituem-se até hoje em um laboratório de muitas leituras e descobertas.

Esta experiência de pesquisa me proporcionou o retorno entre aquilo que se mostrava longínquo e, ao mesmo tempo, estava muito próximo de mim. Assim, nas ranhuras ou fendas do passado, os conteúdos da disciplina Filosofia, os quais constam nos diários de classe aqui estudados, indicam traços do que realizamos até hoje, com as noções gerais sobre “Mitos” e o “Conceito de Filosofia”. Para complementar esta análise, destaco uma citação de Spinelli (1990) sobre o conceito de Filosofia:

O próprio sentido etimológico do termo “Filo-sofia” o define como amor a “sabedoria”. Devemos então nos perguntar pelo o quê significa este amor e qual a sua real reciprocidade com o “conteúdo” da sabedoria. Veremos, aliás, que Filosofia é um tipo de atividade cuja “sophia” não se constitui num elemento passivo, e indica também uma qualidade, mas se refere enquanto “filo-sophia”, a uma “ciência teórica” dependente da tradição (das obras

¹⁴ Enfatizo que, a partir das minhas próprias experiências em sala de aula, percebo o encantamento dos alunos ao estudarem as metas-narrativas, que os instigam a pensar e a buscar referenciais teóricos e imagéticos sobre esta fase para comporem as atividades didáticas. Também procuro deixar claro que esta fase remonta a aspectos que conduzem às possibilidades de criação da Filosofia. Isso permite considerar as interfaces entre os conteúdos enunciados nas fábulas da mitologia com os processos que instigaram os filósofos a especular o ambiente natural no qual viviam, produzindo um deslocamento da versão mítica e sobrenatural para a compreensão sistemática da natureza-*physis*.

¹⁵ A partir das leituras de Bulfinch (2000) e Chauí (2000), observa-se que deste campo de saber emergem alguns modos de pensar a vida, vinculados à realidade, ainda que de modo indireto, dada a narrativa ser submetida à inventividade. Neste contexto, emergem os movimentos de seres sobrenaturais, cujas narrativas denotam uma visão de um mundo habitado por seres imaginários, por deuses/as dotados de beleza, força física e poderes extraordinários, divinos e mundanos. É de realçar que a proximidade destes seres com os elementos humanos (os homens) se dava pelo caráter antropomórfico que, em certa medida, isentava-os da perfeição plena. Assim, encontra-se, na narrativa dos mitos, o desejo próprio do amor (da carne/sexualidade), do ódio, da vingança e o ciúme: quando contritados em suas intenções, trapaceavam seus oponentes de forma indócil, com a imaginação abrangendo ações gloriosas, desde o extermínio dos inimigos até a sua maldição.

sábias), mas principalmente de um esforço atual de reflexão ou exercício racional (SPINELLI, 1990, p. 21).

Na retomada da compreensão dos diários de classe da professora Eulália, percebemos a sistematização do conteúdo sobre os “Tipos de Conhecimento” em todas as turmas. Na 2-A e 2-F, o início deste conteúdo se deu através do entendimento do “Conhecimento Vulgar”, trabalhado antes da aplicação de uma prova bimestral. Após a problematização sobre os sentidos do conhecimento, aconteceu, nas aulas subsequentes, a recuperação dos objetivos não alcançados nas atividades de aprendizagem realizadas no decorrer do bimestre. Aqui, também foi registrada a abordagem dos conhecimentos “Científico” e “Filosófico” de forma agregadora às atividades de problematização conceitual.

Na turma 2-B, ao término dos procedimentos avaliativos, foi desenvolvido apenas o assunto sobre o “Conhecimento Científico”, cuja abordagem também foi recorrente na turma 2-D; nas quais foi apresentado um aprofundamento teórico maior por meio da análise inicial do tema em questão, porém, não se estudou em ambas as turmas, o “Conhecimento Vulgar”. Nessa última turma, foi indicada a problematização acerca da pergunta: “Que é Conhecimento?”, junto ao entendimento da “Finalidade e Divisão da Ciência”. Quanto a 2-C foram abordados os três tipos de conhecimentos de forma pontual; já na turma 2-E, apenas o “Conhecimento Vulgar” e “Científico”¹⁶.

Quanto aos procedimentos de avaliação dos alunos, foram utilizados os seguintes instrumentos: aplicação de teste de sondagem¹⁷ no início do bimestre e,

¹⁶ No tocante às práticas pedagógicas referentes ao primeiro bimestre do ano de 1980, faço a observação de que, na turma do 2-C, houve a realização de um “questionário”, através do Serviço de Orientação Educacional (SOE), acerca do exercício da “liderança”. Também foi empreendida, nesta turma, por este mesmo departamento, uma atividade a respeito da “Prática Sobre Relacionamento Humano”. Fato que denota uma preocupação com a construção de lideranças para atuarem na turma, resolução de problemas e respeito ao convívio e ao cuidado deles entre si em sala de aula. Importante lembrar que isto ocorre em um momento de forte articulação dos mecanismos de manutenção do governo militar no campo de sua macroestrutura e do controle dos movimentos estudantis quanto às suas aspirações democráticas.

¹⁷ As atividades de sondagem eram comumente realizadas no Primeiro Bimestre Letivo dos Segundos Anos do Segundo Grau – Formação Para o Trabalho, cujo procedimento tinha como objetivo averiguar os conhecimentos gerais dos/as alunos/as adquiridos nos Primeiros Anos (a grade curricular dessa série não incluía a disciplina de Filosofia). Posteriormente à prática de sondagem, eram introduzidos os primeiros passos dos estudos filosóficos em sala de aula, os quais se davam, inicialmente, através da compreensão da Filosofia Antiga, tendo como base de conteúdos os princípios explicativos sobre a origem do mundo, por meio da compreensão e especulação dos elementos naturais – da *physis*.

após, estudos dirigidos¹⁸ e sua apresentação. Em linhas gerais, em todas as turmas, foram realizadas provas e, em seguida, os testes de recuperação dos conhecimentos aprendidos, que era uma prática peculiar de avaliação da época. Particularmente, foi realizado, na turma 2-D, um trabalho prático sobre relacionamento humano, visando à reorganização da turma, com ênfase na atuação coletiva dos/as escolares em sala de aula.

A seguir, descrevo os conteúdos ministrados no *Segundo Bimestre* de 1980:

Conhecimento Científico e Filosófico; Problemas do Conhecimento Humano; Teoria do Conhecimento; Objeto e Métodos da Filosofia: Método Dedutivo e Indutivo; Pré-Socráticos: Tales de Mileto, Anaxímenes, Anaximandro, Pitágoras e Demócrito, Heráclito e Parmênides; Doutrinas Filosóficas: Sócrates, Platão e Aristóteles (DIÁRIO DE CLASSE).

Estes conteúdos visavam a apresentar o pensar filosófico e a especulação acerca da natureza, discorrendo sobre como o pensamento antigo se organizava mediante as inquietações surgidas na fase originária da Filosofia, sobretudo quanto à importância de filósofos antigos e sua referência à *physis*. Por conseguinte, ensinar Filosofia Antiga em sala de aula, em 1980, pode ser considerado um importante desafio, com base na diversidade de conceitos sobre a natureza.

A segunda parte dos tópicos corresponde aos estudos voltados às questões éticas, como a liberdade, a política e as práticas sociais, cujos sentidos eclodiam no cotidiano dos gregos, na Polis, a qual produz as estruturas políticas responsáveis pela consolidação da Cidade-Estado, de modo a abordar várias correntes filosóficas de forma heterogênea. Nessa linha de trabalho, na sequência das aulas, foi explicado o pensamento de Sócrates, considerando os aspectos gerais, relevância e influência de suas ideias.

Em consonância com os conteúdos descritos nos diários de classe, Reale e Antisire (2003) e Chauí (2000) afirmam que Sócrates introduz, no pensamento filosófico grego, importantes tópicos a respeito do questionamento das verdades estabelecidas, por meio do ato do conhecer a si mesmo e ao outro, visto ser, na vida coletiva, que o homem realiza parte de sua existência, edificando, assim, suas concepções éticas. Tais processos demandam o exercício da problematização e da

¹⁸ Esta ferramenta pedagógica era constituída por práticas de leitura, pelas quais se produzia a compreensão dos sentidos do texto, aproximando os alunos dos conceitos filosóficos, desenvolvendo a oralidade nas apresentações dos trabalhos, bem como o desenvolvimento da escrita na forma de resumos e relatórios, geralmente elaborados em grupos.

crítica, construídas, nessa acepção, através da maiêutica, cujo método designa o processo do livre pensar e da produção das ideias. Isso acontece, conforme Reale e Antisire (2003), por meio da provocação aos jovens atenienses, que, ao serem desafiados pelo filósofo, por suas indagações e ausências de respostas, passam, então, a evidenciar suas próprias dúvidas. Diante disso, os jovens eram conduzidos, de modo dialético, a elaborarem suas próprias soluções aos problemas e às dúvidas que os afetavam, por meio do uso e esforço da razão.

Com efeito, estudar, nos anos 1980, um filósofo¹⁹ que apresentava uma maneira de pensar sustentada na crítica às verdades dadas pelo senso comum, pode ter produzido, nas aulas de Filosofia, alguns estranhamentos nos/as jovens, desacomodando-os/as frente à conjuntura política²⁰ imposta pelo regime militar. Portanto, entendendo que lhes foram dadas as possibilidades teóricas para que questionassem as estruturas de poder, as quais aviltavam o exercício pleno de suas liberdades. Logo, trabalhar junto aos jovens do Segundo Grau um filósofo como Sócrates, que primava pela autonomia do pensar sobre si e o outro, pode ter fomentado alguns sentidos e significados importantes naquele período específico.

No início do *Segundo Bimestre* de 1980, constata-se que foram retomados os conteúdos dos “Conhecimentos Filosófico e Científico” nas classes em que estes não haviam sido ministrados ou concluídos, com a complementação das atividades programáticas na turma 2-C, por meio do questionamento “Que é o Conhecimento?”. Assim, podemos considerar que a docente oportunizou, nessa classe, a reflexão sobre o conceito estudado em uma perspectiva investigativa.

Posteriormente, nessa mesma turma, tratou-se de gerar compreensão das singularidades inerentes ao “Conhecimento Filosófico”. Ainda vale observar que, na turma 2-D, houve a prática de complementação dos tópicos ensinados nas aulas anteriores enquanto um diferencial à aprendizagem dos/as alunos/as na sequência de seus estudos na disciplina de Filosofia.

¹⁹ Conforme Reale e Antisire (2003) é necessário ponderar a respeito dos estudos referentes a Sócrates em sala de aula, posto, que se trata de um filósofo que protagonizou, na sua existência, momentos contrapostos entre si. Em primeiro lugar, tendo em vista suas discussões com os jovens atenienses, numa atitude intrínseca ao ato de filosofar, ele vislumbrou o exercício da mais elevada liberdade de expressão na Polis ateniense. Em segundo lugar, a outra face deste contexto reside na interdição do seu modo de pensar a vida, a verdade, a virtude e a política, o qual causava descontentamento nas autoridades da Atenas democrata, culminando na condenação de Sócrates à morte, cuja sentença foi construída e aplicada por um governo democrático popular, que, por suas ações autoritárias, violou os princípios da liberdade e da democracia.

O ensino acerca da “Teoria do Conhecimento” foi realizado a partir da sistematização e da retomada dos estudos dos filósofos Pré-Socráticos. De acordo com os registros da docente, o foco dos estudos de Filosofia no Segundo Grau durante aquele ano se encontrava direcionado à análise das manifestações do pensar humano, com base em uma visão antropológica debruçada sobre os problemas do homem, dispostos na instância do vivido e das questões políticas, tendo como principais protagonistas destas ideias os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles.

Nas demais turmas (2-A, 2-E e 2-F), nesse mesmo período, as tarefas pedagógicas foram iniciadas com ênfase no entendimento dos “Problemas do Conhecimento”, postulados no campo da “Teoria do Conhecimento”, em conexão com os tópicos já ministrados, cujas abordagens se deram em tempos diferentes neste bimestre letivo, ou seja, sem uma sequência linear. Acredito que isso ocorreu em grande medida, devido à singularidade do desempenho e característica das turmas, haja vista que cada sala de aula tem seu próprio movimento e ritmo.

Junto a estas questões epistemológicas, trabalhou-se, em todas as turmas, em datas diferenciadas, “O Problema do Conhecimento Humano”, considerando seus aspectos introdutórios. Isto se deu devido à retomada dos “Tipos de Conhecimentos” naquelas turmas em que estes tópicos não haviam sido finalizados: 2-B, 2-C e 2-D.

Ainda, ao final do *Segundo Bimestre* de 1980, aconteceram às práticas de estudos realizadas pelo SOE, a partir do tema: “Como estudar”, cujas discussões ocorreram em todos os Segundos Anos, mesmo que em momentos distintos, em virtude da composição da grade de horário da disciplina. Saliento que esta mesma atividade aparece em alguns diários de classe com a denominação: “O Estudo”.

Acerca desta atividade, está citada nos diários de classe da disciplina de Filosofia (1980) a leitura do texto “Educação: O homem antes de ser educado é menos que uma esperança ele é apenas uma mera eventualidade”, retirado do livro

Reflexão e Educação, de autoria de Pierre Furter²¹, cujas obras eram muito estudadas naquele período²².

Quanto aos métodos avaliativos, nesse bimestre, ainda foram realizados os procedimentos de revisão de conteúdos, o teste sobre os “Tipos de Conhecimento”, e o trabalho de reflexão sobre os estudos de Pierre Furter a respeito da “Educação”, contando com práticas de estudo em grupo e com a apresentação dos temas desenvolvidos em classe. Em linhas gerais, esta atividade denotou um significativo processo de leitura, realizado junto ao SOE, acerca da importância da formação educacional em todos os níveis de ensino.

Analisamos, então, os registros do *Terceiro Bimestre* de 1980, período em que houve a troca da professora regente nas turmas já citadas, que passaram a ser atendidas pela docente Catarina. Nessa ocasião, a nova professora iniciou seu trabalho fazendo observações sobre o último conselho de classe da turma 2-B; e também ministrou as atividades de conclusão do pensamento de Sócrates nessa turma 2-C. De modo geral, notamos que, neste bimestre, foi realizado um aprofundamento das categorias conceituais já trabalhadas anteriormente pela professora Eulália, entre elas:

*Pensamento Platônico; Mundo das Ideias; Platão, Ética Social, Política; Aristóteles; Introdução à Lógica: Lógica Formal - Juízo e Raciocínio; Proposição e Silogismo; Lógica Material: Erros Lógicos e Morais; Filosofia Oriental: Confucionismo e Taoísmo; Principais Problemas Relativos à Vida*²³ (DIÁRIO DE CLASSE).

Assim, na descrição destes conteúdos, evidencia-se a abordagem da Filosofia de Platão, cujos tópicos foram estudados com ênfase: “Mundo das Ideias”, “Política e Filosofia”, já apresentados no *Primeiro Bimestre*. Sobre o exposto, nos diários de classe das turmas 2-B e 2-C, há destaque à influência de Platão na cultura ocidental, bem como para os aspectos teóricos referentes à divisão da teoria do filósofo por

²¹ Entre as principais publicações de Pierre Furter na área da educação, cito as seguintes obras: **“Educação e reflexão”**; **“A dialética da esperança: interpretação do pensamento de Ernst Bloch”** (1974); e, por fim, **“Educação e vida”** (1973).

²² Neste sentido, a presença desta referência me causou certo estranhamento devido ao contexto da ditadura. Nos primeiros contatos que tive com a professora *Eulália* na entrevista, ela afirmara que, em 1964, houve no Brasil uma revolução, “devido à necessidade de organização do Estado Nacional”. Posteriormente, não contei com sua resposta quanto à sua participação nas rodas de conversas, mas, de nossas visões antagonistas, esta docente foi a minha inspiração para fazer o Curso de Filosofia, ainda que ela não falasse de política em sala de aula, salvo dentro de uma abordagem teórica.

²³ É necessário pontuar que, na turma 2-A, os “Principais Problemas Relativos à Vida” e o “O problema da Origem e fim da Vida” foram estudados no início do Quarto Bimestre.

fases, delimitadas pela sua importância do filósofo na produção da cultura e dos saberes filosóficos no Ocidente. Além disso, tal divisão de pensamento se encontra baseada na instância ser e pensar, ou seja, entre o Mundo Sensível e o Mundo das Ideias. De acordo com a análise das descrições da professora Eulália, os conceitos abordados em sala de aula traduziram, naquela época, alguns aspectos pontuais do pensamento de Platão, os quais fazem parte dos estudos programáticos da Filosofia no Ensino Médio até hoje. Sobre o exposto, considerando os conceitos citados nos diários de classe, vale mencionar, com base no pensamento platônico (1989)²⁴, que o “Mundo das Ideias” é o âmbito no qual habitam as formas verdadeiras preexistentes, sem a prescrição dos seus inícios, tempo ou fim. Ou seja, estão situadas no plano da eternidade e, por isso mesmo, são perfeitas, segundo o filósofo²⁵.

Quanto ao pensamento de Aristóteles, foi dada ênfase para alguns tópicos introdutórios que abrangeram as questões sobre a lógica formal, cujos temas específicos são: juízo, raciocínio e proposições. Posteriormente, ocorreu a construção dos argumentos próprios do silogismo e de suas regras, seguidos de atividades a respeito das proposições.

Sobre a lógica material, encontra-se citado o estudo sobre os “Erros Lógicos e Morais”, em suas correlações com a ideia de juízo. O requisito à aprendizagem destes conteúdos se deu mediante a construção de um enunciado (escrito) ou da sua exposição (via oratória), abrangendo o entendimento sobre as ideias gerais a respeito do sistema lógico-racional, operado pelos conceitos de Aristóteles em conexão com a virtude e, portanto, mediante a coerência das ideias e possíveis tomadas de decisões no universo das ações práticas. Por fim, no encerramento destes assuntos em aula, também consta que foram aplicados exercícios com o objetivo de realizar a “fixação destes conteúdos”, de suma importância no processo de organização do pensamento, com vistas às decisões práticas.

²⁴ Destaco que recorri aos comentários de Bernard Priettry (1989) acerca da “Vida e Obra de Platão”, enunciados antes da tradução da República VII (1989), com o objetivo de trazer neste estudo um pouco mais sobre estes conceitos, os quais se encontram muito sucintos nos diários de classe da docente Eulália. Assim, ao me situar na borda do que foi descrito pela docente nestes registros, mantive os princípios da compreensão hermenêutica, já que as conexões teóricas realizadas se deram entre os movimentos do que foi vivido no passado e a minha própria presencialidade no mundo, como aprendiz de pesquisadora.

²⁵ Obra com apresentação e comentários de Bernard Piettre.

Ao final do bimestre foram tratados, como de praxe ao cronograma de estudos da disciplina em foco, os seguintes assuntos: Filosofia Oriental na Índia, Budismo, loga e as concepções da Filosofia na China. Para ilustrar essa dimensão do Ensino de Filosofia no Colégio Manoel Ribas, é necessário considerar que, apesar do Budismo²⁶ ser uma teoria filosófica, suas narrativas delineiam uma orientação de vida voltada ao cuidado espiritual do homem e da natureza, cujos princípios não professam a fé em um único Deus ou em vários deuses.

Nesse sentido, apesar de as aulas sobre o pensamento filosófico oriental nessa época se apresentarem como um diferencial no Segundo Grau - Formação para o Trabalho no Colégio Manoel Ribas, tais estudos se restringiram meramente a um enfoque introdutório, que se reflete na aula subsequente, com a realização de uma prova cumulativa (incluindo todos os conteúdos tratados), na finalização do bimestre. Assim, foi verificado, nos diários de classe, que a abordagem dessa concepção se limitou à constituição de pouco aprofundamento, diálogos e espaços de pesquisa em 1980, um fato que procede nos anos subsequentes no decurso desta década.

Procurei, durante a realização das perguntas elaboradas através de entrevista semiestruturada junto à docente Catarina, discutir acerca das bases conceituais da Filosofia Oriental. Nessa ocasião, ela enfatizou que os estudos desta corrente filosófica procediam de modo sucinto, ao enunciar a seguinte afirmação:

Sim, aquela linha histórica, muito rápida, sem grandes reflexões. Uma pincelada. Não se chegava a trabalhar com os textos da filosofia oriental. Porém, eu destacava quais foram os principais representantes e alguns fragmentos. Um estudo bem generalista mesmo. A parte bem aprofundada integrava a Filosofia Ocidental, os Pré-Socráticos, Sócrates e Platão. Eu retomava muito estes filósofos (Entrevista com Catarina, 15 de outubro de 2021).

²⁶ Vale mencionar que o Budismo é uma filosofia de vida cujas significações e conceitos são produzidos no mundo oriental voltando-se ao desenvolvimento da espiritualidade, direcionada à crença do renascimento, que não é nada menos que a continuidade dos estados mentais que renascem no homem pelas suas memórias e transformações próprias da vida. Nessa acepção, a consciência ressurge, após a sua morte, dado que o homem, enquanto matéria humana tem seu corpo aprisionado ao mundo sensível. Na concepção budista, o princípio é a busca pela autossuficiência e a construção de um modo de vida relacionado à espiritualidade desprendida da matéria que, nesse caso, é um grilhão ao renascimento mental. Sendo o Nirvana o nível ideal a ser alcançado, visto que este estado ocupa a dimensão da mais plena espiritualidade. Deste modo, o Budismo se encontra descrito na base do essencialíssimo sobre a espiritualidade no campo da produção de conceitos e caminhos para se chegar ao desprendimento da matéria. Isso se dá por meio do sofrimento, sua superação e afastamento dos prazeres do corpo, em seus desejos terrenos (SOUSA, 2014).

Mesmo o Budismo sendo ainda pouco estudado nos espaços institucionais de formação dos jovens no Ensino Médio, o ensinamento de seus princípios é recomendado por Marilena Chaui²⁷, ainda que em uma perspectiva introdutória. A autora acentua a sua importância no processo de reconhecimento da cultura oriental e compreensão da diversidade dos sentidos produzidos por diferentes correntes filosóficas acerca dos modos do homem pensar e movimentar sua existência.

A partir do exposto, vale lembrar que os programas da disciplina de Filosofia foram historicamente construídos nos currículos das escolas brasileiras a partir de uma perspectiva eurocêntrica, o que situa a abordagem da Filosofia Oriental no Colégio Manoel Ribas em 1980 como uma prática excepcional e singular.

Desse modo, é possível afirmar que o desenvolvimento de tais conteúdos nas aulas de Filosofia em 1980 tinha como uma das suas funções trabalhar a diversidade cultural, bem como proporcionar o entendimento dos conceitos da Filosofia Oriental como uma prática voltada ao equilíbrio e temperança nas ações humanas. Estes ensinamentos, provavelmente, conduziam os estudantes daquele período à reflexão sobre as suas próprias atitudes em meio à vida. Por outro lado, também é possível considerar que o acesso a tais temas poderia ser um sutil processo de docilização dos jovens, dado que suas bases teóricas e práticas apresentavam como princípio a busca do bem-estar espiritual e do desapego das coisas desnecessárias à vida, entre elas o consumismo e o luxo.

Sobre o exposto, durante as entrevistas com as professoras Catarina e Elizabete, foi possível compreender que ambas não tinham experimentado uma preparação específica para trabalharem com a Filosofia Oriental, haja vista que tal corrente filosófica sequer fazia parte da grade curricular do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no período em que elas realizaram sua formação inicial. Logo, a ausência do contato destas docentes com os saberes orientais tornava difícil a organização didática de suas aulas, demandando mais tempo de estudos e de preparação.

Os conteúdos programáticos de todas as disciplinas do Segundo Grau - Qualificação Para o Trabalho partiam das orientações educacionais determinadas

²⁷ Nas suas obras: *Convite à Filosofia*. 13a ed. São Paulo: Ática, 2003 e *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2001. (Série: Novo Ensino Médio).

pela 8ª Delegacia de Educação de Santa Maria, de acordo com as orientações da Secretaria de Educação do Estado do RS e do MEC, em conexão com os dispositivos legais pertinentes à LDBEN/1971 (BRASIL, 1971). Neste contexto, as práticas de ensino escolar estavam ancoradas legalmente nestas instituições e nos dispositivos legais vigentes no campo do sistema de educação nacional.

Sobre as relações de controle na escola acerca da organização geral dos conteúdos a serem estudados em sala de aula, a docente Catarina relata:

A gente via o movimento, mas era sempre no SOP²⁸ ou na direção. Essas visitas eram restritas às direções, o famoso tripé, a direção, a orientação e a supervisão. As visitas existiam, sim, mas os professores não tomavam conhecimento delas. Tinham as comunicações gerais, os informativos mais oficiais e depois cada grupo se reunia por disciplina para fazer seus planos de aula. Isto a cada 15 dias, de manhã ou pela tarde. Era só meio turno, aí tinha a famosa reunião, com todos os professores. Então a direção vinha, relatava as normativas escolares e se retirava. Também se formavam os grupos das disciplinas ou disciplinas afins, para planejarem e chegarem a um acordo de como conduzir as aulas, do que tinha que ser reformulado. A gente focava muito nos conteúdos (Entrevista com Catarina, 15 de outubro de 2021).

Em linhas gerais, a gestão escolar do Colégio Manoel Ribas oportunizava aos/às professores/as do Segundo Grau duas reuniões mensais, cujo objetivo era a exposição geral dos princípios da instituição, com espaços destinados à organização coletiva dos conteúdos a serem desenvolvidos junto às turmas. Para tanto, cada disciplina curricular contava com uma coordenadora, sendo que, nesses espaços pedagógicos, prevalecia uma rigidez institucional vinculada à formalidade dos conteúdos, os quais deviam ser ministrados fora do campo de discursividade das ideologias políticas. No entanto, o controle na sua forma institucional se exercia através da mantenedora, a 8ª Delegacia de Educação²⁹, junto à direção e supervisão escolar. Ou seja, os limites dos diálogos se situavam na fronteira dos conteúdos formais a serem ensinados em classe e na sutileza no desenvolvimento dos planos de estudos em sala de aula.

A cronologia dos conteúdos que finalizaram o *Terceiro Bimestre* foi diferenciada, mas a Filosofia Oriental na Índia e a Filosofia Oriental na China tratadas, sendo dispostos da seguinte maneira:

²⁸ Serviço de Orientação Pedagógica (SOP).

²⁹ Atualmente denominada de 8ª CRE.

- a) Na 2-D, estes assuntos são encerrados no bimestre corrente, já o Evolucionismo foi tratado no último bimestre letivo;
- b) Na 2-B, os saberes sobre “O Taoísmo” são concluídos apenas no início do *Quarto Bimestre*. O mesmo procedimento é adotado quanto aos conteúdos alusivos ao Evolucionismo;
- c) Nas demais turmas, tem-se a seguinte configuração de atividades: na 2-A e na 2-C são estudados a “Filosofia Oriental” e os “Os principais Problemas Referentes à Vida”. Nas turmas 2-E e 2-F, antes deste assunto, ainda foi ministrado o “Evolucionismo”, abrangendo as principais questões sobre a “Origem e fim da Vida” e os “Os problemas da vida”.

A partir da troca de professoras, podemos perceber que, no referido bimestre, não foram realizados testes, teve certa escassez de trabalhos dirigidos, estudos em grupo, leitura e escrita textual, bem como ausência de construção de diálogos com o SOE. Tampouco foram dadas aulas de revisão dos conhecimentos, que, antes, eram proporcionadas de modo regular aos estudantes, como atividade preparatória à avaliação final.

A ausência destes procedimentos ocorreu no início da docência da professora Catarina. As aulas sobre sua regência se apresentam marcadas pelos estudos tradicionais da Filosofia, em que se percebe a existência de poucos exercícios que envolvessem a atuação dos alunos e alunas, apresentando os conteúdos circunscritos à compreensão da lógica e da testagem da aprendizagem através de prova cumulativa.

Então, no *Quarto Bimestre* de 1980, depois da finalização dos temas acerca das estruturas gerais da vida numa percepção evolucionista, ocorreu, junto às turmas dos Segundos Anos, a apresentação de conteúdos acerca da Psicologia³⁰. Este saber, a partir das determinações da LDBEN/1971 (BRASIL, 1971), deixou de compor o currículo escolar como disciplina e passou a ser desenvolvido na disciplina de Filosofia.

³⁰ Alteração feita pela Resolução nº 8, de 01 de dezembro de 1971, anexa ao parecer nº. 853/71, que discorre no âmbito dos Estudos Sociais apenas sobre as matérias de: Geografia, História e a Organização Social e Política do Brasil. Nesse sentido, a disciplina de Psicologia deixa definitivamente de integrar a grade Curricular do Ensino de Segundo Grau, permanecendo apenas no Curso Normal, com a denominação de Psicologia da Educação e o ensino de Filosofia torna-se optativo, a critérios das instituições escolares.

Conforme a docente Catarina, que assumiu a regência das turmas da disciplina³¹ em 21/09/1980, para substituir a professora Eulália, os alunos apreciavam este campo de estudos, com significativo envolvimento em sala de aula, havendo conexões com a realidade vivenciada por eles e seus modos de pensar a vida. Nas afirmações de Catarina, em 2020, as turmas se envolviam muito com as aulas, o que, muitas vezes, não ocorria durante a exposição dos conteúdos filosóficos, que eram tratados de forma pontual, sem conexão com outras áreas do saber.

Ainda, de acordo com a professora, sua experiência como regente da disciplina de Filosofia no Colégio Manoel Ribas se deu aproximadamente entre os anos de 1973 e início de 1985 e, ao se referir a esta época, ela mencionou suas lembranças, especialmente o vivido junto a uma de suas colegas, pois ambas realizaram juntas estudos a respeito da psicologia com seus alunos e alunas. Os seus dizeres atravessam o tempo, uma vez que, ao rememorar suas práticas, a docente reviveu parte daquilo que realizou no cotidiano do Ensino de Filosofia:

A professora Elizabete fez uma revolução, mas sempre levando para o espiritismo. Nós passamos a fazer parte de reuniões dos professores com os alunos nos sábados à tarde, onde todos eram convidados. Tratávamos com temas mais da antropologia, destino do homem, razão do viver, virtude, vícios. Sentíamos um retorno muito grande dos alunos, quem ia ali, porque queriam. Por isso que eu vejo que a Filosofia, na época, era importante para manter um espaço (Entrevista com Catarina, outubro de 2020).

Em nossa conversa, reporteime ao passado junto dela, pois, na travessia do presente, suas falas transbordavam de significações acerca do que ela produziu no Ensino de Filosofia em pouco mais de uma década. Sobre os estudos de psicologia, a docente declara os seguintes delineamentos de seus saberes, durante as

³¹ Nesta data, a disciplina de Filosofia estava, até então, sob responsabilidade da professora Eulália, a qual aceitou, em um primeiro momento, participar das rodas de conversa sobre o ensino de Filosofia na década de 1980. Mas, num segundo momento, talvez em virtude da Pandemia, ou por seu posicionamento pessoal em relação ao ensino escolar durante o regime militar implantado em 1964, ela não retornou os diversos convites realizados posteriormente, para que ela participasse deste procedimento da pesquisa. A professora Catarina assumiu a regência das turmas da disciplina de Filosofia em 21 de setembro de 1980. Os registros de suas falas sobre o ensino de Filosofia na respectiva data foram realizados em entrevista realizada em quinze de outubro de 2021, às 15h, numa cafeteria da cidade de Santa Maria. Depois de mais um encontro, foi concedido à docente material digitalizado na íntegra para suas correções, com discussão posterior através de um encontro on-line.

atividades e discussões realizadas junto aos Segundos Anos, entre os anos de 1970, até a sua saída do Colégio Manoel Ribas, no início dos anos de 1980:

Na linha da psicologia, até nós tínhamos uma colega, foi coordenadora por um tempo, a Maria Luísa Medeiros, que era a única psicóloga formada que atuava na escola. Então, ela marcava muito estes aspectos mentais e comportamentais das pessoas, e os alunos aceitavam essa abordagem psicológica dos temas referentes à memória, à inteligência, ao desenvolvimento intelectual e às emoções. Eles tinham muito interesse, por estudar as emoções, e tínhamos alunos muito bons, que faziam textos bem significativos (Entrevista com Catarina, outubro de 2020).

Embora as aulas ministradas pela professora Catarina tenham sido marcadas pela História da Filosofia e certa rigidez no uso de métodos avaliativos, o seu relato denota o esforço de professores/as de Filosofia para realizarem conexões plurais com outras áreas do conhecimento, entre elas a psicologia.

Os encontros realizados no sábado à tarde parecem indicar um processo de envolvimento entre professoras e alunos/as, com o intuito de fortalecer um lugar para a Filosofia na escola. Em 1980, porém, tais atividades foram desenvolvidas através de práticas interdisciplinares com outros conhecimentos e modos de conceber a existência. De modo geral, nossa conversa tratou do que a professora realizou no período, dando ênfase aos estudos do espiritualismo e da antropologia como conteúdos ministrados nas aulas da disciplina de Filosofia.

As referidas professoras buscavam agregar sentidos à psicologia e à Filosofia ao reunir alunos/as na escola aos sábados à tarde, a fim de dialogarem livremente sobre a existência e suas significações. Porém, no que diz respeito à compreensão dos conceitos da psicologia, por meio da análise dos registros dos conteúdos nos diários, verifiquei que, no referido bimestre, os estudos de Filosofia foram mais restritos. Houve a diminuição de espaço para aprofundamento dos conceitos filosóficos e também do tempo destinado para a leitura dos textos, produção de resumos e relatórios de estudos.

Assim, no dizer da professora Joana³²:

Havia e vinham diretrizes gerais dos temas para serem desenvolvidos. Os temas vinham com sugestão de títulos e aí a gente seguia aquelas sugestões. Vocês têm que tratar da finitude, da esperança, da motivação, muitos temas da psicologia. Tinha tema do civismo, amor à pátria. Eu

³² A entrevista com a professora Joana foi realizada em sua residência no dia 27 de outubro de 2020.

norteava os estudos a partir da História da Filosofia. E o civismo, cada um desenvolvia da sua maneira, partia daquele tripé, o homem precisa do outro, o homem precisa desenvolver sua consciência, mas enquanto não desenvolve a consciência, daí aparece à necessidade do governo, dar conta disso através da educação (Entrevista com Joana, 23 de outubro de 2021).

Ainda, nessa mesma entrevista, a professora Joana afirmou que era comum nos planos de Ensino de Filosofia a inclusão de conteúdos da psicologia, a qual não integrava as disciplinas curriculares do Segundo Grau no Colégio. Ela afirmou: “*Eu tive que trabalhar com a psicologia, porque eles não tinham psicologia, então de dentro da filosofia eu tirava o espaço para discutir filosofia para eu fazer isso*” (Entrevista com Joana, 23 de outubro de 2021). Por conseguinte, a ausência da disciplina psicologia permanece até os dias atuais, e os assuntos inerentes à sua área se encontram apenas como estudos recomendados em alguns livros didáticos de Filosofia do Ensino Médio.

Na continuidade da análise dos diários de classe da professora Catarina durante o *Quarto Bimestre* de 1980, eu observo que os conhecimentos ministrados abordaram:

O Evolucionismo; A Origem e Fim da Vida, Os problemas da vida; A Psicologia: A Sensação e Percepção (sua importância); A Atenção e Memória; A Inteligência e Imaginação; A Consciência (Seus Três Níveis); O Inconsciente, A Subconsciência, O Consciente; A Consciência Moral: Noções sobre a Liberdade; A Sociedade de Consumo e Seus Principais Efeitos; O Dever e o Direito (DIÁRIO DE CLASSE).

Quanto aos tópicos “Consciência Moral” e “Noções de Liberdade”, ambos foram ministrados de forma concomitante, não ocorrendo debates e atividades diferenciadas sobre a concepção de liberdade, tampouco foi citada sua relação empírica no âmbito das escolhas, referente ao discernimento das normas morais e dos costumes.

Na sequência das aulas, tendo em vista a proximidade do final do ano letivo, na turma 2-A, houve o estudo do tópico “A Sociedade de Consumo”, tendo como foco a compreensão das suas consequências na esfera das relações coletivas e, em seguida, tratou-se a respeito do entendimento das bases da moral no âmbito do cumprimento dos deveres e da lei. As descrições nos diários de classe da professora Catarina acerca das relações de consumo apresentam os delineamentos de estarem, sendo pensadas, em conexão com as atividades de mercado em visibilidade nos sistemas produtivos capitalistas e, por conseguinte, com os modos

de vida protagonizados pelas pessoas neste contexto, em seus processos de obtenção das coisas e das necessidades de compra, próprio da cultura capitalista vigente de 1980 até os dias atuais.

Na perspectiva da orientação hermenêutica, fez-se necessário explorar como se davam as relações de consumo entre 1950 e 1980, a partir das visibilidades apresentadas nas descrições dos conteúdos ministrados pela professora Catarina. Visto que durante essas décadas, houve uma modificação intensa no comportamento da população brasileira no campo das práticas de consumo, devido ao desenvolvimento da indústria nacional, acarretando a melhoria na produção de bens duráveis, na alimentação, no acesso a produtos e certo poder de compra de produtos importados pela população.

Sobre o exposto, Netto (2016), com base nos estudos realizados por Fernando Novais e João Emanuel Cardoso Mello, expõe que, a partir da intensidade das mudanças operadas na cultura e no comportamento das pessoas no Brasil, surgem novos padrões de consumo, resultando no desenvolvimento dos setores produtivos, bem como da rede geral de comercialização interna e externa no país.

Eletrodomésticos, fármacos, alimentos industrializados, eletrônicos, automóveis, indústria de bens de capital, o vestuário, as bebidas industrializadas (sucos, refrigerantes, cervejas e todo o tipo de bebidas alcoólicas), higiene pessoal, os transportes e etc., todos estes setores foram transformados ou recém-inaugurados [...]. Seus maiores expoentes foram os supermercados e o shopping center. Os supermercados tenderam a substituir, ao menos nas grandes cidades, os armazéns, açougues, quitandas, peixarias e quase todo tipo deste comércio popular. Os shopping centers vieram dar uma demonstração da grandiosidade do consumo e da modernidade. Cinemas, cafés, lojas com artigos importados, fast-foods, etc. (NETTO, 2016, p. 252).

As significativas mudanças na ordem do consumo e do reordenamento da população brasileira, também se encontram vinculadas aos deslocamentos internos das pessoas de uma região, para outra, e com a chegada de novas levas de estrangeiros no país – cujas migrações se deram em virtude da busca de outras possibilidades de trabalho na esfera urbana e, principalmente, nas cidades de maior porte, alterando significativamente a configuração do espaço habitado no âmbito do território nacional.

Os processos de diáspora da população brasileira (1950-1970) em busca de melhores condições de sobrevivência ocorreram de forma singular do interior do país para as regiões mais centrais, as quais foram somadas a algumas migrações de

estrangeiros, assim, tais itinerários constituíram encontros e desencontros de sentidos entre a população local e os recém-chegados. Dessa forma, os retirantes que adentravam nesse universo de relações pontuadas por condições socioeconômicas e culturais diferenciadas dos seus cotidianos, demandam acessos às políticas inclusão e cidadania.

[...] Movimento de homens e mulheres que se deslocam de uma região para a outra do território nacional, de trem, pelas novas estradas de rodagem, de ônibus ou amontoados em caminhões paus de arara. [...] Movimento de uma configuração de vida para outra: da sociedade rural abafada pelo tradicionalismo para o duro mundo da concorrência, ou para o mundo sem lei da fronteira agrícola; da pacata cidadezinha do interior para a vida já um tanto agitada da cidade média ou verdadeiramente alucinada da metrópole. Movimento, também de um emprego para o outro, de uma classe para a outra, de uma fração de classe para outra, de uma camada social para outra. Movimento de ascensão social, maior ou menor, para quase todos (NOVAIS; MELLO, 2010, p. 585-586 *apud* NETTO, 2016, p. 253).

Mediante estas práticas sociais, até mesmo as concepções sobre o nacionalismo, civismo, família, moral e bons costumes eram objeto de propaganda no Brasil militarizado, para fomentar o consumo e cristalização da ideologia nacionalista pela população, de modo a produzir adesão ao sistema, tratado no tópico “Propaganda: Sociedade de Consumo”, o qual foi abordado pelas professoras Elisabete e Joana no ano de 1979, de forma dinâmica e inovadora, em tempos de Ditadura Militar³³.

Dando sequência às análises dos diários, no *Quarto Bimestre* de 1980, compuseram o rol de conteúdos para os Segundos Anos temas como “Dever e Direito”, os quais deram sustentação ao estudo referente ao conceito de Estado. Vale mencionar que estes componentes na época eram sutilmente utilizados como suportes à ordem social, sendo que a própria organização do ensino se ajustava a esta estrutura, enquanto um dispositivo de poder do governo. Posto que o Governo Militar formulava, no âmbito das escolas brasileiras, as estratégias convenientes para justificar seu projeto de governo, o qual se colocava, hipoteticamente, como democrático.

Em face destes objetivos, os militares investiam numa formação para o trabalho e na consolidação de noções morais e cívicas, apregoando a importância do exercício da cidadania, bem como a produção da consciência acerca da

³³ Conferir em Apêndice A Quadro 3 - Disciplina de Filosofia, 1979.

liberdade. A fim de demonstrar, que o Brasil militarizado seguia os “matizes da democracia”, no âmbito das ações educacionais e das políticas de inclusão das pessoas ao bem-estar social. No entanto, sabemos que os direitos civis eram limitados no campo da participação e da representação política.

Além disso, o governo divulgava, em suas práticas enunciativas, padrões de conduta e dever voltados à importância da organização da unidade familiar, enquanto pilar do funcionamento da vida social, em seus processos constitutivos e mantenedores da unidade nacional. Desse modo, dentro da adequação à lógica de sua operacionalidade política e instrumental, presenciava-se “[...] o fortalecimento do Estado no sentido almejado pelo movimento de 1964. A exaltação dos valores de integração, harmonia, ordem e disciplina tinha, na família, segundo o regime, seu interlocutor fundamental” (REZENDE, 2001, p. 39 *apud* NETTO, 2016, p. 259).

Assim, podemos considerar que as práticas escolares aqui estudadas, que dizem respeito ao ano de 1980 do Colégio Manoel Ribas, remetem-nos a um ensino de Filosofia ministrado de forma propedêutica, muito embora apresente algumas conexões com a antropologia, o espiritualismo, o budismo e a psicologia. As descrições gerais dos conteúdos desenvolvidos nas turmas se mostram, sobremaneira, voltadas apenas ao entendimento teórico dos conceitos filosóficos, cujos estudos se apresentaram, portanto, deslocados da realidade vivenciada pelas classes populares no Brasil Militarizado³⁴.

Em suma, a educação nacional, na sistematização do ensino escolar nas décadas de 1970 e 1980 no Segundo Grau, expressou como prioridade a formação de mão de obra, ainda que acentuasse a dimensão das humanidades e da reflexão sobre os saberes ensinados no processo de formação dos alunos. A finalidade era atualizar as demandas do trabalho e suas tecnologias no país, as quais se sobrepunham à relevância de um ensino voltado à reflexão. Logo, as disciplinas de Filosofia, Sociologia e Psicologia tiveram pouca importância nos cursos secundários.

A escola brasileira de 1º e 2º graus, tal como foi estruturada pela Lei de Diretrizes e Bases, n.º 5.692/71, e por alguns pareceres tem como um dos seus objetivos a transmissão do “humanismo do nosso tempo” (ou o conhecimento apropriado pela classe no poder), que, como já dissemos

³⁴ Não obstante, as pessoas vivenciavam, no contexto dessa conjuntura política, uma inflação altíssima, a qual ocasionou altos custos na cesta básica e demais produtos de consumo geral, o que tornou ainda mais precária as condições de sobrevivência dos pobres e desempregados do país.

anteriormente, nada mais é do que a visão de mundo da classe dominante- ou os interesses dominantes-, que privilegia o trabalho intelectual em detrimento das atividades manuais, que preconiza a liberdade e a igualdade de chances, embora saibamos que esses princípios liberais sejam apropriados somente por uma minoria da população (CARTOLANO, 1985, p. 114).

Nesse sentido, havia certa ausência de aprofundamento das investigações a respeito das práticas sociais vigentes na época, bem como poucos espaços voltados ao diálogo sobre a conjuntura política nacional. Por conseguinte, prevalecia, em certos momentos a dureza no estudo dos conteúdos, como um fator determinante nas aulas ministradas durante a semana, à exceção dos encontros livres aos sábados.

Não foi detalhado nos diários de classe desse último bimestre o envolvimento dos estudantes nos exercícios e nos debates. Tem-se apenas a descrição pontual dos conteúdos ensinados na disciplina uma vez por semana, com período de 1 hora apenas. Sobre essa questão, a professora Catarina destacou que tinha dificuldades para afetar os/as alunos/as e retirá-los/as da apatia diante dos conteúdos ministrados. Ela afirma: “*Nossos alunos nem tomavam conhecimento, eles não participavam de nada, eles recebiam os conteúdos*” (Entrevista com Catarina, 15 de outubro de 2020).

Ao final do *Quarto Bimestre* letivo, como uma das poucas novidades no processo de ensino, teve a prática de autoavaliação em quase todas as turmas, porém, sem constar nos diários de classe da docente qualquer anotação. Esta escassez de detalhamentos nos diários de classe foi evidenciada na descrição destas atividades nas seguintes classes: 2-A, 2-B, 2-C, 2-E, 2-D, 2-E. Quanto, a turma 2-F, não foi verificada esta atividade em virtude de que a página referente aos conteúdos e avaliações não constam no diário de classe, apenas a grade de notas do último trimestre. Certamente, isso ocorre devido aos danos causados pelo tempo e mau armazenamento destes arquivos.

Por último, é importante mencionar que a professora Catarina afirmou, por ocasião da entrevista, que, quando ela assumiu as turmas dos Segundos Anos em 1980, deparou-se com comportamentos e atitudes displicentes da maioria dos/as estudantes, os quais demonstravam desinteresse frente aos estudos dos conteúdos filosóficos. Infere-se que isso talvez tenha desmobilizado as práticas de realização

de pesquisas e debates sobre os conceitos da Filosofia, com os instrumentos de ensino se resumindo à resolução de exercícios e provas cumulativas.

No entanto, por vezes, quando eram tratadas as questões inerentes ao sentido da vida e seus problemas, bem como os tópicos sobre a psicologia já elencados anteriormente, a professora afirma que “eles ficavam mais atentos às explicações dos conteúdos, bem como intervinham com suas dúvidas”. Ou seja, as aulas de Filosofia foram tecidas em meio a um ambiente de ensino marcado, em grande parte, pela ausência de participação dos/as escolares em sala de aula.

5.3 O ENSINO DE FILOSOFIA PELAS BRECHAS DA RECONSTRUÇÃO DO ESTADO DEMOCRÁTICO: OS DIÁRIOS DE AULA DE 1985

No ano de 1985³⁵, o Brasil se encontrava atravessado pelos acontecimentos que constituíram a construção do primeiro ano de um governo civil no país: o fim da Ditadura Militar principiava. Foi um marco na história política e, em especial, na condução da democratização das instituições de ensino públicas e privadas no país, com ambas as instâncias tendo que iniciar a revisão e atualização de suas práticas pedagógicas.

Assim, proliferavam reivindicações de políticos, educadores e grupos organizados em prol da construção de uma escola para todos. No entanto, os processos de resistência em favor de um ensino crítico voltado à cultura e à cidadania ainda ficaram, em certa medida, distantes das práticas escolares em 1985.

O autor Geraldo Horn (2000, p. 29) observa, em uma breve retrospectiva sobre o ensino de Filosofia, que:

Após mais de quatro séculos em caminhada no interior das práticas educativas formais, desde as “aulas régias” os “cursos livres” ou a sua configuração como “matéria optativa” até o “caráter complementar”, a filosofia ainda não superou a condição de um humanismo formalista, retórico fundado no gramaticismo e na erudição livresca. Os discursos legais que a enaltecem, mas não a aloca *pari passu* aos conhecimentos obrigatórios, indicam que na prática brasileira, a filosofia ainda não superou a condição de humanismo formalista, retórico, fundado no gramaticismo e na erudição livresca.

³⁵ Durante a pesquisa de campo, realizada entre 2017 e 2018, não foi identificado nos arquivos do Colégio Manoel Ribas nenhum diário de classe referente ao ensino de Filosofia no ano de 1981. Nos anos decorrentes de 1982, 1983 e 1984, a docente Eulália ministrou a disciplina de Filosofia somente nos Terceiros anos do Segundo Grau.

Ao acessar os diários de classe do ano de 1985, embora tenhamos observado certo aumento na discussão dos textos filosóficos, ainda prevaleciam no ensino em sala de aula os traços de uma abordagem linear das temáticas estudadas. De acordo com os registros produzidos nos diários de classe da disciplina de Filosofia verifica-se certa escassez na abertura de espaços, destinados aos para os questionamentos referentes às transformações políticas do país.

Naquele contexto, *Primeiro Bimestre* de 1985, a professora Eulália retomava seus fazeres pedagógicos na disciplina de Filosofia nos Segundos Anos³⁶. Assim, foram analisados os diários de classe das seguintes turmas sob sua regência: 2-B, 2-C, 2-D, 2-F, 2-G. Como era de praxe, o início do ano letivo ocorria com a recepção dos/as alunos/as e a listagem de seus direitos e deveres na escola.

Na semana seguinte, deu-se continuidade aos assuntos programáticos da disciplina de Filosofia, juntamente à sondagem de interesses: uma prática realizada pela docente em todas as classes dos Segundos Anos. Igualmente, constatei nos seus diários apenas uma pequena mudança na disposição temporal das matérias estudadas, sem alterações significativas nos tópicos desenvolvidos até 1985. A exemplo disso, o tópico “Tipos de Conhecimento” não constam como assuntos tratados neste bimestre, sendo ensinadas as temáticas introdutórias à Filosofia, e antes disso a “Mitologia”. Seguia-se, assim, o mesmo caminho do plano de ensino da disciplina em 1980, já que os conteúdos que compunham o planejamento das aulas neste bimestre foram configurados nessa ordem:

Introdução à Filosofia e sua Importância; Surgimento do Pensamento Filosófico; Mitos – Sua Influência na Formação do Pensamento; Filosofia e Ciência; Conceito de Filosofia; Formação da Filosofia na Grécia; Primeiras Reflexões: Tales de Mileto; Anaxímenes e Anaximandro; Os Pré-Socráticos: Heráclito; Os sofistas: Protágoras e Sócrates (DIÁRIO DE CLASSE).

Por isso, não é plausível aqui repetir ou tentar refazer uma nova análise destes assuntos, mas apenas destacar aquilo que surgiu de modo diferenciado no que diz respeito à abordagem dos tópicos citados.

Foram desenvolvidos, na continuidade do bimestre, os temas da Filosofia Clássica e seus processos constitutivos na Grécia Antiga, com seus sentidos sendo explorados através da análise de um texto não filosófico, intitulado: “O Simulacro da

³⁶ Nos anos anteriores, a docente lecionou no Colégio Manoel Ribas nos Terceiros Anos, neste mesmo grau de ensino.

Democracia”³⁷ e, novamente, os estudos dos tópicos de Psicologia. Assim, de modo similar aos anos anteriores, têm-se os seguintes delineamentos dos conteúdos ministrados nesse bimestre letivo:

Pitágoras e Demócrito; A Sofística; Sócrates: Método Socrático; Platão: A Política - O Mundo das Ideias; “O Simulacro da Democracia”; Atividade de avaliação; A Mente Humana: Razão, Inteligência e seus Mecanismos (DIÁRIO DE CLASSE).

Também foram feitos estudos dirigidos por meio de pesquisa a respeito dos Pré-Socráticos e, em algumas turmas, pode-se constatar que foi dado maior ênfase aos conteúdos da Filosofia cosmológica ou da natureza. Em vista disso, destaco as atividades realizadas na turma 2-G, cujas anotações dos conteúdos evidenciam a realização de estudos dirigidos a respeito do pensamento de Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito e Parmênides, que em grande medida repetem as ideias e argumentos acerca dos dados, já apresentados nas turmas dos anos de 1980.

Na sequência do bimestre de 1980, as anotações mostraram certa mudança no que diz respeito à compreensão de categorias conceituais da Filosofia na antiguidade e sua relação com as formas de pensar. Nesse sentido, as descrições sobre o desenvolvimento dos conteúdos apontam ter havido uma conexão da Filosofia com as demais formas de conhecimento. No entanto, sobre a interface dos estudos filosóficos com as outras ciências, neste mesmo período do bimestre, não constam quaisquer registros específicos encontrados nos diários de classe de 1985.

Porém, este tópico não está listado no diário de classe da turma 2-A, no qual tampouco foram realizados os estudos dirigidos, um instrumento pelo qual as turmas, aparentemente, analisavam os vínculos entre o conceito de Filosofia e suas relações com as outras áreas do saber. Por certo, isso ocorreu em função da orientação teórica diferenciada, em comparação aos anos anteriores, como já foi mencionado.

Na turma citada (2-A), a docente Eulália registrou, no ano letivo de 1985, os estudos concernentes ao pensamento de Sócrates, os quais aparecem anotados nesse contexto didático de forma mais densa. Sobressaem-se os assuntos relativos ao questionamento das atitudes humanas, numa conversão de olhares sobre o ordenamento da política, da ética e da vida coletiva, as quais eram discutidas no

³⁷ Acerca do referido texto, não se encontra anotado nos diários de classe da professora Eulália qualquer referência acerca de sua autoria, ou mesmo data de publicação.

emergir deste tempo entre os pares, os homens de Atenas. Neste *Primeiro Bimestre*, encontrei também registros sobre os filósofos Pré-Socráticos, porém, especificados com mais detalhes, quando comparados com as atividades realizadas no ano letivo de 1980.

Do mesmo modo, as avaliações foram feitas de maneira muito semelhante àquelas desenvolvidas nos Segundos Anos no decorrer de 1980: os procedimentos avaliativos se limitaram às práticas de estudos dirigidos, pesquisas e produção de trabalho em grupo, agregados ao fomento de alguns debates e resumos escritos na forma de sínteses, sem maiores novidades na produção da escrita dos/as alunos/as. Considera-se aí, mais uma vez, o pouco cultivo de espaços destinados à autonomia do ato de escrever e das práticas do pensar dos/as estudantes.

Quanto ao *Segundo Bimestre* de 1985, consta, nas descrições dos diários de classe da professora Eulália, a revisão dos conteúdos estudados no bimestre anterior, como marco do início das aulas. Acerca de estudos sobre Sócrates, por exemplo, foi oportunizada uma aula de orientação sobre seu pensamento, voltada à aprendizagem das principais ideias do filósofo no âmbito da Filosofia antropológica, realizada através da indagação política, do conhecimento e da ética.

Também no decurso desse tempo, houve uma ação pedagógica de um estagiário da UFSM, o qual seguiu o plano de conteúdos da docente, dentro de uma perspectiva convencional em torno do estudo da História da Filosofia na elaboração de suas aulas, sem a produção de atividades diferenciadas no ato de ensinar e aprender. Nessa ordem de sentidos e registros, aconteceram poucos movimentos discursivos sobre a retomada da democracia no país. Essa pauta surge quase de modo aleatório, nos estudos sobre o mencionado texto “O simulacro da Democracia” que, inclusive, enfatiza “as falhas” dessa forma de governo, de modo a desconsiderar a importância da democracia como algo a ser abordado e debatido no contexto da vivência dos escolares.

Temos um início de *Segundo Bimestre*, então, pautado pelos estudos de atualização dos sentidos da Filosofia antiga, por meio da leitura dos seguintes textos não filosóficos: 1) “Fascina-me a Coragem”³⁸, 2) “Meu Amigo Átomo”³⁹ e 3) “Simulacro da Democracia”⁴⁰. Tais leituras foram realizadas da seguinte maneira:

³⁸ Disponível no Anexo B.

- a) Na turma 2-A, foi lido apenas o texto 1;
- b) Na turma 2-B, foi feita a leitura dos textos 2 e 3;
- c) Nas turmas 2-C, 2-F e 2-G, houve à compreensão dos textos 1, 2 e 3;
- d) Foram estudados na turma 2-D, os textos 1 e 3;
- e) As leituras nas turmas 2-E e 2-F foram dos textos 1 e 2.

Posteriormente às ações de leitura dos textos citados, na turma 2-F, foi empreendida uma discussão temática de modo interdisciplinar, possivelmente em virtude da descrição enunciada no diário de classe da turma: “Objetivos do Estudo da História e Geografia”. Porém, eu não encontrei descritas as relações específicas desta temática com os assuntos filosóficos, sequer uma proposta de exercícios ou pesquisas, que pudessem ilustrar a transversalidade entre os objetos de conhecimentos das três disciplinas e as respectivas leituras realizadas em sala de aula.

Na sequência, aparece a finalização do conteúdo relativo ao pensamento Pré-Socrático, sendo citados os filósofos Pitágoras e Demócrito nas aulas de Filosofia Antiga. Na continuidade deste trabalho didático, foram mencionados “Os Sofistas”, a “Fase Socrática” e “Sócrates”. Vale observar que tais conteúdos já haviam sido introduzidos no Primeiro Semestre em algumas turmas e, nesse contexto, parece-me que houve certo aprofundamento na sua finalização. A respeito destes temas, também não foi indicado o uso de quaisquer metodologias de ensino diferenciadas, daquelas que foram utilizadas nos anos anteriores. Porém, no andamento da análise dos diários de classe, deparei-me com as orientações acerca da elaboração de um trabalho de pesquisa voltado à compreensão destes tópicos e, por conseguinte, dos modos de pensar a Filosofia na Grécia Antiga, em seus matizes teóricos inovadores à época.

Tal estudo me chamou a atenção, devido a sua relevância temática, diante das possibilidades de contato dos escolares com o despertar da leitura e do espírito investigativo, cuja prática de pesquisa enseja um percurso tanto de reflexão crítica, quanto de processo elaborativo do texto. No entanto, deparei-me novamente, com

³⁹ O único registro on-line que se aproxima desta leitura foi: “A história Walt Disney de nosso amigo o átomo”, – de autoria de Heinz Aber, publicado pela editora Dell Pub, 1959. Informação disponível em: <https://www.amazon.com.br/hist%C3%B3ria-Disney-nosso-amigo-%C3%A1tomo/dp/B00005X4CD>. Acesso em: 03 jul. 2020.

⁴⁰ Não foi citada a referência nos diários e não a encontrei on-line, a fim de esclarecer a autoria do texto e sua análise temática.

algumas dificuldades para entender as significações acerca de como os/as estudantes potencializaram seus conhecimentos na consecução desta proposta de trabalho. Os registros do respectivo bimestre apresentaram muitas lacunas nestas descrições, sem menção alguma da docente quanto à metodologia utilizada, dado não constar, nos diários de classe, se os estudos foram em grupo ou de modo individual. Essas mesmas ausências de informações se deram, também, quanto ao desenvolvimento de apresentação, debates ou quaisquer resultados obtidos em torno desta proposta como, por exemplo, a escrita dos escolares a respeito do assunto investigado.

Ao mesmo tempo, ao dar continuidade à leitura dos diários de classe me deparei com os registros sobre o pluralismo dos sofistas, os quais denotam uma singularidade na abordagem. Mais uma vez consta nos diários de classe, como conteúdo ministrado a ironia socrática, retratando o estudo do homem e sua teimosia em busca da verdade e do conhecimento verdadeiro. Estes conteúdos, então, passaram a ser ministrados em suas equidistâncias conceituais, por apresentarem em suas descrições nos diários de classe, alguns campos de diferenciação produzidos na abordagem teórica de cada corrente filosófica.

Porém, tal abordagem ocorreu ainda dentro de uma linha de estudos sequenciais, em que a compreensão destes filósofos se deu dentro do eixo temporal, onde cada um teceu seu modo de pensar a vida e as coisas. No entanto, houve, nessas aulas poucas correlações a respeito da atualidade, muito embora as propostas de atividades tivessem sido feitas a partir de textos não filosóficos.

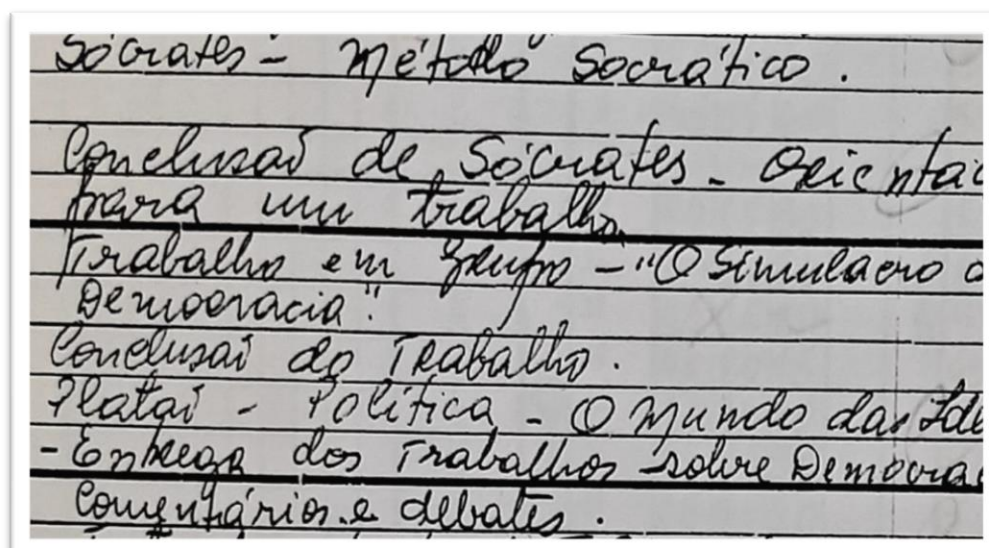
Nesse sentido, na Filosofia Antiga, a docente Eulália procedeu aos estudos de Platão, por meio de pesquisa em grupo e a leitura do texto “O Simulacro da Democracia”⁴¹, lido em quase todas as turmas, com exceção da 2-A, 2-E e 2-F. Neste contexto, a forma de trabalho performatizada pela professora passa a apresentar certa singularidade, quando comparada aos estudos empreendidos em 1980, visto que, as práticas de estudos de textos não filosóficos na disciplina de Filosofia remetem à existência de um pequeno movimento de mudança no cotidiano da sala de aula em 1985. Por meio destes materiais didáticos, percebe-se, a partir desse momento, nas descrições dos conteúdos desenvolvidos pela mesma

⁴¹ Observo que, mediante a ausência da bibliografia desse texto, não obtive o acesso fidedigno à sua fonte, para uma análise singular de seu conteúdo.

professora, uma tentativa mínima de estabelecer uma ponte com a realidade dos estudantes, através dos estudos do conceito de democracia (no clima e ambiente que vivenciava o encerramento de um regime político fechado e autoritário) ⁴².

Interessante que isso ocorre justamente nos primeiros meses de aula, enquanto se experimentava o protagonismo e a reinvenção de uma sociedade civil livre, a qual teve seus direitos políticos cerceados por mais de 21 anos. Contudo, vale observar que os conteúdos lecionados foram situados a partir de marcas teóricas controversas à democracia, em conformidade com os diários de classe de todas as turmas de acordo como o exposto na Figura 2.

Figura 2 – Registro do Diário de Classe da Turma 1-B (1985)



Fonte: Acervo de foto - diário de classe de 1985, produzido pela pesquisadora.

Na continuidade desta temática, os registros dos assuntos ministrados em 1985 se encontram mais uma vez descritos de forma muito próxima àqueles que foram ensinados em 1980, entre eles os tópicos sobre o "Mundo das ideias" e da "Política em Platão". O mesmo ocorreu a respeito da "Essência e Individualidade" em Aristóteles, cujas especificações conceituais apresentaram-se semelhantes ao que foi feito nos anos anteriores. Além disso, foram aplicadas provas cumulativas em todas as turmas, sem maiores detalhes dos procedimentos utilizados.

Ainda no prosseguimento do *Segundo Bimestre* de 1985, foi trabalhado, nas aulas de Filosofia, o seguinte tópico: "A Mente Humana: Razão e os Mecanismos da

⁴² Salvaguardando-se que a concepção política de Platão era incompatível à democracia.

Inteligência”, através dos conceitos do campo da psicologia. Verifiquei ainda a permanência de uma orientação teórica voltada apenas à aprendizagem de alguns dos princípios norteadores do funcionamento da psique. Logo, não se encontram registros nos diários de classe de 1985 a respeito das possíveis relações entre a Psicologia e a Filosofia. Pelo contrário, os tópicos da psicologia ali enunciados se mostraram em desconexão com os demais temas abordados, sobretudo com a Filosofia Antiga, um conhecimento peculiar a estas aulas. Fato precedente também ocorreu nos estudos das estruturas gerais da psicologia, apreciadas e expostas nos registros dos diários do *Quarto Bimestre* de 1980, no qual não houve muitas relações entre estas duas áreas do saber e, tampouco, diálogos interdisciplinares acerca de suas principais temáticas.

Quanto às avaliações, em quase todas as turmas, procedeu-se à lógica dos testes e provas cumulativas (com exceção da turma 1-C, aplicando-se, em lugar da prova, exercícios sobre “Razão e Inteligência”). Ademais, fez-se em todas as classes a recuperação dos objetivos não alcançados, os quais corresponderam a uma nova possibilidade apresentada pela docente de aquisição dos conhecimentos ministrados em sala de aula, tendo como base os erros e acertos dos/as alunos/as, tanto nos testes como nas provas bimestrais.

Tratava-se de uma prática escolar residual dos tempos da Ditadura Militar, visando à “melhoria da aprendizagem” e a consequente diminuição dos índices de reprovação escolar. Contudo, no decurso do primeiro ano da democratização do país, praticamente não houve alterações que possamos considerar como significativas no tocante ao ensino dos conteúdos filosóficos ministrados no Colégio Manoel Ribas. Naquele contexto, a maioria das escolas secundaristas brasileiras ainda não ofertava em suas grades curriculares, a disciplina de Filosofia, conforme a vigência das normas educacionais da época.

Art. 1º - O núcleo-comum a ser incluído obrigatoriamente, nos currículos plenos do ensino de 1º e 2º graus abrangerá as seguintes matérias: a) Comunicação e Expressão; b) Estudos Sociais; c) Ciências.

§ 1º. Para efeito da obrigatoriedade atribuída ao núcleo comum, incluem-se como conteúdos específicos das matérias fixadas: a) em Comunicação e Expressão - A Língua Portuguesa; b) nos Estudos Sociais - a Geografia, a História e a Organização Social e Política do Brasil; c) nas Ciências - a Matemática e as Ciências Físicas e Biológicas (BRASIL, 1971).

Conforme Alves (2002), aos poucos, as autoridades governamentais se dobravam diante de algumas contestações populares que cresciam no pós-ditadura. Iniciava, ainda que de forma muito reduzida, a construção das políticas públicas, cuja plasticidade implicou algumas poucas alterações no universo da educação. Entre estas, Alves (2002, p. 45) relata que “[...] as posturas oficiais começaram a se tornar mais flexíveis, culminando com a reintrodução da filosofia nas escolas, ainda no ano de 1980 no Rio de Janeiro”. No entanto, segundo o mesmo autor, o recomeço da inserção da disciplina de Filosofia no currículo escolar resultou no acolhimento de uma pequena parte das propostas defendidas.

Aqueles/as que protagonizaram as ações em favor da presença da Filosofia na escola foram impedidos de discutir como este retorno se daria. Assim: “Resultou disso que a forma como a filosofia foi reintroduzida não correspondeu, em muitos aspectos, àquilo em que pretendiam as várias entidades representativas dos movimentos, especialmente a SEAF”⁴³ (ALVES, 2002, p. 45).

Ao mesmo tempo, as instituições de ensino “[...] permitiram que professores com formação em outras áreas lecionassem a disciplina de Filosofia” (ALVES, 2002, p. 45), resultando num ensino com baixa qualidade, tanto pelo uso de ferramentas inadequadas, quanto pela falta de conhecimento específico daqueles professores/as sobre o campo de conhecimento filosófico⁴⁴.

Dando continuidade aos estudos do *Terceiro Bimestre* de 1985, as atividades didáticas ministradas nessa fase, nas turmas: 2-D e 2-B (cujos registros foram tomados, como referência nessa pesquisa) trataram das temáticas filosóficas situadas em torno dos seguintes tópicos:

Filosofia Helenística; Os Filósofos da Grécia Decadente; Diógenes, Epicuro e Zenão (DIÁRIO DE CLASSE).

Para o estudo destes temas, foram utilizadas três aulas, com um período destinado à prática de exercícios e outro para a realização de teste avaliativo. Após os conhecimentos inerentes à Filosofia Antiga, foi abordado o estágio de declínio

⁴³ Associação de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), fundada no ano de 1976, cujo propósito residiu na luta em defesa do ensino obrigatório da disciplina de Filosofia no Segundo Grau - Qualificação Para o Trabalho.

⁴⁴ Então, aqui vale mencionar formação acadêmica dos/as professores/as de Filosofia, que lecionaram no Colégio Manoel Ribas nos anos de 1979 a 1989.

político, social e cultural da Grécia, isso em conformidade com as descrições regulares da professora Eulália nos diários de classe analisados.

Porém, nas descrições desses conteúdos não constava nenhuma especificação dos conflitos experimentados por Atenas nas guerras contra os persas, Esparta e Roma, cujos atravessamentos conduziram progressivamente as cidades gregas à ruína, em função da perda da sua autonomia política sobre seus territórios, para os romanos no período helenístico. Logo, o enfraquecimento político, bem como as demais instâncias de produção dos saberes destes povos, foi citado em sala de aula, sem quaisquer especificações das adversidades, que os destituíram de sua soberania, sobretudo no tocante às suas condições territoriais e cidadã.

Quanto à turma 2-C, embora o ensino da Filosofia Antiga tenha sido feito de modo muito semelhante às demais turmas, em particular, foi aplicado também na mesma turma um teste realizado pelos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Filosofia da UFSM. Por ocasião disso, os/as alunos/as desta classe entraram em contato com o seguinte tema: “A validade e a Situação da Filosofia no II Grau”⁴⁵. Em linhas gerais, a atividade citada evidenciou que, já na metade desta década, havia uma preocupação do Curso de Licenciatura em Filosofia da UFSM, com a presença da Filosofia na escola secundária (no contexto dos primeiros nove meses das experiências políticas configuradas, pelo Estado Democrático, instituído no Brasil em 1985).

Ainda na sequência do *Terceiro Bimestre*, na turma 2-F, foi aplicado um questionário voltado à retomada dos assuntos tratados no segundo bimestre. No entanto, no diário desta turma, não está especificado quais os conteúdos foram revisados, tampouco como procederam estas duas primeiras aulas.

No tocante à turma 2-G, deu-se continuidade ao ensino dos temas referentes à “Razão e a Inteligência”, utilizando dois períodos de aula para finalizar este assunto. Portanto, ficou apenas uma parte da segunda aula para a compreensão dos “Filósofos da Grécia Decadente”. No entanto, este tópico não se encontra destrinchado ou detalhado em conceitos, tampouco foi esboçado acerca de sua periodização histórica e a respeito das particularidades da produção filosófica; nessa

⁴⁵ Informação descrita pela professora Eulália no Diário de Classe da turma 2-C, referente ao Terceiro Bimestre de 1985 (12 de setembro).

fase. Do mesmo modo não foram registadas nesta classe, seja nas descrições dos conteúdos, seja na produção de exercícios e estudos temáticos, os processos mais amplos referentes à dominação política e cultural imposta ao mundo grego. Esta incompletude de informações pode ter prejudicado o aprofundamento dos estudos realizados em sala de aula junto aos alunos de forma relativa à interpretação dos sentidos históricos e filosóficos da Filosofia Antiga (posto que, sabidamente, os antagonismos vivenciados nas cidades gregas entre os séculos III, IV e V atravessaram os movimentos do ato de filosofar).

Nesse módulo de ensino, ainda foram trabalhados nos Segundos Anos os temas peculiares ao *“Ceticismo e Dogmatismo”*, *“Idealismo e Materialismo Histórico”*, tendo como instrumento de aprendizagem a realização de trabalhos didáticos construídos pelos/as estudantes, através da proposta de compreensão de seus princípios teóricos. Sobre o exposto, no decurso das aulas, também foram correlacionados os *“Modelos de Conhecimento”*, em suas modalidades: empírico, científico e filosófico, os quais se encontram descritos sem muitas mudanças, no que se refere à abordagem teórica conceitual de suas bases constitutivas, ensinadas nos anos anteriores. Por ocasião destes estudos, também foram realizados exercícios, seguidos de correções como forma de revisão preparatória à avaliação cumulativa. Em seguida, foi entregue aos/às estudantes o poema *“Entre a Flor e o Parafuso”*⁴⁶, marcando, então, a retomada, na turma 2-A, dos espaços-tempos destinados à leitura e compreensão textual.

No decurso destas atividades, a avaliação bimestral ocorreu em praticamente todas as turmas, à exceção da turma 2-C, em que houve a apresentação da palestra sobre o *“Materialismo”* e o *“Realismo Crítico”*, proferida por um estagiário da UFSM. Após o referido evento, foram destinadas 2 horas-aula, para elaboração de argumentações e questionamentos sobre o tema. Isso denotou uma expressividade maior na discussão dos conteúdos sobre o materialismo crítico, o qual teve como seus principais representantes Marx e Engels, cujas descrições limitavam-se, até então, a recortes teóricos e exposição de conceitos, entre eles a luta de classe.

É importante pontuar, que, nesse período, foi instituído, no Colégio Manoel Ribas, o processo de eleições à direção da escola através da participação direta da Comunidade Escolar. Conforme as anotações da professora Eulália nos diários de

⁴⁶ Anexo A.

classe dos Segundos Anos em 1985, durante as aulas de Filosofia e das demais disciplinas curriculares, foram realizados debates entre os/as candidatos/as, marcando a inserção da escola e da sua comunidade no movimento nacional de democratização da administração das redes públicas de ensino.

Embora em 1985 as eleições de diretores para instituições públicas de ensino básico se mostrassem como uma importante experiência, em sua fase inicial, o voto não era paritário, havia diferença de pesos entre os seguimentos escolares. Assim, o valor do voto de professores e funcionários se sobrepunha ao peso dos votos dos alunos/as e seus/suas responsáveis. Esse fator favorecia o corpo docente e os demais servidores responsáveis, quanto à produção do resultado do pleito, possivelmente contrariando a vontade de pais e alunos/as.

Paro (1996, p. 390), ao fazer uma análise sobre as eleições escolares, afirma:

Certamente, o impacto das eleições sobre a democracia na escola ficou muito aquém do esperado pelos mais otimistas que queriam, senão todos, pelo menos um grande número de pessoas, entre pais, alunos, funcionários e professores, participando intensamente das decisões da escola pública. O que se deu, na verdade, além da ocorrência importantíssima de um novo clima de liberdade de expressão e de uma maior consciência de direitos e deveres, foi que a participação mais ativa ficou por conta de alguns poucos elementos mais persistentes em suas ações. Mas, a lição importante a tirar parece ser precisamente a respeito da importância de se contar com pessoas que se dispõem a participar democraticamente, porque, mesmo contando com reduzido número de adeptos atuantes, a prática democrática tem conseguido imprimir uma nova qualidade nos rumos das ações desenvolvidas no interior da escola.

No contexto das aulas de Filosofia no ano de 1985, a professora Eulália ainda organizou uma dinâmica muito singular, contemplando o período de retorno da democracia no Brasil, a partir da utilização da música de Milton Nascimento, “Coração de Estudante”. Esta canção foi tema de muitas lutas estudantis em favor da democratização do país e das escolas. Atrelado a esse processo escolar, deve-se destacar a redefinição das funções do Grêmio Estudantil, que, nesse período, começa a se organizar dentro das escolas, tendo como objeto de ação o protagonismo e as reivindicações dos/as estudantes. Por suposto, passam a denotar um novo ordenamento em suas ações, já antes disso, predominavam em muitas destas entidades o caráter lúdico, com ênfase nas festas e datas comemorativas.

No entanto, ainda subsistiam fortes traços das regras vigentes antes de 1985, as quais eram inerentes às forças e estratégias estatais militarizadas, produzindo,

ainda, ações de controle sobre os escolares. Foi somente a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, que as regras à condução do pleito eleitoral, se tornaram claras nas unidades escolares, em conformidade com os seguintes dispositivos:

Art. 14 - Os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996).

Na sequência das aulas do referido bimestre, encontrei anotado nos diários de classe a respeito da utilização de um texto não filosófico, intitulado: *Último Discurso de Charles Chaplin (1940)*⁴⁷, cuja leitura mostra os nexos plurais com as narrativas do mundo contemporâneo, por abordar questões sobre liberdade, resistência contra o racismo e ações antissemitas no contexto da Segunda Guerra Mundial, e as possibilidades de emancipação plural dos povos.

O texto, de modo geral, dá ênfase à democracia e, portanto, às liberdades civis, independente de raça, nacionalidade ou status econômico do sujeito, valorizando a importância da diversidade racial e étnica, bem como os sentidos próprios de cada cultura. Chaplin (YASHINISHI, 2016) entende a felicidade como um desejo comum a cada sujeito, o qual concede fluxo e significação à vida, sendo a terra a provedora dos recursos necessários à produção da existência, dignidade e bem-estar coletivo.

A propósito, Charles Chaplin, no texto, responde às críticas à sua arte, produzindo uma ficção que humaniza seus personagens no intuito de se despir da imagem, que o ligava ao ditador Adolf Hitler e da barbárie produzida durante a II Guerra Mundial. Ele declara: “Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja” (YASHINISHI, 2016, s./p.). Nesse prisma, o artista demonstra que seu trabalho foi voltado tão somente ao ato de fazer rir, constituindo a pobreza e a violência como matéria desse riso, assim, protagoniza esses temas, através da arte e da comédia.

⁴⁷ Disponível para consulta no Anexo E.

No entendimento de Chaplin (YASHINISHI, 2016), a mesma máquina que aumentava a produtividade dos sistemas de produção capitalista, também era responsável pela penúria dos povos e pelas guerras, em sua letalidade. Logo, a integridade das pessoas nos processos de evolução das sociedades era um referencial à igualdade e êxito de cada um.

Nas aulas subsequentes, foram localizadas as anotações sobre o tema *Conhecimento* e suas modalidades, sendo elas o: *Ceticismo e Dogmatismo*. Sobre estes temas, não encontrei quaisquer registros com maiores detalhamentos acerca de sua definição teórica, porém é sabido, que ambos os conceitos se apresentam de forma complexa no âmbito das pesquisas filosóficas.

Com efeito, se pensarmos a importância do conceito de dogmatismo e as atitudes dogmáticas, vale afirmar que a ditadura no Brasil operou em conexão com os dogmas da Igreja, que mitigaram as ideologias de resistência, virtude dos seus discursos contrários à militarização do Estado Nacional, os quais foram silenciados ou escondidos na clandestinidade. Isso se dava enquanto o governo militar seguia seu rumo, agregando enunciados à sagrada família ⁴⁸, postulada na tradição cristã conservadora. Assim, as instituições políticas passaram a atuar de forma exclusivamente dogmática ao excluir as manifestações culturais e as práticas de resistência contra o projeto político firmado em 1964.

Portanto, os estudos sobre o *dogmatismo* e o *ceticismo* podem ter sido imprescindíveis para o entendimento da leitura do *Último Discurso de Chaplin* (YASHINISHI, 2016), retomado com a produção dos trabalhos escritos. No entremeio destas atividades, foi ministrada uma hora de aula pelo SOE, objetivando o desenvolvimento de suas temáticas educacionais em sala de aula. Por isso, a finalização do trabalho sobre o discurso de Chaplin nessas classes foi concluída apenas no início do quarto bimestre, com a utilização de mais três aulas, em conformidade com os registros das ações pedagógicas da docente Eulália. Em suma, o texto de Chaplin (YASHINISHI, 2016) se apresentou, neste contexto de

⁴⁸ Este modo de pensar a organização da família brasileira, no decurso de vários séculos, foi instrumentalizado a fim de julgar e exterminar as noções de gênero e fundamentar práticas e discursos de premência dos brancos sobre os negros. De forma notória, as ações de violência contra essas pessoas foram e ainda são encobertos na vida social e no campo da justiça. Por conseguinte, o peso do preconceito em relação ao reconhecimento do outro é uma atitude recorrente aos comportamentos dogmáticos, que tornam diferentes grupos sociais como inferiores ou pecaminosos, em virtude de suas crenças, cor, etnia e orientação sexual.

leitura, como uma ferramenta interdisciplinar na composição do estudo sobre os conceitos de democracia, liberdade, dignidade humana, ceticismo e dogmatismo.

Quanto à turma 2-B, a produção de atividades a partir do texto de Chaplin (YASHINISHI, 2016) contou com duas aulas antes da prova, e as exposições dos/as estudantes adentraram o quarto trimestre, sendo utilizadas, mais duas horas-aulas, para o término da tarefa. Nas apresentações dos/as alunos/as, houve um intervalo para uma palestra sobre “*Prevenção de Acidentes*”. Posteriormente, nesta mesma turma, foi dispendida outra aula à consecução de exercícios de recuperação da aprendizagem. Diante de tais demandas institucionais, nas turmas 2-D e 2-F, este estudo temático, embora tivesse iniciado ao final do bimestre corrente, somente foi finalizado durante o quarto bimestre de 1985.

Com um cronograma ainda mais diferenciado, a turma 1-C foi a única turma na qual a interpretação do texto de Chaplin (YASHINISHI, 2016) teve todas as suas etapas desenvolvidas no quarto bimestre, em 4 horas-aula. A metade deste tempo foi utilizada para a composição da pesquisa e suas conclusões, e outra parte para as apresentações. Tal dinâmica oportunizou a turma um prazo razoável para o planejamento e finalização da pesquisa de modo mais adequado, com a possibilidade de apreciação de dúvidas junto à professora Eulália.

De modo geral, no processo de finalização do *Terceiro Bimestre* de 1985, os registros da docente Eulália nos diários de classe dos Segundos Anos, no que concerne às atividades sobre o “*Último Discurso de Chaplin (1940)*” (YASHINISHI, 2016), indicam que, em todas as turmas, houve o envolvimento dos/as estudantes com a leitura e com a construção da oratória nas apresentações dos estudos propostos.

Chegando ao *Quarto Bimestre* de 1985, os conteúdos ensinados nas aulas de Filosofia foram, em parte, atípicos quanto à sua ordem, considerando os exercícios, os trabalhos e as práticas de recuperação realizadas. Isto se reflete também na finalização dos estudos sobre o *Último Discurso de Chaplin (1940)*, referentes ao terceiro bimestre. De modo geral, no decorrer desse tempo foram explorados pela docente Eulália alguns tópicos em torno do Existencialismo ao longo dos dias letivos, expostos a seguir:

A Filosofia Atual; Individualidade e Normas Sociais; Liberdade e Existência; Existência e Essência em Sartre (DIÁRIO DE CLASSE).

Ainda no decurso da condução dos conteúdos programáticos deste último bimestre, foi oportunizada aos/às estudantes a leitura do texto “*A Liberdade em nível existencial*”, de Sartre, desenvolvida em apenas três horas-aula. Posteriormente, constam descrições de atividades de revisão dos conteúdos ministrados novamente visando à preparação dos/as estudantes para a avaliação bimestral, mantida na modalidade de estudos cumulativos, sendo realizada em duas aulas.

Após esta avaliação, houve nova “revisão” da aprendizagem, realizada por ocasião da entrega das provas, conforme assinalou a professora Eulália nos diários de classe. No decorrer de 1980 a 1985, a docente realizava tal prática, sempre que fosse necessário. Este aspecto é muito peculiar ao seu modo de ensinar, evidenciando assim, seu empenho para que houvesse uma possível aprendizagem de Filosofia nas turmas sob sua regência.

Com relação às aulas sobre o existencialismo, destaco que, nos diários de classe da mesma professora sobre a turma 2-E, há menções críticas ao existencialismo, cuja intensidade afetou a Filosofia tradicional, deslocando-a para outra dimensão discursiva, com ênfase nas experiências do pensar. Esta mudança está descrita nos diários de classe da docente Eulália como “*A Existência Precede a Essência*” e a “*A Liberdade Existencial em Sartre*”, tratando a liberdade e existência do sujeito como presença no mundo. O ensino destes conceitos se deu através de práticas de leituras concentradas durante sete horas-aula. Nesta turma, houve um teste oral sobre os conteúdos e, após, como um procedimento de rotina, ocorreu a sua revisão.

Em síntese, no decorrer destes quatro bimestres letivos houve a realização de exercícios, testes, estudos dirigidos, atividades de leitura de textos filosóficos e não filosóficos, bem como trabalhos em grupo, com produção de relatórios, resumos temáticos, apresentações e debates, conforme as descrições da professora Eulália.

5.4 UM POSSÍVEL NOVO ENFOQUE NO ENSINO DE FILOSOFIA: DIÁRIOS DE 1986

Os diários de classes do *Primeiro Bimestre* de 1986 dos Segundos Anos do Colégio Manoel Ribas, ainda apresentavam uma sistematização análoga aos diários produzidos em 1980, inclusive mantendo as atividades de “Sondagem de

Conhecimentos e Interesses”⁴⁹. É importante assinalar que, até o ano de 1986, o ensino de Filosofia, na condução da professora Eulália, ainda apresentava marcas significativas dos estudos formais dos conteúdos. Contudo, suas práticas pedagógicas se valiam de ferramentas diversificadas. Como isso acontecia?

Tais marcas apareciam na estruturação dos conteúdos registrados a partir de um enfoque centrado de modo quase exclusivo na História da Filosofia, sem muitas mudanças nos planos de ensino. De forma geral, o que se apresentou em minhas análises é que a disciplina de Filosofia, sob a regência da professora Eulália, nos Segundos Anos e Terceiros Anos do Segundo Grau, entre 1980 e 1985, foi ministrada de forma muito semelhante, com os conteúdos praticamente se repetindo ano após ano. Conforme, os anexos dos diários digitalizados; também se repetem suas metodologias, como as práticas de escrita na forma de relatos e as leituras de alguns textos, já utilizados anteriormente.

Logo, as atividades de aprendizagem permaneceram restritas à elaboração de sínteses e considerações gerais de textos, bem como aos estudos orientados, debates temáticos e palestras. Por conta disso, não foram encontrados nos diários de classe, até 1985, descrições sobre as pesquisas voltadas à produção de uma escrita individual, que de fato oportunizasse a autonomia dos/as estudantes no ato de escrever (a maioria das práticas de escrita foi em grupo). Dessa forma, constata-se que a trajetória da disciplina de Filosofia ensinada nos Segundos Anos no Colégio Manoel Ribas, durante o período da democratização do país, apresentava-se ainda marcada por traços das práticas pedagógicas referentes aos anos de 1979 e 1980.

Ainda quanto a esse período, foi necessário pensar a conjuntura do Ensino de Filosofia diante das dificuldades de redimensionamento dos objetivos que redefiniram a educação nacional para o Ensino Básico, devido às resistências e contradições postas no processo da revisão de suas antigas bases constitucionais expressas na LDB/1971, e ao longo tempo, demandadas nas mobilizações para consolidar uma nova legislação educacional. Com isso, a LDBEN/1996 somente foi

⁴⁹ Conforme Saviani (2008), esta ferramenta tem como base a verificação da aprendizagem e aptidão dos/as alunos/as, a fim de averiguar seus níveis de qualificação a partir dos conhecimentos que foram assimilados nesse processo de ensino. Tem como objetivo a produção de um diagnóstico acerca de como os/as aprendizes chegaram a este estágio de cognição dos conteúdos, e as competências produzidas no uso destas habilidades no campo da profissionalização e das práticas no mundo do trabalho.

promulgada onze anos após a democratização do país, tendo como um importante princípio a concepção de que ensino e pesquisa são indissociáveis em todos os seus níveis de formação educacional.

De acordo com a autora Simone Freitas da Silva Gallina (1999), a conjuntura geral da Filosofia no Ensino Médio enquanto componente curricular, é permeada historicamente pela provisoriedade, em virtude da sua oscilação dentro do currículo escolar, seja na condição de disciplina curricular, seja, por vezes, como disciplina optativa. Para dar conta destes desdobramentos, a pesquisadora analisa as dimensões históricas, teóricas e didáticas, os limites, alcances e o papel da disciplina de Filosofia no processo de qualificação de alunos e alunas do Ensino Médio, problematizando o lugar deste saber na escola, bem como sua necessidade de pensar seus sentidos e importância no campo das práticas didáticas.

Para tanto, Gallina (1999) situa: sobre a permanência da filosofia na formação de nível médio até 1961, no entanto LDBEN/1961 (BRASIL, 1961), em seus dispositivos legis apresenta ampla restrição do ensino de Filosofia na formação secundária e ginasial; e, posteriormente, sobre as prescrições legais pertinentes às leis configuradas na LDBEN/71, a qual determina a Filosofia como uma disciplina opcional, definindo, assim, sua instabilidade no currículo do Segundo Grau (BRASIL, 1971).

A desaprovação da autora também concerne aos dispositivos legais assentados na LDBEN/96 (BRASIL, 1996), pois embora esta legislação tenha reconfigurado à relevância da Filosofia na escola, do ponto de vista da consideração de sua importância social na constituição da cidadania e da cultura, apresentam certa “vagueza”, no tocante a sua presença obrigatória no ensino escolar. Além de tudo, a letra do texto não expõe de forma clara sobre sua relevância no âmbito da dimensão formativa dos conteúdos filosóficos nas grades curriculares do Ensino Médio.

Sobre estes descompassos no ato de ensinar Filosofia na escola secundária, Tomazetti afirma na apresentação da obra *Ensino de Filosofia: Experiências, Problematizações e Perspectivas*, que estaríamos hoje buscando fortalecer o lugar da Filosofia na escola, construindo outros modos de ensino em sintonia com o tempo presente.

Depois de muitos anos lutando pelo retorno da filosofia como disciplina ao currículo escolar, depois de muitos escritos sobre sua importância na formação juvenil, agora os desafios são outros: pensar em formas para efetivar uma presença de sentido, nas condições concretas da escola brasileira e da formação inicial dos professores. Questões metodológicas e didáticas, questões sobre os conteúdos a serem ensinados, sobre os materiais e livros didáticos, sobre a formação do professor de Filosofia: eis alguns desafios que temos enfrentado e que seguem sendo fundamentais (TOMAZETTI, 2015, p. 07).

Esta ausência de sentido da Filosofia pode ser considerada uma forte consequência do modelo educacional vigente entre as décadas de 70 e 80, o qual centralizava a profissionalização dos/as estudantes do Segundo Grau e a qualificação para o trabalho, definida pela LDB/1971 (BRASIL, 1971). No entanto, na década seguinte, com o esgotamento deste modelo de ensino imposto pela falta de estrutura das escolas e escassez de recursos humanos qualificados, uma revisão normativa de suas determinações legais teve que ser realizada, quase ao final Ditadura Militar.

Assim, foi criado um “diferencial” na denominação do ensino nacional para esse grau de formação escolar, o qual passou a ser intitulado como: “Preparação Para o Trabalho”⁵⁰. Tal mudança de nomenclatura foi instituída pela Lei 7.044/82 (BRASIL, 1982), tornando menos rígidos os objetivos do ensino, até então, determinados pelas normas educacionais de 1971. Porém, a vigência da legislação em 1982 não produziu as melhorias necessárias à qualidade do ensino brasileiro.

Apesar desse demérito cenário do ensino de Filosofia, nos registros dos diários de classe de 1986 da professora Eulália, constam atividades que demandaram a reflexão da política, as quais se mostraram atravessadas pelo estudo da Filosofia Antiga em Platão, por meio da análise do “Mito da Caverna”, ainda que com poucos diferenciais no que diz respeito às abordagens deste tema nos anos

⁵⁰ Para Munhoz e Melo-Silva (2012, p. 293), as principais diferenças entre estas legislações legais residiram nas suas abordagens: “A Lei 7.044/82 alterou os dispositivos da lei 5.692/71 referente à profissionalização do ensino de 2º grau, tornando facultativas a qualificação e a habilitação profissional de nível técnico, mas não revogou a obrigatoriedade da Orientação Educacional nas escolas (BRASIL, 1982). Entretanto, o fato de ser facultativa, aliada a críticas às práticas da Orientação Vocacional/Profissional realizadas na década de 1980, contribuiu para reduzir sua atuação nas escolas. Tais críticas centravam-se (1) na excessiva ênfase nos processos psicológicos da escolha profissional; (2) nas atuações muito voltadas para a questão da escolha, nos moldes do aconselhamento, e (3) como resultado desta forma de atuação, as atividades dos orientadores foram, e muitas vezes ainda são consideradas instrumento de reprodução da ideologia dominante e de manutenção das classes sociais”.

anteriores. O enfoque da docente foi teórico-conceitual, reportando apenas alguns aspectos epistemológicos gerais sobre o mundo sensível e o mundo das sombras, já problematizado no capítulo anterior.

Com os/as estudantes, foram elaborados trabalhos de compreensão conceitual e questões temáticas envolvendo a teoria política de Platão, considerando a sua história, bem como a dimensão de suas obras, tendo como fundamento as condições de liberdade e a vida política. Porém, a realidade nascente da democracia brasileira e os resquícios deixados pela prevalência de vinte e um anos de Ditadura Militar foram muito pouco explorados no fluxo do ensino desta teoria. Pelo contrário, a docente deu ênfase à concepção do filósofo voltada à deturpação dos governos democráticos, sem conexões críticas com a conjuntura política brasileira.

Em relação à professora Eulália, esta apresentou uma segunda temática investigativa acerca dos conteúdos estudados, a partir do seguinte texto: “*Como você é importante*”. De acordo com os diários de classe da docente, a exigência desta atividade textual consistia na compreensão e análise da importância da pessoa em sua humanidade. Não constando, ainda em suas descrições marcas, que remetessem a construção da autonomia dos/das escolares na produção escrita, ou que se aproximassem de uma escrita de cunho filosófico.

A seguir, a docente coloca, mais uma vez, em foco na sala de aula uma problematização, a saber: “*Como desenvolver o pensamento Filosófico?*”. No entanto, não há registro escrito no diário de classe da professora sobre o conteúdo e acerca dos textos que foram utilizados na construção dessa proposta investigativa. Apenas há a menção da conclusão da atividade na aula seguinte, sem maiores comentários da docente.

Observo que Eulália, embora não tivesse uma formação específica na área de Filosofia, buscou junto às suas turmas constituir práticas didáticas fundamentadas em conceitos da Filosofia Clássica e problematizações, incluindo até mesmo textos não filosóficos em sala aula, de modo a estabelecer conexões entre os conteúdos filosóficos e estes materiais de apoio didático. Ainda que numa perspectiva de ensino propedêutico, com ênfase na exposição de conteúdos.

Na continuidade do *Primeiro Bimestre* de 1986, a docente Eulália tratou em sala de aula, de forma convencional, os seguintes tópicos:

A mente Humana-Razão e Inteligência; Sensação e Percepção; Conhecimento Humano; Como o homem produz as ciências teóricas e práticas - Os saberes: Empírico, Filosófico e Científico; Formação da Filosofia na Grécia- Filósofos Pré-Socráticos (DIÁRIO DE CLASSE).

Nos diários de classe, à exceção do tópico referente ao tema: “*Como o homem produz as ciências teóricas e práticas*” – que se encontra descrito em conformidade com uma linguagem investigativa, os demais conteúdos se apresentaram análogos aos anos anteriores, com citações de modo geral, resumidas. Portanto, entre os anos de 1980 e 1985, boa parte dos registros da professora Eulália, mais uma vez se repetem, sem grandes mudanças um ano após a democratização do país.

Nesse período, as provas ao final de cada bimestre tinham caráter cumulativo e manteve-se a metodologia anterior de verificação da aprendizagem na composição das notas dos alunos. Antes do fechamento desta unidade, a docente Eulália ministrou uma aula a respeito da “*Formação da Filosofia na Grécia-Filósofos Pré-Socráticos*”, retomando, assim, os conhecimentos sobre a Filosofia Antiga.

Por conseguinte, através da análise das atividades e dos conteúdos trabalhados, considero que, no decorrer deste bimestre, os espaços destinados à reflexão, debates e leituras temáticas foram acontecendo com menor frequência. Assim, nos diários da professora Eulália constam somente: os registros dos assuntos tratados em aula, as conclusões das aulas anteriores, as atividades de teste e a prova bimestral cumulativa. No geral, a finalização desta unidade de ensino se deu com um total de dezessete encontros, tendo-se em média uma aula por semana (e, por vezes, o registro de duas aulas no diário, geralmente na fase da prova cumulativa).

No início do *Segundo Bimestre* de 1986, foram realizadas também atividades acerca do pensamento dos filósofos Pré-Socráticos. Por ocasião destes estudos, a professora retomou as práticas de interação junto aos/às alunos/as, por meio da apresentação dos trabalhos em grupo, tendo como temática “Os Filósofos Pré-socráticos”. Para dar conta deste propósito, foram utilizadas três aulas transcorridas (dias 26-27 e 28 de maio de 1986). No entanto, no contexto das apresentações, não constam quaisquer apontamentos acerca da realização de debates entre os grupos⁵¹, seja durante ou após as exposições de suas pesquisas. Contudo, foram

⁵¹ Assim, subtende-se que as apresentações de cada grupo foram apreciadas apenas pela docente.

retomados os espaços destinados à leitura filosófica, bem como pequenos exercícios da oratória e a partilha de saberes entre a docente e os/as escolares.

Findadas as apresentações dos seminários, houve entrega das provas e, mais uma vez, encontro registros sobre como foi oportunizada a revisão e correção das atividades feitas com aos/as alunos/as. Tal fato denota a retomada de um trabalho participativo, haja vista a divulgação dos resultados das avaliações em sala de aula, com o envolvimento dos/as estudantes, em um processo de apreciação de seus erros e acertos, fomentando a possibilidade de se dar uma nova aproximação com os conteúdos ensinados na disciplina de Filosofia.

Na sequência das aulas, consta como tema estudado “*A Liderança*”. A principal motivação deste trabalho foi à compreensão sobre as práticas da “Liberdade”, com a realização de questionamentos sobre a liberdade em nível existencial, pois a liderança exige autonomia, formação pessoal e ética na tomada de decisões. Houve também a produção de textos pelos/as estudantes, a partir de conceitos elaborados por eles/as, que foram usados pela docente na composição de suas notas.

Por fim, ocorreu, no decorrer do bimestre, o ensino dos assuntos dos clássicos da Filosofia Antiga, com ênfase ao pensamento de Sócrates, Platão e Aristóteles. Contudo, mediante a pouca carga horária da disciplina, esses filósofos foram abordados em apenas quatro aulas, de forma genérica. Desse modo, o encerramento do *Segundo Bimestre* de 1986 se deu com a aplicação de uma prova cumulativa, seguido de conselho de classe sobre o qual não se encontram quaisquer detalhamentos nos diários.

Muito embora as provas cumulativas tenham funcionado como um instrumento de avaliação do estudo de todos os conteúdos ministrados no bimestre, grande parte dos alunos e alunas apresentou neste ano letivo, um bom desempenho escolar. Averigui que as notas descritas nos cadernos da docente variam entre 55, 60, 70, 80, 98⁵². Até mesmo alguns escolares que ficaram com zero em algumas avaliações, quando somada à nota do primeiro bimestre com o segundo e terceiro, obtiveram a média de 50, valor considerado em 1986, como nota mínima para aprovação no Segundo Grau do Colégio Manuel Ribas.

⁵² Consultar Apêndice K.

Na retomada do *Terceiro Bimestre* de 1986, encontrei indicado nos diários dos Segundos Anos o “Estudo dos Valores”, realizado através da compreensão de suas bases teóricas, cujas especificações nos diários de classe denotam que foi acionada uma compreensão histórica da temática. Do mesmo modo, estava indicado o estudo do tema “Valores”, sendo tratado em conexão com o cotidiano, envolvendo o campo das práticas sociais permeadas por princípios morais, próprios de uma cultura e seus padrões de comportamento.

Na aula do dia 18 de agosto de 1986, foi ministrada uma palestra a respeito do Projeto Planejamento Familiar, cuja abordagem abrangia as atividades didáticas da disciplina de Filosofia. Na sequência das aulas, em conexão com este tema, foram trabalhados os seguintes conteúdos: “Axiologia-Valores e Medidas dos Valores”. Nesse sentido, a docente fez algumas relações entre as realidades vivenciadas pelos/as estudantes e as questões referentes ao tema do aborto, apontando as possibilidades elaborativas de uma perspectiva de reflexão dos/as jovens sobre tal procedimento, cujas ações recaíam, sobretudo, no corpo e nos sentidos das mulheres.

Sobre esta questão, Oliveira (1994) observa que, mesmo antes da democratização do Brasil, marca-se um esforço mundial por parte do movimento feminino para singularizar suas demandas enquanto cidadãs, legitimando o domínio da condução de si e de suas escolhas, configurando uma participação mais efetiva da mulher na esfera do trabalho, cuja discursividade marca um processo de afirmação da subjetividade feminina.

Na década de 1970, quando as mulheres feministas da área da saúde engendraram na ação política o enunciado “meu corpo me pertence” [...] na defesa da tolerância entre as diferenças e as diversidades individuais, num contexto em que a sociedade brasileira havia incorporado o autoritarismo dos militares. Pautava também nessa época a agenda do livre exercício da sexualidade, deslocada reprodução. [...] a reivindicação pelo saber e controle do próprio corpo, pondo em ação os processos de revolução molecular, cujos efeitos, vivido no plano profundo da subjetividade, irão por sua vez, desencadear o questionamento, tanto das demais formas de apropriação como do excedente na relação de trabalho, levando-as de casa para rua em busca de sua cidadania real, enraizada na ideia de autonomia enquanto capacidade de autorreflexão e autodeterminação dos indivíduos (OLIVEIRA, 1994, p. 80).

Nesse sentido, é importante problematizar a respeito das relações entre o planejamento familiar e a questão do aborto, surgidas nos diários em 1986. Os

registros da professora Eulália mostram que ambos os temas foram tratados de forma concomitante, embora ensejassem uma análise singular, seja em seus encontros, ou equidistâncias. Sabemos que planejamento familiar atravessa questões privadas das famílias, correlacionadas com políticas públicas de controle da natalidade, através do acesso a informações acerca da organização sistemática das famílias e da necessidade do uso regular de contraceptivos, envolvendo as demandas sociais e econômicas dos grupos sociais.

Ou seja, o trato didático das questões a respeito do aborto em uma unidade escolar, vinculado ou não a uma política pública de ordem familiar, trata de um problema intimamente relacionado com a sexualidade e os desejos da juventude, agregado, por vezes, à falta de informação e descuido com o uso dos métodos contraceptivos. Isso envolve uma infinita rede de questões sobre vulnerabilidade feminina, tendo como resultado a contaminação por infecções sexualmente transmissíveis, ou uma gravidez precoce indesejada – levando as jovens à prática do aborto clandestino, ora forçada pelos parceiros e familiares, ora tendo que vivenciar isso solitariamente, expostas a todo tipo de trauma psíquico e físico.

Ainda sobre o processo de consecução desta atividade, é necessário firmar que seu desenvolvimento foi registrado nos diários de classe da professora Eulália com a seguinte descrição: “[...] *o estudo do aborto e o planejamento familiar, em forma de projeto*”. Nessa dinâmica, a consecução de seus objetivos parece ter se dado principalmente na própria disciplina de Filosofia, com todas as turmas e com a participação ativa dos/as jovens. Desse modo, esse assunto se correlaciona aos registros dos conteúdos referentes às bases filosóficas da moral, da liberdade e das possíveis condições de escolhas dos sujeitos e, por vezes, da ausência de discernimento dos indivíduos sobre os resultados de suas ações.

Na continuação das aulas de Filosofia, a mesma docente trabalhou o tema “Necessidade”, agregando as demandas deste estudo às questões da vida e do bem-estar do ser humano. Nesse contexto, foi retomado novamente em sala de aula o projeto temático do “Planejamento Familiar”, cuja abordagem ocorreu em proximidade com uma análise filosófica, mediante a reflexão de suas demandas, pensadas, mais uma vez, dentro da esfera dos padrões da conduta humana colocados no âmbito social, com ênfase na estrutura familiar.

Em seguida, foi aplicado um teste avaliativo. Após, foram constituídos espaços-tempo de leitura diversificada, ampliando a aquisição dos conhecimentos

dos/as jovens sobre o Aborto, relacionado ao Projeto de Planejamento Familiar. Ainda, conforme os registros da docente Eulália tiveram debates coletivos em todas as classes, os quais versavam a respeito dos problemas morais e da importância da liberdade. Apesar de o tema estar vinculado ao universo da sexualidade dos/as jovens, houve um descolamento entre os estudos sobre aborto e sexualidade, bem como a ausência de aprofundamento das questões de gênero, considerando as diferenças das práticas do desejo e afetividade entre homens e mulheres.

Falar em aborto na escola é tratar, invariavelmente, sobre sexualidade, cujo entendimento demanda a necessidade de uma travessia no campo de ideias e conceitos complexos próprios do cotidiano, visto a forte presença das questões culturais, afetivas e religiosas no âmbito social e familiar, as quais perpassam este tema. Podemos sentir esse impacto religioso sobre as mulheres a partir do relato de uma teóloga, explorado por Oliveira (1994, p. 88):

[...] O aborto não tem sido problema para mim e sim para as outras mulheres, pois sou freira. Em um corpo que não engravidou que não engravida, como podia ser a favor da legalização? Vivi na teologia com o discurso a favor dos pobres. A questão do discurso do aborto é mais difícil. Acho que esta questão é mais do que legalização. Como teóloga tenho que repensar esta questão a partir da solidão e da culpa que as mulheres carregam. Para a Igreja católica, quando uma criança nasce e morre, a sociedade é que é culpada; mas no caso do aborto, ela não tem em quem por culpa, a mulher tem que carregar essa culpa sozinha. A Igreja Católica é carrasca [...]. Senti gelada ao discutir esse tema, sentimento de sofridão - sofrimento e solidão - dor impasses teológicos [...].

Embora cientes de que as narrativas acerca da sexualidade não presumem apenas os fatos pertinentes ao aborto e ao planejamento familiar, esses temas são de suma importância no ordenamento da vida social, nas ações de governo na consolidação do Estado democrático brasileiro. Por isso é relevante à atualização das políticas públicas voltadas às questões de preconceito, das exclusões, desencontros e angústias dos/as jovens nas escolas, posto que, quando são discutidas pelas instituições públicas e pelos sujeitos envolvidos, podem vir a constituir novos gestos de afetividade e cidadania.

Há configurações de forças, datadas já de 1986, cuja discursividade atenta ao entendimento e problematização das questões de gênero na perspectiva da

diversidade sexual⁵³. Entretanto, os assuntos referentes às manifestações do corpo, enquanto práticas do desejo, sempre se deram de forma periférica, ou mesmo deixaram de acontecer nas escolas, em face dos conteúdos formais e questões morais dos agentes escolares envolvidos.

O currículo escolar costuma reduzir a discussão da sexualidade na juventude a dois temas: gravidez na adolescência e à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis – DSTs e ao Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV [...]. Entendemos que uma educação em sexualidade deva contemplar a revisão das hierarquias de gênero e da sexualidade visando à construção de uma sociedade mais diversa e respeitosa. Entretanto, não queremos com isso afirmar que não é necessário discutir a gravidez na adolescência ou a prevenção a epidemia da AIDS. Porém, é possível inovar no jeito de conduzir essas discussões, partindo de uma lente que contemple as desigualdades de poder na questão do gênero e da sexualidade (NOGUEIRA; D' ANDREIA, 2014, p. 31-32).

Desse modo, os estudos dos valores e sua hierarquia apresentavam possíveis ligações com o projeto citado pela Eulália, conectado às pautas e dimensões sociais e sobre, àquilo que era vivido no cotidiano dos/as escolar, em 1986. Os temas sobre a família, liberdade, valores e aborto envolveram vários pontos situados no contexto da vida prática e, portanto, voltados à organização da existência cotidiana dos sujeitos sociais. Tais ensinamentos estavam imersos aos valores e crenças promulgados na sociedade brasileira na década de 1980, dentro e nas bordas de uma conjuntura sociocultural em movimento de transformação, tanto na defesa de direitos reprodutivos das mulheres, quanto nas discussões sobre diversidade de gênero nos países em processo de democratização a partir de 1985.

Em linhas gerais, os estudos sobre o aborto, realizados pelos professores e estudantes na disciplina de Filosofia no Colégio Manoel Ribas, embora voltados ao planejamento familiar, criou, no meu entendimento, outras possibilidades discursivas no trato das questões temáticas acerca da sexualidade, em 1986. Um ano marcado

⁵³ Tal discurso nos remete à atualidade, na qual discutir sobre o corpo na dimensão de sua sexualidade não é um assunto acolhido no âmbito da escola, sobretudo pelas famílias cristãs, em pleno século XXI. Isso se dá numa conjuntura de política nacional, cujas diretrizes do Poder Executivo, conduzido por Jair Bolsonaro - e parte do exército nacional, das cúpulas evangélicas e dos partidos de centro direita – que deseja extinguir qualquer discussão conceitual e pragmática da sexualidade como objetivo escolar. Isso acarreta o retrocesso dos diálogos sobre os dilemas sociais, os quais envolvem o planejamento familiar e conversão de valores situados no campo da afetividade e respeito - ao reconsiderar-se a realidade produzida no cotidiano das pessoas e aqueles pertinentes à construção das narrativas e dos direitos sociais que ensejam as questões de gênero, sexualidade, gravidez indesejada, DSTs e práticas de abortos clandestinos (OLIVEIRA, 1994; NOGUEIRA; D'ANDREA, 2014).

pelas lutas em favor da afirmação das liberdades civis, que, por certo, produziram alguns atravessamentos sobre as questões inerentes à sexualidade.

Após o término das atividades gerais sobre o aborto e o Projeto de Planejamento Familiar, consta nos diários de classe da disciplina de Filosofia, sob a regência da professora Eulália, práticas de ensino ministradas sobre o civismo. Afirma-se isso a partir do registro de um trabalho alusivo ao Dia do Gaúcho, acerca da compreensão da Música de João Chagas Leite (1984), “Pampa, Campo e Querência”⁵⁴, a qual traz uma concepção regionalista tradicional tematizando a abordagem do civismo, da valorização da terra, da sua fertilidade, da semente e do plantio.

Contudo, esta canção apresenta eufemismos e contradições, dado seus versos relativizarem a respeito de quem é o dono da terra, dos campos e suas plantações. Esta afirmação tem seus sentidos e vincula-se à seguinte estrutura semântica da poética da sua letra: “Campo dos que colhem sem plantar, dos que plantam sem colher. Ah, pudesses tu escolher de quem ser e a quem se dar”. Entende-se que esta atividade se vincula a uma forte relação da cidade de Santa Maria com suas tradições locais e regionais, constatando a presença dos matizes do civismo da escola agregada à cultura tradicionalista e conservadora do Estado do Rio Grande do Sul e, também, por resquícios da ditadura.

O *Quarto Bimestre* iniciou a partir de 27 de setembro de 1986, mais uma vez com a entrega das provas, a “correção” e “comentários”, seguidos da organização dos conceitos e das questões a serem estudadas junto às turmas. Foi iniciada a apresentação do tema “Filosofia Atual”, cujas apreciações foram delineadas com destaque no estudo do Liberalismo, através de trabalhos realizados em grupo. O objetivo era o entendimento conceitual dos princípios liberais, por meio do fomento à discussão entre os/as escolares, pelo qual é possível retomar os estudos dos conceitos filosóficos – deixados à parte, até então, em virtude dos trabalhos realizados em torno do “Projeto de Planejamento Familiar”, junto à compreensão do Aborto e, posteriormente, da análise do “Civismo”.

Na sequência, foram desenvolvidas as “Ideias dos Filósofos Modernos” sob o prisma do “Liberalismo”, tratando de apresentar a Filosofia Política Moderna. A apropriação dos conceitos pelos/as alunos/as se deu através de discussões em sala

⁵⁴ A Letra da música completa citada no Anexo C.

de aula, a partir das quais se produziram lugares de fala acerca do que eles e elas compreendiam destes tópicos da Filosofia. A partir desta organização, os grupos protagonizaram espaços/tempos de leituras, debates e, muito provavelmente, de apropriação dos conceitos filosóficos.

Ao encerrar estes conteúdos, a docente apresentou o tema “Existencialismo: Existência-Alienação-Individualidade e as Normas Sociais”, por meio do qual foram elaborados estudos dirigidos sobre a relevância social e a significação dos principais aspectos do Individualismo, com o uso do poema “Entre Flor e o Parafuso” de autoria de Simão Goldman⁵⁵, a partir do qual foram estudadas as questões referentes ao ser e o ter, na perspectiva do capitalismo e da solidão do homem contemporâneo.

Posteriormente, a esta leitura de texto não filosófico foram descritos nos diários de classe sobre os estudos dos filósofos: Soren Kierkegaard e Jean Paul Sartre. Por ocasião da continuidade dos trabalhos dirigidos produzidos nas turmas, nos quais a docente utilizou como ferramenta pedagógica “a leitura de pequenos contos e reportagens”⁵⁶, submetidos à interpretação em sala de aula. Inclusive, consta novamente nos diários de classe a exigência de elaboração de relatos das turmas sobre o existencialismo, considerando as suas interfaces subjetivas no campo da Filosofia Atual.

Nas aulas seguintes, aparecem listados os registros das ideias de Marcuse e B. Russel, demonstrando um contato maior dos/as alunos/as com a Filosofia Contemporânea. Nos anos anteriores, o trato destes temas e autores estava restrito ao último semestre, denominado como “Filosofia Atual”, tendo como suporte o pensamento de Jean Paul Sartre e, por vezes, de Herbert Marcuse acerca da temática Cultura de Massa, com breves passagens pelo Materialismo Crítico. Em conformidade com a análise dos conteúdos desenvolvidos pela docente durante toda a década 1980, principalmente nos últimos bimestres letivos, verifiquei que os estudos realizados nas aulas, na fase correspondente ao final do ano letivo, eram feitos através de recortes teóricos dos conceitos filosóficos.

Porém, não encontrei, no detalhamento das descrições dos diários de classe, a referência a respeito do uso das obras completas destes filósofos e dos livros

⁵⁵ Texto já trabalhado no ano de 1985, nas turmas dos Segundos Anos. Disponível no Anexo A.

⁵⁶ No entanto, não foram citados os títulos dos contos e reportagens, seus autores e referências bibliográficas gerais.

didáticos de Filosofia. Tampouco constam registros acerca das práticas de estudo voltadas à compreensão de fragmentos filosóficos que tenham sido utilizados no desenvolvimento das atividades. No entanto, vale dizer que os registros dos conteúdos ministrados se mostram claros quanto aos conceitos trabalhados em sala de aula.

Apesar do último bimestre de 1986 ter sido, orientado pelos estudos da Filosofia Contemporânea, foi averiguada, nas descrições dos assuntos tratados, a prevalência de uma compreensão geral da História da Filosofia Moderna, persistindo mais uma vez traços de um ensino com marcas propedêuticas. Ainda assim, permito-me inferir que as relações dos conteúdos ensinados com o campo do vivido, aos poucos, foram modificando este panorama das aulas de Filosofia, como podemos perceber em alguns momentos já abordados. No decorrer do ano, conforme os registros das aulas, a construção da reflexão filosófica passa ser, perceptivelmente, de uma maior aproximação e contato dos/as jovens com os filósofos clássicos.

O encerramento do último bimestre se deu com a revisão dos conteúdos, seguido da prova cumulativa, em duas 2 horas-aula. Posteriormente, foi feita a correção das provas em sala de aula, um procedimento usual da docente. Houve, então, a entrega das notas do bimestre numa “aula informal”, na qual os alunos realizaram avaliação das atividades desenvolvidas durante o ano letivo. Todos os/as alunos/as que cursaram assiduamente a disciplina de Filosofia em 1986 foram aprovados sem recuperação ⁵⁷.

Em linhas gerais, no último bimestre de 1986, foi possível observar, a partir dos diários de classe de Eulália, uma conversão de olhar da docente em relação ao desenvolvimento de suas práticas didáticas, as quais passaram a ser realizadas de modo mais dinâmico, com a participação das turmas em atividades de grupo, em debates e intensificação dos trabalhos voltados à compreensão dos conceitos filosóficos. Também apareceu maior momento de diálogo entre a docente e os/as alunos/as, oportunizados por ocasião dos estudos sobre os temas atuais, apresentações de trabalhos realizados com base na leitura e construção de relatos sobre o que foi lido. Não obstante, a elaboração da escrita nas aulas ministradas

⁵⁷ Consultar Apêndice K.

pela professora Eulália em 1986 se dava na forma de relatos em grupo, com poucas anotações que apontem para a construção e incentivo de uma escrita individual.

5.5 ENTRE A ÊNFASE NA FILOSOFIA CLÁSSICA E OUTROS MOVIMENTOS NA ABORDAGEM DOS CONTEÚDOS: 1987

O ensino da Filosofia Clássica nas turmas sob a regência da professora Eulália, no Segundo Grau do Colégio Manoel Ribas, foi organizado a partir do viés da História da Filosofia, mais uma vez com os tópicos ministrados de forma cronológica. Após ter passado dois anos do início do processo de democratização do país, embora se perceba algumas poucas mudanças na abordagem das aulas desde 1986, os estudos dos conteúdos permanecem praticamente os mesmos ao longo do ano de 1987, sobretudo quanto à abordagem da Filosofia Antiga, Moderna e Contemporânea, nesse grau de ensino, e em conformidade com os resumos digitalizados referentes aos diários de classe ⁵⁸, cujos arquivos assinalam a presença do ensino de Filosofia nessa instituição, como disciplina curricular, desde 1979⁵⁹ até 1989.

Constam nos registros destes materiais pedagógicos alguns momentos de problematização dos conteúdos, os quais se encontram descritos com clareza no tocante ao delineamento dos conceitos filosóficos ensinados em classe. Porém, outros foram apresentados de forma linear, sendo situados, por vezes, de modo periférico ao contexto histórico de sua produção. Isso, conforme apontam as práticas didáticas já assinaladas, nesse estudo. E aquelas que aqui seguem seu curso de análise a partir do ponto de vista da compreensão hermenêutica. Nessa perspectiva, eu adentro o ano de 1987 em busca de mudanças significativas ou pequenos indícios de novas problematizações no ensino dos conteúdos ministrados nas aulas de Filosofia na Escola Manoel Ribas.

Começo por expor as primeiras aulas do *Primeiro Bimestre* do ano letivo de 1987, em que a professora Eulália explana sobre os temas a serem tratados durante este ano letivo de forma objetiva. Não houve o registro das atividades de recepção e sondagem de interesses, que era uma prática comum até então entre os professores

⁵⁸ Consultar Apêndice H.

⁵⁹ Antes disso, durante a pesquisa de campo realizada nos arquivos do Colégio Manoel Ribas entre 2017 e 2018, não foram encontrados nenhum diário de classe que remetesse diretamente à existência da disciplina de Filosofia, nessa escola.

e professoras da escola. Portanto, de imediato, na segunda aula do mês de março, já consta nos diários de classe das turmas 2-A e 2-B ⁶⁰, a descrição sobre a Filosofia, seus fundamentos e relevância.

Logo, após um novo conteúdo, aparece descrito pela docente o seguinte tópico: “Filosofia de Trabalho x Filosofia de Vida”, cujos sentidos deste conteúdo filosófico denotam a especulação sobre o homem, com seus afazeres e a sua existência, tecida nesse mundo de forma ontológica. Assim: pergunto como tais descrições denotam o homem, mediante aos olhares dos/as jovens em sala de aula, sob o ponto de vista filosófico? Pelos registros da docente, pode-se inferir que a condição humana foi colocada no estudo desse tópico, primeiramente na dimensão da individualidade, visto cada sujeito ser dotado de capacidade de pensar/refletir acerca de seus atos. No entanto, a capacidade de discernimento de cada um no universo das coisas e da vida se realiza no entremeio das ações cotidianas de outras pessoas, tanto no exercício do trabalho como no âmbito das relações sociais, por mais refratárias que sejam. Mas, por é meio da reflexão, que cada pessoa se torna capaz de pensar, bem como de criticar a si mesma e de avaliar sua conduta.

Nessa acepção, é na esfera das ações sociais e das ciências desenvolvidas na escola ou em demais instituições de ensino que os indivíduos se dão conta de sua existência e dos nexos coletivos que envolvem a vida de todos. O conteúdo tratado pela docente remete à ideia de que qualquer ambiente coletivo demanda limites e cuidados, seja no uso regular de seus espaços pelos indivíduos, seja na provisão dos serviços prestados à população. Os tópicos analisados foram desenvolvidos em quatro horas-aula, com ênfase no diálogo com os alunos e alunas, objetivando a conscientização de cada um e uma na partilha dos ambientes comuns a todos no âmbito escolar, tendo como base, portanto, a realidade coletiva vivenciada na instituição e na comunidade.

Ainda, a respeito do tema “Filosofia da Vida”, foi realizada a análise referente aos seus sentidos e constituição, considerando a perspectiva da existência individual, “o estilo de vida de cada um”. Para tanto, foi utilizado o texto “Quando o

⁶⁰ É necessário dizer que, durante os estudos de campo realizados nos arquivos do Colégio Manoel Ribas, entre final de 2017 e início de 2018, eu encontrei apenas dois diários de classe das turmas 2-A e 2-B.

Homem para e pensa”⁶¹, procedido do desenvolvimento de atividades de leitura, análise textual e discussões em sala de aula. Em sequência, ocorreu a produção de relatos com base nas problematizações surgidas durante os “debates”, durando três horas-aula (estando um destes períodos reservado para a organização e finalização dos estudos). Percebe-se, então, um melhor aproveitamento dos espaços/tempos em sala de aula, considerando as problematizações como espaços de fala e aprendizagem, constituídos entre os grupos e a professora regente da disciplina. Essa linha de trabalho denota, nesse primeiro bimestre, que as práticas de ensino de Filosofia acima citadas se encontram marcadas pelo diálogo, com base na leitura, na reflexão e na apresentação oral dos relatos.

Na aula seguinte, ocorreu a Introdução à Filosofia, com a mesma problematização utilizada em 1986, marcada pela pergunta “O que é Filosofia?”, sendo oportunizado às turmas, em geral, uma hora-aula para que os/as estudantes manifestassem suas respostas pessoais à questão.

Em meio a este contexto de leituras e indagações, as aulas foram suspensas em virtude da paralisação nacional e da greve dos professores a partir do dia de 09 de abril de 1987, e retomadas apenas em 19 de julho de 1987 (com duração de três meses e quinze dias). As ações da greve buscavam o cumprimento da Lei nº 8.026/1985 (RIO GRANDE DO SUL, 1985), descrita no diário de classe como um dos fundamentos do movimento grevista.

Esta lei assegurava o aumento dos salários e o pagamento integral dos dias parados frente às exigências relevantes da categoria, a qual tratava também do atendimento das pautas reivindicatórias de greves anteriores. A relevância desta greve residiu na luta pela melhoria dos salários dos professores das escolas estaduais do RS. O movimento teve como uma das exigências a correção de possíveis diferenças monetárias entre os membros do magistério, através da criação da parcela autônoma e da reposição dos índices salariais até o teto básico de dois salários mínimos e meio, junto à solicitação de investimentos na estrutura escolar⁶².

⁶¹ Sobre este texto, não se encontram citadas nos diários de classes as referências bibliográficas acerca da sua autoria, o qual subsidiou a construção destas atividades. Assim, devido a este fato, mais uma vez saliento que tive dificuldades de acessar os materiais didáticos utilizados nos procedimentos de leitura em sala de aula.

⁶² Neste dispositivo, também foi citada como base a Lei nº 6.181, de janeiro de 1971, a qual readequou e produziu uma melhoria nos vencimentos do magistério. Isso, em virtude, do descumprimento destas legislações, os altos índices de inflação e perda do poder aquisitivo dos

No retorno do ano letivo, houve a recepção dos alunos com a retomada do questionamento: “O que é a Filosofia? E qual seu vínculo com a Ciência?”, com a sugestão de textos para a elaboração de estudos em grupo. Até então, as atividades de ensino, em virtude da greve dos professores, haviam se resumido nos seguintes tópicos:

Filosofia da Escola; Filosofia do Trabalho Versus Filosofia da Vida; e Introdução à Filosofia e Ciência (DIÁRIO DE CLASSE).

Posteriormente, encontram-se listados os assuntos: essência, autodeterminação dos indivíduos e das regras presentes na esfera dos regimes de controle da conduta dos sujeitos no âmbito de suas indiferenças às questões sociais e políticas. Estes conteúdos foram anteriormente ministrados pela professora Eulália nos Terceiros Anos do Segundo Grau do Colégio Manoel Ribas dentro dos tópicos correspondentes à “*Filosofia Atual*”. Destes, uma parte significativa das atividades foi realizada em sala de aula, com ênfase no pensamento de Sartre, descritas também de forma análoga ao ano de 1986.

No reinício das aulas, houve uma ampla alteração na disposição dos conteúdos, já que estes eram ensinados geralmente no último bimestre letivo:

A Liberdade em Nível Existencial, Alienação e Individualidade; Liberdade e Normas Sociais e Conceito de Liberdade (DIÁRIO DE CLASSE).

Após a organização didática dos referidos trabalhos e a explicação conceitual desses tópicos, foram realizadas atividades em grupo no período de uma hora-aula,

trabalhadores em educação, cujas demandas fundamentaram a greve em 1987. Para elucidar tais exigências, apresento alguns fragmentos da legislação da Lei 8026 -14/08/1985:

“[...] a partir de 31 de dezembro de 1987, o vencimento básico corresponderá ao valor de dois e meio (2,5) salários-mínimos, reajustável sempre que houver alteração daquele valor de referência, a partir das seguintes determinações legais: a) Art. 5º - Em dezembro de cada ano, a partir do exercício financeiro de 1986, será pago o décimo terceiro (13º) vencimento, em valor correspondente à remuneração daquele mês. § 1º - O décimo terceiro (13º) vencimento será calculado na razão de um doze avos (1/12) por mês de efetivo exercício, incluindo-se, no seu valor, as gratificações por regimes especiais de trabalho; b) Art. 6º - A partir do exercício financeiro de 1986, o Estado destinará, no mínimo, de trinta e cinco por cento (35%) da receita líquida de impostos do Estado à educação, sendo que não menos de dez por cento (10%) deste total serão aplicados na manutenção, construção e conservação de escolas; c) Art. 8º - São considerados de efetivo exercício e de efetivo desempenho os dias em que os membros do Magistério participaram de movimento reivindicatório da classe no dia 8 de novembro de 1984 e no período de 10 de maio a 10 de julho de 1985 [...]. Por fim, estas determinações acerca dos dois salários-mínimos foram descumpridas pelo governo de Pedro Simon, que assumiu o poder Executivo do Estado RS, em março do ano 1987, tendo como resultado o desmantelamento a educação pública” (RIO GRANDE DO SUL, 1985).

com espaços reservados para estudos e sistematização das pesquisas, e cuja realização se deu através da indicação dos textos pela regente de classe (as referências das obras e artigos utilizados não constam nos diários de classe).

Posteriormente, houve a produção dos relatos das temáticas investigadas, com a apresentação dos seus resultados em quatro horas-aula. Após estes estudos, houve a tradicional avaliação cumulativa (a qual era composta por todos os conteúdos lecionados no bimestre letivo e, por vezes, abarcava alguns temas ensinados anteriormente), comumente feita em todas as turmas, dispendendo de duas horas-aula. Sobre este procedimento, não encontrei nas anotações da docente quaisquer traços que pudessem ser entendidos como um processo de mudança nessa modalidade de avaliação, visto que o termo cumulativo traz inclusa a exigência de um modelo de aprendizagem que abarcava todos os conteúdos ensinados no bimestre, resumindo-se a uma ampla prática de testagem daquilo que foi aprendido pelos/as escolares.

Quanto ao início do *Segundo Bimestre de 1987*, houve a entrega das provas, com retomada dos estudos em grupo e a exposição da proposta de “Integração dos Conteúdos”, ocupando uma hora-aula. Constatei nos diários de classe desse período uma vagueza de dados, acerca de como tal integração de conhecimentos teria sido oportunizada para os/as alunos/as. Muito embora o próprio título do tópico denote sua importância e seja sugestivo quanto às possíveis ações interdisciplinares em sala de aula, o limite da minha compreensão se encontra na borda dos registros da professora Eulália.

Ainda no andamento do segundo bimestre, houve a retomada do tema concernente ao “Pensamento Filosófico”, com a apreciação da Filosofia Pré-socrática, cuja revisão se deu em apenas em uma hora-aula. Depois disso, novamente encontro descritos nos diários os vínculos da Filosofia com os demais saberes que compõem “As Ciências”, com menções da docente a respeito das possíveis correlações e afastamentos entre os conhecimentos filosóficos e os outros campos de estudos produzidos pelos fazeres humanos, em suas descobertas, dúvidas e avanços.

Outro ponto cabível de ser problematizado acerca dos “Vínculos da Filosofia Com as Demais Ciências”, é que tais estudos se realizaram em apenas duas horas-aula, ou seja, em um espaço de tempo relativamente curto, considerando a abrangência dos encontros e dos deslocamentos entre as perspectivas colocadas

pelas práticas do filosofar, as tecnologias dos saberes e os modos de pensar as coisas do mundo.

Assim, observando-se a complexidade do assunto, é válido questionar se houve condições para que se tenha produzido uma reflexão significativa, que de fato tenha abarcado tais vínculos, em tão pouco tempo, sobretudo diante da densidade da compreensão da disjunção da Filosofia ou da sua proximidade com os estudos tidos historicamente como científicos, de modo a compreender as próprias contingências de cada área do conhecimento em seus encontros e desencontros com a Filosofia.

Nas aulas subsequentes, encontram-se anotados nos diários de classe os ensinamentos proferidos por Sócrates, sobre o qual foi feita uma investigação referente à sua existência, aos seus modos de pensar e atuar junto aos jovens atenienses, somando três horas-aula em torno dos temas. Quanto ao método socrático, encontram-se listados os conceitos relativos à maiêutica e à ironia, cujos conceitos já haviam sido analisados sob a mesma perspectiva nos anos anteriores. Nesse sentido, os autores clássicos da Filosofia Antiga foram trabalhados em sala de aula de maneira muito semelhante, tanto nos Segundos Anos quanto nos Terceiros Anos do Ensino do Segundo Grau do Maneco, praticamente em quase toda a década de 1980.

Em resumo, as aulas ministradas neste período abordaram as articulações entre os seguintes conteúdos:

<i>Pensamento Filosófico; Filosofia Pré-socrática; Filosofia e Ciência: suas relações e separação; Sócrates: Vida e Modos de Pensar – a Maiêutica (DIÁRIO DE CLASSE).</i>

No prosseguimento das atividades em sala de aula, ainda que vivêssemos já numa democracia, a Professora Eulália retomou os estudos referentes ao “Civismo, Moral, Pátria e Educação”, com o uso de um texto não filosófico. Para dar conta da leitura e análise desse material didático, assim como dos debates e da explanação dos conteúdos aprendidos pelos escolares, foram destinadas 3 horas-aula. Diante disso, é necessário considerar que alguns temas complexos da Filosofia contaram apenas com uma ou duas horas-aula para sua abordagem, retirando, nesse contexto, o protagonismo do principal objeto de ensino da disciplina: a Filosofia e o filosofar. Por que isso ocorre? Minha compreensão é que isso tenha ocorrido devido ao fato de os conceitos citados nos tópicos de estudo apresentarem-se muito

semelhantes aos *slogans* da época da Ditadura Militar, soando como uma atitude de rememoração a este tempo, aproximando-se de uma apologia ao civismo nos seus matizes doutrinários.

Retomo as significações do civismo⁶³ na escola em tempo de ditadura, dialogando com Maia (2014), a qual defende que os próprios sentidos dados a estes termos se relacionam à constituição de um comportamento atitudinal voltado à conservação da memória nacional. Trata-se de um acervo pátrio que se remete aos momentos fundantes do país, desde o período colonial até sua emancipação, quando se iniciam os percursos tomados na construção da República Federativa do Brasil em 1889.

Nestes contextos, a importância do civismo era vinculada à preservação do patrimônio histórico de cada época, por meio da comemoração de datas alusivas à conservação dos monumentos nacionais de grande vulto. Do mesmo modo, essa questão liga-se também aos registros das ações políticas, as quais simbolizam, na instância da própria historicidade cívica, os acontecimentos concernentes à origem, construção e desenvolvimento do país e do seu povo. No entanto, este conceito tornou-se:

[...] superior e absoluto, o civismo era incontestável. A relação dos cidadãos com o Estado encontrava nos valores cívicos seu mediador. Mas a personagem principal na defesa dos valores nacionais era o cidadão. Ele foi considerado o principal agente da propagação dos valores cívicos. Assim, o investimento em políticas que ensinassem aos cidadãos os seus deveres diante da nação, promovendo a “consciência cívica nacional”, era tarefa urgente da área educacional. Defender a nação contra ideologias externas, sobretudo a comunista, combater o inimigo interno e contribuir para a ordem social eram funções essenciais do bom cidadão. Era preciso conscientizá-lo também por meio de programas no setor cultural que enfatizassem a singularidade da nação, seus aspectos estruturais, sua organicidade [...] (MAIA, 2014, p. 106-107).

O conceito acerca do civismo assumiu outros contornos quando passou a ser interpretado, inclusive no Brasil, como um dos guardiões do ordenamento social e

⁶³ As disciplinas de Moral e Cívica e OSPB integravam o currículo escolar no período da Ditadura Militar, ambas voltadas à apologia do nacionalismo em suas vertentes conservadoras. Em vista disso, durante o governo, estas duas matérias passaram a integrar o currículo obrigatório no universo das práticas de escolares do Ensino Básico, tendo como propósito constituir entre os escolares uma cultura voltada ao civismo enquanto um instrumento de sustentação e fortalecimento do Estado Militar. Nesse sentido, a legitimação das ações pedagógicas destas duas matérias, como estudos obrigatórios em toda extensão do Ensino Básico e Técnico Profissional, se deu em conformidade com os dispositivos pertinentes ao Decreto da Lei nº 869/1969 (BRASIL, 1969).

controle pacífico da conduta dos indivíduos. Ou seja, foi usado enquanto uma categoria ideológica marcada por princípios morais de padrões conservadores, os quais passaram a operar de modo dogmático sob as condutas dos sujeitos sociais e suas convicções políticas. Ainda que os sentidos da definição inicial desse conceito tenham mudado, sua materialidade é voltada à preservação da cultura, do patrimônio histórico de uma nação livre e soberana.

Assim, a defesa da Pátria e da estabilidade das relações sociais, visando à construção da harmonia coletiva e proteção dos cidadãos, era parte dos padrões de conduta colocados pelo civismo autoritário, uma prioridade nacional desde o governo Vargas (entre 1930 e 1945) como durante a vigência da Ditadura Militar (1964 e 1985). Cabia às autoridades restituírem a ordem, dada a partir da lógica oficial alicerçada na acepção cívica conservadora, em vista da paz social. Conforme relata Maia (2014), estas autoridades operavam suas funções dentro das instituições estatais sob o viés da segurança nacional.

O Estado na sua tarefa máxima de garantir o equilíbrio da nação conferia a si próprio a autoridade para responder àqueles que abandonavam seus deveres cívicos, aviltando os direitos políticos e as liberdades individuais desses cidadãos. O Estado utilizava-se da força necessária justificada ante a ameaça constante do inimigo interno. Os direitos civis, políticos ou sociais propagados pela cidadania poderiam ser infringidos, pois a preservação da nação era o objetivo prioritário, superando inclusive a preservação do bem-estar dos cidadãos que nela vivem. Nesse processo de radicalização do civismo, as ações repressoras, as sessões de tortura, as prisões arbitrárias podiam ser justificadas. Afinal, essas vítimas, ao não cumprirem seus deveres cívicos, se tornaram subversivos, tendo seus direitos de cidadãos suprimidos pelo Estado autoritário (MAIA, 2014, p. 107).

Diante deste contexto, a descrição e a inter-relação semântica do conteúdo “Civismo Moral e Pátria”, ministrado pela professora Eulália em 1987, na disciplina de Filosofia, causou-me certo estranhamento, demonstrando um complexo resíduo da cultura posta pela disciplina de moral e cívica, sendo lecionada até 1993, com sua extinção gradativa dos currículos escolares.

Ao término dos estudos sobre o civismo e seus componentes, por vezes situados de forma desconexa à Filosofia, encontra-se descrita nova retomada dos assuntos referentes aos filósofos Pré-Socráticos e às ideias míticas. Nos registros dos diários de classe da professora Eulália, especifica-se sobre a produção das especulações racionais fundantes da Filosofia em seus inícios e a respeito das

incursões ideativas, próprias dos mitos, com estudos gerais destes dois eixos temáticos se dando em apenas uma hora-aula.

Nas lições posteriores, foram trabalhados em classe os “Modelos de Conhecimento”: “Empírico”, “Científico” e “Filosófico”, os quais também foram tratados, igualmente, em apenas uma hora-aula, de modo um tanto “apressado”, considerando a densidade de tais conceitos. Na finalização desse bimestre, foi ministrada a prova cumulativa, com o uso de 2 horas-aula.

De forma sintética, constituo, a seguir, uma síntese dos últimos conteúdos ministrados no *Segundo Bimestre* de 1987, configurados pelos seguintes tópicos:

Civismo, Moral e Pátria; O Pensamento Pré-Socrático e Ideias Míticas; Os Modelos de Pensamento: Científico e Filosófico (DIÁRIO DE CLASSE).

Independentemente da retomada do tema acerca do civismo e dos conceitos colocados com ênfase sobre patriotismo – por meio de uma prática de ensino que, na minha compreensão, aproximava-se muito das linhas de estudos seguidas pelas escolas na época da ditadura – ressalvo que houve, sim, uma produção significativa de trabalhos em grupos, apresentações e debates, com base nos pontos de vista exposto pelo coletivo das turmas dos Segundos Anos, caminhando conjuntamente com processos conclusivos e sínteses dos estudos desenvolvidos em classe, com a participação ativa dos/as jovens.

Apesar de o respectivo bimestre ter sido menor que o anterior, as aulas de Filosofia contaram com espaços destinados ao protagonismo dos/as alunos/as na elaboração de pesquisa, revisão do pensamento socrático, análise de textos filosóficos e não filosóficos. Além disso, foram realizados estudos sobre o pensamento científico, buscando o entendimento dos processos de produção das ciências e de suas conexões com o filosofar, considerando suas estruturas constitutivas e possibilidades de diálogos com as outras ciências, bem como sua dispersão ou aquiescência.

Por último, embora tenha havido a presença dos estudos de temas cívicos, os quais remontam a práticas de Filosofia do período da ditadura no Brasil (1964-1985), ocorreu uma sistematização participativa das atividades desenvolvidas no ensino de Filosofia sob a orientação da docente Eulália. No entanto, a ausência constante da citação bibliográfica dos textos usados foi um fator limitante para análise e problematizações da presente pesquisa.

Quanto ao *Terceiro Bimestre* de 1987, as práticas de ensino da disciplina de Filosofia na turma 2-A começaram a partir da análise das questões da prova bimestral, aplicadas ao final do Segundo Bimestre. A respeito do andamento dessas primeiras aulas, a docente Eulália também registrou a realização da prova cumulativa referente aos estudos da turma 2-B, com o emprego de duas horas-aula. Posteriormente, encerrando os procedimentos relativos ao bimestre anterior, foram definidos trabalhos em grupo em ambas as classes, tendo como base constitutiva a leitura do texto o “Simulacro da Democracia”⁶⁴, cujas atividades se deram em três horas-aula.

Assim, mediante o desenvolvimento e conclusão dos referidos trabalhos, foram destinados espaços/tempos de aprendizagem orientando o entendimento do conceito de liderança, suas formas de exercício, inclusive na organização de suas turmas e entre os/as estudantes, dos modos de atuação e das características gerais de um líder escolar a partir da noção de importância construtiva dos ambientes colaborativos em classe.

Face ao exposto, foram listadas as práticas de ensino realizadas no pátio, com ênfase nas atividades referentes às “Relações Humanas”, tratando de suas particularidades relacionadas à “Liderança”, cuja representação pode se efetivar na escola através da escolha dos líderes das turmas e na composição do Grêmio Estudantil (revitalizado após a instituição da democracia em 1985).

O Maneco tem historicamente uma forte marca na trajetória e condução da liderança estudantil entre os/as jovens, cujas ações assumiram uma importante dimensão política após a democratização do país. É de conhecimento da sociedade santa-mariense o protagonismo de alguns ex-alunos/as desta instituição secundarista no âmbito da representação Municipal, Estadual e Federal, nos Poderes Legislativos e Executivos.

Quanto ao conceito e à organização da liderança, ainda foram realizadas atividades de leituras e debates entre os sujeitos envolvidos, com a apresentação de trabalhos temáticos. Assim, mediante o exposto, tem-se um processo de encontro entre a aprendizagem dos saberes filosóficos na escola e aqueles referentes às

⁶⁴ Mais uma vez vale esclarecer que não consta qualquer referência bibliográfica sobre o texto utilizado na composição destes trabalhos.

práticas de cidadania, colocadas no campo das práticas sociais, com ênfase nos seguintes tópicos:

<i>Relações Humanas, Liderança; A Política em Platão – O Mito da Caverna; Razão e Experiência</i> (DIÁRIO DE CLASSE).
--

Dentro desta dimensão de temas correlatos ao exercício do poder, foram ensinadas novamente as categorias do pensamento de Platão, destacando-se o estudo dos “Dois Mundos”: o Mundo Sensível e o Mundo das Ideias, já dimensionados nas análises anteriores, dada a presença deste conteúdo ter atravessado o Ensino de Filosofia durante toda a década de 1980. Nas descrições dos diários, embora estas se apresentem de forma sucinta, reside à compreensão usual de que estes dois mundos, embora separados conceitualmente, produzem conexões na instância do pensar e fazer, sendo que o exercício do bem nas relações práticas (no Mundo Sensível) somente é alcançado através do uso da razão, quando elevada ao mundo das formas perfeitas (situado no Mundo das Ideias). Em síntese, as ideias, quando traduzidas no mundo sensível, tornam-se fontes constituidoras das boas ações no campo das experiências humanas, em suas conjecturas ideativas e práticas, expressas, de modo singular, nos fazeres políticos, quando desenvolvidos pelos homens através do conhecimento, competência e habilidade.

A partir da síntese dos conteúdos ensinados na finalização desse bimestre, é possível afirmar que houve um movimento intenso em sala de aula, considerando a realidade própria do processo de formação de lideranças com as turmas e o Grêmio Estudantil. A coerência destas ações se vinculou aos estudos sobre a Filosofia Política Antiga e suas demandas na atualidade do país, ainda em processo de organização das instituições sociais própria de uma democracia.

Desse modo, como finalização das atividades deste *Terceiro Bimestre*, houve a realização de prova cumulativa, aplicada logo no começo do *Quarto Bimestre*, integrando todos os conteúdos ministrados. Vale pontuar que este instrumento avaliativo, voltado à apreciação dos conhecimentos assimilados pelos/as alunos/as nos seus processos de aprendizagem, foi usado de forma recorrente desde 1980. Ademais, apesar do diferencial nos estudos destes assuntos, quanto à expressividade dos debates realizados sobre a liderança e a política, correlacionados com a Filosofia Antiga, não houve, muitas alterações no ensino de

Filosofia, dentro dos procedimentos pedagógicos usualmente instituídos, até aqui, no Colégio Manoel Ribas.

Em direção ao *Quarto Bimestre* de 1987, os conhecimentos pertinentes à “Filosofia Atual” pontuaram as práticas de iniciação ao pensamento filosófico contemporâneo, desenvolvendo os aspectos teóricos inerentes à “Consciência Ingênua e à Consciência Crítica”, através de leituras temáticas. Após estes estudos, foi ministrado o tema do Liberalismo, a partir de seus vínculos com a atualidade, principalmente no âmbito da política.

Em seguida, encontram-se descritas, nos diários de classe da professora Eulália, as anotações dos trabalhos feitos em grupos pelos/as alunos/as sobre os principais tópicos desta corrente de ideias, tomando relevo os estudos concernentes ao “Liberalismo Político” e ao “Liberalismo Econômico”, ministrados em três horas-aula. A última aula foi destinada à realização final das pesquisas sobre o ideário liberal, considerando a averiguação da aprendizagem de seus principais conceitos em uma perspectiva teórica.

A “Filosofia Contemporânea” foi abordada através de um enfoque político voltado à iniciação do pensamento positivista, com ênfase na “Teoria dos Três Estados” e nos aspectos religiosos deste mesmo ponto de vista, a partir do qual se deu a fundação da “Religião Positivista”, cujo templo e ideias contaram com ramificação no Brasil. Essa corrente teve uma importante circulação entre os militares brasileiros, inspirando o lema da bandeira nacional e constituindo uma das fontes teóricas do ordenamento militar tanto no Brasil republicano como no Brasil da Ditadura Militar. A apreciação destes conteúdos se deu de forma breve, com a utilização de apenas três horas-aula, um fato discutível devido à extensão da “Teoria dos Três Estados”.

Quanto à concepção positivista, foi construída uma atividade em grupo orientada pela leitura e compreensão conceitual do “Positivismo”⁶⁵, com subsequente apreciação crítica de suas indagações; em seguida, no segundo período, foi ministrada a recuperação de aprendizagem em mais 1 hora-aula. Em linhas gerais, as aulas foram desenvolvidas dentro de uma compreensão mediada pela História da Filosofia, sendo listada a seguinte súmula dos conteúdos desenvolvidos neste contexto de ensino e aprendizagem:

⁶⁵ Referente a este texto, não se encontram citadas as referências bibliográficas no diário de classe.

Filosofia Atual, Liberalismo Político e Econômico; Pensamento Positivista; Teoria dos Estados; Religião Positivista; e, no encerramento, a Filosofia Marxista (DIÁRIO DE CLASSE).

Dada à proximidade do final do último bimestre do ano foi realizada a aprendizagem da teoria marxista, considerando suas três fontes constituidoras, não havendo, no entanto, descrições ou menções dos conceitos que concedem relevância a essa de linha pensamento peculiar à Filosofia Moderna. Isso pode ser lamentável, haja vista que seu aporte teórico tem importante abrangência social e prática no campo da resistência à exploração na esfera das lutas tecidas historicamente pelos trabalhadores contra os privilégios da classe patronal. Além disso, encontram-se citadas apenas “as críticas e contradições do capitalismo”, com o uso de quatro horas-aula, sendo que a finalização desse tema e entrega dos trabalhos se deu apenas em uma hora-aula. Particularmente, neste bimestre, não houve prova cumulativa.

Em suma, houve, no decorrer deste período, a prevalência dos estudos acerca do positivismo, do liberalismo econômico e político, com um curto espaço de tempo voltado ao desenvolvimento e compreensão dos principais conceitos do marxismo, o qual foi abordado a partir de um breve recorte teórico de suas interfaces e críticas ao capitalismo e molde liberal.

5.6 DIÁRIOS DE 1988: OUTRAS VISIBILIDADES NA PRODUÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE FILOSOFIA

Em 1988, o início das práticas de ensino empreendidas nas aulas de Filosofia das turmas de *segundo ano do Segundo Grau* no Colégio Manoel Ribas, referente ao *Primeiro Bimestre*, teve seus delineamentos constituídos a partir do uso de textos diferenciados daqueles usados nos anos de 1885 a 1987. Do mesmo modo, verifiquei que muitos conceitos já tratados anteriormente foram submetidos também, em 1988, a um maior aprofundamento de suas estruturas lexicais.

Assim, inicialmente, foram realizadas as práticas de leitura em todas as turmas, tendo como ferramenta didática o texto denominado “Meus Adolescentes não têm Surpresas”, cujos estudos e debates transcorreram em duas horas-aula.

É importante assinalar, aqui, que a leitura do texto citado tratou a respeito da apatia política, haja vista que muitos jovens, no curso dos seus estudos no Segundo Grau desenvolvido durante a Ditadura Militar, pouco se importavam com as questões

conjunturais colocadas na pauta da realidade brasileira, e muitos deles sequer tinham noção acerca dos limites que foram impostos as suas liberdades nesse período. Assim, as questões básicas de história eram por eles desconhecidas.

Através de pesquisa on-line, verifiquei que esta publicação foi referenciada primeiramente na Revista "Pais e Filhos", em uma edição especial, lançada em novembro de 1976, sendo embasada na entrevista do Professor de História Júlio Guimarães, que, naquela época, fez significativas considerações acerca de suas práticas de ensino, realizadas junto às onze classes de sua regência, nas quais os estudantes procuravam se preparar para o ingresso no Ensino Superior. Sobre este contexto, o docente, em seu relato, apresenta o seguinte testemunho:

Meus adolescentes estão mergulhados numa infância prolongada - são crianças velhas. Crianças de olhos fechados para o novo, incapazes de alimentar a reduzida informação que recebem com a curiosidade própria da infância. Meus adolescentes só fazem abrir a boca para ingerir o que já vem pronto; o novo encaixotado. Estão programados para serem ótimos executantes, a não desenvolver a capacidade de reflexão. Não pensar. É melhor não pensar.

Essas crianças velhas são indiferentes a tudo. Não têm ideia do salário mínimo do país. Não se interessam por eleições. Não têm noção do bem e do mal, matam tanto o santo, quanto o ladrão. Não sabem reproduzir a situação social com um mínimo de intervenção. Não sabem o que é senso comum, pensam como Primeiro Mundo, vivendo num Terceiro Mundo. Ignoram a história. No dia em que Juscelino morreu, não houve um só aluno em minhas onze turmas que perguntasse quem foi esse presidente. E é a eles que eu ensino História do Brasil⁶⁶.

Na aula seguinte, a professora Eulália, regente da disciplina, reiterou as definições básicas referentes aos propósitos e à relevância da disciplina de Filosofia, as quais foram contextualizadas com as questões capazes de inquietar o "homem", ao confrontar a sua consciência frente às coisas do mundo, plausíveis de dúvidas e objeções. Essa atividade foi realizada, em uma horas-aula, nessa ocasião, estudou-se a multiplicidade de maneiras de pensar dos sujeitos sociais no campo de suas vivências cotidianas e desafios. A partir da complexidade desse eixo temático, ocorreram as orientações para o desenvolvimento de uma atividade em grupo, para a qual foi destinada uma hora-aula. Logo após, houve uma paralisação nacional, na

⁶⁶ Depoimento original publicado na revista "Pais e Filhos"– edição especial de novembro de 1976. A citação e análise do depoimento foi organizada a partir do texto replicado na quarta 21 de abril de 2010 no site Vestígios da Nova Era. Disponível em: <https://vestigiosdanovaera.blogspot.com/2010/04/meus-adolescentes-nao-tem-surpresas.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

qual foi discutido, no Colégio Manuel Ribas, em reunião com os/as professores/as, sobre o panorama educacional.

Ainda, no desenvolvimento dessa unidade de ensino, foi dada a continuidade aos estudos dirigidos, agora, com ênfase no texto: “Liberdade, Amizade e Individualidade”, cujo processo elaborativo da reflexão abarcou a análise dos contextos extensivos à autonomia, ao afeto e à singularidade de cada pessoa, o que foi conduzido em duas horas-aula. Posteriormente, nos processos elaborativos da apresentação e entrega final deste trabalho, houve o uso de mais duas horas-aula. Então, desde a introdução inicial das atividades que deram origem a esta pesquisa, antes mesmo da paralisação dos professores até a sua finalização, foram usados o total de cinco horas-aula.

Na sequência dos ensinamentos na disciplina de Filosofia, a mesma docente expõe acerca da importância da prática do debate na produção da oratória, enquanto uma competência a ser desenvolvida pelos/as alunos/as. Para tanto, foi versado a respeito da “Liberdade”, integrando este conceito ao curso das ações desenvolvidas no “Centenário da Abolição” da escravatura, através da elucidação desta data. A factualidade que circundou este evento histórico mostra ter havido diálogos em torno do conceito de abolição, em uma perspectiva teórica, prática e crítica. Tais circunstâncias discursivas mostram, ainda, alguns passos que foram dados em direção ao estudo do legado da cultura negra e suas marcas na História do Brasil.

Na sequência das aulas, houve uma aula integrada com o SOE, na qual se trabalharam novamente as questões referentes à “Liberdade”, a partir dos textos encaminhados pelos/as alunos/as, com ênfase nas discussões e pontos de vista constituídos pelas turmas no processo de averiguação, aquisição e entendimento deste conceito, tendo em vista a autodeterminação de cada um. Após, de modo conexo com este processo de aprendizagem, ainda com a participação do SOE, foi relacionado acerca da “Liderança” e sua relevância na esfera da organização dos espaços coletivos, inclusive na escola. Em linhas gerais, ao final do bimestre, contou-se com uma releitura ampla e atualizada dos conteúdos ministrados, com vista à avaliação, a qual foi realizada em 1 hora-aula, com a apresentação do relatório dos debates evidenciados pela prática da oratória.

Importância, Justificativa e Objetivo da Filosofia; A Mente Humana; Liberdade; Tipos de Liberdade; Liderança (DIÁRIO DE CLASSE).

Desse modo, entendo que os estudos de Filosofia aqui listados orientaram os alunos a se interrogarem sobre o universo que habitavam, sobre si e os outros, em um encontro entre a Filosofia Antiga com as questões da História referentes à Abolição da Escravidão e sua atualidade. Nesse sentido, as aproximações com o filosofar procederam, mediante os desafios colocados, pela exigência de problematização e reflexão, realizadas através dos estudos sobre o conceito de liberdade, em seus atravessamentos no campo vivido.

Portanto, nesse bimestre se constituíram junto aos/as alunos/as espaços tempos voltados à compreensão crítica da liberdade em suas interfaces teóricas materiais, evidenciadas na abordagem do Centenário da Escravidão, cujo evento remonta a um estado de não liberdade, de sujeição laboral vivenciada por homens, mulheres e crianças negras trazidos da África para o Brasil, na conjuntura do sistema de produção escravista, implantado no país por mais de três séculos (aproximadamente 350 anos).

Quanto ao *Segundo Bimestre*, os tópicos da Filosofia foram tratados de forma similar aos anos anteriores, no que se referiu aos tipos de conhecimento. Porém, as narrativas concernentes aos “Deuses, Heróis, Fábulas e Divindades” tomaram outra dimensão discursiva, mais plural, abrangendo os deuses greco-romanos do *Olimpo* e aqueles situados no âmbito no *Subolímpico* em suas especificidades. Assim, as narrativas fantásticas se apresentam entre as instâncias da temporalidade, em uma perspectiva antropológica nos seus entrelaçamentos atemporais com o divino e com as trevas.

Para dar conta da aprendizagem destes conteúdos, foi adotada como instrumento de aprendizagem a elaboração de trabalhos em grupo, abrangendo a singularidade dos deuses. Por conseguinte, as atividades procedentes foram organizadas a partir da explicação do assunto, sistematização dos estudos, desenvolvimento da pesquisa, conclusões e apresentação, com o emprego de 7 horas-aula. A organização das aulas se deu em conformidade com os temas que seguem abaixo descritos, à exceção dos tipos de conhecimento já suficientemente explicados na compreensão dos anos anteriores:

Tipos de Conhecimento: Empírico e Filosófico; Estudo do Mito: Influência e Entendimento; Mitologia Greco-Romana: Deuses Heróis, Fábulas e Divindades: O caos, A noite, A Terra; Deuses do Olimpo; Deuses Subolímpicos; Deuses Lares – Os Infernos; Heróis da Guerra de Tróia e Lendas; Filosofia Oriental (DIÁRIO DE CLASSE).

De acordo com os registros da professora Eulália, quanto aos conteúdos da Filosofia Oriental oriunda da Índia e da China, não houve muitas mudanças, seja na disposição, seja no desenvolvimento da interpretação de seus conceitos. No entanto, foram relacionadas nesse processo de ensino, com destaque, a concepção budista e as práticas voltadas à loga, também considerada de origem hinduísta, ocupando, assim, duas horas-aula. Ao final do bimestre, houve a avaliação bimestral, feita em duas horas-aula. Por fim, no fechamento do *Segundo Bimestre*, ocorreu a entrega dos trabalhos referentes às avaliações dos conteúdos, sem maiores comentários no tocante ao desempenho escolar das turmas. Tampouco foram tecidas quaisquer considerações sobre o avanço, nesse período, da produção no tocante a escrita dos/as estudantes, enquanto uma importante competência a ser adquirida no ato formativo no Ensino de Segundo Grau.

Em contrapartida, ao adentrar o *Terceiro Bimestre*, a docente Eulália procedeu à retomada da Filosofia Oriental, de maneira a complementar a aprendizagem, sendo oportunizado o entendimento dos aspectos básicos a respeito da sua difusão e sobre a importância do confucionismo na China. Em razão disso, a conclusão deste tópico se deu através de um trabalho de avaliação, com o uso da música “Gita”, interpretada por Raul Seixas⁶⁷. Após, percebe-se uma inversão da ordem dos conteúdos, já que foi introduzida a Filosofia Grega, antes ministrada nos primeiros bimestres, totalizando sete horas-aula, incluindo a prova bimestral. Isto com a ressalva de que a descrição desses assuntos não difere muito do ensino e desenvolvimento da Filosofia Antiga nos anos datados de 1979 a 1989, ou seja, em quase uma década de ensino. Foram, então, mencionados os tópicos referentes:

Retomada da Filosofia Oriental; Confucionismo e Taoísmo; Filosofia Grega: Fase cosmológica; Os Pré-Socráticos: Pitágoras, Tales, Demócrito, Heráclito e Parmênides; Os Sofistas; Sócrates: Vida, Ideias, Método e Morte (DIÁRIO DE CLASSE).

⁶⁷ SEIXAS, Raul. Gita. **Letras**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/48312>. Acesso em: 07 ago. 2022.

No *Quarto Bimestre*, houve a conclusão dos tópicos estudados sobre o pensamento de Sócrates, quando também foi tecida um breve comentário sobre os “Jogos Olímpicos”, situados no transcurso da “História da Grécia Antiga”. Ainda, convém lembrar que este período se encontrava marcado pelos aspectos antropológicos, a partir dos quais a realidade sociopolítica, os fazeres humanos no âmbito da Polis assumiram um importante papel no filosofar. O produto dos referidos estudos foi constituído por um trabalho em grupo sobre o pensamento de Sócrates na sua correlação com as bases da Filosofia Antiga.

Posto isso, evidenciei mais uma vez, no contato com as descrições dos diários de classe da professora Eulália, um reencontro com as narrativas sobre Platão, a partir do qual ela trabalhou de forma repetida a metáfora do “Prisioneiro da Caverna”, na qual o filósofo vincula a ideia de libertação das sombras à verdade. Em linhas gerais, ele faz isso apontando os conceitos a respeito da ética, da política e os caminhos percorridos pela razão no encontro com o conhecimento verdadeiro, a ser projetado para além do senso comum. Em primeira instância, situado fora do campo das sensibilidades, isso, no trocadilho entre a passagem do Mundo Sensível para o Mundo das Ideias Perfeitas, através da simbologia da saída da caverna – como um lugar das sombras e da ignorância.

Nessa ocasião, a novidade temática do Ensino de Filosofia se mostra no ato da leitura do texto “Racionalidade e Realidade”, utilizada nas discussões referentes aos tipos de racionalidade, os quais constituem o processo de produção do conhecimento. Por meio dessa atividade, foram retomados os estudos de Platão, abrangendo as ideias políticas correlacionadas à condução do estado e à importância do conhecimento na esfera pragmática daquilo que é útil a Polis – a vida coletiva, em uma hora-aula.

De modo geral, os conteúdos ensinados neste bimestre configuraram-se pelos tópicos que seguem:

<i>Continuação de Sócrates; Platão: Ideias, Mito da Caverna – A Política de Platão: A República; A Política; Ecologia, Meio Ambiente; Instrumentos Mentais do “Eu” – Mente Intelectual e Espiritual; Realidade e Racionalidade (DIÁRIO DE CLASSE).</i>
--

Em suma, no processo de amarração da análise da Filosofia Política em Platão, a professora Eulália propôs, como exigência de aprendizagem, que os alunos fizessem uma atividade de pesquisa na tentativa de que eles elaborassem

uma possível “analogia” entre o “Prisioneiro da Caverna” com o “Homem atual”. Isto, considerando o sentido da luz, sua similaridade neste processo e a condenação de Sócrates. Tal proposta denotou um aprofundamento do pensamento filosófico antigo em 1988, visto que, além dos/as alunos/as entrarem em contato com as categorias conceituais produzidas por Platão, ao mesmo tempo, retomaram as questões a respeito da verdade e da política. A partir disso, possivelmente, os estudantes se confrontaram também com a atualidade vivenciada no Brasil, onde vicejava a luta pela afirmação do Estado Democrático, tão renegado pelo filósofo da “Caverna” e da “Luz”. Para os desdobramentos e a finalização deste estudo, foram utilizadas duas horas-aula.

Ainda, de forma singular, na sequência deste bimestre, sucedeu-se uma prática de leitura com o uso de texto não filosófico, cujo resultado incorreu na constituição de espaços de saberes e reconhecimento das questões ambientais; tendo como referências citadas por Eulália as notícias da “Revista Geográfica Universal – Trabalho relacionado ao Globo Repórter-Ecologia-Meio Ambiente-Amazônia”. O eixo temático que orientou a dinâmica destes estudos norteou-se pela seguinte base investigativa: “O homem frente aos valores em relação à preservação do meio ambiente-Valorização”.

Com efeito, este assunto, ao ser tratado em sala de aula, exteriorizou a preocupação da docente acerca dos problemas recorrentes aos danos causados ao ecossistema, já naquela época. Isto, em face do manuseio em larga escala dos recursos naturais, nas práticas de manufatura dos produtos industrializados, sendo que, quase tudo acontecia de forma próxima ao que ocorre hoje na esfera da superposição das necessidades de mercado versus consumo; fomentadas pela lógica da obtenção das coisas, em uma existência coisificada pelo “ter”.

Em correlação com este contexto de estudos, a Professora Elizabete ministrou a palestra intitulada “Quem sou”, referente aos Instrumentos Mentais do “Eu”, intitulada: “Mente Instintiva, Intelectual e Espiritual” – “Eu”. Para dar conta deste programa de ensino, também foi realizado um ciclo de cinema, no qual foi apresentado o filme: “Grito do Silêncio” – em que a angústia e a dor se misturam e contraditam a racionalidade.

Enfim, a produção destas práticas didáticas se deu no entrelaçamento entre as teorias filosóficas e o uso de ferramentas lúdicas, resultando na produção dos estudos que foram realizados pelos/as escolares. Nessa ordem, este procedimento

de aprendizagem, as apresentações e relatos temáticos integraram a avaliação final das turmas dos Segundos Anos na disciplina de Filosofia em 1988.

Com base no exposto evidenciou-se nesta análise, que a professora Eulália construiu densos espaços dialógicos junto às turmas de sua regência, mediante a vinculação dos conteúdos na intensidade do tempo presente. Isto, em virtude da forma propositiva dos trabalhos realizados, os quais produziram ambiências de fala e compreensão, oportunizando aos/as alunos/as o entendimento dos conceitos filosóficos, dos textos não filosóficos e dos contextos imagéticos (filme), os quais se apresentaram, frente ao meu olhar, carregados de saberes e sentidos, de forma contígua às práticas interdisciplinares. Muito embora, no ano de 1988, não se tenha trabalhado diretamente com a Filosofia Contemporânea.

5.7 O ANO LETIVO DE 1989: ENTRE MUDANÇAS E MARCAS DE UM ENSINO PROPEDÊUTICO

Este subcapítulo da tese se destina a analisar algumas mudanças que ocorreram no ensino de Filosofia durante o ano de 1988, já que, neste ano, os conteúdos passaram a ser submetidos a mais problematizações, junto à leitura de textos não filosóficos e à produção de estudos acompanhados de relatos escritos, dando-se ênfase a mais discussões temáticas entre os pares.

No entanto, nestes quatro anos após a desconstrução da Ditadura Militar, ainda apareceram algumas descrições dos conteúdos inerentes ao civismo, às atividades de sondagens e ao peso da responsabilidade imputada aos/às alunos/as no tocante à realização de provas cumulativas (procedimento avaliativo que exige o estudo de todos os conhecimentos ministrados durante cada semestre letivo) ⁶⁸.

Após situar parte do que foi analisado até aqui, começo então por observar que, sobre o *ano letivo de 1989*, durante os trabalhos de campo realizados no Colégio Manoel Ribas, eu coletei apenas quatro diários de classe da disciplina de Filosofia ministrada pela professora Eulália, referentes às turmas 2-A, 2-B, 2-C e 2-D do turno da manhã. Inicialmente, neste contexto de ensino e aprendizagem, houve o acolhimento dos alunos, a exposição e a organização geral das práticas pedagógicas a serem ministradas ao longo do ano letivo, contando com duas horas-

⁶⁸ De acordo com as anotações da professora, a avaliação cumulativa não foi utilizada no processo de averiguação da aprendizagem dos conhecimentos filosóficos nas turmas no quarto bimestre de 1988, ao final do ano letivo. No entanto, isso foi retomado em 1999.

aula. Nesta ocasião, o cronograma dos conteúdos a serem ministrados no decorrer do ano letivo foram apresentados pontualmente em sala de aula, o que, antes, por vezes, era feito de forma parcial.

No *Primeiro Bimestre* de 1989, nas 2-A e 2-C, encontrei uma cronologia de conteúdos desenvolvidos de maneira muito semelhante quanto à leitura dos textos não filosóficos, entre eles: “O que queremos”⁶⁹, a partir do qual foi empreendida a compreensão do seu conteúdo por meio de práticas de conversação, durando três horas-aula. Para tanto, foram levantadas interrogações construídas junto aos alunos e às alunas, buscando a compreensão do sentido do texto, considerando o diálogo daquilo que é desejado por cada jovem.

Na turma 2-C, esta análise foi articulada em conexão com a “sondagem de interesses”, a qual era denominada nos anos anteriores de sondagem de conhecimento (procedimento que, inclusive, não foi descrito na turma 2-A). Ainda se fez necessário destacar que, entre os dias 15 e 14 de março de 1989, as aulas foram novamente suspensas no colégio devido à Greve Nacional, acirrando mais uma vez as lutas contra as perdas salariais do magistério e sucateamento das escolas públicas no Estado do RS.

Quanto às turmas 2-B e 2-D, após os protocolos iniciais de acolhimento dos alunos e da interlocução sobre os conteúdos, foi oportunizada a sondagem de interesses através do estudo do texto intitulado “O que pensamos”⁷⁰. Acerca destas atividades, constam na turma 2-D o registro total de três horas-aula e na 2-A tem-se quatro horas-aula, pois nesta última classe este debate foi estendido à problematização sobre “O que é Filosofar”, cuja atitude problematizadora denota uma mudança na proposição e discussão dos conteúdos programáticos da disciplina de Filosofia.

Assim, através destas práticas iniciais, evidenciei o uso diferenciado dos textos não filosóficos já no início do *Primeiro Bimestre* letivo de 1989, cujas leituras foram procedidas com a exigência da construção de argumentos dos/as alunos/as, através da compreensão das significações conceituais dos textos lidos e da importância de suas estruturas voltadas ao conhecimento de si, e de seus modos de querer as coisas do mundo, empreendendo seus projetos de vida.

⁶⁹ Sobre o qual não consta as referências bibliográficas.

⁷⁰ Sobre este estudo, também não foi citada pela docente a obra e autor.

No prosseguimento das aulas, foram ministrados nestas turmas os assuntos a respeito da “Teoria do Conhecimento”, um conteúdo que foi amplamente registrado nos diários de classe dos anos letivos, em todo o transcurso da década de 1980. Tal prática se deu, muito provavelmente, por estes estudos fazerem parte do conjunto de assuntos que atravessam os estudos da História da Filosofia e sua sistematização desde a Antiguidade Clássica.

Deste modo, os estudos sobre a “Teoria do Conhecimento” surgem ministrados dentro dos padrões de análise adotados nos anos anteriores, ou seja, tendo em conta as possibilidades e contingências das noções conceituais produzidas no campo das outras ciências e seus atravessamentos na esfera da Filosofia, contando com duas horas-aula de abordagem. Na sequência da exposição deste tópico, foi exigida, junto às turmas, a tarefa de elaboração de trabalhos em grupo, sendo feitos em duas horas-aula (prática pontual nas aulas de Filosofia tanto antes quanto após o ano de 1985).

Entretanto, observo que, na turma 2-A, relativo às tarefas sobre a “Teoria do Conhecimento”, procederam-se exercícios de revisão de conteúdo, com o uso de 2 horas-aula, seguidas de atividade de verificação de aprendizagem, ou seja, sem a realização de trabalho em grupo. Minha compreensão é que esse fato possivelmente reduziu, nesta turma, os espaços de reflexão coletiva acerca destes conteúdos e, do mesmo modo, a partilha de saberes entre os escolares.

No decorrer do primeiro bimestre, foi abordada, nas demais turmas, a seguinte indagação: “O que é Filosofia?” (questionamento já tratado na classe da 2-A durante os estudos sobre o texto “O que pensamos”). A partir desta questão, procedeu-se a compreensão do artigo intitulado “Filosofia e Sua Vivência - Reflexão e Sabedoria”, cuja referência também não foi encontrada nos apontamentos da professora.

Tais estudos foram delineados por mudanças, face aos movimentos de democratização do ensino na escola, com a Filosofia passando, gradativamente, a ser uma disciplina voltada à cidadania e à formação crítica dos jovens de acordo com a LDBEN/1996 (BRASIL, 1996). Porém, antes da promulgação desta lei, já no Primeiro Bimestre de 1989, o ensino dos conteúdos clássicos da Filosofia mostrou certo trânsito frente às pautas do cotidiano da democracia nos seus processos de ajustes, na conversão de outras possibilidades na arena dos jogos políticos e mediações, face às demandas sociais mais emergentes.

Em linhas gerais, nas aulas subsequentes, foi tratado a respeito da origem da Filosofia, sua relevância e bases conceituais, com a composição de duas horas-aula ministradas na turma 2-A. Na segunda aula, houve a entrega dos testes sobre a “Teoria do Conhecimento” e, ao mesmo tempo, a correção deste procedimento avaliativo junto a esta classe.

Quanto ao ensino concernente à origem da Filosofia consta, nas turmas 2-B e 2-C, o registro de quatro horas-aula dispendidas para o desenvolvimento e conclusão desse assunto. Na 2-C, na semana seguinte, foi destinada mais uma hora-aula acerca deste mesmo estudo, agora com ênfase também na “Natureza da Filosofia”.

Em síntese, a partir desse tópico, foram ensinadas as classes sobre a origem da Filosofia, seus delineamentos históricos na produção de cultura, bem como a ascendência deste saber na elaboração do “conhecimento”, na sua forma sistematizada, com o uso de mais duas horas-aula. Nas respectivas turmas, foram igualmente aplicados os testes de verificação de aprendizagem, tendo como foco os conteúdos estudados (tudo realizado em uma hora-aula).

Quanto à turma 2-D, os estudos da Filosofia, em sua fase nascente se deram a partir do texto “Filosofia e Sua Vivência – Reflexão e Sabedoria”, também não havendo autoria do material. Posteriormente, foi aplicado nesta turma o teste bimestral e, na sequência, a prova cumulativa em todas as classes, dispendendo duas horas-aula. Os estudos de textos, seguidos de problematização, bem como os testes e provas, foram ferramentas utilizadas de maneira sistemática em quase todos os bimestres, em conformidade com a compreensão dos registros anotados nos diários de classe da disciplina de Filosofia durante 1989. De modo geral, então, foram estudados os seguintes conteúdos neste bimestre:

<i>Sondagem de Interesse; O que é Filosofia? A Origem, Relevância e História da Filosofia; Teoria do Conhecimento; Natureza da Filosofia; Método da Filosofia e Divisão da Filosofia (DIÁRIO DE CLASSE).</i>
--

Assim, entendo que, nesta linha de trabalho, houve um encadeamento dos conteúdos de Filosofia com os processos civilizatórios, considerando os entrelaçamentos teóricos que constituíram o pensamento filosófico na Grécia e que, até então, situavam-se, na maior parte das vezes, desconectados da realidade cotidiana, tensionados apenas no campo dos estudos da epistemologia grega.

Porém, ainda em 1989, o ensino de Filosofia permanece sem uma definição institucional acerca do seu lugar como disciplina obrigatória na grade curricular do Segundo Grau, observando que a nomenclatura deste grau de ensino, a partir do advento da LDBEN/1996 (BRASIL, 1996), muda e passa a ser determinado como Ensino Médio (onze anos após o término da Ditadura Militar). Quero dizer que, durante longos anos, foram acirrados os debates sobre a importância da disciplina de Filosofia nesse grau de ensino, cujas narrativas e movimentos de resistência colaboraram para reafirmação da sua presença nas escolas que mantiveram os estudos filosóficos ao longo desta década, bem como nas instituições as quais ensejavam sua presença e que, aos poucos, foram introduzindo-a nas suas grades curriculares após 1985.

Através da compreensão dos diários de classe da professora Eulália, eu percebi que o ensino da Filosofia Clássica por ela ministrado, em certa medida, encontra-se descrito de maneira análoga ao longo de toda uma década de trabalho: de 1980 a 1989. Logo, houve apenas algumas diferenças significativas quanto ao uso de novos textos não filosóficos, principalmente a partir de 1986, visto sua introdução, quase que contínua nessa fase, de questionamentos no estudo dos conteúdos e nas práticas de trabalho e pesquisas feitas em grupo.

Quanto ao estudo das concepções filosóficas sobre “Método”, demarcou-se a abordagem que explorou as diferenças entre eles e a pluralidade de “objetos” tratados no decurso da produção do conhecimento. Nessa linha de ação pedagógica, foi exposto a respeito do “Método Filosófico” na turma 2-A, cujo desenvolvimento se deu em três horas-aula, oportunizando aos/às estudantes a continuação dos estudos acerca da divisão da Filosofia e conclusão dos tópicos abordados. Nas demais turmas, este mesmo estudo contou com apenas duas horas-aula. Fato que implicou, mais uma vez, um contraste na organização do tempo voltado para o ato de pensar e dialogar a Filosofia com os/as alunos/as, possibilitando o acesso participativo dos estudantes aos conteúdos ensinados em todas as classes, considerando o tempo do pensar do/as jovens.

Ao final do bimestre, a antropologia foi abordada através do uso do texto “A Evolução da vida”, de autoria de Teilhard de Chardin⁷¹, nas classes 2-B e 2-D, em

⁷¹ Teilhard de Chardin nasceu em 1881, e sua existência atravessou o século XX, falecendo em 1989. Foi cientista e padre da Igreja Católica, cujas práticas cristãs remontam à ordem dos jesuítas da

duas horas-aula, sem muitas conexões com os estudos da Filosofia Antiga. Quanto à turma 2-C, foi dado prosseguimento ao “Método e Divisão da Filosofia”, levando em conta suas orientações procedimentais e a sistematização de seus saberes em partes, sendo eles a Metafísica, a Ética, a Lógica e a Epistemologia.

Sobre os saberes ministrados nas turmas acima citadas, não se encontra no referido bimestre o registro das atividades de leitura, pesquisa, trabalhos em grupo e tampouco da realização de exercícios temáticos. Infere-se que tais conteúdos foram ministrados em aulas expositivas e de maneira pontual. Após a prova, a docente oportunizou para estas cinco turmas, espaços destinados à correção e entrega das atividades avaliativas, com o uso de uma hora-aula.

Com efeito, na compreensão das anotações da docente Eulália, nos diários de classe dos Segundos Anos em 1989, percebemos pouca diferença no tocante ao cronograma dos estudos realizados na passagem de uma série para a outra. Quanto aos diários dos Segundos Anos, quando os conteúdos programáticos ensinados neste ano foram comparados com os anos anteriores, foi perceptível que prevaleceram muitas semelhanças entre os tópicos da Filosofia ministrados ao longo destes dez anos de formação filosófica dos/as estudantes no Ensino de Segundo Grau. E, quanto à metodologia de trabalho em sala de aula, foi adotada, igualmente, a concepção da História da Filosofia, com espaços de problematização dos temas filosóficos surgindo somente em 1986.

O tratamento dos temas de Filosofia, enquanto uma prática de ensino empregada de forma pontual pela professora Eulália, também foi percebido através do contato com os diários de outros docentes de Filosofia do Colégio Manoel Ribas, permitindo-me concluir que este modo de ensinar funcionou ao longo da década de 80 como uma estratégia didática comum ao ensino desta disciplina.

Discussões a respeito dos problemas atuais, os quais atravessavam a realidade vivenciada no Brasil e, por conseguinte, pelos/os alunos/as, foram escassas. Determinados temas da Filosofia eram limitados à compreensão da

Companhia de Jesus. Tem formação em Teologia, Filosofia e Paleontologia, e esta última transcorreu entre 1912 e 1914, no Museu de História Natural de Paris. Após, exerceu docência na disciplina de Geologia, no “[...] Instituto Católico de Paris em 1920 e dois anos depois obteve seu doutorado na Universidade de Sorbonne. O título de sua tese: *Os mamíferos do oceano inferior francês e seus sítios*” (MEDEIROS, 2018, s/p.).

Epistemologia do Conhecimento, o método e divisão deste saber por fases, com poucas aulas reservadas à reflexão e diálogos sobre a atualidade, em particular aos assuntos que dizem respeito à democratização do país, à fome e à miséria das classes populares, fomentando um ato de aprendizagem aleatório e à parte das práticas e interesses sociais.

Porém, na contramão deste perfil predominante, os estudos com os textos que abarcavam os temas sobre o pensar e o querer podem ter criado, ainda que indiretamente, as condições para o desenvolvimento de um sujeito que pensa sua própria realidade de modo crítico, haja vista que toda a aula produz alguns afetamentos nos escolares, seja pela apropriação de seus sentidos, seja pela partilha (ou negação) de saberes.

Em linhas gerais, em todas as turmas, foram realizadas sondagem, leitura e interpretação de alguns textos, trabalhos em grupo, testes e provas cumulativas. Apesar disso, em alguns momentos, a intensidade das problematizações, enquanto uma base dialógica perdeu visibilidade e força no conjunto das descrições dos diários de classe.

No início do *Segundo Bimestre* de 1989, nas turmas 2-A, 2-B, 2-C e 2-D, encontram-se anotados nos diários de classe os aspectos introdutórios da Ética e o trabalho com conceitos, envolvendo a compreensão da definição sobre o dever, as normas morais e jurídicas, bem como suas conexões com a consciência e a liberdade dos indivíduos. Assim, percebi que, logo no início das aulas, houve certo aprofundamento referente às questões éticas, as quais, nos seus encontros com os movimentos do cotidiano, penetram e compõem a existências das pessoas. E, do mesmo modo, adentram as percepções dos indivíduos acerca das suas ações e escolhas, a serem seguidas no ato da tomada de suas decisões, no tempo do vivido de cada um/a.

De acordo com Gadamer (1999), é junto dos outros e no horizonte das trocas socioculturais que ocorre a construção da existência de cada um/a em sua historicidade, cujas relações se configuram entre trocas, escolhas e jogos de poder. É possível dizer que estes campos do vivido se dão no decurso da própria produção do sujeito, ou seja, daquilo que ele faz na esfera de suas manifestações e dos jogos em que atua no tabuleiro da vida. Por conseguinte, cada indivíduo é dotado de historicidade, por se produzir no mundo, a partir do seu fazer e dos atravessamentos

daquilo que é por ele experimentado, na dimensão de si mesmo e no convívio com os outros.

Na turma 2-C, foram realizadas, nos dois primeiros meses de aula, apenas as práticas introdutórias ao ensino da lógica, explicando porque, no *Segundo Bimestre* de 1989, foi proporcionada a continuidade deste assunto. Findada esta abordagem, houve a retomada dos conhecimentos sobre a ética, visando ao entendimento dos conceitos básicos, com suas composições teóricas entrelaçadas à vida cotidiana. Encontra-se descrita a realização de dois debates em sala de aula, sendo um sobre a Ética, no qual foram tratados temas sugeridos pelos alunos e alunas: “Respeito e Relacionamento: pais e filhos; Alunos x Professores; Deveres e Direitos em Casa, no Grupo e na Escola”. A partir desta proposta, houve o entrelaçamento com as instâncias do vivido pelos/as alunos/as (nos seus lares e fora deles), adentrando em seus relacionamentos interpessoais (em seus grupos), bem como no processo de formação educacional de cada um/a em sala de aula.

Posteriormente, contou-se com outra prática de debate através dos desdobramentos destes temas, que conforme as descrições da docente Eulália - foi motivada pela noção de dever. Nesta linha de trabalho, foram vinculados os assuntos inerentes à esfera da convivência escolar, junto ao olhar sobre as relações privadas, no âmbito da casa e da família, cuja base enunciativa, de acordo com o exposto, deu-se através da definição da tríade “Respeito, Direitos e Deveres”, enquanto temas que sugerem uma conexão com as condutas morais e, portanto, com o disciplinamento dos/as escolares.

Na continuidade destes estudos, foram inseridas as apreciações sobre o Direito e sua divisão, sendo realizado com as classes um trabalho em dupla. Na sequência das aulas, teve outro debate, com o aprofundamento dos conceitos referentes à Moral e à Liberdade, fato que oportunizou a produção de lugares de falas para os/as jovens exporem o modo como eles e elas entenderam estes conteúdos, considerando seus sentidos, dados os vínculos destes conceitos com suas relações de pertencimento, no âmbito de seus fazeres, da postura e escolhas a serem tomadas diante daquilo que, além de convir a cada um, encontra-se vinculado ao bem coletivo e à ética.

Ainda relativo ao estudo da Ética, foi tratado acerca de seus princípios e das circunstâncias imprescindíveis à sua prática, em vista das exigências quanto às escolhas concernentes ao campo da ação moral, sob a ótica de sua relevância

empírica. Portanto, a abordagem da ética e da moral foi desenvolvida em todas as turmas através das discussões entre os/as escolares, com no mínimo duas horas-aula dispendidas em cada turma, seguidas de reflexões e exercícios.

Quanto à turma 2-C, houve um diferencial, já que os conteúdos sobre Ética e Moral foram tratados em três horas-aula e debatidos de forma participativa. Mesmo assim, em virtude do pouco tempo utilizado na condução destes conteúdos no Segundo Bimestre e pela sua complexidade, entendo que suas explicações foram construídas mediante recortes conceituais. Embora tenha havido espaço para as discussões em sala de aula, o tempo de três horas-aula destinado para este fim se mostra muito reduzido, dada a abrangência do tema e suas conexões com a realidade cotidiana, colocada/produzida na substancialidade da experiência destes/as jovens.

Em resumo, as turmas dos Segundos Anos de 1989 tiveram contato nas aulas de Filosofia com os temas circunstanciados em vários momentos, no contraponto da realidade do cotidiano, a saber:

Introdução ao Estudo da Ética; Direito e sua Divisão; Dever e Direito; Moral e Liberdade; Ética: Objetividade e Subjetividade; Noção de Dever; Normas Morais e Jurídicas; Princípios Morais Subjetivos; Objetividade e Prática Moral; Cristianismo e Humanismo (DIÁRIO DE CLASSE).

Na sequência das aulas, estes assuntos se encontraram apresentados, de modo conexo, entre a “Noção de Dever” e “Direito”, ocorrendo à aliança com as considerações próprias da Filosofia e as bases jurídico-conceituais peculiares às normas e à liberdade, em correlação com a vida. Essa abordagem se deu em todas as classes e devido à extensão, à importância e às dimensões práticas destes conceitos, sua sistematização demandou, de acordo com os registros da docente, um significativo envolvimento das turmas por ocasião da construção das pesquisas e do entendimento das concepções estudadas.

Posteriormente, encontra-se registrada nos diários de classe dessas turmas a dimensão conceitual das “Normas Morais e Jurídicas”, sendo abordada a noção da “Consciência Reflexiva do Homem”, ou seja, da forma como cada pessoa usa as habilidades do pensar e o bom senso no processo elaborativo de sua reflexão e no discernimento de suas próprias ações e escolhas. Visto a correspondência destes temas com o dever e a moral, na dimensão das práticas sociais, a professora Eulália

atribuiu às turmas a tarefa de realizarem um estudo dirigido sobre “Moral e Liberdade”.

Considero singular a importância da referida atividade, mediante o momento histórico de afirmação da democracia nos seus quatro anos de vigência. Em seguida, estes tópicos são listados nos diários da turma 2-B a partir de uma abordagem diversificada sobre “Ética”, incluindo os princípios morais próprios do indivíduo, tratados na instância da “subjetividade”, da asserção e clareza (salientando que o tópico referente à “objetividade” das práticas morais foi trabalhado em duas horas-aula).

A compreensão do desenvolvimento dos conteúdos abordados na 2-B foi produzida, por meio da análise dos relatos no diário de classe. A partir destes registros, percebi que os conteúdos foram estudados em um curto espaço de tempo em virtude da complexidade e extensão dos fundamentos teóricos que abrangem a compreensão da “Moral e Liberdade”, da Ética, e dos demais conceitos agregados que integram seus princípios.

Logo após o ensino dos assuntos acima aduzidos, foi aplicada uma prova cumulativa, dispondo de duas horas-aula, com posterior cronograma voltado ao ensino dos conceitos de “Cristianismo e Humanismo”, os quais se mostram entrelaçados entre si e pela fé. A partir da análise das descrições da docente Eulália, compreendi também a densidade destes princípios, os quais demandavam um aprofundamento no âmbito de uma leitura filosófica, sobretudo em relação à importância da reflexão dos/as jovens acerca das convicções religiosas próprias do cristianismo, enquanto uma possibilidade de entendimento crítico, quanto à submissão arbitrária da Filosofia à fé, durante a hegemonia da Igreja Católica na Idade Média.

Devido à proximidade do término do Segundo Bimestre, a finalização destes conteúdos abrangeu a compreensão da “Filosofia Política: Poder, Força do Estado e Ideologia”, acerca dos quais foram feitas ponderações resumidas, muito em razão da amplitude teórica destes tópicos, que, nas afirmações da docente Eulália, foram ministrados através de breves “considerações gerais”, em três aulas, sem maiores descrições de suas noções conceituais.

Na unidade que corresponde ao início do *Terceiro Bimestre* de 1989, na turma 2-B, foram dadas as orientações para o desenvolvimento das atividades dirigidas sobre os temas já enunciados acerca da política e, a partir de então, foram

apresentadas as concepções de governo de Platão e Aristóteles ⁷², utilizando-se de somente uma hora-aula (tempo considerado restrito aos estudos de ambos os autores, pela importância e dimensão de suas obras na Antiguidade Clássica até os tempos atuais). Concernente ao ensino de Filosofia no Colégio Manoel Ribas, é plausível afirmar que era uma prática habitual e intensa a realização dos estudos a respeito do pensamento de Platão e Aristóteles e suas narrativas sobre as práticas políticas e sociais vinculadas ao cotidiano da vida no mundo grego.

Nas aulas subsequentes, foram ministradas as questões referentes à política, com base na “Fundamentação da Filosofia Política através da História”, abrangendo um pouco mais a compreensão do pensamento de Aristóteles. Também encontrei descritos nos diários de classe os estudos sobre os autores da Modernidade, como Jean Bodin, Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, Karl Max e Friedrich Engels, organizados da seguinte forma:

- a) Nas turmas 2-B e 2-C, encontram-se descritos os conteúdos tratados no tocante a todos os autores aqui mencionados;
- b) Quanto às 2-A e 2-D, não constam os estudos acerca da concepção de Engels.
- c) Na 2-D, de modo específico, foram interligados os estudos dos autores citados através da abordagem da História da Filosofia Política Atual com a História Política Antiga.

As avaliações temáticas sobre estes conteúdos foram aplicadas nas turmas 2-B e 2-C, em três horas-aula. Porém, nestas duas turmas, não foi citada a consulta livre aos textos. Já na turma 2-D, foi oportunizada uma hora-aula extra, realizada à tarde, para atender os alunos e alunas que estiveram ausentes na elaboração dos trabalhos, como uma atividade de reposição e aprendizagem dos conteúdos ministrados. Por fim, nas aulas do terceiro bimestre, deu-se ênfase aos seguintes aspectos da política:

A Política de Aristóteles e Platão; Poder Político; Lei; J. Bodin, T. Hobbes, Rousseau, Karl Max e Engels; O Meio Social e a Liberdade (DIÁRIO DE CLASSE).

⁷² Tais conteúdos foram ministrados em todas as turmas dos segundos anos, sob regência da professora E.L no decorrer da década de 1980.

O começo do *Quarto Bimestre* de 1989 nas classes 2-A, 2-B, 2-C e 2-D teve suas práticas didáticas movimentadas pelas discussões políticas em voga no contexto das eleições no âmbito do Poder Executivo. Em vista disso, foi requerida pela docente Eulália uma apreciação individual dos alunos e alunas sobre as propostas colocadas pelos candidatos a presidentes do Brasil no ano 1989. Este pleito eleitoral foi de suma importância no processo de afirmação do Estado democrático brasileiro, tratando-se da primeira eleição direta para o Poder Executivo, quatro anos após a redemocratização do país. Na base desta proposta, residiu certa mudança no Ensino da Filosofia, que, aos poucos, foi sendo atualizado, através das conexões realizadas entre conceitos da Filosofia Política e as práticas postas neste importante acontecimento que firma as bases da democracia no país.

O desafio dessa tarefa residiu na exigência de que as turmas realizassem uma conexão entre os conteúdos já estudados na unidade correspondente à Filosofia Política e a realidade atual, tendo como base o conceito de Poder. A atividade foi situada na linha das experiências dos estudantes, vinculando, assim, as teorias e as práticas políticas referentes às primeiras eleições diretas no Brasil.

Mediante o objetivo descrito, o desenvolvimento desse estudo dispendeu do uso de duas horas-aula, um tempo consideravelmente reduzido diante da exigência da elaboração de um “trabalho escrito”, cujo suporte teórico de pesquisa contou com os princípios da “Lei - Poder e Liberdade”, os quais foram dimensionados na conjuntura das eleições ao Poder Executivo Nacional no ano de 1989.

Em resumo, entre o *Segundo*, *Terceiro* e *Quarto Bimestre* de 1989, foram estudados, em todas as turmas, os seguintes tópicos:

O Poder, A Democracia; Liberdade; A Filosofia Política Moderna e Contemporânea; O Marxismo-Comunismo, Comunismo; Capitalismo; Liberalismo Econômico; O Poder Público e Privado (DIÁRIO DE CLASSE).

Referente à temática Poder e Liberdade, ocorreu a leitura e o debate do texto “O Simulacro da Democracia Deve Ser Evitado”⁷³, bem como trabalhos de pesquisa em grupo, com atividades de relatórios e conclusão dos textos, resumos, apresentações e debates sobre os temas estudados. O título remete às possibilidades de deturpação deste regime, pelo abuso do poder investido na

⁷³ Sem o registro da referência bibliográfica quanto à autoria da obra.

representação, o ordenamento dos bens públicos e respeito à vontade dos representados.

A partir deste mesmo texto, foi feito um debate incluindo os temas “Responsabilidade e Liderança” nas turmas 2-A e 2-D, em duas horas-aula. Em linhas gerais, entendo que o propósito destas aulas teve seus objetivos voltados ao esclarecimento das práticas de poder no universo das relações contemporâneas, as quais demandam a reflexão sobre a importância da liberdade, tanto no âmbito da democracia e da responsabilidade social com ênfase na ética e na justiça quanto no zelo dos bens e patrimônios públicos.

Nesse contexto, percebi que tais discussões sobre as relações políticas adentraram com intensidade na disciplina de Filosofia no colégio Manoel Ribas, em função da escolha presidencial e também dos líderes de turmas, já que ambos os pleitos configuram formas de ações políticas imprescindíveis para a responsabilidade cidadã: o primeiro ato tem sua importância assegurada no campo da gestão do Estado, em nível nacional, incidindo sobre o ordenamento da vida coletiva; o segundo tem sua relevância no processo de organização no pequeno cotidiano da escola.

Desse modo, emergiram novos espaços na escola, no processo de formação dos debates acerca das pluralidades das ações protagonizadas na condução das esferas públicas e privadas, peculiar às condutas próprias de um Estado Nacional, democrático e soberano. Com destaque para o protagonismo do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) na organização da primeira eleição direta à condução do Poder Executivo em 1989⁷⁴, cujo evento firma de maneira premente a democracia no país.

Ao retomar as atividades feitas pelas turmas sobre estas temáticas, conforme a verificação e análise dos diários de classe da turma 2-B realizou-se, junto aos estudantes, a compreensão do texto “Democracia e Liderança”, cujo estudo contou com espaços destinados à argumentação dos alunos e alunas, por meio de debate. A compreensão da temática envolveu a aproximação dos sentidos das liberdades

⁷⁴ É válido assinalar aqui que a finalização da ditadura militar em 1985 se deu por meio de eleição indireta, configurando um período de transição na democracia no Brasil, com a conturbada posse do Vice-presidente José Sarney, em decorrência do óbito do Presidente eleito Tancredo Neves (PMDB). Em linhas gerais, este processo intermediário foi marcado por antagonismos gerados pelos acordos de proteção e garantias aos militares, a partir da premissa de que atuavam no exercício de suas funções e na defesa da ordem nacional. Assim, seus crimes, deferidos contra os civis, em prejuízo aos direitos humanos e às famílias que tiveram seus entes queridos mortos ou violentados. Foram tempos sombrios, protagonizados pela militarização do estado brasileiro.

civis ao exercício da autoridade, agora pensada no campo da autonomia das práticas sociais e do compromisso de cada indivíduo com os ambientes coletivos que ocupam, no encontro entre cidadania e liberdade.

Na turma 2-C, o trato dessas mesmas questões repercutiu num “trabalho escrito” com o uso de uma hora-aula, não havendo aqui debate entre os/as jovens. Parece-me que, nesta turma, comparada às outras, houve um descompasso acerca da importância da construção de uma liderança na sala de aula, devido à ausência das discussões temáticas. Sobretudo porque a oratória é uma importante habilidade no exercício da liderança escolar, frente à necessidade de diálogo e compreensão dos problemas e das inquietações vivenciadas no contexto da sala de aula.

Através da reflexão das obrigações, dos direitos e deveres pautados pelos conceitos de “Democracia e Liderança”, constituíram-se espaços de empoderamento dos/as escolares, a fim de atuarem como líderes de suas turmas no Colégio Manuel Ribas. Com efeito, ao final do ano letivo de 1989, a compreensão desses dois conceitos denotou um ensino de Filosofia voltado ao cumprimento responsável da partilha dos espaços coletivos em sala de aula e em direção ao exercício das liberdades políticas e civis, em decorrência do reordenamento das relações sociais suscitadas através da democratização efetiva das instituições jurídicas, políticas e educadoras do país.

Além disso, a compreensão destes processos preparava os/as jovens para atuarem como representados e representantes em todas as esferas que envolviam o conhecimento crítico das práticas políticas, bem como para o exercício da democracia, agora alicerçada nas práticas da liberdade. O poder da representação do líder era investido pelo voto de cada escolar na sua condição de eleitor/a, denotando o sentido do respeito à democracia e à sua legitimidade, a qual começava na escola, um expressivo espaço e campo de aprendizagem política.

A seguir, neste bimestre, contou-se com a continuação dos estudos sobre as categorias conceituais da Filosofia Política, em que foi introduzida a teoria marxista em todas as turmas, analisando as bases conceituais abordadas por Marx, sua biografia e concepções, bem como a importância de Hegel e Engels no pensamento do filósofo – o primeiro, em suas asserções sobre o Estado; e o segundo, na análise conceitual da luta de classe.

Desse modo, foi citado igualmente nos diários de classe da 2-A, 2-B e 2-C a respeito do abandono de Marx à condição de cidadão, no âmbito do Estado

capitalista burguês. Portanto, a docente o concebe, como um “cidadão do mundo”, ou seja, sem uma referência de identidade e cidadania vinculada ao Estado-Nação.

Retomando as aulas de Filosofia, no decorrer das atividades pedagógicas acerca do pensamento de Karl Marx, foram dispendidas quatro horas-aulas nas 2-A e 2-D, com a elaboração de “estudos dirigidos”. Na turma 2-B, este conteúdo teve seu desenvolvimento em duas horas-aula, nas quais também foram produzidos relatórios a respeito da palestra sobre Comunismo e Liberalismo, realizada em sala de aula. E na turma 2-C, observamos a composição de quatro horas-aula destinadas à discussão e elaboração do marxismo e sua conclusão.

Mediante a necessidade de aprofundamento das ideias de Marx, a professora Eulália realizou, nas turmas 2-B e 2-C, atividades em dupla, com ênfase nas contradições e críticas postuladas pelo autor sobre a exploração submetida aos trabalhadores no advento do capitalismo. Sobre este assunto, ainda foram elaboradas as considerações críticas acerca do sistema de produção capitalista e a ministração de mais uma aula, em virtude da necessidade de aprofundamento da análise do conceito da luta operária e da finalização dos trabalhos, totalizando seis horas-aula. Assim, considero que este número foi suficiente para que os/as alunos/as se aproximassem e compreendessem as bases conceituais peculiares ao pensamento marxista. Houve o fomento de um espaço de aprofundamento de conceitos sobre luta de classe e as contradições entre os trabalhadores e a classe patronal em Marx ⁷⁵.

Em seguida, houve uma segunda palestra a respeito do “Espiritualismo e Humanismo” nas 2-A e 2-B, cuja experiência de ensino se mostrou de forma desconexa aos estudos em curso. Posteriormente, concluiu-se o trabalho sobre o Marxismo, com o uso de mais uma hora-aula, o que denota um recorte no fluxo das atividades realizadas.

Em linhas gerais, neste último bimestre foram ministrados, de forma contígua, em sala de aula, pela professora Eulália, as seguintes categorias do marxismo:

⁷⁵ Eu mesma vivenciei este processo em sala de aula, como aluna do Colégio Manoel Ribas, no ano de 1986. As falas da Professora Bibiana - produzidas em entrevista no dia 27 de outubro de 2020, às 15h e 30 min, sobre o ensino de Filosofia nesta mesma instituição em 1986 – apontam para esta direção de sentidos, quanto às afetações causadas nas discussões envolvendo o pensamento marxista e as questões de gênero e sexualidade.

O materialismo Histórico: As forças Produtivas; Relações e Modos de Produção; Infraestrutura e Superestrutura; A luta de Classe e Liberalismo (DIÁRIO DE CLASSE).

A partir destes tópicos, visualiza-se como a teoria marxista, em conexão com o ideário liberal, foi ensinada no ano de 1989 nas turmas sob a regência da professora Eulália. Nesse sentido, o estudo correlacionado destas duas teorias mostrou as dissonâncias entre ambas, bem como as críticas de Marx ao liberalismo e ao capitalismo, enquanto âncoras da desigualdade entre as classes sociais.

Assim, encontram-se delineados nestes conteúdos alguns aspectos sociais do capitalismo que se consolidam na garantia da cidadania para todos, pelo menos quanto aos seus aspectos formais, construindo uma noção de que as diferenças nos sistemas de produção capitalistas operam como fomento à superação individual de cada sujeito no mercado de trabalho, cujo êxito se assenta no viés da meritocracia e sucesso individual. Nesse sentido, é socialmente aceitável a ascensão de uma classe através de qualificação profissional de seus integrantes e a exclusão e subalternidade das outras no mundo das relações sociais e do trabalho.

De acordo com as descrições da docente Eulália, os estudos posteriores da disciplina de Filosofia foram pautados, mais uma vez, pela compreensão do Liberalismo Político e Econômico, ministrado em uma hora-aula. Isso evidencia que também foi concedido um curto prazo para a exposição desta teoria, cuja expressividade foi notória nas transformações ocorridas na Europa no século XVII e no âmbito do capitalismo, no século seguinte. Quanto aos conteúdos finais, após a prova, estes seguem a mesma sistemática, tanto na 2-A quanto na turma 2-D.

Em todas as turmas, foram realizadas palestras sobre o Comunismo e a Perestróica, com a utilização de uma hora-aula de Filosofia em conjunto com a disciplina de História. Logo, a integração destes saberes denota uma atividade com fins interdisciplinares, desenvolvida em duas horas-aula. Vale acentuar que, na turma 2-C, foram intensificados os estudos sobre o Liberalismo, com ênfase na política e na economia. Assim, nessa turma, os conceitos a respeito da luta de classe não foram retomados no final deste bimestre.

Conforme os registros produzidos pela docente Eulália, as últimas práticas se resumiram na leitura de um artigo publicado na revista VEJA ⁷⁶ sobre o governo e o poder, cujos dados se encontram vinculados aos assuntos referentes à “Filosofia

⁷⁶ Sem qualquer menção ao título do artigo ou reportagem da revista citada.

Política”, ocupando uma hora-aula em todas as turmas. Ao final do último bimestre letivo, foi aplicada a prova cumulativa, dispendendo de duas horas-aula, progredindo no encerramento do ano letivo através de mensagem cordial da docente, seguida de reflexão em todas as classes.

Percebe-se que, no curso desta década, foram mantidas as práticas de avaliação cumulativa por bimestre, denotando mais uma vez uma lógica da “aprendizagem” centrada nas avaliações. No entanto, não se pode ignorar o aprofundamento oferecido aos estudos sobre o Marxismo e o Liberalismo em praticamente todas as turmas, bem como das temáticas concernentes à Filosofia Política, envolvendo a conjuntura das primeiras eleições presidenciais no Brasil em 1989, demonstrando que, nesta ocasião, houve uma mudança significativa por parte da abordagem da docente, tanto nos conteúdos, quanto na tentativa de conexão com a realidade social do país.

Na análise das práticas de ensino da professora Eulália em 1989, foi possível notar que ela permaneceu adotando em sala de aula uma cronologia histórica e sequencial nos estudos da Filosofia Antiga, utilizando os textos não filosóficos como ferramenta didática auxiliar no decurso do entendimento dos conteúdos (como no caso da compreensão da Política em Platão vinculado ao texto “O Simulacro da Democracia”).

Embora, seja nítido nos diários da docente alguns momentos de repetição dos conteúdos, tratados de modo praticamente semelhantes de 1980 a 1985, encontro também, nas suas descrições, a presença de estudos e ações plurais, presentes nas leituras listadas nos diários de classe, nos trabalhos em grupo e apresentação das pesquisas. Lembrando que esse tempo histórico se situava entre o desmantelamento da Ditadura Militar e o recomeço da democracia no país; tenso período no qual o Ministério da Educação ⁷⁷ e, por conseguinte, as escolas, ainda não desfrutavam do tempo e maturidade política necessária para mudar a configuração educacional gerenciadora do currículo do Segundo Grau.

Em linhas gerais, estes estudos realizados na disciplina de Filosofia, no *Primeiro Bimestre* de 1989, no Colégio Manoel Ribas, mesmo mantendo ainda alguns delineamentos dos métodos de ensino produzidos pelo Regime Militar no Ensino de Segundo Grau, já mostravam pequenos indícios em direção a um

⁷⁷ Fundado em 14 de novembro de 1930.

entendimento diferenciado das concepções filosóficas. Além disso, percebo nesta conjuntura um aprofundamento dos estudos dos conceitos filosóficos, bem como o término dos procedimentos de recuperação dos objetivos não aprendidos, cuja prática era própria do projeto educacional peculiar ao Governo Militar, ainda que as provas permanecessem sendo realizadas dentro da noção de aprendizagem cumulativa. Enfim, este cenário adentra o ano de 1989, encerrando uma década no tocante à construção do perfil tradicional dos estudos filosóficos e seus caminhos nos processos de reconstrução da democracia brasileira.

Assim, o movimento da orientação hermenêutica me permitiu compreender as repetições no ensino de Filosofia, bem com alguns deslocamentos de uma docente, ao sair do lugar comum no ato ensinar, neste ano letivo, alguns temas da Filosofia atualizados com os assuntos em pauta na esfera da política e da democracia; convidando os/as jovens a pensarem suas experiências no âmbito individual ou coletivo. Assim, cada diário de classe me mostrou como se configurou o que foi ensinado sobre os tópicos da Filosofia, que remetiam à importância da Ética e suas dimensões constitutivas, entre elas, a noção de “Liberdade e o Direito” em suas injunções factuais entre passado e presente.

Nessa linha de pensamento, também me deparei com a riqueza do pluralismo das concepções filosóficas e morais tratadas nos diários de classe dos Segundos Anos, embora os valores éticos fossem situados na esfera da objetividade e da subjetividade, por vezes de modo tradicional. Com o andar do tempo, tais pontos de vista foram submetidos e atravessados pelo espaço do vivido pelos/as escolares. Isso se deu quando os temas sobre as escolhas foram vinculados ao Projeto de Planejamento Familiar – através do qual foi abordada a temática do aborto – ou acerca da liderança e organização da vida social, das noções vinculadas à responsabilidade individual e coletiva, e acerca da importância das eleições presidenciais e dos líderes de turma.

5.8 O ENSINO DE FILOSOFIA NOS TERCEIROS DO SEGUNDO GRAU: ENTRE OS CONTEÚDOS DESCRITOS NOS DIÁRIOS DE CLASSE E SUAS REPETIÇÕES DE 1982 A 1985

Início por observar, que no *Primeiro Bimestre de 1982*, os conteúdos referentes à composição da disciplina de Filosofia tiveram como base a

compreensão de sua relevância e iniciação aos estudos dos conceitos, com ênfase nos seguintes saberes:

*Filosofia: Partes da Filosofia; O Que é Filosofia; Fase Mítica; Pensamento Grego Pré-Socrático; Os Sofistas (noções); Sócrates: Marco Divisório do Pensamento Grego; Platão Vida e Obra: O Mito da Caverna; Pensamento Socrático; Aristóteles: Vida e Dialética; Tipos de Conhecimento: Empírico, Científico, Filosófico e Intuitivo*⁷⁸ (DIÁRIO DE CLASSE).

De modo geral, foram descritos, nos diários de classe, as noções acerca dos sofistas e os estudos a respeito das ideias de Sócrates, cuja abordagem é referida como uma fronteira entre a fase cosmológica (discussão do princípio de todas as coisas com ênfase na *physis*) e a fase antropológica (com base na compreensão da natureza humana, na ética e na política). Por conseguinte, nessa revisão dos conteúdos já ministrados nos Segundos Anos, as atividades de ensino e aprendizagem em Sócrates foram feitas através do estudo das noções tidas, historicamente, como de sua autoria, por meio de trabalho em grupo.

Nas colocações a respeito de Aristóteles, encontram-se descritos os assuntos referentes ao transcurso do seu “Pensamento e Dialética”, que remetem, também, à compreensão acerca da importância das investigações de Aristóteles à posteridade. Entre elas, destaca-se o “Método” produzido por ele no campo da teoria desenvolvida na área da metafísica e da física⁷⁹; fato que denota a valorização da Filosofia Antiga no fluxo do tempo atual.

De modo geral, através da análise dos registros pertinentes às turmas dos Terceiros Anos em 1982, foi possível averiguar que o ensino de Filosofia ofertado na disciplina se configurava como uma prática muito próxima da revisão dos conceitos e das atividades gerais, realizadas de um ano letivo para o outro no decorrer do Segundo Grau, os quais já haviam sido experimentados pelos jovens em seus estudos no ano anterior.

No entanto, eu observo que não considero tais práticas de revisão como inadequadas à aprendizagem, mas o excesso do uso desta ferramenta limita o

⁷⁸ Conteúdo ministrado de forma semelhante aos estudos realizados nos Segundos Anos, no decorrer de quase toda a década de 1980, sendo que o término destas modalidades de conhecimento é finalizado em algumas turmas no segundo bimestre.

⁷⁹ Nesta acepção, o filósofo indaga e analisa sobre as causas primeiras, que produzem a natureza constitutiva das coisas. Logo, ratifica-se nos postulados de Aristóteles, de acordo com Reale e Antisire (2003), a presença das quatro substâncias originárias, as quais, em seus encadeamentos, produzem a vida, sendo elas: a terra, a água, o ar e o fogo.

contato dos sujeitos em formação com os novos saberes da Filosofia. Em face disso, ainda se destaca o fator da reduzida carga horária semanal da disciplina, limitada a apenas um período.

O uso recorrente e por longo tempo deste recurso torna o ensino de Filosofia extenuante, retirando-lhe do fluxo da novidade e, ao mesmo tempo, restringe as possibilidades de compreensão dos conceitos filosóficos contemporâneos, e muitas vezes, o seu entendimento, mediante os nexos produzidos pelas realidades atuais. Assim, ao ler cada diário de classe, bem como no ato da reflexão de seus conteúdos, percebi que estes, às vezes ensejavam a compreensão das novidades próprias das diversidades de sentidos apresentadas na produção contextual do filosofar nestes três anos de ensino e aprendizagem. Por fim, sem maiores mudanças nos protocolos de ensino, em todas as turmas, foram constituídos trabalhos em grupos, procedimentos de revisão dos conteúdos ministrados, com vistas à avaliação bimestral cumulativa, com realização em duas horas-aula.

No segundo bimestre de 1982, nas turmas de terceiro ano, a docente Eulália, até o fim de maio, abordou alguns conteúdos novos, os quais são relatados nos diários de classe, demonstrando que estes conhecimentos foram estudados de modo conexo às áreas da Física e da Química. Após, foram estudados os tópicos referentes ao surgimento da vida dentro de uma concepção moderna, cujas descrições se apresentam correlacionadas com a Biologia e com a Física, sendo expostos nesta ordem:

*O Universo – “O Cosmos”; Da Matéria à Energia – Introdução; O Átomo; A Energia; O Cosmos*⁸⁰; *Origem da Vida: Fixismo e Evolucionismo; Darwinismo e Lamarckismo* (DIÁRIO DE CLASSE).

De resto, são estudados os conceitos gerais do Evolucionismo. Entretanto, nos estudos acerca do surgimento das coisas vivas, aparece o “Fixismo” agregado ao estudo do “Evolucionismo”; mais uma vez também este tópico é direcionado à compreensão do “Darwinismo”.

No Terceiro Bimestre de 1982, semelhante procedimento se deu no tocante aos estudos produzidos sobre os tópicos relacionados aos processos de entendimento do mundo, bem como àqueles referentes aos modos de

⁸⁰ Após os estudos do “Fixismo”, o ensino dos demais conteúdos citados segue ministrado de modo similar.

funcionamento interno da nossa psique e dos impulsos; dentro das mesmas terminologias conceituais já utilizadas nos Terceiros Anos.

Em linhas gerais, os relatos da docente nos seus diários de classe demonstram alguns traços relevantes de que a realização do “teste de inteligência” foi orientada pelos estudos acercados aos “Instrumentos do Eu”. Outros aspectos semelhantes residem na compreensão de suas descrições nas aulas de Psicologia, no tocante à análise dos “Instrumentos Mentais do Eu”, dimensionada na esfera da vida psíquica do homem, cuja exploração conceitual circundou algumas estruturas da mente, bem como as aspirações, sentimentos, instinto e a racionalidade que atravessam as ações e os fazeres humanos. Enfim, a abordagem dos tópicos de psicologia realizou-se de maneira procedimental pela professora Eulália, quando comparados ao grau de ensino anterior, ou seja, nas aulas ministradas nos Segundos Anos, em 1980, em conformidade com os conteúdos (Apêndice B, quadros: 4 e 5).

Além disso, durante o *Terceiro Bimestre de 1982*, foram tratados tópicos sobre “O Conhecimento Filosófico e Intuitivo”, enquanto um estudo complementar.

Vale assinalar que a análise feita sobre o desenvolvimento factual dos conteúdos nestes dois primeiros bimestres letivos, em meados da década de 80, leva em conta a historicidade dos materiais pedagógicos, nos quais foram analisadas as semelhanças e proximidades entre estes contextos formativos utilizados em sala de aula, sendo que muitas destas repetições procedem, em grande medida, até 1989.

Contudo, eu me deparei com o registro de um novo estudo, intitulado: “O Problema da Transformação”, o qual sequer foi detalhado nos diários de classe das turmas, a respeito de suas bases conceituais e sobre as bibliografias de apoio pedagógico. Tampouco consta nos diários de classe a fonte do artigo ou livro utilizado no desenvolvimento dessas práticas didáticas, seja no tocante à consecução das leituras, seja na produção de trabalhos dirigidos e respectivas apresentações realizadas pelos escolares.

Após estas atividades foram retomados os estudos a respeito das formas de governo antidemocráticas, sendo mencionado o comunismo como uma das faces destes regimes de governo; junto a este conteúdo foi tratado sobre o capitalismo, em suas generalidades conceituais. De modo geral, nos últimos dois semestres da década de 1980, os principais temas concernentes às sociedades contemporâneas foram ensinados nas aulas de Filosofia, de forma introdutória, breve e sucinta,

Portanto, dentro dos limites daquilo que foi informado nos cadernos da docente, foi plausível então, eu afirmar que o ensino do Existencialismo se deu de modo muito similar em todas as turmas. Porém, foram acrescentados os estudos de mais dois autores neste contexto, como veremos nos registros listados a seguir:

Alienação: O Ser Esquecendo a Sua Existência; A individualidade e as Normas Sociais; Filósofos do Existencialismo: Kierkegaard, Heidegger e Sartre; Existencialismo: Alienação e Individualidade; O Grande Tema da Filosofia Atual (DIÁRIO DE CLASSE).

Em 1983, o ensino de Filosofia se realizou mediante uma configuração de sentidos, própria de um momento de grandes oscilações na condução da conjuntura política, no qual se mostra o processo de dispersão do exercício do poder político do governo militar, em face da crise econômica do país, do enfraquecimento de seu poder de mediação junto aos demais poderes políticos e dos movimentos sociais organizados. Visto as constantes articulações no âmbito dos Poderes Legislativo e Judiciário e grande parte das classes populares pelo retorno da Democracia. Assim, observo que, em 1983, as aulas dos Terceiros Anos conduzidas pela professora Eulália se constituíram através da construção de trabalhos, enquanto um exercício à iniciação da pesquisa, os quais foram mediados por diálogos desenvolvidos junto aos/as alunos/as e alunas, cuja concretização ocorreu por ocasião das apresentações dos trabalhos temáticos em classe.

Tal atividade denota o que hoje conhecemos como Avaliação Diagnóstica, com objetivos muito semelhantes à sondagem dos conhecimentos aprendidos, uma vez que tal prática visa atualmente a reconhecer as lacunas da aprendizagem. Isso ocorre atualmente, devido às respostas dadas nas avaliações institucionais do ensino brasileiro, as quais revelam um baixo índice de conhecimento dos alunos, principalmente no campo dos componentes curriculares da matemática e do português.

Porém, como um diferencial, no que se refere ao ensino do conhecimento empírico, mediante a própria evolução do conhecimento científico contemporâneo, pois, em 1983, já foram perceptíveis, na compreensão dos diários de classe da professora, os vínculos destes estudos com a aprendizagem das novas tecnologias. Dando sequência a este fim, na aula de 21/03/1983, foi ministrada a palestra acerca dos “Princípios da Computação”, pelo docente “Cláudio Lobato - UFSM”, realizada em todas as turmas. Esta atividade denota o objetivo da escola de aproximar os

jovens da esfera dos conhecimentos inerentes às tecnologias da computação e aquelas desenvolvidas no campo das práticas científicas, próprias do mundo contemporâneo. Isto, considerando-se os novos rumos que estavam sendo tecidos no âmbito do mundo do trabalho e das ciências voltadas de forma crescente à automação de funções com a substituição do homem pelas máquinas, as quais passam a ser operadas mecanicamente ⁸¹.

Posteriormente à apreciação desses conhecimentos, a Filosofia Antiga foi retomada nestas classes, através do ensino dos filósofos Pré-socráticos, por meio das atividades de compreensão dos Sofistas e de Sócrates. Isso ocorreu, sem maiores detalhamentos das ferramentas utilizadas na explicação destes conteúdos. No entanto, nas descrições subsequentes, os registros produzidos pela docente Eulália, embora de forma sucinta, demonstram que foi utilizado um recorte teórico orientado pela História da Filosofia, através da compreensão do “Fédon - Morte de Sócrates” de autoria de Platão, cuja produção se deu em um campo semântico reflexivo voltado à crítica da democracia e seus antagonismos práticos.

De modo geral, os registros nos diários de classe se deram dois anos antes do encerramento do governo militar, fato que delineia certa preocupação da docente Eulália em mostrar as falhas de um governo democrático. Platão, de forma singular, acentua, no *Fédon*, os vícios inerentes à democracia, através das críticas tecidas contra o governo popular ateniense.

Com efeito, a compreensão dessa obra no ensino de Filosofia nos Terceiros Anos do antigo Segundo Grau foi realizada em um momento no qual as vozes dos movimentos populares no Brasil acirravam seus atos de resistência contra a Ditadura Militar, em favor do retorno das liberdades políticas e civis. Portanto, esta linha de ação pedagógica denota certo desconforto da docente Eulália mediante as manifestações sociais voltadas à redemocratização do país.

⁸¹ Este processo tem seu marco constitutivo no Brasil aproximadamente na metade do século XX, em sua forma insipiente. Porém, ainda no século XX, este processo se desenvolve no Brasil de maneira gradativa, embora se conte com um bom aporte de investimentos para melhorar as tecnologias digitais no país (ENTENDA..., 2021). Em linhas gerais, Cattani (1997), enquanto organizador da obra “Trabalho e Tecnologia: Dicionário Crítico” delinea junto, com outros autores uma ampla coletânea de conceitos acerca das tecnologias, as quais, na sua concepção, criaram diferentes mercados e atividades empresariais inovadoras, sendo que, dos vínculos de ambas, emergem concepções otimistas acerca de um mundo mais favorável à vida e ao desenvolvimento humano. E, de encontro a estes posicionamentos têm-se outras análises referentes às práticas de automação, com ênfase crítica nas consequências do neoliberalismo, desemprego estrutural e individualismo social.

Além disso, me foi perceptível que foram criadas algumas possibilidades, a partir das quais, os alunos e alunas discutiram a importância e os limites da livre expressão, mesmo tratando-se de um regime de governo democrático, como o de Atenas, na qual já vicejavam alguns sentidos contraditórios ao exercício da democracia como uma prática de liberdade. Posto que a sua condução na Polis ateniense foi marcada por ações de controle à autonomia dos cidadãos, haja vista que a condenação e a morte precoce de Sócrates indicam apenas parte das ações políticas arbitrárias adotadas em Atenas, no curso de seu declínio cultural e político, na fase descrita pelo/as docentes como: “A Grécia Decadente”.

Todavia, as descrições destas aulas mostram, ao mesmo tempo, dois ângulos de compreensão, sejam eles: os traços das reflexões sobre a liberdade e seu impedimento, em virtude do cerceamento das falas da Filosofia nas praças e ruas de Atenas. Logo, o estudo da fase socrática ou antropológica, nas aulas ministradas pelos/as docentes, proporcionou o contato dos/as alunos/as com concepções filosóficas provocadoras de tensão. De modo geral, o encerramento do referido bimestre se realizou de forma procedimental, ou seja, dentro dos métodos de trabalhos usualmente adotados pelo/as professores/as.

Quanto ao *Segundo Bimestre de 1983*, eu verifiquei a continuidade das atividades de sondagem, das apresentações dos trabalhos em grupo, as quais trataram acerca do método socrático, tendo como base a análise textual e a reflexão de suas ideias. Foram aprofundados os assuntos sobre a liberdade, seu conceito e sua importância, e a respeito do surgimento das enunciações filosóficas produzidas no mundo grego.

Após, houve a retomada do pensamento de Aristóteles, conforme registrado nas grades de conteúdo, com a realização de esquemas no quadro, comentários, produção de leitura e discussões em torno da sua investigação, em que foi dado ênfase à dimensão antropológica do ser humano, realizada a partir do seguinte tópico: “em busca do homem”, através da composição de um novo círculo de estudos em sala de aula, voltado às discussões produzidas em torno da relevância da Filosofia Antiga e do estudo da Lógica.

Mediante tais atividades de revisão dos conteúdos já estudados, assim, me foi possível identificar um aprofundamento significativo daquilo que foi produzido no ensino das concepções de Platão e Aristóteles, quando correlacionadas com as

descrições procedidas sobre os temas tratados no ensino de Filosofia ministrado no primeiro bimestre deste ano corrente.

Ainda no decurso das aulas dos Terceiros Anos, consta a realização dos estudos referentes à leitura do poema: “Entre a Flor e o Parafuso” enquanto um texto comumente utilizado pelos/as docentes em sala de aula e sobre o qual foram realizadas atividades de apresentação e conclusões críticas, em quase todas as turmas no Segundo Grau - Preparação Para o Trabalho - Colégio Manoel Ribas. Por conseguinte, este texto apresentou, em suas estruturais lexicais questões que atravessaram o tempo do vivido, por abordar as demandas do mercado de capitais e suas tecnologias de produção, voltadas ao consumo das coisas e sua retroalimentação. Conforme os sentidos denotados pelo poema, as pessoas caminham cegas em um árduo percurso existencial, no qual o tempo da vida é mediado por aquilo que conseguem comprar.

Assim:

Lá vão eles
Lá vão eles que somos nós
Marchando às pressas, empurrando
Nadando num mar de ansiedades sem uma triste bússola
Sem tempo para sorrir sem tempo para amar
Apenas tempo para correr (GOLDMAN, 2009, s./p.).

Então, vale tencionar qual foi a importância do estudo deste poema no ensino de Filosofia em 1983? Em linhas gerais, a relevância da compreensão do conteúdo desta narrativa reside na alusão que Goldman (1970) fez em sua obra intitulada: *A Civilização do Consumo Em Massa (entre a Flor e o Parafuso)*, a respeito dos exageros experimentados no âmbito das relações humanas, visto os modos controversos de existir dos sujeitos coletivos nas redes de consumo inerentes às sociedades capitalistas e no campo de suas individualidades, no qual a atuação de cada um se dá estigmatizada pela pressa e agonia, na afoiteza desse vaivém em busca das coisas, as quais subjuga o ato de existir de cada um, por vezes, à lógica do mercado.

Nesta ótica, cada ser humano funciona como uma engrenagem do processo de produção/das coisas e de suas demandas de venda. Assim, nesse movimento contínuo de necessidades, os homens se mostram, no dizer de Goldman, afastados do seu ser homem, haja vista que cada um se torna um objeto, ao participar dos

mecanismos que ajustam sistematicamente a exploração laboral, social e subjetiva das pessoas, em uma caminhada exaustiva, com os seguintes delineamentos:

Ande, pare, consuma... Ande, pare, consuma... Ande, pare, consuma...
Não há mais tempo para sonhar, não há mais tempo para dormir
E nos sonhos a ansiedade matar
Apenas sinais, sinais, sinais.
Ande... pare... ande... pare... Volkswagen... Coca-Cola, www
Anda robô, anda robô
Entre a cultura massificada e rotulada
Tu és feliz, tu és feliz, tu és feliz (GOLDMAN, 2009, s./p.).

Enfim, a interpretação deste poema mostrou que houve, nas aulas da professora Eulália, espaços diferenciados, que, além de terem concedido maiores possibilidades para os/as jovens estudantes refletirem a respeito de suas próprias experiências em uma sociedade capitalista, deu vazão à criatividade de cada um e à produção de argumentos sobre o mundo contemporâneo. Isto, mediante a oportunidade deles e delas compreenderem as realidades e apelos ao consumo exacerbado, enquanto um critério para a felicidade, cuja exigência, até hoje, nos sai cara ao espírito, coisificando nossas existências.

Entre os poucos conteúdos diferenciados, aparecerem citadas, de forma breve, as teorias sobre o “Cristianismo e Filosofia do Amor”, abrangendo a Filosofia Medieval, cujos estudos se deram por meio da concepção de “Santo Agostinho e a Patrística”. Vale dizer ainda, que os estudos sobre a Idade Média denotam até aqui, uma novidade na abordagem deste período, o qual foi muito pouco explorado nos anos anteriores, visto pontuar um dos seus principais autores e, de modo específico, a Patrística. Assim, ficou evidenciado na análise da descrição deste tópico o interesse da docente em vincular a fé cristã à amorosidade.

De acordo com o exposto, o uso limitado de aulas no desenvolvimento da compreensão dos conceitos substanciais a cada fase da Filosofia, por vezes, incorreu em uma apreciação compacta e superficial dos conteúdos. Também sucedeu semelhante procedimento quanto às atividades feitas em classe, no tocante à compreensão das ideias de “Descartes e do Modernismo”, expostas em uma hora aula. Após, foram descritas as considerações sobre os filósofos: David Hume, Immanuel Kant, Karl Marx, Herbert Marcuse e Jean Paul Sartre, também, em apenas uma hora-aula.

Do mesmo modo, os registros referentes a 16 de julho de 1983, trazem a elaboração do trabalho individual voltado à análise do texto: “O Escutar”, retirado da obra de Krishnamurti (um filósofo contemporâneo). Após, abordou-se a Filosofia Oriental, cujos ensinamentos foram realizados através das concepções de Confúcio; sendo destacados temas como o Budismo e a loga, de modo correlato aos planos de ensino desenvolvidos nos Segundos e Terceiros Anos desde 1979 a 1989. Em síntese, tais estudos se apresentam descritos de forma genérica e, da mesma forma, extensos, para terem sido estudados em um curto período de tempo.

Porquanto, no *Quarto Bimestre de 1983* da Filosofia Contemporânea, a partir das ideias de Marcuse, deu-se ênfase às contradições entre o comunismo e o capitalismo. Ao término destes conteúdos, tem-se especificado o início dos estudos referentes à apreciação da “consciência”, sua “evolução” e os níveis de “consciência”, considerando seus modos de constituição “individual e social”, peculiares à psicologia junto à compreensão da “Potencialidade do inconsciente”, sendo que este último conteúdo foi um tema sobre o qual consta uma descrição diferenciada no tocante aos estudos já realizados nessa etapa de ensino de 1980 a 1983.

Como de costume, após estes ensinamentos foram listados, nos diários de classe, a prática da avaliação cumulativa, incluindo todos os conteúdos apreciados durante o bimestre, sendo eles:

<i>O Inconsciente, a Propaganda Subliminar e a Consciência Moral (DIÁRIO DE CLASSE).</i>
--

Por último, foi oportunizada uma autoavaliação para alunos, enquanto um procedimento diferenciado de verificação da aprendizagem em sala de aula, o qual era muito pouco utilizado, em conformidade com as descrições dos diários de classe.

Mediante o exposto, a Filosofia foi ensinada nos Terceiros Anos em 1983, por meio de trabalhos orientados, apresentação e debates, os quais implicam, sim, o uso de importantes ferramentas no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, os registros gerais das aulas, denotam a presença continuada do ensino de conteúdos análogos aos anteriores, com poucas intercorrências de atividades diferenciadas na sua abordagem.

Por conseguinte, as aulas de Filosofia conduzidas pela professora no Colégio Manoel Ribas - Segundo Grau - Preparação Para o Trabalho contaram com o desenvolvimento de um vasto cronograma de ensino, tanto nos Segundos Anos quanto nos Terceiros Anos, muito embora a carga da horária da disciplina fosse de apenas uma hora-aula por semana. Também constatei, através das descrições dos diários classe, que muitas correntes de pensamento e seus respectivos conceitos filosóficos foram estudados em um curtíssimo prazo de tempo, comprometendo, em parte os processos de leitura e reflexão filosófica. E, por conseguinte, a construção de uma aprendizagem e escrita com marcas de autonomia pessoal dos/as escolares. A exemplo, disso eu cito as aulas acerca das teorias da Filosofia Atual, estudadas de forma genérica nos últimos bimestre letivos, as quais de acordo com o andamento dos conteúdos, por vezes também foram suprimidas.

5.9 DIÁRIOS DE CLASSE DE 1984: O ENSINO DE FILOSOFIA DESENVOLVIDO NO DECURSO DAS PRÁTICAS DE DEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL

Em princípio, o ano letivo de 1984 foi atravessado por muitas significações no tocante ao desenvolvimento das práticas de ensino na disciplina de Filosofia no Colégio Manoel Ribas, devido ao momento de emersão dos novos sentidos produzidos na política brasileira, com vistas à proximidade do retorno da democracia no país, cuja construção se deu enquanto um acontecimento e produto da reinvenção das lutas pelas liberdades civis e políticas.

Em meio a esta atmosfera de intensas contradições políticas de cunho provocativo, foram construídos os rumos das mudanças políticas em curso, inicia-se o *Primeiro Bimestre* letivo dos Terceiros Anos 1984. Dentre às atividades providas pela docente houve a feitura da “sondagem de interesses”, com o objetivo de analisar os desejos dos jovens e seus possíveis seus afetamentos e expectativas de estudos. Mediante das realidades vivenciadas, por eles e elas, em seus processos de formação neste processo de finalização do Segundo Grau. Fato que denota uma nova abordagem desta ferramenta de ensino, dado este instrumento não apresentar mais o caráter exploratório de verificação dos conhecimentos adquiridos pelos escolares nas suas trajetórias de ensino nos Segundos Anos. Ao encontro disso, logo, após a análise dessa prática e da compreensão inicial dos conceitos ministrados nos Terceiros Anos, já foi perceptível algumas mudanças no Ensino de Filosofia.

Nessa perspectiva, eu constatei mais vez a produção das aulas de Filosofia sem muitas diferenciações no tocante aos conteúdos programáticos lecionados nos Segundos Anos, tendo como aporte, principalmente a Filosofia Antiga, mediante uma abordagem eminentemente teórica. Por conseguinte, esta atitude procedimental foi constatada nas descrições da professora Eulália sobre os estudos dirigidos, já que não se encontram nestas atividades, quaisquer recomendações acerca da definição da Filosofia nos seus entrelaces com as experiências sociais dos/a estudantes, no campo elaborativo destas reflexões e questionamentos.

Nessa mesma linha de análise, foram feitas as considerações iniciais sobre as formas como se constituíram os paradigmas das ciências, entre as quais se encontram descritas, como de costume, as noções gerais sobre os conhecimentos: “vulgar” e “empírico”, com ênfase na sistematização de seus métodos e na clareza de seus enunciados. Nessa ocasião, também constava a tradicional “revisão dos conteúdos”, empreendidos em sala de aula, com vistas à preparação dos alunos para a avaliação bimestral cumulativa.

A finalização destes estudos se deu com a aplicação da prova cumulativa, em duas horas-aula. Após, houve a entrega dos trabalhos e das provas, seguida da revisão e recuperação da aprendizagem através da correção da avaliação bimestral, procedida em apenas uma hora-aula ⁸². Nas atividades, que seguem, teve-se uma “Aula Integrada” junto ao Serviço de Orientação Educacional - SOE cujas ações abordaram os assuntos referentes aos cuidados dos alunos, tendo em vista a aprendizagem, o comportamento e seus projetos voltados à formação profissional.

Na aula seguinte, de forma breve, foi explorado o texto concernente à “Independência de Opinião”, de Ralph Emmerson (um importante escritor americano do século XIX), em uma hora-aula. Posto isso, vale dizer que eu não obtive acesso a este material na forma impressa e, tampouco, nas redes on-line, nas quais se encontram apenas a citação de fragmentos sobre seus modos de pensar a liberdade e sua importância na vida social. Ainda é necessário salientar que tal leitura não apresenta um vínculo direto com os estudos anteriores acerca do conhecimento e demarcações no âmbito da pesquisa em Filosofia.

Desse modo não houve a composição de qualquer base descritiva capaz de apontar uma diferenciação significativa, quanto aos assuntos desenvolvidos na

⁸² No dia 07/05/1984, não teve aula, por motivo de falta d'água na cidade de Santa Maria/RS.

compreensão do ensino de Filosofia, desenvolvido nos Terceiros Anos, durante este período letivo.

No encerramento do bimestre, houve revisão procedimental dos conteúdos em uma hora-aula. Após, procedeu-se à prova cumulativa, com o uso de mais duas horas-aula. No encontro realizado no dia 20/07, houve a correção das provas, bem como a análise de seus resultados. Neste contexto de estudos, os trabalhos orientados, seus resultados e apresentações desapareceram no interior das práticas didáticas descritas pela professora Eulália; o que, de forma desconfortável, deixou um vácuo no processo de ensino da Filosofia nestes dois meses.

No *Terceiro Bimestre*, foram recolocados os estudos "Pré-Socráticos", listando as ideias de "Demócrito e Pitágoras" e as bases da Lógica. Essa realidade denota que, nos Terceiros Anos (1985), as aulas de Filosofia foram delineadas por constantes práticas de revisão dos conteúdos já ministrados nos anos anteriores, ou seja, sem qualquer alteração no planejamento dos conhecimentos a serem estudados, na passagem de uma série para outra. Nessa direção de escassez de pesquisas, igualmente, não foi citada a aula de revisão dos conteúdos, comumente feita ao final de cada bimestre letivo; sendo descrita apenas a consecução da prova cumulativa, também não foram mencionados os aspectos referentes à sua correção e resultados.

Este fato refletiu, nesse contexto, a adoção de práticas de ensino dos conceitos filosóficos sem muitas perspectivas à produção de uma crítica atualizada no circuito das relações contemporâneas no país. Isso, considerando a conjuntura social, cultural e política do país nos primeiros meses que demarcam os novos laços dos cidadãos brasileiros, mediante, o reconhecimento de suas liberdades civis no âmbito do Poder Executivo nacional.

No *Quarto Bimestre*, deu-se continuidade aos estudos anteriores, por meio da conclusão da "Lógica Formal" e "Material", agora abrangendo suas categorias conceituais, de modo mais detalhado. Assim, no curso desse bimestre, reaparecem os temas da Filosofia Medieval, os quais se deram, por meio da compreensão de Santo Agostinho e Tomás de Aquino. No tocante, a estes dois autores foram mencionados, nos diários de classe, por Eulália, a prática de "trabalho em grupo", abrangendo as conexões entre "Filosofia e Religião". Assim, os trabalhos em grupo são retomados, com o aumento do número de aulas, para este fim, em conformidade com a extensão dos assuntos tratados. Enquanto, um procedimento didático que

reflete a presença de uma pequena distinção em relação ao trato dos conteúdos nos bimestres anteriores.

Observo que, após estes assuntos, não encontrei qualquer registro sobre os tópicos filosóficos referentes à Modernidade, basicamente porque o tempo que poderia ser utilizado para trabalhar esta fase empregou-se na revisão dos conteúdos já ministrados, seja nos primeiros bimestres do ano corrente, seja no tocante aos tópicos já ensinados em 1984. Mesmo, frente esta lacuna a docente Eulália passou de imediato, para a análise da Filosofia Contemporânea, sendo que se encontram listadas as aulas acerca do “Existencialismo” e da “Individualidade”, incluindo as concepções sobre as “normas sociais”.

Este último conteúdo certamente foi associado aos contextos enunciativos colocados pelo existencialismo e suas conexões com a individualidade do ser humano no processo histórico pertinente à existência; considerando as escolhas dos indivíduos, bem como a responsabilidade de cada um sobre si e sobre sua conduta, em uma perspectiva de liberdade do sujeito.

Em linhas gerais, a finalização do ano letivo se deu através da aplicação da avaliação cumulativa procedida pela compreensão de texto e debate. Em síntese, os registros destas atividades demonstram a produção de diálogos entre a docente e as turmas e, por conseguinte, o seu envolvimento com os sujeitos de suas práticas no ensino de Filosofia. Ainda, na última aula, enquanto uma rotina adotada pela docente Eulália, ela procedeu à entrega das avaliações às turmas e a sua verificação em sala de aula.

Segue aqui uma síntese geral dos conteúdos ensinados em praticamente toda a década de 1980, na Disciplina de Filosofia, no Segundo Grau no Colégio Manoel Ribas na Década de 1980, seja nos Segundos, seja como e Terceiros Anos:

A Filosofia de Vida; O Conceito de Vivência Filosófica; A Etimologia da Palavra Filosofia; O pensamento Mítico; O que é Filosofia? A Relação da Filosofia com as Ciências; A Filosofia e as Ciências Positivas; Tipos de Conhecimento: Empírico, Científico/Método, Filosófico e Religioso; A Filosofia Grega; Os Filósofos Pré-Socráticos; Os Sofistas e Sócrates; Sócrates; Platão: O Mundo das Ideias e Mundo Sensível, Mito da caverna- Ética e Política; A Filosofia e Vida de Aristóteles; Aristóteles- Ética Política e Lógica Formal; A filosofia Pós- socrática e sua decadência; Epicurismo e Estoicismo; A Teoria do Conhecimento; Os Tipos de Conhecimento: Empírico, Científico e Filosófico; A Introdução ao Estudo do Universo; Universo: Estático, Dinâmico e Mecânico, A Unidade; Teorias Evolucionistas; O Sentido da vida; O Budismo, Ioga, Taoísmo e Confucionismo; O Conceito de Deus; Introdução ao Estudo da Antropologia; A Lei de Casualidade: Estudo da Liberdade; Liderança e Relações Humanas; Níveis de consciência; Instrumentos do Eu; Problema da Transformação; A Experiência Transcendental; Estudo Sobre a Morte; Sociedade do Consumo; O Existencialismo; Alienação e Individualidade; Liberdade e Normas Sociais; Conceitos de Liberdade; Liberalismo.

Político e Econômico; O Positivismo; A teoria dos Três Estados; A Política Positiva; A Religião Positivista no Brasil; As três Fontes do Marxismo (DIÁRIO DE CLASSE).

Por fim, no ano de 1984 foi averiguado que o ensino de Filosofia nos Terceiros Anos se apresentava muito próximo dos conhecimentos ministrados nos anos anteriores e algumas diferenças residiam, em grande medida, na forma de enunciação dos mesmos, bem como quanto a sua ordem nos bimestres e nas descrições acerca dos modos, como os mesmos foram lecionados. Tal, similitude apareceu, por vezes, quando estes diários de classe tiveram seus conteúdos comparados aos estudos procedidos na disciplina de Filosofia nos Segundo Anos, naquelas turmas sobre regência da professora Eulália, no curso da década de 1980. No entanto, cabe dizer que houve um esforço desta e dos/das demais docentes em firmar um espaço, no Colégio Manoel Ribas, para que a disciplina de Filosofia ocupasse um lugar na grade curricular desta importante instituição de Ensino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, em meio às compreensões que alcancei, torna-se importante destacar o processo vivido, os limites e obstáculos que foram alheios à vontade da pesquisadora. Foi um grande desafio acessar, ler e analisar os diários de classe de algumas professoras do Colégio Manoel Ribas que atuaram de 1979 até os anos finais da década de 1980 e produzir conexões com o marco teórico e o referencial escolhido.

A pesquisa foi constituída pela triangulação entre os diários de classe, as investigações que colocaram em foco a arbitrariedade das ações políticas protagonizadas durante a Ditadura Militar no Brasil e os estudos de História da Educação e Ensino de Filosofia. As leituras se deram com ênfase nas bases gerais da política brasileira no decorrer do governo militar, nas formas de educar na escola pública e nos modos de pensar as práticas pedagógicas, de forma singular, na produção do Ensino de Filosofia no entremeio dos acontecimentos constituidores da democratização no país.

A materialidade da pesquisa se constituiu pelos diários de classe das professoras da disciplina de Filosofia ministrada no Colégio Manoel Ribas entre os anos de 1979 e 1989, sendo analisados através da perspectiva hermenêutica. Nesses documentos, por vezes os conteúdos foram descritos de forma sucinta o que demandou um exercício de entendê-los em suas entrelinhas, para que se pudesse conjecturar como a Filosofia foi ensinada, naqueles tempos, de interdição das liberdades civis e políticas.

Na fase correspondente ao processo de catalogação destes materiais, deparei-me com vários limites, entre eles, as precárias condições de seu armazenamento, uma vez que estavam quase esquecidos nos arquivos vivos da escola e não contavam, até aquele momento, com uma manutenção adequada. Tal situação era a mesma para os diários de classe das demais disciplinas da escola no período, também, provisionados de forma desorganizada junto ao assoalho do sótão da escola, em um compartimento próximo à biblioteca. Já outros se encontravam guardados dentro de caixas de papelão, igualmente expostos à poeira e à ação do tempo. É necessário destacar que estes materiais, da forma como estão conservados, correm o risco de gerar o apagamento dos sentidos do trabalho produzido pelos/as docentes que atuaram na escola em períodos passados.

Os arquivos dos diários da disciplina de Filosofia acessados para nossa pesquisa estavam escritos em letra cursiva, em caneta azul, ainda legível. Na primeira visita de campo, os diários de classe da disciplina foram xerocados com muito cuidado, posteriormente os registros dos conteúdos de Filosofia foram identificados e analisados, ao considerar os contextos de sala de aula, na dimensão do vivido pelos/as alunos/as e professoras. Por certo, cada diário de classe, ao ser folheado, transbordava a presença do passado.

Destaco que, em alguns momentos, a escrita do texto final da pesquisa foi delimitada por descrições face à limitação dos conteúdos anotados nos diários. Não havia uma apresentação detalhada quanto aos seus fundamentos, dado o pequeno número de aulas da disciplina. No entanto, mesmo diante de tais especificidades, no curso da leitura e da análise que realizei destes documentos foram possíveis identificar os conteúdos que foram ensinados no decorrer de onze anos na disciplina de Filosofia. Porém, sobre alguns deles, apenas elaborei uma pequena síntese descritiva, dada certa ausência de uma descrição mais ampla de seus sentidos constitutivos e das informações bibliográficas a respeito dos conceitos e práticas ali enunciados.

Ao acessar os diários de classe, eu percebia que o passado se encontrava com o presente, não como repetição pontual daquilo que estava grafado nos arquivos, mas como uma experiência apreciada e produzida por uma nova interpretação, sempre que os registros docentes me permitiam este procedimento. No decurso da análise dos conteúdos listados, nesses documentos, senti o desejo de saber mais acerca das estruturas conceituais ali contadas, através dos escritos do passado, em sua historicidade. Então, o que fazer diante deste desafio? Frente à certeza de não poder criar inventivas sobre o que estava descrito nos diários de classe, passei a buscar respaldo na História da Filosofia, na legislação educacional, na pesquisa de textos, correlatos aos temas tratados nas aulas. Assim, encontrei algumas letras de músicas, poemas, textos não filosóficos e obras dos filósofos citados no desenvolvimento desta investigação; os quais me auxiliaram a entender melhor os registros dos diários de classe.

É importante salientar, que o ensino da Filosofia começava nas turmas dos Segundos Anos conforme o currículo da escola, nessa época, com as atividades de ensino que incluíam testes de sondagem dos saberes adquiridos pelos/as escolares, uma prática comum ao período. Tais práticas de sondagem eram retomadas no

decorrer dos estudos realizados nos arquivos dos Terceiros Anos; também me deparei com repetições dos conteúdos, visíveis nas formas (nas descrições) como as docentes indicavam seus modos de ensinar Filosofia. Ainda havia à recorrência no estudo de vários tópicos registrados de maneira muito similar, seja nos Segundos Anos, seja nos Terceiros Anos do Segundo Grau, no decorrer das décadas em estudo.

De modo geral, os/as docentes desenvolviam, junto às classes, atividades em grupos, principalmente os estudos dirigidos feitos através de trabalhos de pesquisa, acompanhados de relatórios e apresentações produzidas pelos/as estudantes nas suas respectivas turmas. No entanto, as descrições acerca dos trabalhos de pesquisa citados pelas professoras, considerando as anotações nos diários de classe, não sugeriam a construção de uma escrita filosófica por parte dos/as estudantes. Indicavam apenas a elaboração de resumos ou sínteses dos conteúdos estudados, como um processo de aproximação significativa desta experiência.

Por conseguinte, estas atividades eram feitas, na sua maioria, de forma coletiva, ou seja, a partir da constituição de grupos de estudos organizados em sala de aula, cujos registros não nos autorizam a pensar em um processo de autonomia da escrita por parte dos/as estudantes.

Quanto aos recursos utilizados para verificar a aprendizagem dos/as jovens, um dos principais instrumentos avaliativos era a prova cumulativa, a qual tinha como requisito o conhecimento de todos os conteúdos ensinados a cada bimestre, seguido da prática de revisão, dos mesmos, antes da prova, com a posterior atividade de recuperação dos objetivos não alcançados. Este último instrumento era uma modalidade de reconstituição das notas dos/as estudantes, que foi criada para atenuar os índices de reprovação escolar; um procedimento protocolar, comum ao universo escolar no referido período.

Apesar dos conteúdos de Filosofia ensinados pelas professoras, em grande medida, serem ministrados a partir de uma abordagem tradicional, ou seja, pela exposição geral de suas categoriais conceituais, podemos perceber, às vezes, a promoção de intensos diálogos com os alunos e as alunas na apresentação dos trabalhos dirigidos e nos debates em classe. A despeito disso, vale observar que uma parte dos/as estudantes não participava muito das discussões, de acordo com as professoras Catarina (entrevista, 15 de outubro de 2020) e Joana (entrevista, 23

de outubro de 2020). No entanto, aqueles/as que atuavam de maneira colaborativa, naquelas ocasiões, faziam a diferença em sala de aula.

Segundo a professora Bibiana, que lecionou nesta escola a partir de 1986, os/as estudantes eram mais produtivos, nessa época, devido à ênfase nas pesquisas e algumas ferramentas lúdicas, que a mesma usava como o *Bar Filosófico*, onde as leituras eram apreciadas e discutidas. As falas das três docentes me permitiram constituir um pedaço da História do Ensino de Filosofia – um arquivo com seus registros, bem como alguns apontamentos sobre as suas narrativas, feitos a partir de entrevistas semiestruturadas. Estas falas docentes permitiram-me recuperar suas lembranças que expressam, aqui, parte do que foi vivido pelos/as professores/as no ato de ensinar Filosofia, no transcurso de 1979 e no decorrer da década de 1980.

A recusa de participação de muitos/as estudantes nas aulas Filosofia, se encontrava vinculada às relações educacionais ocorridas até o final de 1984, na esfera de experiências político-sociais degradadas pelos instrumentos de interdições das liberdades políticas e civis e da construção de um patriotismo autoritário, no qual a noção de civismo não estava associada ao conceito de cidadania republicana. Ao contrário disso, o civismo praticado nestas circunstâncias se colocava ao encontro e em favor da repressão dos discordantes à conjuntura política nacional imposta pela Ditadura Militar.

No entanto, deve-se ressaltar que a presença da disciplina de Filosofia na grade curricular do Segundo Grau no Colégio Manoel Ribas teve de notável importância, fosse para manter seu estudo em sala de aula, fosse para preservar o exercício da profissão dos/as docentes que a ministravam. Nesse sentido, é relevante afirmar que eram poucas as escolas da rede pública de ensino da cidade de Santa Maria e do Estado do RS, bem como das demais cidades das unidades federativas do Brasil, que preservaram esta disciplina nos seus currículos escolares. Como, já foi referida anteriormente a Filosofia, nesse período tinha o status de disciplina opcional, cabendo às instituições decidirem sobre sua presença na escola.

Na instituição de Ensino Médio Manoel Ribas, o currículo não agregava os estudos de Filosofia nos Primeiros Anos do Segundo Grau, mas os conhecimentos gerais e específicos das demais disciplinas. Por suposto, tais conhecimentos já habilitariam os escolares a realizarem determinados processos de compreensão do mundo, até a etapa da Filosofia, no Segundo Ano.

No encaminhamento final das possíveis considerações acerca desta pesquisa, eu retomei a compreensão dos caminhos que interromperam, em grande parte, a presença da Filosofia na escola, por meio do entendimento dos jogos políticos articulados no ambiente produzido pela Ditadura Militar. Isso, tendo como marco constitutivo as mudanças na Educação, redefinidas a partir da LDB/1971 (BRASIL, 1971), um documento elaborado sob a influência da ideologia dos militares e, portanto, dentro das linhas de ação mediadas pelo conservadorismo de grande parte da sociedade nacional e das classes políticas, matizadas por perfis de ações antidemocráticas e regressistas, seja na condução das leis, seja no reordenamento da vida coletiva.

Assim, demonstrei, no decorrer da pesquisa, as interferências dessa forma de governo no ensino e no funcionamento das escolas secundárias, com a intermediação, até mesmo, de institutos internacionais. Um desses institutos foi a USAID, que já na primeira década de 1970, se mostrou frágil quanto à funcionalidade de seus objetivos na formação de técnicos para atuarem no campo educacional. Isso porque tal projeto não considerou aquilo que era experienciado nas escolas brasileiras, pormenorizando a participação das comunidades escolares nas reformas de ensino. Em suma, foi constituído um projeto de voltado à formação escolar assentada na profissionalização dos/as estudantes do ensino de Segundo Grau, com vistas ao atendimento das demandas de mão de obra especializada, para dar conta, dos diversos setores responsáveis pelo funcionamento da economia nacional.

O ensino da Filosofia no Colégio Manoel Ribas oportunizou o contato dos/as estudantes com os conceitos clássicos da Filosofia Ocidental, com breves espaços destinados à sua problematização. No entanto, merece destaque a presença de conteúdos acerca da Filosofia Oriental e dos tópicos de Psicologia. Hoje, por exemplo, o tema “filosofias orientais” é reivindicado na estrutura curricular de cursos de licenciatura em Filosofia. Todavia, não foi possível avançar na investigação das condições que permitam a presença de tais conteúdos, de forma constante, nas aulas de Filosofia daquele período. Cabe indagar, conforme os diários de classe, se, em alguma medida, o estudo de tais temas não fragilizava o ensino da Filosofia, uma vez que havia apenas uma hora-aula no Segundo Ano e os estudos dessas temáticas, por vezes, ocupava praticamente a metade ou um bimestre inteiro.

Mesmo com os limites e as adversidades impostas por um Estado Militarizado, a presença da disciplina de Filosofia no Colégio Manoel Ribas, naquele período, foi um fato importante à sua afirmação institucional na escola e, de modo singular, no cotidiano da nossa cidade. Ao dar visibilidade aos diários de classe de algumas professoras de Filosofia, tornou-se possível, também, elucidar uma parte importante da história do ensino em nosso país. Por conseguinte, este estudo oferece uma contribuição ao campo das pesquisas sobre a história da disciplina, ainda tímido, no espectro da área. Ressalto que a identificação e análise dos diários de classe das referidas professoras de Filosofia Colégio Manoel Ribas podem servir como estímulo à elaboração de outras pesquisas por aqueles e aquelas que se interessarem em acessar arquivos vivos da história do ensino de Filosofia no Brasil.

Através da intensidade das memórias das professoras e de seus registros grafados nos diários de classe, identificamos atividades como relatos temáticos, sínteses redigidas, que eram apresentadas pelos grupos durante as aulas de Filosofia. Os debates realizados naqueles contextos de aprendizagem podem indicar indícios de importantes espaços para que os/as estudantes se manifestassem sobre suas ideias a respeito de temas como: liberdade, ética e política, entre outros. No âmbito de uma reflexão crítico-filosófica, tais atividades tiveram maior recorrência após 1985.

Ao finalizar nosso estudo torna-se inevitável pensar a situação institucional da disciplina de Filosofia, mediante a Reforma do Ensino Médio e da BNCC, em suas versões (2017-2018) no Estado do RS, conforme a matriz curricular do Ensino Médio Gaúcho (2021), a partir da qual se constata a diminuição do número de aulas de Filosofia, já que o Referencial Curricular Gaúcho destinou à Formação Geral Básica (FGB) oitocentas horas (800), com duzentas horas (200) de formação complementar (Itinerários Formativos - IF) distribuídas semanalmente da seguinte forma: Componentes Curriculares Obrigatórios (12 horas semanais), Mundo do Trabalho (2 horas semanais), Projeto de Vida (duas horas semanais), Cultura e Tecnologia Digital (2 horas semanais). Esses componentes constituem a carga horária do IF no Primeiro Ano, totalizando mil horas (1000), cuja carga horária total é pertinente também aos dois últimos anos desse nível de formação educacional, totalizando, ao final do Novo Ensino Médio, três mil horas (3000). Isto segundo a matriz curricular de 2022 publicada pela Secretaria de Educação-RS, porém com diferentes e conflituosas composições, no tocante à sistematização dos componentes

curriculares, antes chamados de disciplinas curriculares, preservando a histórica primazia do ensino da Matemática e da Língua Portuguesa.

Nessa nova conjuntura educacional, a Filosofia aparece como componente curricular a ser ministrado somente no Primeiro Ano, correspondente à fase inicial do Ensino Médio, e a Sociologia será estudada nos Segundos Anos, ambas passam a contar, a partir de então, com uma hora-aula de ensino no decorrer de toda a formação dos/as estudantes, nesta modalidade de ensino. Por sua vez, os componentes da História e da Geografia, nessa nova estrutura curricular, ficam com duas horas-aula no Primeiro Ano e uma hora no Segundo e Terceiro Ano. Muito embora esses dois componentes tenham tido uma diminuição de carga horária, se comparados à situação da Filosofia e da Sociologia, ainda permanecem com um maior espaço na educação dos/as jovens no decurso desse processo de formação educacional.

Este fato ocorreu, porque, nos dois últimos anos do Ensino Médio, houve a diminuição dos períodos de aula designada à FGB, a qual passou a contar com seiscentas horas (600) no Segundo Ano e quatrocentas horas (400) no Terceiro Ano. Assim, foi ampliada a carga horária dos IF. Diante disso, os estudos da Filosofia apenas se farão presentes na formação dos/as estudantes nos dois últimos anos do ensino médio, caso ocorra na escola à escolha pelos estudantes das Trilhas de Aprofundamento, pertinentes à área focal das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS), ou naquelas outras em que as CHS aparecem como área complementar.

A atual reforma do Ensino Médio se dá em um contexto marcado pela mercantilização das ideias e das coisas o que produz lacunas em nossa existência, mediante o atual modelo de sociedade, no qual impera a imediatez em todos os âmbitos da produção e do mercado. Fato que justifica a defesa da inovação e da novidade no ensino das juventudes, em detrimento de uma formação geral, de acordo com o modo de vida contemporâneo e suas demandas. Logo, os discursos sobre as habilidade e competências primam pela criticidade e por práticas colaborativas junto às juventudes, a fim de torná-las protagonista no ato de aprender, com vistas ao pensar e aos fazeres práticos voltados ao mundo do trabalho. Contudo, há um complexo processo de eliminação e/ou esquecimento do passado, desconsiderando que as práticas do vivido encontram-se fluídas de significações e conhecimentos plurais, entrelaçadas com as memórias e

experiências, que nos constituem como sujeitos, no presente. A situação da disciplina de Filosofia se manifesta em parte, no período estudado, com certa semelhança no tempo presente, mediante a retomada de algumas práticas de monitoramento sobre e contra as ações e discursos dos professores/a, dos/as estudantes e demais movimentos sociais. Em linhas gerais, passamos, em certa medida, a experimentar como sujeitos coletivos um retrocesso no ordenamento do país, em razão das condutas de desrespeito à democracia por parte do Poder Executivo, evidenciadas nas atitudes conservadoras e reacionárias, que foram reinstituídas com força e intensidade, após o pleito eleitoral referente ao ano de 2018.

Por fim, a tese que orientou esta pesquisa foi constituída pela compreensão dos arquivos referente ao ensino de Filosofia, durante o período sombrio de nossa história e no início da abertura democrática, os quais podem indicar o que era produzido na disciplina Filosofia e os modos como suas teorias e conceitos eram ministrados em sala de aula. Isto, conforme as condições políticas do país eram lentamente alteradas durante a descompressão do Regime Militar. Mediante, a análise conjuntural dos diários de classe da disciplina de Filosofia elaborados no Colégio Manoel Ribas de 1979 a 1989, bem como da compreensão das entrevistas realizadas com as três professoras de Filosofia regentes da disciplina, na referida escola. A partir de suas falas ficou evidenciado que os conteúdos eram constituídos, a partir do estudo tradicional dos conceitos e teorias filosóficas. Visto a ênfase na História da Filosofia, com poucas referências ao contexto da época e seus problemas, pelo menos até 1986.

Uma das contribuições dessa pesquisa reside na compreensão crítica, frente à atual reforma do Ensino Médio, na qual a Filosofia novamente foi confrontada com o perigo de sua exclusão, como disciplina escolar. Tal reforma evidencia que suas diretrizes estão, em certa medida, alheias a uma proposta de formação comprometida com a reflexão de uma sociedade inclusiva. Por isso, a importância de que estudos como estes se voltem à história desta disciplina na escola, de modo a não permitir o apagamento da sua memória e pertinência no processo de formação dos/as jovens, futuros/as professores/as, dos/as atuais professores/as de Filosofia e do mesmo modo da comunidade em geral. Dado as práticas do pensar estarem presentes no cotidiano das pessoas e, portanto, na produção da historicidade de nossas vivências.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A Filosofia no Ensino Médio**: Ambiguidades e contradições na LBD. Campinas: Autores Associadas, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. Filosofia no Ensino Médio: Relatos de Uma Experiência. *In*: GALLO, Silvio; KOHAN, Walter (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 112-128.

BATISTELLA, Adalgiro. Uma livre interpretação sobre “O portal de entrada do Maneco”. **Nossa História**, Santa Maria, 27 out. 2010. Disponível em: <http://historicomaneço.blogspot.com>. Acesso em: 20 jan. 2018.

BONFIM, Vinícius Silva. Gadamer e a experiência hermenêutica. **Revista CEJ**, Brasília, Ano XIV, n. 49, p. 76-82, abr./jun. 2010. Disponível em: www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewFile/1152/1341. Acesso em: 08 mar. 2017.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969**. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 29 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1971. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 20 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 7.044, de 18 de outubro de 1982**. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Brasília: Presidência da República, 1982. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7044-18-outubro-1982-357120-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos

currículos do ensino médio. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm. Acesso em: 08 abr. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a Idade da fábula) Grega: histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CARDOSO, Alice; ZAMIN, Frinéia. **Patrimônio Ferroviário do Rio Grande do Sul: Inventário das Estações: 1874-1959**. Santa Maria: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul; Pallotti, 2002.

CARTOLANO, Maria Teresa Penteado. **Filosofia no ensino de 2º grau**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.

CATTANI, Antonio. Ação Sindical em Face da Automação. *In*: CATTANI, David (Org.). **Trabalho e Tecnologia: Dicionário Crítico do Trabalho**. Petrópolis, Vozes; Porto Alegre: Ed. Universidade, 1997. p. 21- 27.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

ENTENDA o cenário da automação industrial no Brasil. **Siembra Automação, [S. l.]**, 2021. Disponível em: <https://www.siembra.com.br/noticias/entenda-o-cenario-da-automacao-industrial-no-brasil>. Acesso em: 12 ago. 2022.

FAZENDA, Catarina Arantes. **Educação no Brasil nos anos 70: O pacto do Silêncio**. 2. ed. São Paulo Edições Loyola, 1988.

FERREIRA JR., Amarildo; BITTAR, Marisa. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 333-355, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a04v2876.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

GADAMER, Hans-Georg Gadamer. **Verdade e Método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GADAMER, Hans-Georg Gadamer. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosóficas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALLINA, Simoni Freitas. **O Sentido da Filosofia no Ensino Médio**. 1999. 161 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

GALLINA, Simone Freitas. A Disciplina de Filosofia e o Ensino Médio. *In*: GALLO, Silvio; KOHAN, Walter (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 34-46.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no Ensino Médio. *In*: GALLO, Silvio; KOHAN, Walter (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 117-204.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **História da Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GOLDMAN, Simão. **A civilização do consumo em massa: entre a flor e o parafuso**. 1. ed. Porto Alegre: Artes & Letras, 1970.

GOLDMAN, Simão. Entre a flor e o parafuso. **Palavras e Silêncio**, [S. l.], 2009. Disponível em: <http://digonnes.blogspot.com/2009/08/entre-flor-e-o-parafuso.html>. Acesso em: 11 jun. 2022.

HISTÓRICO. **Colégio Estadual Manoel Ribas**, Santa Maria, [s/d]. Disponível em: <https://colegiomanoelribas.weebly.com/histoacuterico.html>. Acesso em: 20 set. 2018.

HORN, Geraldo Balduino. A presença da Filosofia no currículo do Ensino Médio brasileiro: uma perspectiva histórica. *In*: GALLO, Silvio; KOHAN, Walter (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 17-33.

KREBS, Ana Eliza Garcia. **História e vivência numa Escola Feminina: A Escola de Artes e Ofícios Santa Terezinha do Menino Jesus - 1921 à 1942**. 1994. 37 p. Monografia (Especialização em Pesquisa) - Faculdades Franciscanas, Santa Maria, 1996.

LAFER, Celso. **O Brasil e a Crise Mundial**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

LAMOUNIER, Bolivar. O Brasil autoritário revisitado: o impacto das eleições sobre a Abertura. *In*: STEPAN, Alfred (Org.). **Democratizando o Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 92-115.

LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução a Filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MAIA, Tatyana de Amaral. Os usos do civismo em tempos autoritários: as comemorações e ações do Conselho Federal de Cultura (1966-1975). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 89-109, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/vwPXM9NvdZggpRg3qL7VMhp/?lang=pt>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MEDEIRO, Alexsandro M. Teilhard de Chardin. **Sabedoria Política**, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/filosofia-politica/filosofia-contempor%c3%a2nea/espiritualismo/teilhard-de-chardin/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MUNHOZ, Izildinha Maria Silva; MELO-SILVA, Lucy Leal. Preparação para o trabalho na legislação educacional brasileira e educação para carreira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 291-298, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/6k45npcTvg4WzPDhJyZWftK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2022.

NETTO, David Antonio de Castro. Consumo e conservadorismo: uma análise da propaganda brasileira durante a ditadura militar. **História e Cultura**, Franca, v. 5, n. 3, p. 243-266, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2005>. Acesso em: 12 ago. 2022.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; D' ANDREIA, Anna Claudia Eutrório. **Juventudes, sexualidades e relações de gênero**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. (Coleção Cadernos temáticos: Juventude brasileira e Ensino Médio).

OLIVEIRA, Eleanora Menicucci de. Aborto/Cidadania – Tecendo a Democracia. **Cadernos Espaço Feminino**, Uberlândia, n. 1, p. 79-89, jan./jun. 1994.

PARO, Vitor Henrique. Eleições de Diretores Escolares: Avanços e Limites da Prática. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 77, n. 186, p. 376-394, maio/ago. 1986. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1205/944>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PEREIRA, Monique; REIS, Jorge Renato. Hermenêutica filosófica em Gadamer: interpretação, compreensão e linguagem. **Revista Páginas de Direito**, Porto Alegre, ano 16, nº 1296, abr. 2016. Disponível em: <http://www.tex.pro.br/index.php/artigos/329-artigos-abr-2016/7492-hermeneutica-filosofica-em-gadamer-interpretacao-compreensao-e-linguagem>. Acesso em: 27 dez. 2017.

PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PLATÃO. **A República**: Livro VII. Apresentação de comentários de Bernard Piètre. Tradução de Elza Moreira Marcelina. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Aspectos históricos da Estação Férrea de Santa Maria**. Secretaria de Munício da Cultura: Santa Maria, 2010. Disponível em: http://www.santamaria.rs.gov.br/docs/152anos_sm_gare.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

QUIRINO, Regio H. Ribeiro. O Conceito de Jogo, Arte e a Linguagem Para Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer. **Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras**, Cajazeiras, ano 1, v. 1, p.57-70, 2010. Disponível em: <http://www.fescfatic.edu.br/revista/index.php/artigos/content/1-1-edicao>. Acesso em: 17 jan. 2018.

REALE, Giovanni; ANTISIRE, Dario. **História da Filosofia**: filosofia pagã Antiga. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. 1 v.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 8.026, de 14 de agosto de 1985**. Dispõe sobre vantagens do Magistério Público Estadual, institui o décimo terceiro (13º) vencimento, considera de efetivo exercício os dias em que os professores participaram do movimento reivindicatório e dá outras providências. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1985. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-8026-1985-rio-grande-do-sul-dispoe>

sobre-vantagens-do-magisterio-publico-estadual-institui-o-decimo-terceiro-13-vencimento-considera-de-efetivo-exercicio-os-dias-em-que-os-professores-participaram-do-movimento-reivindicatorio-e-da-outras-providencias. Acesso em: 12 jul. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho: Humanas**. Porto Alegre: Secretaria do Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2018. Disponível em: <https://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1529.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

ROMERO, Maria Helena Nascimento; BORIN, Marta Rosa. Memorial do Colégio Manoel Ribas: ensino e educação patrimonial. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR, 25.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL SINDICAL, 3.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO IF FARROUPILHA, 3., 2016, Santa Maria/RS. **Anais** [...]. Santa Maria/RS: Instituto Federal Farroupilha, 2016. p. 1-10. Disponível em: <http://sistemas.iffarroupilha.edu.br/anais-mobrec-2016/pages/trabalhos/trabalhos/Maria%20Helena%20Nascimento%20Romero.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.

SANTOS, Leandro Assis. O fenômeno do jogo e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. **Intuito**, Porto Alegre, v.6, n. 2, p. 102-112, nov. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/15043/10443>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **As concepções Pedagógicas na História da Educação Brasileira**. [S. l.: s. n.], 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do regime militar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a02v2876.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

SILVA, Léa Pereira Lima de Oliveira. **A legislação educacional: estabelecimentos diferenças entre a lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus nº 5.692/71 e a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**. 2007. 134 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista Piracicaba, Piracicaba, 2007.

SILVEIRA, Renê José Trentin. **Ensino de filosofia no segundo grau: em busca de um sentido**. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Budismo. **História do Mundo**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/religioes/budismo.htm>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SPINELLI, Miguel. **Filosofia & Ciência: Análise Histórico-Crítica (de Pitágoras a Descartes)**. São Paulo, Edicon, 1990.

TEIXEIRA, Ivana Pedroso. **O universalismo diante da possibilidade europeia: a política externa do Governo Figueiredo (1979-1985)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.

TOMAZETTI, Elisete M. Apresentações: *In*: TOMAZETTI, Elisete M. (Org). **Ensino de Filosofia: Experiências, Problematizações e Perspectivas**. 1. ed. Curitiba: Apris, 2015. p. 05-09.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

YASHINISHI, Bruno. O discurso final do filme “O grande ditador” (1940). **Canto dos Clássicos**, [S. l.] 11 set. 2016. Disponível em: <https://cantodosclassicos.com/o-discurso-final-do-filme-o-grande-ditador-1940/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

APÊNDICE A – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1979): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 1 - Disciplina de Filosofia (1979), Professora Catarina

Disciplina de Filosofia -1979 Professora Catarina	Turmas Base à Produção do Resumo: 2-D, 2-F, 2-M
Início: 05/03/1979	T- Manhã
Conteúdos	Março /abril
I BIMESTRE	METODOLOGIA DE TRABALHO
1.1 Introdução à filosofia 1.2 Importância e justificativa do estudo de filosofia; 1.3 O surgimento da filosofia e o mito; 1.4 Tipos de Conhecimento; 1.5 Conhecimento vulgar e empírico; 1.6 Conhecimento Científico; 1.7 Conhecimento Filosófico; 1.8 Conhecimento Religioso;	1.1 Teste: Sondagem dos Conhecimentos 1.2 Descrição dos Conteúdos; 1.3 Descrição dos Conteúdos; 1.4 Descrição dos Conteúdos; 1.5 Descrição dos conteúdos 1.6 Descrição dos Conteúdos; 1.7 Descrição dos Conteúdos; 1.7.1 Descrição dos Conteúdos; 1.7.2 Descrição dos Conteúdos; 1.8 Encerramento do bimestre;
II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
2 Breve História da Filosofia Ocidental – escola de Mileto; 2.1 Os Pré-Socráticos; 2.2 Os Sofistas 2.3 Estudo sobre Confucionismo; 2.4 Estudo sobre verificação; 2.5 Estudo sobre Taoísmo; 2.6 Filosofia Indiana;	2 Apresentação da História da Filosofia; 2.1 Descrição dos Conteúdos; 2.2 Descrição dos Conteúdos; 2.3 Descrição; 2.4 Descrição dos Conteúdos; 2.5 Descrição dos Conteúdos; 2.6 Descrição dos Conteúdos; 2.7 Encerramento do Bimestre;
III BIMESTRE -	AGOSTO/SETEMBRO
3 O Homem e o animal; 3.1 A condição humana; 3.2 Semelhanças entre o homem e o animal; 3.3 Fatores Intermediários; 3.4 Diferença essencial entre o homem e o animal; 3.5 Estudo sobre sensação e percepção; 3.6 Estudo sobre a Imaginação e a fantasia; 3.7 Inteligência e desenvolvimento intelectual;	3 Apresentação de Trabalho 3.1 Descrição dos Conteúdos; 3.2 Descrição dos Conteúdos; 3.3 Descrição dos Conteúdos; 3.4 Descrição dos Conteúdos; 3.5 Descrição dos Conteúdos; 3.6 Descrição dos Conteúdos; 3.7 Descrição dos Conteúdos;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO
4 Desenvolvimento da Consciência; 4.1 Consciência Moral; 4.2 Liberdade; 4.3 Liberdade e condicionamento; 4.4 Tabagismo; 4.5 Origem da Vida; 4.6 A questão da Autoridade; 4.7 Aspectos éticos e morais; 4.8 Os deveres e os direitos; 4.9 Encerramento Final;	4 Exercícios de fixação; 4.1 Aplicação de teste de conhecimentos; 4.2 Entrega de Provas; 4.3 Descrição dos Conteúdos; 4.4 Descrição dos Conteúdos; 4.5 Descrição dos Conteúdos; 4.6 Descrição dos Conteúdos; 4.7 Descrição dos Conteúdos; 4.8 Descrição dos Conteúdos; 4.9 Prova;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 2 - Disciplina de Filosofia (1979), Professores Arthur e Joana

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2º Ano -1979 Professor: Arthur de 15/03 a 12/07/79 Professora: Joana De 02/08/79 Até O Final Do Ano Letivo.	Turma Base à Produção do Resumo: 2-M e 2-D
Início: 04/03/1979	Turno: Tarde
Conteúdos	Março/Abril
I BIMESTRE-	METODOLOGIA DE TRABALHO
1.1 Apresentação geral da Disciplina; 1.2 Introdução à filosofia e objetivos; 1.3 Tipos de Conhecimento: empírico científico e religioso; 1.3.1 O campo empírico; 1.3.2 O Campo Científico; 1.3.3 O Campo da Fé; 1.4 O objetivo da ciência e caracterização do objeto; 1.5 Objeto material e formal da ciência; 1.6 Método-objeto; 1.61 Método Filosófico; 1.7 Atividades de Aprendizagem; 1.8 Prova Cumulativa;	1.1 Descrição dos conteúdos; 1.2 Descrição dos conteúdos; 1.3 Descrição dos conteúdos; 1.3.1 Descrição dos conteúdos; 1.3.2 Descrição dos conteúdos; 1.3.3 Descrição dos conteúdos; 1.4 Descrição dos conteúdos; 1.5 Descrição dos conteúdos; 1.6 Descrição dos conteúdos; 1.6.1 Descrição dos conteúdos; 1.7 Aplicação de Exercícios; 1.8 Avaliação Bimestral;
II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
2 Apresentação da história da filosofia; 2.1 Surgimento da Filosofia na Grécia; 2.2 Apresentação dos filósofos pré-socráticos; 2.3 Os Filósofos jônios – a matéria única 3 Estudo sobre Tales de Mileto; Anaximandro e Anaxímenes; 4.5 Filósofos Pitagóricos- Pitágoras de Samos; 4.6 Heráclito de Éfeso: materialidade, o não-ser e o vir-a-ser; 5 Avaliação 6 Identidade e relatividade – o ser e sua essência; 6.1 Heráclito – o tempo e o movimento; 6.2 Pitágoras o número e a quantidade; 6.3 Apresentação de Empédocles e os quatro elementos; 6.4 Anaxágoras: a teoria das homeomerias; 6.5 Demócrito: a teoria atômica/ a matéria/ a extensão; 6.6 Interpretação sobre os filósofos sofistas 7.1 Período Antropológico: Sócrates; 8 Avaliação	2 Descrição dos conteúdos; 2.1 Descrição dos conteúdos; 2.2 Atividades de Recuperação 2.3 Estudos Dirigidos 3 Descrição dos Conteúdos 4.5 Reforço dos conteúdos; 4.6 Descrição dos conteúdos; 5 Prova Cumulativa; 6.1 Descrição dos conteúdos; 6.2 Descrição dos conteúdos; 6.3 Descrição dos Conteúdos; 6.4 Descrição dos Conteúdos; 6.5 Descrição dos Conteúdos; 6.6 Descrição dos Conteúdos; 7.1 Descrição dos Conteúdos; 8 Prova Cumulativa
III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3. Troca de Professor (Professora Joana assume a turma); 3.1 Filosofia na china; 3.1.2 Taoísmo; 3.3 A condição Humana; 3.4 Semelhanças e Diferenças entre o Homem e o animal – Texto; 3.4.1 Estudo sobre sensação; 3.5 Estudo sobre Percepção; 3.6 Confucionismo; 3.7 Estudo sobre Inteligência; 3.7.1 Tipos de Inteligência – memória e aspectos gerais; 4 Avaliação;	3. Apresentação do nome professor; 3.1 Descrição dos conteúdos; 3.1.2 Pesquisa e apresentação; 3.3 Trabalho sobre o Texto “A condição Humana”; 3.4 Aplicação de Exercícios sobre o tema “O homem e o animal”; 3.4.1- Descrição dos conteúdos; 3.5 Trabalho sobre “A vida do Homem Moderno”; 3.6 Reforço sobre confucionismo com aplicação de questionários; 3.7 Descrição dos conteúdos; 3.7.1 Descrição dos conteúdos 4 Prova cumulativa;

Quadro 2 - Disciplina de Filosofia (1979), Professor Arthur e Joana

(conclusão)

4 BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
4 As funções da Memória; 4.1 Exercícios de Memória; 4.2 Aspectos gerais sobre a Consciência; 4.2.1 Divisão da Consciência; 4.3 Superego ou Censura; 4.4 Origem da Vida; 4.4.1 Continuação sobre estudos da Origem da Vida; 4.5 O ser humano e o meio social; 4.5.1 A autoridade; 4.5.2 O meio social e a liberdade; 4.6 O homem e os direitos; 4.7 Aula de recapitulação geral dos conteúdos; 4.8 Avaliações finais;	4. Aplicação de questionário sobre a memória 4.1 Descrição dos conteúdos; 4.2 Descrição dos conteúdos; 4.2.1 Descrição dos conteúdos; 4.3 Questionário: o estudo da consciência; 4.4 Descrição dos conteúdos; 4.4.1 Realização de trabalho temático; 4.5 Descrição dos conteúdos; 4.5.1 Descrição dos conteúdos; 4.5.2 Questionário/ meio social; 4.6 Descrição dos Conteúdos; 4.7 Revisão dos conteúdos, 4.8 Prova Cumulativa;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 3 - Disciplina de Filosofia (1979), Professoras Elisabete e Joana

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2º ano -1979 Professoras: Elisabete e Joana	Turmas base de referência ao resumo: 2-ET6; 2-Gs1; 2-H; 2-I; 2J; 2L; 2M Turno: Noite
Início: 12/07/1979	Finalização: 06/012/1979
I BIMESTRE	MARÇO / ABRIL
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1.1 Introdução; 1.2 Modelos de Conhecimento; 1.2.1 Conhecimento Empírico; 1.2.2 Conhecimento Científico; 1.2.3 Conhecimento Filosófico; 1.2.4 Conhecimento Filosófico e Religioso; 1.2.5 Conhecimento e Sabedoria, 1.2.6 Técnica e cibernética; 1.2.7 O mito 1.2.8 Troca de Professor; 1.2.9 Leitura do Texto: O homem de Fé Limites do Conhecimento;	1.1 Pré-teste de conhecimentos; 1.2 Descrição dos Conteúdos; 1.2.1 Descrição dos Conteúdos; 1.2.2 Descrição dos Conteúdos; 1.2.3 Descrição dos Conteúdos; 1.2.4 Descrição dos Conteúdos; 1.2.5 Descrição dos Conteúdos 1.2.6 Descrição dos Conteúdos; 1.2.7 Descrição dos Conteúdos; 1.2.8 Professora Joana Assume A Turma; 1.2.9 Interpretação de Texto;

Quadro 3 - Disciplina de Filosofia (1979), Professoras Elisabete e Joana

(conclusão)

II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
2 A Capacidade de Conhecer 2.1 Provérbios Para Interpretar; 2.2 Realização de Prova Cumulativa 2.3 Breve História da Filosofia Grega; 2.4 Filósofos Pré-Socráticos; 2.4.1 Filósofos Pré-Socráticos: Heráclito e Demócrito; 2.4.2 Anaxágoras e Pitágoras; 2.4.3 Sofistas – Sócrates; 2.4.4 Platão; 2.4.5 Avaliação; 2.4.6 Aristóteles; 2.5 Filosofia Indu; 2.5.1 Budismo; 2.5.2 Ioga; 2.6 Filosofia Chinesa; 2.6.1 Confucionismo; 2.7 O Pensamento Oriental e Ocidental; 2.8 A Experiência do Ter; 2.9 Encerramento do Bimestre;	2 Exercícios Temáticos 2.1 Descrição dos Conteúdos; 2.2 Descrição dos Conteúdos; 2.3 Descrição dos Conteúdos; 2.4 Descrição dos Conteúdos; 2.4.1 Descrição dos Conteúdos; 2.4.2 Descrição dos Conteúdos; 2.4.3 Descrição dos Conteúdos; 2.4.4 Descrição dos Conteúdos 2.4.5 Teste Primeiro Bimestre 2.4.6 Descrição dos Conteúdos 2.5 Descrição dos Conteúdos; 2.5.1 Descrição dos Conteúdos; 2.5.2 Descrição dos Conteúdos; 2.6. Descrição dos Conteúdos; 2.6.1 Descrição dos Conteúdos; 2.7 Descrição dos Conteúdos; 2.8 Descrição dos Conteúdos; 2.8 Prova Bimestral
III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3 Universo: Matéria e o Pensamento; 3.1 Resumo: O Homem e o Universo; 3.2 Resumo: Níveis de Consciência; 3.3 Percepção Humana; 3.4 Teste de Inteligência; 3.5 O Escutar: Estudo de Texto; 3.6 Conclusão do Texto; 3.7 Lei da Causalidade; 3.8 Conclusão do Tema Anterior;	3 Descrição dos Conteúdos; 3.1 Descrição dos Conteúdos; 3.2 Descrição dos Conteúdos; 3.3 Descrição dos Conteúdos; 3.4 Descrição dos Conteúdos; 3.5 Descrição dos Conteúdos; 3.6 Descrição dos Conteúdos. 3.7 Descrição dos Conteúdos; 3.8 Descrição dos Conteúdos com Realização de Exercícios;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
4. Estudo de Texto – A vida; 4.1 Evolucionismo – A Origem da Vida; 4.2 Conclusão- Sobre a Origem da Vida. 4.3 A vida Psíquica – Introdução; 4.4 Mocidade, Maturidade e Velhice; 4.5 Trabalho Sobre Sentido da Vida; 4.6 A Vida – Resumo; 4.7 Instrumentos Mentais do Eu - Mente Intuitiva, Intelectual e Espiritual; 4.8 O Eu – Quem Sou Eu? 4.9 O Estudo da Sociedade; 4.9.1 Propaganda: Sociedade de Consumo; 4.9.2 Continuação da Aula Anterior; 4.9.3 Trabalho em Grupo: Sociedade e Consumo; 4.9.4 Apresentação dos Trabalhos 4.10 Encerramento Final;	4. Descrição dos Conteúdos; 4.1 Descrição dos Conteúdos; 4.2 Descrição dos Conteúdos; 4.3 Descrição dos Conteúdos; 4.4 Descrição dos Conteúdos; 4.5 Estudo de texto e Trabalho; 4.6 Descrição dos Conteúdos; 4.7 Descrição dos Conteúdos; 4.8 Descrição dos Conteúdos; 4.9 Descrição dos Conteúdos; 4.9.1 Descrição dos Conteúdos; 4.9.2 Descrição dos Conteúdos; 4.9.3 Descrição dos Conteúdos; 4.9.4 Apresentação de trabalhos; 4.10 Encerramento das Atividades;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE B – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1980): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 4 – Disciplina de Filosofia (1980), Professores Catarina e Manuel

(continua)

Disciplina De Filosofia- 2º Ano -1980 Professora Catarina – Ao final desse bimestre letivo assume o Professor Manuel	Turma Base à Produção do Resumo: 2- E
Início: 10/03/1980	Turno Noite
I Bimestre	Março /abril
Conteúdos	Metodologia de Trabalho
1 Aula Inicial; 1.1 Filosofia: o que é? Justificativa e importância; 1.2 Métodos da Filosofia; 1.3 Surgimento da Filosofia; 1.4 O mito; 1.5 Tipos de conhecimento; 1.5.1 Conhecimento vulgar; 1.5.2 Verificação;	1. Sondagem de Interesse; 1.1 Descrição dos Conteúdos; 1.2 Descrição dos Conteúdos; 1.3 Descrição dos Conteúdos; 1.4 Descrição dos Conteúdos; 1.5 Descrição dos Conteúdos; 1.5.1 Descrição dos Conteúdos; 1.5.2 Descrição dos Conteúdos;
II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
2 Conhecimento Científico; 2.1 Conhecimento religioso; 2.1.2 Conhecimento filosófico; 2.2 Breve história da filosofia; 2.3 Escola Jônica; 2.4 Pré-Socráticos; 2.5 Heráclito e Parmênides; 2.6 Demócrito-Parmênides-Pitágoras; 2.7 Os Sofistas; 2.8 Sócrates; 2.8.1 O idealismo; 2.9 Platão; 2.10 Realismo; 2.11 Aristóteles; 2.12 A filosofia na Grécia decadente; 2.13 Realização de Avaliação; 2.14 Estoicismo;	2. Descrição dos Conteúdos; 2.1 Descrição dos Conteúdos; 2.1.2 Descrição dos Conteúdos; 2.2 Descrição dos Conteúdos; 2.3 Descrição dos Conteúdos; 2.4 Apresentação de Trabalho; 2.5 Descrição dos Conteúdos; 2.6 Descrição dos Conteúdos; 2.7 Descrição dos Conteúdos; 2.8 Atividade sobre Sócrates; 2.8.1 Descrição dos Conteúdos; 2.9 Estudo Sobre Platão; 2.10 Descrição dos Conteúdos; 2.11 Descrição dos Conteúdos; 2.12 Descrição dos Conteúdos; 2.13 Realização de Avaliação; 2.14 Descrição dos conteúdos;
III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3 A filosofia na Grécia decadente – a lógica aristotélica: sua divisão e importância; 3.1 As operações lógicas; 3.2 A oposição das operações; 3.3 As leis; 3.4 O raciocínio – seus termos; 3.5 Tipos de silogismos; 3.6 Verificação; 3.7 Realização de trabalho sobre o tema – vida; 3.8 A vida 3.9 A vida e a teoria evolucionista; 3.10 Teorias evolucionistas;	3 Apresentação dos conteúdos; 3.1 Descrição dos conteúdos; 3.2 Descrição dos conteúdos; 3.3 Descrição dos conteúdos; 3.4 Descrição dos conteúdos; 3.5 Exercícios de Fixação; 3.6 Descrição dos conteúdos; 3.7 Trabalho sobre a vida; 3.8 Descrição dos conteúdos; 3.9 Descrição dos conteúdos; 3.10 Descrição dos conteúdos;

Quadro 4 – Disciplina de Filosofia (1980), Professores Catarina e Manuel

(conclusão)

IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
4 Apresentação de novo professor;	4 Troca de Professor;
4.1 A vida do ponto de vista filosófico;	4.1 Descrição dos Conteúdos;
4.2 Trabalho dirigido	4.2 Trabalho dirigido
4.3 Etapas da evolução psicológica do homem	4.3 Descrição dos Conteúdos;
4.4 Sentido da vida	4.4 Descrição dos Conteúdos;
4.5 Sentidos da vida- destino e Causalidade	4.5 Descrição dos Conteúdos;
4.6 Sociedade – de consumo e de propaganda – divisão e tipos	4.6 Descrição dos Conteúdos;
4.7 Psiqué humana	4.7 Descrição dos Conteúdos;
4.8 Revisão da Matéria	4.8 Revisão dos Conteúdos;
4.9 Prova Cumulativa	4.9 Prova do III Bimestre;
4.10 Prova Cumulativa	4.10 Prova cumulativa;
	4.11 Encerramento Final;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 5 – Disciplina de Filosofia (1980), Professoras Eulália e Catarina

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2 anos-1980	Turmas, Base à Produção do Resumo: 2-A, 2-B, 2-C, 2-D, 2-E, 2-F
Professoras: Eulália e Catarina	
Início: 03/03/1980	Turno- manhã
I BIMESTRE	MARÇO /ABRIL
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1.1 Apresentação Geral da Disciplina;	1.1 Sondagem de Interesse;
1.2 Introdução e Justificativa do Estudo de filosofia;	1.2 Descrição dos conteúdos;
1.2.1 Surgimento da Filosofia na Grécia: Importância dos Mitos - Bases filosofia (Escola Eleática);	1.2.1 Descrição de conteúdos;
1.2.2 Trabalho Temático: Surgimento e Bases da Filosofia;	1.2.2 Estudo dirigido;
1.2.3 Importância e Significado da Filosofia;	1.2.3-Descrição de conteúdos;
1.3 Tipos de Conhecimento: Conhecimento Vulgar;	1.3.- Descrição dos conteúdos;
1.3.1 Conhecimento Filosófico;	1.3.1 Revisão dos Conteúdos;
1.3.2 Atividade para prova Cumulativa;	1.3.2 Prova cumulativa;
1.3.3 Avaliação Bimestral;	1.3.3 Recuperação dos Objetivos;
1.3.4 Atividade de Aprendizagem;	1.3.4 Aula de Conclusão.
1.3.5 Aula de final do semestre;	1.3.5 Aula de conclusão;
II BIMESTRE	MAIO JUNHO JULHO
2.1- Conhecimento Científico e Filosófico;	2.1- Conclusão dos Conteúdos;
2.1.2- Atividades didáticas;	2.1.2 Exercícios;
2.1.3- Atividade de aprendizagem;	2.1.3 Revisão: Tipos de conhecimento;
2.3 Problemas do Conhecimento Humano; Teoria do Conhecimento;	2.3-Descrição dos Conteúdos;
2.4 Avaliação;	2.4-Teste: Os tipos de conhecimento;
2.5 Leitura, texto a “Educação”: “O homem antes de ser educado é menos que uma esperança ele é apenas uma mera eventualidade”. Livro Reflexão e Educação- (de Pierre Furter);	2.5 Apresentação de Trabalho em grupo;
2.6 Objeto e Métodos da filosofia: Método Dedutivo e Indutivo;	2.6 Conteúdos ministrados;
2.7 Pré-Socráticos: Tales de Mileto, Anaxímenes, Anaximandro, Pitágoras Demócrito, Heráclito e Parmênides;	2.7 Descrição dos conteúdos;
2.9 Avaliação Bimestral;	2.9 Prova;
2.91 Revisão de Prova;	9.1 Correção e reestudo;
10 Doutrinas Filosóficas: Sócrates, Platão e Aristóteles;	10 Descrição dos conteúdos;
11 Aula com atividade problematizadora: Como Estudar?	11 Trabalho junto ao SOE;

Quadro 5 – Disciplina de Filosofia (1980), Professoras Eulália e Catarina

(conclusão)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3.1- Apresentação dos conteúdos; 3.2- Platão Pensamento Platônico Mundo das Ideias; 3.2.1- Platão e Ética Social; 3.2.2- Platão Pela Política à Filosofia; 3.2.3- Aristóteles; 3.2.4 - Introdução à Lógica; Lógica Formal- Juízo e Raciocínio; Proposição e Silogismo; 3.3.-Lógica Material: Erros Lógicos e Morais; 3.3.1 Filosofia Oriental: Confucionismo e Taoísmo; 3.3.2 Os Principais Problemas Relativos à Vida; 3.4-Avaliação Bimestral;	3.1- Apresentação dos conteúdos; 3.2 Descrição dos conteúdos; 3.2.1 Descrição dos conteúdos; 2.2.2 Descrição dos conteúdos; 3.2.3 Descrição das características da Filosofia de aristotélico; 3.2.4- Exercícios sobre as regras do silogismo e correção; 3.3 Descrição dos conteúdos 3.3.1 Descrição dos conteúdos; 3.3.2 Descrição dos conteúdos; 3.4 Prova Cumulativa;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO
4.1- Evolucionismo; 4.1.2- Origem e Fim da Vida; 4.1.3 - Os problemas da vida; 4.2- Psicologia: Sensação e Percepção, (sua importância); 4.2.1- Atenção Memória; 4.2.2- Inteligência e Imaginação; 4.2.3- Consciência, (Três Níveis); 4.3- Inconsciente, Subconsciência, Consciente; 4.3.1-Consciência Moral: Noções sobre a Liberdade; 4.4-Sociedade do Consumo: Principais Efeitos; 4.5- Direito e Dever; 4.6-Avaliações Finais;	4.1 Descrição dos conteúdos; 4.1.2 Descrição dos conteúdos; 4.1.3 Descrição dos conteúdos; 4.2 Descrição dos conteúdos; 4.2.1 Descrição dos conteúdos; 4.2.2 Descrição dos conteúdos; 4.2.3 Descrição dos conteúdos; 4.3 Descrição dos conteúdos; 4.3.1 Descrição dos conteúdos; 4.4 Descrição dos conteúdos; 4.5 Descrição dos conteúdos; 4.6-Prova e autoavaliação;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE C – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1982): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 6 - Disciplina de Filosofia (1982), Professora Catarina

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3º Ano-1982 Professora: Catarina	Turma, Base à Produção do Resumo: 3-A
Início: 09/03/1982	Turno: Manhã
I BIMESTRE-	Março/Abril
CONTEUDOS	METODOLOGIA
1.1 Aula Inicial, 1.2 Introdução a filosofia; 1.2.1 Surgimento da Filosofia; 1.2.2 Divisão da Filosofia; 1.2.3 História da filosofia ocidental; 1.2.4 A filosofia jônica; 1.2.5 Os Pré-Socráticos; 1.2.6 Os Sofistas; 1.2.7 Sócrates; 1.2.8 Verificação dos Conteúdos; 1.2.9 Platão;	1.1 Recepção aos alunos; 1.2 Descrição dos conteúdos; 1.2.1 Descrição dos conteúdos; 1.2.2 Descrição dos conteúdos; 1.2.3 Descrição dos conteúdos; 1.2.4 Descrição dos conteúdos; 1.2.5 Descrição dos conteúdos; 1.2.6 Descrição dos conteúdos; 1.2.7 Descrição dos conteúdos; 1.2.8 Descrição dos conteúdos; 1.2.9 Descrição dos conteúdos;
II BIMESTRE	MAIO/JUNHO
1 Continuação de Platão; 2.1 O realismo na Grécia; 2.2 Aristóteles; 2.2.1 A filosofia na Grécia Decadente; 2.3 A filosofia Oriental; 2.3.1 A filosofia na Índia; 2.3.2 O ioga; 2.3.3 Continuação da ioga; 2.3.4 Budismo; 2.3.5 Filosofia na China; 2.3.6 Confucionismo; 2.4 Avaliação; 2.5 Entrega e comentário das provas; 2.6 O taoísmo;	2 Descrição dos Conteúdos; 2.1 Descrição dos Conteúdos; 2.2 Descrição dos Conteúdos; 2.2.1 Descrição dos Conteúdos; 2.3 Descrição dos Conteúdos; 2.3.1 Descrição dos Conteúdos; 2.3.2 Descrição dos Conteúdos; 2.3.3 Descrição dos Conteúdos; 2.3.4 Descrição dos Conteúdos; 2.3.5 Descrição dos Conteúdos; 2.3.6 Prova cumulativa; 6.6 Prova Cumulativa; 2.5 Comentário das Provas; 2.6 Descrição dos conteúdos;
III BIMESTRE	JULHO/AGOSTO/SETEMBRO
7 Taoísmo; 3.1 Exercícios sobre filosofia oriental; 3.2 Questão da vida; 3.3 Principais teorias relativas à vida; 3.4 As interpretações da vida humana; 3.5 O sentido da vida humana; 3.6 O homem: ser consciente de si e do mundo; 3.6.1 A consciência moral; 3.6.2 A consciência psicológica; 3.6.3 Estrutura da consciência; 3.6.4 Prova cumulativa; 3.6.5 Evolução da consciência; 3.6.6 Níveis-id-ego-superego- influência social; 3.6.7 Exercícios programados sobre o tema; 3.7 O Fenômeno da Memória; 3.8 Encaminhamentos dos Conteúdos;	3 Descrição dos Conteúdos; 3.1 Exercícios de fixação; 3.2 Descrição dos Conteúdos; 3.3 Descrição dos Conteúdos; 3.4 Descrição dos Conteúdos; 3.5 Descrição dos Conteúdos; 3.6 Descrição dos Conteúdos; 3.6.1 Descrição dos Conteúdos; 3.6.2 Descrição dos Conteúdos 3.6.3 Descrição dos Conteúdos 3.6.4 Descrição dos Conteúdos; 3.6.5 Descrição dos Conteúdos; 3.6.6 Descrição dos conteúdos; 3.6.7 Descrição dos conteúdos; 3.7 Descrição dos conteúdos; 3.8 Previsão para o Bimestre;

Quadro 6 - Disciplina de Filosofia (1982), Professora Catarina

(conclusão)

IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
4 A Memória atenção e Inteligência; 4.1 Imaginação, fantasia, devaneio; 4.2 Sensação e percepção; 4.3 A consciência de si – o eu – o ego; 4.4 O eu individual e o mundo; 4.5 O eu na esfera social; 4.6 O homem e a sociedade totalitária consumista; 4.7 A filosofia de Marcuse; 4.8 O Efeito da propaganda; 4.9 A utopia marxista; 4.10 Necessidades secundárias; 4.11 Avaliação Cumulativa III Bimestre 4.12 Realização de Prova Cumulativa; 4.13 A Hierarquia das Necessidades Segundo; Maslov; 4.14 A filosofia existencialista 4.15 A posição sartreana – liberdade 4.16 A liberdade na concepção Heidegger 4.17 A filosofia de Marcel – esperança 4.18 Final do IV Bimestre;	4 Descrição dos conteúdos; 4.1 Descrição dos conteúdos; 4.2 Descrição dos conteúdos; 4.3 Descrição dos conteúdos; 4.4 Descrição dos conteúdos; 4.5 Descrição dos conteúdos; 4.6 Descrição dos conteúdos; 4.7 Descrição dos conteúdos; 4.8 Descrição dos conteúdos; 4.9 Descrição dos conteúdos; 4.10 Descrição dos conteúdos; 4.11 Descrição dos conteúdos; 4.12 Prova 4.13 Prova do IV Bimestre; 4.14 Descrição dos conteúdos; 4.15 Descrição dos conteúdos; 4.16 Descrição dos conteúdos; 4.17 Descrição dos conteúdos; 4.18 Finalização do Ano Letivo;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 7 - Disciplina de Filosofia (1982), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3 Anos-1982 Professora: Eulália	Turmas, Base à Produção do Resumo: 3-A, 3-B, 3C, 3D, 3E, 3-F
Início: 03/03/1982	Turno: Manhã
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1-Filosofia- Partes da filosofia; 1.2- O que é Filosofia; 1.3- Fase Mítica; 1.4- O Pensamento Grego- Pré-Socráticos; 1.5-Sócrates; 1.6-Platão Vida e Obra: Mito da Caverna 1.7-Pensamento Socrático 1.8- Aristóteles 1.8.1- Atividade para prova Cumulativa; 1.8.2- Avaliação Bimestral 1.8.3-Tipos de conhecimento: Empírico e Conhecimento Científico; 1.9- Entrega de provas; 1.9.1- Conhecimento Filosófico e Intuitivo; 1.9.1- Avaliação	1-Introdução e Justificativa; 1.2-Estudo dos conceitos; 1.3-Reflexão de texto e apresentação das conclusões; 1.4-Noções gerais; 1.5- Estudos dos marcos divisórios; 1.6- Estudo de texto e Debate; 1.7-Trabalho de avaliação 1.8-Entrega de trabalho e debates; 1.8.1-Revisão para à prova bimestral; 1.8.2-Prova cumulativa; 1.8.3- Descrição dos conteúdos; 1.9- Revisão dos conteúdos não alcançados; 1.9.1- Continuação dos conteúdos; 1.91-Avaliação qualitativa;

Quadro 7 - Disciplina de Filosofia (1982), Professora Eulália

(conclusão)

II BIMESTRE	MAIO/JUNHO
2 Continuação dos Tipos de Conhecimento; 2.1 Adolescência; 2.3 Universo: O Surgimento do Espaço Solar; 2.3.1 Matéria, Energia e Átomo; 2.4 Origem da vida- Fixismo e Evolucionismo; 2.5 Filosofia Oriental na Índia - Budismo e Ioga; 2.6 Aula de Revisão:	2 Exposição dos conteúdos; 2.1 Trabalho sugerido pelos alunos; 2.3 Sessão no Planetário-UFSM, 2.3.1 Conclusão e relato- Planetário-UFSM; 2.4 Auto-avaliação; 2.5 Estudo das etapas da loga e conclusão; 2.6 Prova Cumulativa;
III BIMESTRE	JULHO/AGOSTO/SETEMBRO
3 Filosofia Oriental na China: Confucionismo e Taoismo; 3.1 Trabalho com Texto 3.2 Entrega das provas do II Bimestre; 3.3 Retorno das férias; 3.4 A Mente Humana Razão e Inteligência- Percepção-Hábito-Instituto- Instituição; 3.4.1 Revisão de Conteúdos; 3.5 Instrumentos mentais do "Eu"- Mente; 3.6 Teoria dos Valores-Classificação e Hierarquia dos Valores 3.7 Atividade com texto; 3.8 "Problema da Transformação"; 3.9 Avaliação;	3- Aspectos Introdutórios 3.1-Análise e reflexão, com discussão dirigida; 3.2-Correção e revisão das provas I Bimestre; 3.3-Apresentação do plano de estudos do II Bimestre; 3.4- Descrição dos conteúdos; 3.4.1-Exercícios de fixação e correção; 3.5 teste de inteligência e sua entrega 3.6 Descrição dos conteúdos; 3.7 Trabalho dirigido e apresentação dos alunos; 3.8 Descrição dos conteúdos ministrados; 3.9 Prova cumulativa;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO
4.1 Entrega de Provas 4.2 Texto- "O Escutar" 4.3 Sociedade atual: Regimes Totalitários; 4.4 Capitalismo- Comunismo; 4.5 Palestra Sobre Tóxicos; 4.6 Existencialismo- Alienação: O Ser esquecendo sua existência- Kierkegaard e Heidegger. Jean Paul Sartre; 4.7 Avaliação Final;	4.1Comentários sobre os resultados. 4.2 Trabalho Dirigido; 4.3 Conclusão dos conteúdos, exercícios e trabalho dirigido; 4.5 conclusão dos conteúdos; exercícios com estudos dirigidos; 4.6 Conclusão do existencialismo; revisão dos conteúdos; 4.7 Prova Cumulativa

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE D – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1983): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 8 – Disciplina de Filosofia (1983), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3 Anos-1983 Professora: Eulália	Turmas, Base À Produção do Resumo: 3A 3B, 3C, 3D, 3E, 3F
Início: 03/03/1983	Turno: Tarde
1 BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1.1 Aula Inicial; 1.2-Texto “Quem Sou Eu”, 1.3 Importância, Conceito, Divisão E Significado Da Filosofia; 1.3.1 Filosofia E Ciência; 1.4 Conhecimento: Empírico E Científico; 1.5 Palestra: Princípios Da Computação; 1.6 Conhecimento Filosófico E Intuitivo; 1.6.1 Trabalho De Avaliação; 1.6.2 Tipos De Conhecimento; 1.7 Fundamentos Do Pensamento Ocidental; 1.8 Pré-Socráticos- “Arché” - Tales De Mileto; 1.8.1 Atividade Avaliativa; 1.8.2 Escola Pitagórica; 1.8.3 Atividades Para A Prova Cumulativa; 1.8.4 Prova Bimestral;	1.1-Aplicação De Teste De Interesse; 1.2-Estudo Dos Conceitos; 1.3.1 Descrição Dos Conteúdos Ministrados; 1.4 Descrição Dos Conteúdos Ministrados; 1.5 Atualização Em Informática; 1.6 Descrição Dos Conteúdos Ministrados; 1.6.1 Atividade Temática; 1.6.2 Revisão Dos Conteúdos; 1.7 Descrição Dos Conteúdos Ministrados; 1.8 Interpretação De Texto; 1.9 Teste Sobre Os Modelos De Conhecimento; 1.8.2 Conclusão Da Fase Pré-Socrática; 1.8.3 Revisão De Conteúdos; 1.8.4 Conteúdos Cumulativos;
2 BIMESTRE	MAIO/JUNHO
2.1 Os Sofistas- Sócrates; 2.3 Método Socrático; 2.3 Atividade em Grupo; 2.4 Platão Mundo das Ideias; 2.5 Aristóteles: Substância e Essência; 2.6 Retomada do Pensamento de Sócrates; Platão e Aristóteles; 2.7 Finalização das Atividades; 2.8 A Mente Humana Razão e Inteligência; 2.8.1 Mecanismos da Inteligência; 2.9 Noções de Lógica; 2.9.1 Lógica Formal; 2.9.2 Estudo das Proposições; 2.10 Prova Bimestral;	2.1 Descrição dos conteúdos; 2.2 Trabalho em grupo; 2.3 Conclusão e Apresentação dos trabalhos; 2.4 Aula de conclusão da teoria de Platão; 2.5 Descrição dos Conteúdos 2.6 Estudos dirigidos; 2.7 Conclusão dos estudos dirigidos; 2.8. Descrição dos Conteúdos 2.8.1 Descrição dos Conteúdos; 2.9 Descrição dos Conteúdos; 2.9.1 Descrição dos conteúdos; 2.9.2 Descrição dos conteúdos; 2.10 Conteúdos Cumulativos;
3 BIMESTRE	JULHO/AGOSTO
3 Filosofia Oriental na China: Confucionismo e Taoísmo; 3.1 Trabalho com Texto; 3.2 Entrega das Provas do 2-Bimestre; 3.3 Retorno das férias, Mensagem de boas-vindas; 3.4 A Mente Humana Razão e Inteligência-Percepção-Hábito-Instituto- Instituição- Teste de Inteligência; 3.5 Instrumentos Mentais do “Eu”- Mente; 3.6 Teoria dos Valores, Classificação e Hierarquia dos Valores; 3.6.1 Problema da Transformação; 3.7 Prova Bimestral; 3.8 Jesus Cristo e Filosofia do Amor;	3 Aspectos Introdutórios 3.1 Análise, Reflexão e discussão dirigida; 3.2 Correção e Revisão das Provas; 3.3 Apresentação do Plano de Ensino Para o 3º. Bimestre; 3.4 Descrição dos conteúdos; Exercícios de Fixação; Correção de Exercícios; Entrega dos Testes; 3.5 Descrição dos Conteúdos; 3.6 Atividade com Texto; Trabalho Dirigido e Apresentação dos Alunos; 3.6.1 Descrição dos conteúdos, 3.7 Conteúdos Cumulativos- II Bimestre 3.8 Exposição do tema;

Quadro 8 – Disciplina de Filosofia (1983), Professora Eulália

(conclusão)

4 BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO
4.2 A Patrística: Santo Agostinho e Santo Tomas de Aquino; 4.2.1 Atividade com os Alunos; 4.2.3 Filosofia atual- A Alienação; 4.3.1 A individualidade e as Normas Sociais 4.4 Os Filósofos do Existencialismo- Alienação; 4.5 Atividade Para Prova Cumulativa; 4.5.1 Prova Final; 4.5.2 Entrega das Provas;	4.2- Descrição dos Conteúdos; 4.2.1 Trabalho Dirigido; 4.2.3 Conclusão e Apresentação dos Trabalhos; 4.3.1 Aula de Conclusão dos Conteúdos 4.4 Aula de Conclusão dos Conteúdos; 4.5 Aula de Revisão de Conteúdos- Prova; 4.5.1 Conteúdos Cumulativos; 4.5.2 Correção e Finalização do Ano Letivo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE E – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1984): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 9 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Catarina

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3º Ano – Professora: Catarina	Turma, Base À Produção do Resumo: 3-D
Início: 15/03/1984	Turno: Noite
I BIMESTRE-	MARÇO-ABRIL- MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1 Apresentação dos Objetivos da Disciplina;</p> <p>1.1 Características da Atividade Filosófica;</p> <p>1.2 Texto: “A Opinião de Si e do Mundo”</p> <p>1.3 As Explicações Mitológicas e Suas Implicações;</p> <p>1.4 A Queda dos Mitos;</p> <p>1.5 O Despertar da Razão - Atitudes Chinesas e Gregas;</p> <p>1.6 O Pensamento Pré-Socrático: Escola Jônica;</p> <p>1.7 Pitágoras, Demócrito e Anaxágoras;</p> <p>1.8 Trabalho Sobre o Conhecimento Filosófico;</p> <p>1.9 Os Sofistas;</p> <p>1.10 Sócrates;</p> <p>1.11 Revisão dos Conteúdos;</p> <p>1.12 Aula Suspensa por Falta de Água;</p> <p>1.13 Retomada da Filosofia Socrática;</p> <p>1.14 A Filosofia Platônica;</p> <p>1.15 Um Pouco Mais de Platão;</p>	<p>1 Atividade de Apresentação dos Alunos</p> <p>1.1 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>1.2 Leitura e Interpretação do Textual;</p> <p>1.3 Descrição Dos Conteúdos</p> <p>1.4 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>1.5 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>1.6 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>1.7 Introdução dos Conteúdos;</p> <p>1.8 Elaboração de Trabalho Sobre o Conhecimento Filosófico;</p> <p>1.9 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>1.10 Apresentação de Sua Filosofia;</p> <p>1.11 Revisão de Conteúdos;</p> <p>1.12 Aula Suspensa;</p> <p>1.13 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>1.14 Descrição dos Conteúdos</p> <p>1.15 Enceramento do Bimestre</p>
II bimestre	Junho/julho
<p>2 Continuação da filosofia platônica</p> <p>2.1 A política em Platão</p> <p>2.2 Visão geral sobre “A República”</p> <p>2.3 O “Mito da Caverna e dos “Cavalos Alados”;</p> <p>2.4 A Filosofia Aristotélica;</p> <p>2.5 A política e a ética Aristotélica</p> <p>2.6 Continuação da Filosofia Aristotélica;</p> <p>2.7 A Filosofia na Grécia Decadente;</p> <p>2.8 O epicurismo;</p> <p>2.9 O Estoicismo;</p> <p>2.10 Filosofia de Diógenes;</p> <p>2.11 Diógenes: O Cinismo;</p> <p>2.12 A Filosofia Oriental;</p> <p>2.13 Noções sobre o Budismo: As Quatro Nobres Verdades Budistas;</p> <p>2.14 Aula de Revisão dos Conteúdos;</p> <p>2.15 Texto de Gibrã “O Mestre”;</p> <p>2.16 Encaminhamentos Para o Próximo Bimestre;</p>	<p>2 Estudo da Filosofia de Platão</p> <p>2.1 Exposição dos Conteúdos;</p> <p>2.2 Estudo Sobre a República</p> <p>2.3 Continuação dos Estudos;</p> <p>2.4 Aspectos Introdutórios;</p> <p>2.5 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.6 Aula de Encerramento do Tema;</p> <p>2.7 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.8 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.9 Descrição dos conteúdos;</p> <p>2.10 Estudo Sobre Cinismo;</p> <p>2.11 Encerramento do Tema;</p> <p>2.12 Introdução a Filosofia Oriental</p> <p>2.13 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.14 Fixação dos conhecimentos</p> <p>2.15 Leitura e debate;</p> <p>2.16 Aula Dialogado Com as Turmas;</p>

Quadro 9 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Catarina

(continua)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3 Características da loga 3.1 A loga na Idade Contemporânea 3.2 A Filosofia Ocidental Contemporânea 3.3 Principais Concepções da Atualidade 3.4 O Pensamento Científico; 3.5 O pensamento Social; 3.6 Iniciação ao Pensamento Político; 3.7 A Filosofia Moderna; 3.8 Descartes e o Método da Dúvida 3.9 A Filosofia de Emanuel Kant; 3.10 A filosofia de Hegel; 3.11 Avaliação; 3.12 Atividade Sobre Rene Descartes 3.13 A filosofia de Kierkegaard 3.14 Continuação das Tendências da Filosofia Contemporânea;	3 Introdução dos princípios da loga; 3.1 Descrição dos Conteúdos; 3.2 Descrição dos Conteúdos; 3.3 Descrição dos Conteúdos; 3.4 Descrição dos Conteúdos; 3.5 Descrição dos Conteúdos; 3.6 Descrição dos Conteúdos; 3.7 Apresentação das Bases Teóricas; 3.8 Um Breve Recorte Teórico; 3.9 Compreensão das noções gerais; 3.10 Apresentação dos conteúdos; 3.11 Prova Cumulativa 3.12 Trabalho com Texto Filosófico; 3.13 Breve Introdução 3.14 Descrição dos conteúdos;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
4 Noções da Filosofia de Sartre; 4.1 Fase Humanista de Sartre; 4.2 A Filosofia Social de Marcuse; 4.3 A Propaganda e o Consumo 4.4 Reflexões sobre o totalitarismo 4.5 A Filosofia Libertadora de E. Fromm 4.6 “Análise do homem” 4.7 Avaliação; 4.8 Realização de Prova Cumulativa; 4.9 A filosofia da Revolta de Albert Camus; 4.10 A filosofia da Esperança de Gabriel Marcel; 4.11 O ser e o Ter; 4.12 A Filosofia Oriental na Atualidade: Gibran Khalil Gibran, Hermann Hesse e outros; 4.13 Encerramento Final;	4 Aspectos Introdutórios; 4.1 Descrição dos conteúdos ministrados 4.2 Aspectos Introdutórios; 4.3 Descrição dos Conteúdos; 4.4 Descrição dos Conteúdos; 4.5 Análise introdutória dos conteúdos; 4.6 Trabalho sobre a “Arte de Amar” de E. Fromm 4.7 Descrição dos conteúdos; 4.8 Descrição dos Conteúdos; 4.9 Prova Cumulativa; 4.10 Prova Cumulativa; 4.11 Descrição dos conteúdos; 4.12 Descrição dos conteúdos; 4.13 Descrição dos conteúdos; 4.14 Descrição dos conteúdos; 4.15 Encerramento do Bimestre e do Ano letivo;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 10 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Maria

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3 Ano - 1984 Professora Maria	Turma, base à Produção do Resumo: 3-H
Início: 19/03/1984	Turno: Tarde
I BIMESTRE-	MARÇO-ABRIL- MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1 Apresentação do Programa da Disciplina; 1.1 Introdução à Filosofia: Conceito de Vivência Filosófica; 1.2 A Experiência Filosófica de Cada Um; 1.3 Conceituar filosofia? História e Etimologia da Palavra; 1.4 Filosofia Como Conhecimento; 1.5 A Reflexão – Instrumento da Filosofia 1.6 Importância da Filosofia- Enumerar e Justificar; 1.7 Origem da Filosofia- O Mito Alicerces; 1.7.1 Concepção de Palavra Filosofia; 1.8 O Homem – conceito – o sujeito da filosofia; 1.9 O Homem Segundo Jose Ortega e Gasset. Homem Como Sujeito da Reflexão; 1.10 Avaliação; 1.11 Recuperação Terapêutica; Comentários da Prova e Esclarecimentos; 1.12 Continuação da Recuperação: Respostas por Escrito 1.13 Filosofia – Surgimento na Grécia 1.14 Suspensão das Aulas – Falta de Água 1.15 O Surgimento da Filosofia na Grécia, China e Índia; 1.16 Encerramento do Bimestre;	1 Sondagem de conhecimento; 1.1 Descrição dos Conteúdos; 1.2 Descrição dos Conteúdos; 1.3 Descrição dos Conteúdos; 1.4 Descrição dos Conteúdos; 1.5 Descrição dos Conteúdos; 1.6 Debate Temático 1.7 Descrição dos Conteúdos; 1.8 Pesquisa do termo no Dicionário, com trabalho de conclusão; 1.9 Descrição dos Conteúdos; 1.10 Prova Bimestral; 1.11 Prova Com Consulta Livre I Parte: Subjetiva; 1.12 Recuperação e comentários sobre a prova; 1.13 Recuperação e Comentários Sobre a Prova; 1.14 Descrição dos Conteúdos; 1.15 Aulas Suspensas 1.16 Descrição dos Conteúdos; 1.17 Encerramento Final do Semestre
II BIMESTRE	JUNHO-JULHO
2. O Espírito Grego – Tales de Mileto – Ideias 2.1 Avaliação; 2.2 Recuperação dos Objetivos Não Alcançados; 2.3 Pitágoras – Ideias Dados Biográficos 2.4 Trabalho de interpretação 2.5 Comparação (Pontos Comuns e Divergentes Entre Tales e Pitágoras); 2.6 Demócrito – ideias; 2.7 O Espírito de Antecipação de Demócrito; 2.8 Heráclito – Dados Biográficos 2.9 O devir – Filosofia de Heráclito 2.10 Parmênides: Ideia- O ser é- O não-Ser não é; 2.11 Os Sofistas e Sócrates; 2.12 Platão – ideias; 2.13 Avaliação; 2.14 Avaliação; 2.15 Comentários Gerais do Bimestre;	2. Descrição dos Conteúdos; 2.1 Prova Cumulativa I Bimestre; 2.2 Comentários da Prova e Atividade de Recuperação; 2.3 Descrição dos Conteúdos; 2.4 Trabalho de Interpretação; 2.5 Descrição dos Conteúdos; 2.6 Descrição dos Conteúdos; 2.7 Descrição dos Conteúdos; 2.8 Descrição dos Conteúdos; 2.9 Descrição dos Conteúdos; 2.10 Descrição dos Conteúdos; 2.11 Descrição dos Conteúdos; 2.12 Descrição dos Conteúdos; 2.13 Prova e interpretação; 2.14 Recuperação dos objetivos não alcançados e revisão da prova 2.15 Encerramento do Bimestre;

Quadro 10 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Maria

(conclusão)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3 Continuação da Filosofia de Platão; 3.2.1 O Mundo das Ideias; 3.2.2 Continuação da Aula Anterior; 3.2.3 A Filosofia e a Vida de Aristóteles; 3.2.4 Aristóteles: Obras e Dados Bibliográficos; 3.2.5 A Influência de Aristóteles na vida de Alexandre Magno; 3.2.6 O Caráter de Aristóteles; 3.2.7 As Ideias de Aristóteles- Política. 3.2.8 Aristóteles: Psicologia e a Teologia; 3.2.9 Aristóteles – Pensamento Lógico; 3.2.10 Continuação da Aula Anterior; 3.3 A Filosofia Pós-Socrática; 3.4 A Filosofia em Decadência; 3.5 Epicurismo; 3.6 Estoicismo; 3.7 Avaliação 3.8 Avaliação; 3.9 Estoicismo e cinismo	3 Atividade de Interpretação; 3.1 Descrição dos Conteúdos; 3.2 Conclusão de Platão; 3.2.3 Introdução dos Conteúdos; 3.2. 4 Continuação dos Estudos; 3.2.5 Descrição dos Conteúdos; 3.2.6 Descrição dos Conteúdos 3.2.7 Descrição dos Conteúdos; 3.2.8 Descrição dos Conteúdos; 3.2.9 Descrição dos Conteúdos; 3.2.10 Conclusão dos estudos; 3.3 Descrição dos Conteúdos; 3.4 Descrição dos Conteúdos; 3.5 Aula Introdutória; 3.6 Trabalho em Grupo; 3.7 Prova Objetiva; 3.8 Prova de Interpretação; 3.9 Debate e Conclusão Estoicismo e do Cinismo;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
4 Comentários e Recuperação das Questões da Prova; 4.1 Levantamento de Dados a respeito da vida de Cristo; 4.2 Continuação dos Dados Sobre Cristo; 4.3 Cristo Sua filosofia: Amor; Cristo e o Mistério; 4.4 Cristo sua Influência através da História; 4.5 A Moral Cristã e o Agir Humano; 4.6 Interpretação – o ser e o ter – São tomas de Aquino e Santo Agostinho; 4.7 Continuação do Tema: As Diferenças, Entre São Tomás e Santo Agostinho; 4.8 Existencialismo; 4.9 Causas do Existencialismo e consequências; 4.10 Prova objetiva 4.11 Prova interpretativa 4.12 Análise da Provas; 4.13 A Criatividade e a Individualidade 4.14 A Alienação – Causas; 4.15 A Tecnologia e a Massificação 4.16 Os Principais representantes do existencialismo; 4.17 Conclusão do Existencialismo; 4.18 Aula final;	4 Comentários sobre a prova; 4.1 Descrição dos Conteúdos; 4.2 Descrição dos Conteúdos; 4.3 Descrição dos Conteúdos; 4.4 Descrição dos Conteúdos; 4.5 Exercícios Sobre Cristianismo; 4.6 Trabalho Temático; 4.7 Comentários dos Trabalhos; 4.8 Introdução: Aula expositiva; 4.9 Descrição dos Conteúdos; 4.10 Prova Objetiva; 4.11 Prova Interpretativa; 4.12 Comentários Gerais; 4.13 Aula Expositiva; 4.14 Aula Expositiva; 4.15 Aula Expositiva; 4.16 Aula Expositiva; 4.17 Conclusão do Existencialismo; 4.18 Encerramento do Ano Letivo;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 11 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3 Anos - 1984 Professora: Eulália	Turma, base à Produção do Resumo: 2-I 3A 32, 3B, 3C, 3D, 3E, 3F
Início: 03/03/1983	Turno: Manhã
I BIMESTRE-	MARÇO-ABRIL- MAIO
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1 Aula Inicial; 1.1 Introdução a Filosofia e seu surgimento; 1.2 O Mito Influência na Formação do pensamento; 1.3 Filosofia e Ciência; 1.4 Conceito de Filosofia 1.5 Conhecimento: Empírico ou Vulgar; 1.6 Conhecimento Científico e Filosófico; 1.7 Texto: “Fascina-me a Coragem”	1.1 Recepção dos alunos; 1.1 Aula com sondagem de interesses; 1.2 Descrição dos conteúdos; 1.3 Realizada aula com trabalho sobre os conceitos filosóficos; 1.4 Não houve quórum; 1.5 Foram trabalhadas suas características; 1.6 Descrição dos Conteúdos; 1.7 Atividade de interpretação de texto não filosófico;
II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
2 Fascina-me a Coragem; 2.1 Avaliação Bimestral; 2.2 Recuperação 2.3 Limites e Capacidade do Conhecimento: Dogmatismo e Ceticismo; 2.4 Continuação dos Limites do Conhecimento; 2.4.1 Idealismo e Materialismo; 2.4.2- Atividades Sobre o Tema; 2.5 Introdução a Filosofia na Grécia; Influência dos Povos Antigos; 2.6 Atividade de Avaliação; 2.7 Os Pré-Socráticos: Escola de Mileto; Anaxímenes, Anaximandro, Heráclito e Parmênides; 2.8 Preparação Para a Prova Bimestral; 2.9 Avaliação Bimestral; 2. 10 Encerramento do 2-Bimestre;	2 Continuação da Atividade do I bimestre; 2.1 Prova Cumulativa I Bimestre; 2.2 Entrega das Provas e E Recuperação dos Objetivos Não Alcançados, 2.3 Aula Com Exercício e Revisão e Fixação dos Conteúdos; 2.4 Aula Com Exercícios Sobre as Capacidades e Limites do Conhecimento; 2.4.1 Descrição dos Conteúdos 2.4.2 Correção de Exercícios; 2.5 Aspectos Introdutórios e Descrição dos Conteúdos; 2.6 Teste: 2-Bimestre; 2.7 Descrição dos Conteúdos; 2.8 Revisão de Conteúdos; 2.9 Prova-Cumulativa; 2.10 Entrega e Correção Das provas;
III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3.1 Encerramento dos Pré-Socráticos; 3.1.2 Sócrates- Método Socrático- Diálogos; 3.1.3 Platão Mundo das Ideias; 3.1.4 Aristóteles: Pensamento, Conceito de Essência e Substância; 3.2. Atividade Cumulativa; 3.5- A Filosofia na Grécia Decadente: Diógenes, Epicuro e Zenão; 3.6 Teoria dos Valores: Classificação e Hierarquia; 3.6.1 Atividade de Ensino; 3.7 Introdução ao Estudo da Lógica; 3.7.1 Lógica Formal- Partes da Lógica; 3.8 Preparação para a Avaliação Bimestral; 3.8.1 Avaliação Bimestral; 3.8.2 Atividade Aprendizagem; 3.9 Continuação do Estudo da Lógica;	3.1 Descrição dos Conteúdos; 3.1.2 Considerações Gerais; 3.1.3 Descrição dos Conteúdos 3.1 4 Conclusão do Pensamento Aristotélico; Início dos Trabalhos - Prova Cumulativa; 3.2 Finalização do Estudo Dirigido; 3.5 Descrição dos Conteúdos; 3.6 Aula de Conclusão da Teoria dos Valores; 3.6.1 Exercícios Sobre os Valores; 3.7 Aspectos introdutórios; 3.7.1 Descrição dos Conteúdos; 3.8 Revisão de Conteúdos; 3.8.1 Prova Conteúdos Cumulativos; 3. 8.2 Interpretação de Texto; 3.9 Quadro das Proposições;

Quadro 11 - Disciplina de Filosofia (1984), Professora Eulália

(conclusão)

IV BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO
4.1 Lógica quadro; 4.2 A Patrística: Santo Agostinho e Santo Tomas de Aquino; 4.2.1 Atividade com os Alunos; 4.3 Filosofia atual- A Alienação; 4.4 A individualidade e as Normas Sociais 4.5 Os Filósofos do Existencialismo- Alienação; 4.6 Atividade para prova Cumulativa; 4.7 Avaliação Final; 4.71 Entrega das Provas;	4.1 Descrição dos Conteúdos; 4.2 Trabalho Dirigido; 4.2.1 Conclusão/Apresentação dos Trabalhos; 4.3 Aula de Conclusão dos Conteúdos; 4.3.1 Descrição dos Conteúdos; 4.5.1 Aula de Conclusão dos Conteúdos; 4.6 Revisão de Conteúdos Para Prova; 4.7 Conteúdos Cumulativos; 4.7.1 Correção;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE F – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1985): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 12 - Disciplina de Filosofia (1985), Professora Maria

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3 Ano -1985 Professora Maria	Turma, base à Produção do Resumo: 2-I
Início: 06/03/1985	Turno: Tarde
I BIMESTRE-	MARÇO-ABRIL- MAIO
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1. Apresentação da Turma; 1.1 Palestras Sobre a Filosofia; 1.2 Leitura de Critérios de Avaliação de Livros, Testes, Provas e Faltas; 1.3 Atividade de interpretação; 1.4 Impossibilidades de Definir a Filosofia- o Porquê da Filosofia-Origem histórica 1.5 Iniciação ao Filosofar; 1.6 Interpretação Filosófica de Frases Sobre Valores; 1.7 Morte-Vida-Ausência - Materialismo e Espiritualismo; 1.7.1 O Sujeito da Filosofia - O homem no Mundo- A Adaptação - Elementos que Deram Origem a Filosofia; 1.8 O Mito: Conceito – Importância – Características – A Contradição; 1.9 O Fortalecimento da Mente – A Curiosidade e a Necessidade. Os Degraus Para Filosofar e a Ciência. 1.10A Linguagem – Comunicação: Importância, Tipos, A Palavra. 1.11 Liberdade: Liberdade Absoluta e Responsabilidade 1.12Direitos e Deveres da Consciência 1.13O Aumento da População no Vale dos Rios sagrados. 1.14 Os Gregos – Herança Cultural – O Gênio Grego. 1.15 Os Primeiros Pensadores – Suas Dificuldades; 1.16 Greve Geral do Magistério;	1 Mensagem de boas-vindas. 1.1 Atividade Temática; 1.2 Leitura e Critérios Sobre Avaliação; 1.3 Sondagem Aspectos Subjetivos; 1.4 Descrição dos Conteúdo; 1.5 Descrição dos Conteúdos; 1.6 Interpretação de Frase; 1.7 Descrição dos Conteúdos; 1.7.1 Aula Expositiva; 1.8 Descrição dos Conteúdos; 1.9 Descrição dos Conteúdos; 1.10 Descrição dos Conteúdos; 1.11 Trabalho em Grupo; 1.12 Descrição dos Conteúdos; 1.13 Descrição dos Conteúdos; 1.14 Descrição dos Conteúdos; 1.15 Descrição dos Conteúdos; 1.16 Observação da Metade de Maio Até Início de Julho;

Quadro 12 - Disciplina de Filosofia (1985), Professora Maria

(continuação)

II BIMESTRE	JULHO/AGOSTO
<p>2 Democracia. O homem – Ser Político – A politização.</p> <p>2.1 A Questão da Linguagem Primitiva (“Como Necessidade”), O Sofisma;</p> <p>2.2 A importância da Linguagem no Mundo Grego Para a Filosofia⁸³;</p> <p>2.3 Conclusão a Linguagem no Mundo Moderno.</p> <p>2.4 Tales de Mileto, Pitágoras – Ideias; Vida, Obras;</p> <p>2.5 Demócrito – o Átomo;</p> <p>2.6 Filosofia de Parmênides e Heráclito;</p> <p>2.7 Conclusão dos Pré-Socráticos;</p> <p>2.8 Os Sofistas;</p> <p>2.9 Sócrates;</p> <p>2.10 Sócrates: Dados Biográficos e Sua Filosofia;</p> <p>2.11 A Ironia e a Maiêutica – Mérito e as Consequências de Seus Ensinos;</p> <p>2.12 Platão: Dados Biográficos, as Obras (os Diálogos);</p> <p>2.13 O Mundo das Ideias; O Conhecimento; O Homem o Corpo;</p> <p>2.14 O Mito da Caverna (a Generalização ou Conceito) – Trabalho de Interpretação e Reflexão;</p>	<p>2. Reflexão de Temática;</p> <p>2.1 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.2 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.3 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.4 Exercícios de fixação;</p> <p>2.5 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.6 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.7 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.8 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.9 Aula Expositiva: Introdução;</p> <p>2.10 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.11 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.12 Atividade de leitura dos diálogos de Platão;</p> <p>2.13 Atividade de Leitura;</p> <p>2.14 Conceituação Sobre Conhecimento, Mundo das Ideias, Homem e Corpo;</p>
III BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO
<p>3 Aristóteles – Dados Biográficos;</p> <p>3.1 Aristóteles - Mestre de Alexandre;</p> <p>3.2 Aristóteles – a Personalidade;</p> <p>3.3 O Método Indutivo e Dedutivo;</p> <p>3.4 A Síntese e a Análise;</p> <p>3.5 A Filosofia Aristotélica;</p> <p>3.6 A Lógica (O Silogismo);</p> <p>3.7 Aristóteles – Causas do Erro – a Dúvida Racional;</p> <p>3.8 Aristóteles sua Importância em Nossas Ideias;</p> <p>3.9 A Lógica nas Ciências Modernas – Aplicação;</p> <p>3.10 A Lógica na Informática;</p> <p>3.11 A Lógica e o Equacionamento das Ideias.</p> <p>3.12 Epicurismo;</p> <p>3.13 Estoicismo.</p> <p>3.14 Cinismo;</p> <p>3.15 Atividade em grupo;</p> <p>3.16 Avaliação;</p>	<p>3. Introdução, Aula Expositiva;</p> <p>3.1 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.2 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.3 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.4 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.5 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.6 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.7 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.8 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.9 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.10 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.11 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.12 Trabalho em Grupo;</p> <p>3.13 Trabalho em Grupo;</p> <p>3.14 Trabalho em Grupo;</p> <p>3.15 Conclusão dos Crítica dos Trabalhos</p> <p>3.16 Prova Com Consulta;</p>

⁸³ Aulas regidas por estagiários.

Quadro 12 - Disciplina de Filosofia (1985), Professora Maria

(conclusão)

IV BIMESTRE	NOVEMBRO/DEZEMBRO
4 Reflexão sobre o Mito - A Verdade; 4.1 Propagandas Ideológicas; 4.2 Continuação propagandas ideológicas; 4.3 Exercícios; 4.4 O existencialismo; 4.5 Assembleia; 4.6 Debate Sobre o Tema: Assembleia. 4.7 Texto: "Regras Para Facilitar a comunicação"; 4.8 Avaliação: Interpretar; 4.9 Interpretação do Texto; 4.10 Oração da Pessoa; 4.11 O que é a Filosofia Hoje; 4.12 Aula Final;	4. Descrição dos conteúdos ministrados. 4.1 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.2 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.3 Exercícios de fixação dos conteúdos; 4.4 Descrição dos conteúdos ministrados; 4.5 Descrição dos conteúdos ministrados; 4.6 Descrição dos conteúdos ministrados; 4.7 Leitura e interpretação de texto; 4.8 Descrição dos conteúdos ministrados; 4.9 Interpretação de texto; 4.10 Descrição dos Conteúdos; 4.11 Descrição dos Conteúdos; 4.12 Encerramento do Ano Letivo;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 13 - Disciplina de Filosofia (1985), Professor Manuel

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3º Ano 1985 Professor Manuel	Turma, base à Produção do Resumo: 3-G
INÍCIO: 06/03/1985	Turno: Tarde
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL/MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1. Recepção dos Alunos; 1.1 Mensagem de Boas Vindas; 1.2 Interpretação de Texto Sobre a Disciplina; 1.3 Apresentação dos Conteúdos; 1.4 Democracia; 1.5 Continuação do Tema; 1.6 Texto: O Que é Um Amigo; 1.7 Mitologia; 1.8 Visão Geral Sobre Filosofia-Conceito; 1.9 Filosofia e Ciência; 1.10 Objetivo Formal e Material; 1.11 Recapitulação dos Conteúdos; 1.12 Atividade Aprendizagem; 1.13 Mensagem- Leitura de Reportagens; 1.14 Avaliação; 1.15 Formação da filosofia na Grécia; 1.16 Medicina e Arquitetura na Grécia; 1.17 Avaliação dos Trabalhos; 1.18 Fim de Maio a fim de junho Greve;	1. Recepção dos Alunos; 1.1 Apresentação da Disciplina; 1.2 Interpretação de Texto; 1.3 Aula Expositiva; 1.4 Leitura de Texto e Trabalho em Grupo; 1.5 Apresentação dos Trabalhos; 1.6 Leitura e Debate sobre; 1.7 Trabalho em Grupo; 1.8 Aula Expositiva; 1.9 Descrição dos Conteúdos; 1.10 Descrição dos Conteúdos; 1.11 Aula Expositiva; 1.12 Exercícios ; 1.13 Mensagem; 1.14 Prova; 1.15 Descrição dos conteúdos; 1.16 Atividade Com Texto; 1.17 Avaliação dos trabalhos;

Quadro 13 - Disciplina de Filosofia (1985), Professor Manuel

(conclusão)

II BIMESTRE	JULHO/AGOSTO
<p>2. Recapitulação: Formação da filosofia na Grécia. Os pré-socráticos e seus representantes;</p> <p>2.1 Mensagem – O papel do Amigo. Escola Jônica;</p> <p>2.2 Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Parmênides, Pitágoras e Empédocles;</p> <p>2.3 Mensagem – Tudo é o Amor;</p> <p>2.4 Os Sofistas e os Três Grandes Filósofos;</p> <p>2.5 Sócrates</p> <p>2.6 Platão e Aristóteles</p> <p>2.7 Análise dos Temas Estudados;</p> <p>2.8 A filosofia de Santo Agostinho;</p> <p>2.9 Texto Reflexivo;</p> <p>2.10 Atividade de Aprendizagem;</p> <p>2.11 Textos Para reflexão;</p> <p>2.12 Estudo em grupo;</p>	<p>2 Aula Expositiva;</p> <p>2.1 Estudos Filosóficos sobre a Escola Jônica;</p> <p>2.2 Descrição dos conteúdos;</p> <p>2.3 Ficha de avaliação sobre os conteúdos;</p> <p>2.4 Descrição dos conteúdos;</p> <p>2.5 Descrição dos conteúdos;</p> <p>2.6 Descrição dos conteúdos;</p> <p>2.7 Prática de Revisão dos Conteúdos;</p> <p>2.8 Descrição dos conteúdos;</p> <p>2.9 Atividade de leitura;</p> <p>2.10 Fixação dos Conteúdos;</p> <p>2.11 Atividade de Leitura;</p> <p>1.3 Conclusão dos trabalhos;</p>
III BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO
<p>3 Exercícios;</p> <p>3.1 As Profissões;</p> <p>3.2 A Mente Humana – O conhecimento;</p> <p>3.3 Atividade de Aprendizagem;</p> <p>3.4 Verificação dos interesses dos alunos;</p> <p>3.5 Atividade de Aprendizagem;</p> <p>3.6 O Conhecimento;</p> <p>3.7 Continuação do Assunto;</p> <p>3.8 Finalização da Atividade;</p> <p>3.9 Sócrates, Platão e Aristóteles;</p> <p>3.10 Atividade Avaliativa;</p> <p>3.11 Atividade Avaliativa;</p> <p>3.12 Avaliação do Bimestre;</p>	<p>3. Exercícios;</p> <p>3.1 Elaboração de Painel Temático;</p> <p>3.2 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.3 Exercícios;</p> <p>3.4 Atividade de Sondagem;</p> <p>3.5 Exercícios</p> <p>3.6 Elaboração de Trabalhos em Grupo;</p> <p>3.7 Estudos em Grupo e Debate;</p> <p>3.8 Debate e Apresentação;</p> <p>3.9 Exercícios Para a Prova;</p> <p>3.10 Prova;</p> <p>3.11 Prova;</p> <p>3.12 Escolha junto aos alunos, dos conteúdos do próximo bimestre</p>
IV BIMESTRE	NOVEMBRO/DEZEMBRO
<p>4 Liberdade</p> <p>4.1 Continuação</p> <p>4.2 Atividade de Aprendizagem;</p> <p>4.3 Atividade Avaliativa;</p> <p>4.4 Continuação dos Trabalhos</p> <p>4.5 Importância da reflexão na nossa vida;</p> <p>4.6 Apresentação dos trabalhos</p> <p>4.7 A fome no mundo</p> <p>4.8 A violência</p> <p>4.9 O jovem diante do sexo</p> <p>4.10 Trabalho valendo nota do bimestre</p> <p>4.11 Apresentação de trabalhos: Reforma Agrária</p> <p>4.12 A constituinte</p> <p>4.13 Avaliação final do Bimestre</p>	<p>4. Trabalho Temático;</p> <p>4.1 Continuação</p> <p>4.2 Exercícios</p> <p>4.3 Trabalhos com os assuntos escolhidos no final do bimestre anterior;</p> <p>4.4 Continuação dos trabalhos (2h aulas)</p> <p>4.5 Resolvermos nossos problemas existências</p> <p>4.6 Apresentação dos trabalhos</p> <p>4.7 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.8 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.9 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.10 Trabalho avaliativo</p> <p>4.11 Apresentação de trabalhos – Reforma Agrária</p> <p>4.12 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.13 Avaliação final do bimestre</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 14 - Disciplina de Filosofia (1985), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2 anos-1985 Professora: Eulália	Turmas, base à Produção do Resumo: 2- 2-A, 2-B, 2-C, 2-D, 2-E, 2-F, 2-G
Início: 03/03/1980	Manhã
I BIMESTRE	MARÇO /ABRIL
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1. Recepção do aluno;</p> <p>1.1 Apresentação da Disciplina;</p> <p>1.2 Introdução a Filosofia e Sua Importância;</p> <p>1.1.3 Surgimento do Pensamento Filosófico;</p> <p>1.1.4 Mitos – Sua Influência na Formação do Pensamento</p> <p>1.1.5 Filosofia e Ciência;</p> <p>1.1.6 Conceito de Filosofia;</p> <p>1.1.7 Atividade de Aprendizagem;</p> <p>1.1.8 Atividade de Revisão</p> <p>1.2 Formação da Filosofia na Grécia;</p> <p>1.2.1-Primeiras Reflexões: Tales de Mileto; Anaxímenes e Anaximandro;</p> <p>1.2.2 Os Pré-Socráticos: Heráclito;</p> <p>1.2.3 Atividade de Aprendizagem;</p> <p>1.3 Atividade de Aprendizagem,</p> <p>1.3.1- Avaliação Bimestral;</p> <p>1.3.4 Os sofistas: Protágoras e Sócrates;</p>	<p>1.1 Leitura dos Direitos e Deveres; Mensagem de Boas Vindas;</p> <p>1.2- Aula com Sondagem de Interesses;</p> <p>1.1.3 Descrição de Conteúdos;</p> <p>1.1.4 Descrição de Conteúdos;</p> <p>1.1.5 Descrição de Conteúdos;</p> <p>1.1.6 Descrição de Conteúdos;</p> <p>1.1.8 Estudo Dirigido: Filosofia e Ciência;</p> <p>1.1.8 Aula Dialogada Com os Alunos;</p> <p>1.2 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>1.2.1 Trabalho em grupo: reflexão da Unidade I e conclusão (2h aulas);</p> <p>1.2.2- Descrição dos conteúdos;</p> <p>1.2.3 Preparação para a Prova;</p> <p>1.3 Prova Cumulativa;</p> <p>1.3.1 Conclusão dos trabalhos em grupo;</p> <p>1.3.4 Introdução dos conteúdos;</p>
II BIMESTRE	JULHO/AGOSTO
<p>2.1 Revisão de Conteúdos do I Bimestre;</p> <p>2.1.1 Pitágoras e Demócrito;</p> <p>2.1.2 A Sofística;</p> <p>2.1.3-Sócrates: Método Socrático;</p> <p>2.3-Aula de Orientação;</p> <p>2.4-Atividade com o Estagiário da UFSM</p> <p>2.4.1-Platão: A Política- O Mundo das Ideias;</p> <p>2.4.2 Continuação do Tema;</p> <p>2.5 Atividade de avaliação;</p> <p>2.6 A Mente Humana: Razão, Inteligência e seus Mecanismos;</p> <p>2.7- Avaliação Bimestral;</p> <p>2.8- Entrega dos Trabalhos e Provas;</p>	<p>2.1 Revisão dos Conteúdos;</p> <p>2.1.1Conclusão dos Pré-Socráticos;</p> <p>2.1.2 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.1.3 Estudo da Maiêutica e Ironia;</p> <p>2.3 Trabalhos Sobre a Filosofia Socrática;</p> <p>2.4 Início do Trabalho Em Grupo;</p> <p>2.4.1 Trabalho Sobre: “O Simulacro da Democracia”;</p> <p>2.4.2 Finalização das Atividades, Com Apresentação de Trabalho, Em 2h Aula;</p> <p>2.5- Teste;</p> <p>2.6- Descrição dos Conteúdos;</p> <p>2.7- Prova Cumulativa;</p> <p>2.8- Recuperação dos Conteúdos Não Apreendidos;</p>
III BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO
<p>3.1 Mecanismo da Inteligência;</p> <p>3.2 A Filosofia Helenística;</p> <p>3.3 Filósofos da Grécia Decadente;</p> <p>3.4 Continuação das Atividades;</p> <p>3.5 Capacidade e Limites do Conhecimento: Ceticismo e Dogmatismo;</p> <p>3.6 Limites do Conhecimento: Idealismo- Materialismo-Realismo Crítico;</p> <p>3.7 Trabalho Avaliativo;</p> <p>3.8 Conhecimento e Empírico, Científico;</p> <p>3.9 Revisão dos Conteúdos;</p> <p>3.10 Aula Com Texto Não Filosófico;</p> <p>3.11 Avaliação Bimestral;</p> <p>3.12 Atividade em Grupo;</p>	<p>3.1 Exercício Sobre Razão e Inteligência;</p> <p>3.2 Aspectos Introdutórios;</p> <p>3.3 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.4 Conclusão dos Conteúdos;</p> <p>3.5 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.6 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.7 Compreensão Textual;</p> <p>3.8 Descrição dos Conteúdos;</p> <p>3.9 Conclusão: Exercícios de Revisão;</p> <p>3.10 Distribuição do Texto Em Sala de aula: “Entre a Flor e o Parafuso”;</p> <p>3.11 Prova Cumulativa;</p> <p>3.12Trabalho em Grupo Com o Texto; “Entre a Flor e o Parafuso”.</p>

Quadro 14 - Disciplina de Filosofia (1985), Professora Eulália

(conclusão)

IV BIMESTRE	NOVEMBRO/DEZEMBRO
4.1 Exercícios; 4.2 Continuação da Atividade Com Texto; 4.3 Aula Integrada Com o SOE; 4.4 Trabalho Em Grupo; 4.5- Filosofia Atual: O Existencialismo; 4.6 Liberdade; 4.7 Continuação das Atividades 4.8 Atividade Para Avaliação Bimestral; 4.9 Avaliação Bimestral;	4.1 Correção das Provas; 4.2 Conclusão do Trabalho em Grupo; 4.3 Orientação Educacional; 4.4 Apresentação dos Trabalhos e Conclusão; 4.5.-Descrição dos Conteúdos; 4.4.6 Trabalho Com o texto "A liberdade ao Nível do Existencial"; 4.7 Conclusão e Debate 4.8 Revisão e Orientação Para a Prova Cumulativa (03 aulas); 4.10 Prova Cumulativa;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE G – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1986): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 15 - Disciplina de Filosofia (1986), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2º Anos – 1986 Professora: Eulália	Turma Base À Produção do Resumo: 2-C, 2-A, 2-B
Início: 24/03/1986	Turno: Manhã
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1.1 Primeiro Contato com os Alunos; 1.2 Atividade Inicial; 1.2 Introdução a Filosofia; 1.3 O que é Filosofia; 1.4 Aula Com Texto Não Filosófico “Como Você é Importante”; 1.5 Continuação das Atividades; 1.6 O Conhecimento; 1.7 Continuação do Assunto; 1.8 Avaliação; 1.9 Mecanismos da Inteligência: A Mente Humana; 1.10 Razão e Inteligência: A importância dos Órgãos Sensoriais; 1.11 Conhecimento Humano: Formas e Tipos de Conhecimentos, 1.12 Avaliação Bimestral; 1.13- a Filosofia na Grécia Decadente	1.1 Comentários Sobre os Conteúdos; 1.2 Sondagem de Interesses; 1.2 Conceitos, Justificativa e Objetivos; 1.3 Texto Para Pensar Sobre a Conceituação da Filosofia; 1.4 Reflexão textual, 1.5 Exposição das Conclusões Através de Diálogos; 1.6 Atividade de Problematização: Como Desenvolver o Conhecimento filosófico? 1.7 Conclusão; 1.8 Teste; 1.9 Descrição dos Conteúdos; 1.10 Descrição dos Conteúdos; 1.11 Exposição dos Conteúdos e Conclusão; 1.12 Prova Cumulativa; 1.13 Trabalho Em Grupo;
II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
2 Continuação da Atividade; 2.1 Continuação da Atividade; 2.3 Entrega das Provas do I Bimestre; 2.4 Liderança; 2.5 Pensamento Mítico: Mitos e Ritos 2.6 Reflexões Sobre a Comunidade Escolar; 2.7 Pré-Socráticos e Pensamento Mítico; 2.8 “Liberdade Em Nível do Existencial”; 2.9 Os Sofistas; 2.10 Os Três Grandes Filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles; 2.11 Avaliação Bimestral;	2 Trabalho Em Grupo 2.1 Apresentação Em 2h Aula; 2.3 Correção; 2.4 Leitura e Análise e Crítica; 2.5 Descrição dos Conteúdos; 2.6 Diálogos Acerca do Cotidiano e dos Relacionamentos na Escola; 2.7 Atividade Com Questionário; 2.8 Análise Textual e Produção Escrita; 2.9 Descrição dos Conteúdos; 2.10 Descrição dos conteúdos; 2.11 Prova Cumulativa;

Quadro 15 - Disciplina de Filosofia (1986), Professora Eulália

(conclusão)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
3.1- Axiologia; 3.2 Teoria dos Valores: Aspectos Históricos; 3.3 Projeto do Planejamento Familiar Integrado a Disciplina de Filosofia; 3.4 Continuação da Teoria dos Valores; 3.5 Palestra: Planejamento Familiar; 3.6 Definição e Classificação dos Valores; 3.7 Projeto de Planejamento Familiar; 3.8 Projeto de Planejamento Familiar; 3.9 Projeto de Planejamento Familiar; 3.10 Projeto de Planejamento; Familiar; 3.11 Projeto de Planejamento Familiar; 3.12 Avaliação Bimestral; 3.13 Projeto de Planejamento Familiar; 3.14 Trabalho Com Música;	3.1 Descrição dos Estudos Introdutórios; 3.2 Estudos, Com o Uso de texto; 3.3 Atividade de Orientação Para a Palestra; 3.4 Descrição dos Conteúdos; 3.5 Atividade do Projeto da Escola; 3.6 Descrição dos Conteúdos 3.7 Atividade com Texto; 3.8 Entrega dos Trabalhos e Debate; 3.9 Leitura de Textos, Para reflexão; 3.10 Leitura de textos Informativos da Organização Mundial da Saúde e Debate; 3.11 Atividade de Conclusão e Relatório Sobre os Debates; 3.12 Prova Cumulativa; 3.13 Palestra; 3.14 Análise da Música: "Canto, Pampa e Querência"- Civismo Local;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO
4.1 Entrega das Provas 4.2 Filosofia Contemporânea; 4.3 Existencialismo; Idealismo; Marxismo, Positivismo; Idealismo e Personalismo; 4.4 Pesquisa Sobre a Filosofia Atual; 4.5 Atividade Para Avaliação; 4.6 Avaliação Bimestral; 4.7 Encerramento do Ano Letivo; 4.8 Conselho de Classe;	4.1 Comentários e Correção, Leitura e Planejamento dos Conteúdos Bimestrais; 4.2 Introdução às Doutrinas Atuais; 4.3 Trabalho Em Grupo Sobre as Correntes Filosóficas Atuais (5h aulas); 4.4 Conclusão, Orientação e Apresentação dos Trabalhos (10h aulas); 4.5 Seleção, Revisão e Esclarecimentos dos Conteúdos (2h aula); 4.6 Prova Cumulativa; 4.7 Mensagem e Entrega de Notas. 4.8 Análise Final da Situação dos Alunos;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 16 - Disciplina de Filosofia (1986), Professor Manuel

(continua)

DISCIPLINA DE FILOSOFIA- 3º ANO 1986	TURMAS: 3 B
PROFESSOR: Manuel	
INÍCIO: 24/03/1986	TURNO - NOITE
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL/MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1. Abertura do Ano Letivo; 1.1 A Filosofia e a Educação Frente a Situação Política do Brasil Em 1960-1985; 1.2 Atividade Temática; 1.3 A Filosofia no Brasil nos Anos 1960-1985; 1.4 Continuação da Aula Anterior; 1.5 A importância da Filosofia Hoje, 1.6 Avaliação; 1.7 A Reflexão Filosófica Como Objetivo Da filosofia; 1.8 Comentários Sobre a Avaliação; 1.9 Como Desenvolver o Pensamento Filosófico; 1.10 Continuação 1.11 Estudos em grupo: tecnologia e o homem 1.12 Estudos Em grupo: Tecnologia e o Homem; 1.13 Prova; 1.14 A Tecnologia e o Homem; 1.15 Trabalhos em Grupo;	1. Recepção e Apresentação 1.1 Descrição dos Conteúdos; 1.2 Debate sobre a Filosofia; 1.3 Descrição dos Conteúdos; 1.4 Descrição dos Conteúdos; 1.5 Descrição dos Conteúdos; 1.6 Avaliação Temática; 1.7 Descrição dos Conteúdos; 1.8 Comentários Sobre a Avaliação; 1.9 Descrição dos Conteúdos; 1.10 Descrição dos Conteúdos; 1.11 Estudos em Grupo Sobre :a Tecnologia e o Homem; 1.12 Estudos em Grupo Sobre: A Tecnologia e o Homem; 1.13 Análise do texto “Entre a Flor e o Parafuso” 1.14 Reflexão e estudo em grupo; 1.15 Exposição dos Trabalhos e Debate Sobre: A Tecnologia e o Homem;
II BIMESTRE	JUNHO/JULHO
5 Revisão dos conteúdos do I bimestre 5.1 Exposição dos trabalhos-debates 5.2 Exposição dos trabalhos-debates 5.3 Os esquemas mentais 5.4 Exposição dos trabalhos-debates 5.5 Preconceitos sociais 5.6 O erro humano 5.7 Avaliação 1ª parte 5.8 Avaliação 2ª parte 5.9 Os objetivos dos jovens hoje 5.10 Comentários sobre o teste 5.11 Prova cumulativa 5.12 Prova cumulativa 5.13 Comentários sobre as provas 5.14 Avaliação do 2º bimestre 5.15 Encerramento do bimestre	2. Revisão dos Conteúdos 2.1 Exposição dos trabalhos – debates 2.2 Exposição dos trabalhos – debates 2.3 Descrição dos conteúdos ministrados 2.4 Exposição dos trabalhos – debates 2.5 Descrição dos Conteúdos ministrados 2.6 Descrição dos conteúdos ministrados 2.7 Avaliação 2.8 Avaliação 2.9 Descrição dos conteúdos ministrados 2.10 Comentários sobre o teste 2.11 Prova cumulativa 2.12 Prova cumulativa 2.13 Comentários sobre as provas 2.14 Avaliação do 2º bimestre 2.15 Encerramento do bimestre

Quadro 16 - Disciplina de Filosofia (1986), Professor Manuel

(conclusão)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
6 A filosofia oriental e filosofia hindu – budismo e ioga 6.1 A filosofia na china – confucionismo e taoísmo 6.2 O homem e o mundo – trabalho em grupo 6.3 O homem e o mundo – trabalho em grupo 6.4 Exposição de trabalhos 6.5 Exposição de trabalhos 6.6 A psiquê humana – divisão 6.7 Consciência: consciente – subconsciente – inconsciente 6.8 Qualidades da Psiquê humana 6.9 Trabalho em grupo : o mundo das referências 6.10 Exposição de trabalhos e debates 6.11 Prova cumulativa 6.12 Prova cumulativa 6.13 Trabalho em grupo – a liberdade 6.14 Continuação 6.15 Apresentação de trabalhos e debates	3. Descrição dos conteúdos ministrados 3.1 Descrição dos conteúdos ministrados 3.2 Descrição dos conteúdos ministrados 3.3 Descrição dos conteúdos ministrados 3.4 Exposição de trabalhos 3.5 Exposição de trabalhos 3.6 Descrição dos conteúdos ministrados 3.7 Descrição dos conteúdos ministrados 3.8 Descrição dos conteúdos ministrados 3.9 Trabalho em Grupo – mundo das referências 3.10 Exposição de trabalhos 3.11 Prova cumulativa 3.12 Prova cumulativa 3.13 Trabalho em grupo sobre a liberdade 3.14 Continuação 3.15 Apresentação de trabalhos e debates
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
7 A Violência e o ser humano 7.1 Debates sobre a violência – as torturas no brasil 7.2 A filosofia na Grécia – a realidade grega – mitos gregos 7.3 A mitologia grega – a ausência da filosofia 7.4 Passagem do Mito ao racional 7.5 Revisão dos Conteúdos 7.6 Teste sobre os Conteúdos 7.7 Trabalho em Grupo sobre a Filosofia na Grécia 7.7.1 Continuação 7.8 Exposição dos trabalhos 7.9 Exposição dos trabalhos 7.10 Os principais filósofos gregos 7.11 As principais correntes filosóficas e seus representantes 7.12 Revisão geral dos conteúdos 7.13 Prova cumulativa 7.14 Prova cumulativa 7.15 Revisão da prova e comentários 7.16 Diários de classe	4. Descrição dos conteúdos ministrados 4.1 Descrição dos conteúdos ministrados 4.2 Descrição dos conteúdos ministrados 4.3 Descrição dos conteúdos ministrados 4.4 Descrição dos conteúdos ministrados 4.5 Revisão dos conteúdos 4.6 Teste sobre os conteúdos 4.7 Trabalho em Grupo sobre a Filosofia na Grécia 4.8 Exposição de trabalhos 4.9 Exposição de trabalhos 4.10 Descrição dos conteúdos ministrados 4.11 Descrição dos conteúdos ministrados 4.12 Revisão dos conteúdos 4.13 Prova Cumulativa 4.14 Prova Cumulativa 4.15 Revisão da Prova e comentários 4.16 Diários de Classe

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 17 - Disciplina de Filosofia (1986), Professora Bibiana

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3º ano Professora Bibiana	TURMA de Referência ao Resumo: 2-F
INÍCIO: 14/03/1986	MANHÃ -1986
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL/MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1. Apresentação dos Alunos; Apresentação dos conteúdos; explicação sobre as provas; e que a presença e participação em aula contam;</p> <p>1.1 Interpretação e debate sobre o texto: “como você é importante”</p> <p>1.2 Continuação da aula anterior</p> <p>1.3 Como desenvolver o pensamento filosófico</p> <p>1.4 Continuação e conclusão da aula anterior</p> <p>1.5 Corrida de Carro. Objetivo: Eficiência de trabalho de grupos. Analisar a participação dos elementos do grupo. Desenvolver agilidade mental, cooperação individual no sucesso do grupo. Teste de atenção.</p> <p>1.6 Funções positivas dos membros dos grupos</p> <p>1.7 Conhecimento humano – explicação sobre os trabalhos</p> <p>1.8 Prova bimestral</p> <p>1.9 Prova bimestral – continuação</p> <p>1.10 Trabalho em grupo – conhecimento humano</p> <p>1.11 Continuação dos trabalhos</p> <p>1.12 Apresentação dos trabalhos</p> <p>1.13 Entrega das provas, comentários sobre as questões. Recuperação.</p>	<p>1. Apresentação dos Alunos; Apresentação dos conteúdos; explicação sobre as provas; e que a presença e participação em aula contam;</p> <p>1.1 Interpretação do Texto “Como você é importante”</p> <p>1.2 Continuação da Interpretação do texto</p> <p>1.3 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>1.4 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>1.5 Trabalho Individual sobre Corrida de Carros, analisando a participação dos alunos em grupo, em vista de desenvolver a agilidade mental e a cooperação em grupo.</p> <p>1.6 Apontamento sobre as funções positivas de cada membro dos grupos.</p> <p>1.7 Trabalho sobre Conhecimento Humano e descrição dos conteúdos</p> <p>1.8 Prova Bimestral</p> <p>1.9 Prova bimestral- continuação</p> <p>1.10 Trabalho em grupo sobre Conhecimento Humano</p> <p>1.11 Trabalho em grupo sobre Conhecimento Humano</p> <p>1.12 Apresentação dos trabalhos</p> <p>1.13 Entrega das provas, comentários sobre as questões. Recuperação</p>
II BIMESTRE	JUNHO/JULHO
<p>2. Avaliação qualitativa do bimestre. Ponto positivos e negativos. Possíveis soluções.</p> <p>2.1 Liderança – tipos. Mandamentos dos membros do grupo</p> <p>2.2 O futebol: análise crítica do esporte. Trabalho individual</p> <p>2.3 Trabalho em grupo: sobre os tipos de conhecimento</p> <p>2.4 Gênese e a evolução da filosofia. A filosofia de cada um.</p> <p>2.5 Trabalho em grupo sobre a aula anterior.</p> <p>2.6 Continuação</p> <p>2.7 O pensamento mítico e o surgimento da filosofia</p> <p>2.8 Exercícios sobre a aula anterior</p> <p>2.9 Correção dos exercícios e comentários sobre a relação com os mitos que existem na realidade.</p> <p>2.10 Pré-socráticos: Tales de Mileto, Anaximenes, Anaximandro, Pitágoras, Demócrito e Heráclito.</p> <p>2.11 Trabalho em grupo sobre os filósofos Pré-Socráticos.</p> <p>2.12 Prova bimestral</p> <p>2.13 Continuação da Prova bimestral</p> <p>2.14 Avaliação do Bimestre – aspectos positivos e negativos</p>	<p>2 Avaliação qualitativa do bimestre. Ponto positivos e negativos. Possíveis soluções</p> <p>2.1 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>2.2 Trabalho individual sobre Futebol</p> <p>2.3 Trabalho em grupo: sobre os tipos de conhecimento</p> <p>2.4 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>2.5 Trabalho em Grupo sobre Gênese e Evolução da Filosofia.</p> <p>2.6 Trabalho em Grupo sobre Gênese e Evolução da Filosofia.</p> <p>2.7 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.8 Exercícios</p> <p>2.9 Correção dos exercícios e comentários.</p> <p>2.10 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>2.11 Trabalho em Grupo sobre os Filósofos Pré-Socráticos.</p> <p>2.12 Prova bimestral</p> <p>2.13 Prova bimestral</p> <p>2.14 Avaliação do bimestre</p>

Quadro 17 - Disciplina de Filosofia (1986), Professora Bibiana

(continuação)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
<p>3 Reflexão Sobre o texto: “a vida é somar”. Preparação dos alunos para receber as estagiárias.</p> <p>3.1 Trabalho de crítica de um texto escolhido por cada dupla de trabalho. Os textos foram retirados do jornal Mundo Jovem. Em data oportuna serão colocados aos colegas de aula.</p> <p>3.2 Histórico. Definição de Valor. Reflexão sobre o texto: “Quando o Homem para e pensa”</p> <p>3.3A medida dos valores – O que é uma necessidade? Necessidade e Valores.</p> <p>3.4Trabalho Individual de análise de um texto que trata da questão da sexualidade. Posteriormente debate.</p> <p>3.5Debate com a turma a respeito da sexualidade</p> <p>3.6Trabalho com grupos de três com entrevistas de jornais e revistas diversas. Os alunos deverão ler e debater entre o grupo para depois colocar a ideia central ao grande grupo.</p> <p>3.7Trabalho com o texto: “os diversos caminhos que levam ao crime”. Trabalho Individual e debate</p> <p>3.8Trabalho com o Texto: O Candidato Constituinte. Questionamento e debate em grande grupo.</p> <p>3.9 Critério dos valores. Propriedade dos Valores.</p> <p>3.10 Teste</p> <p>3.11 Reflexão sobre os trabalhos a serem realizados no próximo bimestre e sugestão dos alunos.</p> <p>3.12 Prova bimestral</p> <p>3.13 Prova bimestral</p>	<p>3 Reflexão Sobre o texto: “a vida é somar”. Preparação dos alunos para receber as estagiárias.</p> <p>3.1 Trabalho de crítica de um texto escolhido por cada dupla de trabalho. Os textos foram retirados do jornal Mundo Jovem. Em data oportuna serão colocados aos colegas de aula.</p> <p>3.2 Descrição dos conteúdos ministrados e leitura e reflexão do texto: “Quando o Homem para e pensa”.</p> <p>3.3 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.4Trabalho Individual de análise de um texto que trata da questão da sexualidade. Posteriormente debate.</p> <p>3.5 Debate sobre Sexualidade.</p> <p>3.6 Trabalho com grupos de três com entrevistas de jornais e revistas diversas. Os alunos deverão ler e debater entre o grupo para depois colocar a ideia central ao grande grupo.</p> <p>3.7 Trabalho individual com debate sobre o Texto: “os diversos caminhos que levam ao crime”.</p> <p>3.8 Questionamento e debate em grupo do Trabalho sobre o texto: “O candidato Constituinte”.</p> <p>3.9 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.10 Teste</p> <p>3.11 Reflexão sobre os trabalhos do próximo bimestre com sugestões de temas por parte dos alunos.</p> <p>3.12 Prova bimestral</p> <p>3.13 Prova bimestral</p>
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
<p>4 Avaliação qualitativa referente ao 3º bimestre</p> <p>4.1 Anaximandro e Anaxímenes.</p> <p>4.2 Tales de Mileto e Pitágoras</p> <p>4.3 Heráclito e Demócrito</p> <p>4.4 Trabalho em Grupo: Sócrates, Platão e Aristóteles</p> <p>4.5 Continuação dos trabalhos</p> <p>4.6 Continuação e conclusão dos trabalhos</p> <p>4.7 Exercícios sobre Platão e Sócrates</p> <p>4.8 Liberdade</p> <p>4.9 Mulher – objeto de cama e mesa. Apresentação do livro e debate com os alunos.</p> <p>4.10 Partidos políticos. Apresentação e debate em grupo.</p> <p>4.11 Dialética e Existencialismo – apresentação de trabalhos.</p> <p>4.12 Continuação e conclusão dos trabalhos</p> <p>4.13 Prova Cumulativa</p> <p>4.14 As belas mentiras – trabalho apresentado. Debates a respeito do livro.</p> <p>4.15 Educação e mudança. Paulo Freire. Análise e crítica do livro apresentado pelos</p>	<p>4 Avaliação qualitativa referente ao 3º bimestre.</p> <p>4.1 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.2 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.3 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.4 Trabalho em grupo: Sócrates, Platão e Aristóteles.</p> <p>4.5 Continuação.</p> <p>4.6 Continuação e Conclusão dos Trabalhos.</p> <p>4.7 Exercícios sobre Platão e Sócrates.</p> <p>4.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.9 Apresentação dos Livro Mulher – objeto de cama e mesa, com debate com os alunos.</p> <p>4.10 Apresentação e debate em grupo sobre Partidos Políticos.</p> <p>4.11 Descrição dos Conteúdos ministrados com apresentação de trabalhos.</p> <p>4.12 Continuação e conclusão dos trabalhos.</p> <p>4.13 Prova cumulativa</p> <p>4.14 As belas mentiras – trabalho apresentado. Debates a respeito do livro</p> <p>4.15 Educação e mudança. Paulo Freire. Análise e crítica do livro apresentado pelos</p>

Quadro 17 - Disciplina de Filosofia (1986), Professora Bibiana

(conclusão)

alunos, debates. 4.17 Avaliação qualitativa do bimestre e do ano letivo. Aspectos positivos e negativos.	4.16 alunos, debates. 4.16 Avaliação qualitativa do bimestre e do ano letivo. Aspectos positivos e negativos.
---	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE H – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1987): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 18 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Bibiana

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2º Ano- 1987 Professora: Bibiana	Turma Base À Produção do Resumo 2-C
Início: 11/03/1987	Turno: Manhã
I BIMESTRE	MARÇO /ABRIL/JULHO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1. Apresentação dos alunos baseada na técnica de Silvano Fritzen “Dinâmica de grupo” “Dentro e fora”.</p> <p>1.1 Continuação da aula anterior.</p> <p>1.2 Comentário e debates do texto: “Quando o Homem para e pensa”. Importância da Reflexão.</p> <p>1.3 Conclusão dos debates da aula anterior e objetivos do parar e pensar. Modificação da consciência ingênua para crítica.</p> <p>1.4 Tipos de Consciência Ingênua e Consciência Crítica.</p> <p>1.5 Conclusão: proposta de trabalho: Identifique sua consciência, justificando sua resposta.</p> <p>1.6 Debate: o que é educação, que tipo de educação deseja?</p> <p>1.7 Trabalho em grupo sobre: A Filosofia da Escola e objetivos para 1987.</p> <p>1.8 <i>Aulas do dia 10 de Abril a 15 de Julho suspensas devido a greve geral do Magistério do Estado do Rio grande do sul pelo cumprimento da lei 8026.</i></p> <p>1.9 Dia 21 de Julho Reencontro com a turma. Metas de trabalho a serem desenvolvidas.</p> <p>1.10 Trabalho realizado com o Texto: “O destino de cada passo”. Importância da caminhada. Jornada rumo a consciência dos ser.</p> <p>1.11 Continuação do trabalho de interpretação e conclusão dos textos. Sugestão de assuntos de trabalhos.</p> <p>1.12 A filosofia, sua necessidade, seu fim concreto, etimologia da palavra, sua vivência. Trabalho em grupos.</p> <p>1.13 Continuação da aula anterior</p> <p>1.14 Conclusão dos trabalhos em grupo, para posterior apresentação e debates no grande grupo.</p> <p>1.15 Avaliação bimestral</p> <p>1.16 Avaliação qualitativa do bimestre com sugestões de novos caminhos.</p> <p>1.17 Liberdade a nível existencial. Opinião popular sobre liberdade.</p>	<p>1. Apresentação dos alunos baseada na técnica de Silvano Fritzen “Dinâmica de grupo” “Dentro e fora”.</p> <p>1.1 Continuação</p> <p>1.2 Texto: “Quando o Homem para e pensa”.</p> <p>1.3 Debates sobre texto da aula anterior de descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.4 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.5 Descrição sobre conteúdo: Consciência, com proposta de trabalho.</p> <p>1.6 Debate: O que é Educação, que tipo de Educação deseja?</p> <p>1.7 Trabalho em Grupo sobre: A filosofia da escola e Objetivos para 1987.</p> <p>1.8 <i>Aulas do 10 de Abril a 15 de Julho suspensas devido a greve geral do Magistério do Estado do Rio grande do sul pelo cumprimento da lei 8026.</i></p> <p>1.9 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.10 Trabalho sobre texto: “O destino de cada passo”. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.11 Idem</p> <p>1.12 Descrição dos conteúdos ministrados e trabalho em grupo.</p> <p>1.13 Descrição dos conteúdos ministrados e trabalho em grupo.</p> <p>1.14 Conclusão dos trabalhos em grupo, para posterior apresentação e debates no grande grupo.</p> <p>1.15 Avaliação bimestral</p> <p>1.16 Avaliação qualitativa do bimestre com sugestão de novos caminhos.</p> <p>1.17 Descrição dos conteúdos ministrados.</p>

Quadro 18 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Bibiana

(continuação)

II BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
<p>2. Conclusão dos trabalhos para posterior apresentação. Liberdade no sentido existencial.</p> <p>2.1 Distribuição dos trabalhos nos grupos: liberdade. Normas sociais e o Indivíduo. Existencialismo. Noções de comunicação.</p> <p>2.2 Continuação dos trabalhos em grupo.</p> <p>2.3 Conclusão dos trabalhos nos pequenos grupos.</p> <p>2.4 Apresentação e debates: "Existencialismo".</p> <p>2.5 Continuação da aula anterior</p> <p>2.6 Liberdade a nível popular. Liberdade no sentido existencial. Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.7 Continuação da aula anterior e conclusão.</p> <p>2.8 Liberdade: apresentação e debate sobre os tipos de liberdade.</p> <p>2.9 Análise e Reflexão de um texto sobre Educação, Civismo, Imitação, Patriotismo, Nacionalismo e Moral.</p> <p>2.10 Apresentação do trabalho: Meios de Comunicação em massa.</p> <p>2.11 Prova bimestral</p> <p>2.12 Apresentação do trabalho: A Individualidade e as normas Sociais, apreciação crítica dos alunos.</p> <p>2.13 Apresentação e debate sobre o trabalho: Meios de Comunicação em Massa.</p> <p>2.14 Continuação e conclusão do trabalho.</p> <p>2.15 Autoavaliação: distribuição do próximo trabalho a ser realizado, sorteio dos grupos. Explicação do trabalho, da técnica a ser utilizada.</p>	<p>2 Conclusão dos trabalhos e descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.1 Distribuição dos trabalhos no grupos sobre liberdade, introdução ao existencialismo e descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.2 Trabalhos em grupo.</p> <p>2.3 Trabalhos em grupo.</p> <p>2.4 Apresentação dos trabalhos dos alunos sobre Existencialismo.</p> <p>2.5 Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.6 Descrição dos conteúdos ministrados e Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.7 Descrição dos conteúdos ministrados e apresentação de trabalhos.</p> <p>2.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.9 Texto sobre Educação, Civismo, Imitação, Patriotismo, nacionalismo e moral.</p> <p>2.10 Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.11 Prova bimestral</p> <p>2.12 Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.13 Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.14 Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.15 Autoavaliação do bimestre.</p>
III BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
<p>3 Entrega dos trabalhos, comentários e críticas a respeito do desempenho do bimestre.</p> <p>3.1 Trabalho em grupo G.V . G.O. 4grupos com os seguintes assuntos: mito, Pré-socráticos: Tales de Mileto, Pitágoras, Demócrito, Heráclito e Sócrates.</p> <p>3.2 Continuação dos trabalhos</p> <p>3.3 Debates nos pequenos grupos e conclusão dos trabalhos.</p> <p>3.4 Mito: apresentação e debates sobre o assunto.</p> <p>3.5 Tales de Mileto e Heráclito – apresentação do trabalho, debates e conclusão.</p> <p>3.6 Demócrito e Pitágoras – apresentação, debate e conclusão.</p> <p>3.7 Apresentação do trabalho sobre Sócrates, debate e conclusão.</p> <p>3.8 Liderança – tipos. Os dez mandamentos de participação da classe. Conduta errada dos membros da classe.</p> <p>3.9 Prova bimestral.</p>	<p>3. Entrega de trabalhos, com comentários sobre o desempenho do bimestre anterior.</p> <p>3.1 Trabalhos em grupo sobre os seguintes assuntos: mito, Pré-socráticos: Tales de Mileto, Pitágoras, Demócrito, Heráclito e Sócrates.</p> <p>3.2 Trabalho em grupo.</p> <p>3.3 Trabalho em grupo.</p> <p>3.4 Apresentação de trabalho sobre Mito.</p> <p>3.5 Apresentação de trabalho sobre Tales de Mileto e Heráclito.</p> <p>3.6 Apresentação de trabalho sobre Demócrito e Pitágoras.</p> <p>3.7 Apresentação de trabalho sobre Sócrates.</p> <p>3.8 Introdução sobre Liderança e descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.9 Prova bimestral</p>

Quadro 18 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Bibiana

(conclusão)

IV BIMESTRE	NOVEMBRO/DEZEMBRO
<p>4 "A troca de um segredo" "Técnica de dinâmica de Grupo".</p> <p>4.1 Avaliação qualitativa do 3º bimestre. Autoavaliação.</p> <p>4.2 Entrega das provas e comentários. Estudo e interpretação dos textos: "O preço da liberdade", "Importância do Homem", "Capricho das Opala", "Livres por amor".</p> <p>4.3 Continuação, conclusão dos textos e debates no grande grupo.</p> <p>4.4 Estudo sobre Platão</p> <p>4.5 Continuação da aula anterior</p> <p>4.6 As principais correntes filosóficas contemporâneas: liberalismo. Introdução as ideias liberais. Liberalismo político e liberalismo econômico.</p> <p>4.7 Continuação do trabalho.</p> <p>4.8 Introdução sobre Positivismo. Filosofia positivista. Teoria dos estados. Classificação das ciências. Política positivista. Religião positivista. Positivismo no Brasil.</p> <p>4.9 Continuação da aula anterior.</p> <p>4.10 Prova bimestral</p> <p>4.11 Conclusão do ano letivo. Entrega das notas do bimestre e média geral. Despedida dos alunos.</p>	<p>4. Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.1 Avaliação qualitativa do 3º bimestre. Autoavaliação.</p> <p>4.2 Entrega de provas. Interpretação de textos.</p> <p>4.3 Interpretação de texto e debates.</p> <p>4.4 Introdução sobre a filosofia de Platão.</p> <p>4.5 Introdução sobre a filosofia de Platão.</p> <p>4.6 Descrição dos conteúdos ministrados. Com apresentação das principais correntes filosóficas contemporâneas.</p> <p>4.7 Descrição dos conteúdos ministrados. Com apresentação das principais correntes filosóficas contemporâneas.</p> <p>4.8 Descrição dos conteúdos ministrados. Apresentação e introdução sobre filosofia Positivista.</p> <p>4.9 Descrição dos conteúdos ministrados. Apresentação e introdução sobre filosofia Positivista.</p> <p>4.10 Prova bimestral</p> <p>4.11 Conclusão do ano letivo. Entrega das notas do bimestre e média geral. Despedida dos alunos.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisa a partir dos Diários de Classe.

Quadro 19 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Maria

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2º ano- 1987 Professora Maria	Turma: Base À Produção do Resumo 2-H
Início: 13/03/1987	Turno Tarde
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL/JULHO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1. Conceito de democracia e a filosofia na escola.</p> <p>1.1 Democracia e implicações – direitos, deveres, liberdade e responsabilidade (considerações gerais e superficialmente).</p> <p>1.2 Trabalho de reflexão e crítica</p> <p>1.3 Falta</p> <p>1.4 Jovens e velhos – questionamentos. Quem elabora a filosofia da escola.</p> <p>1.5 Escolha dos assuntos para os trabalhos – o que é crítica.</p> <p>1.6 Entrega de folhas mimeograficas e leitura</p> <p>1.7 Continuação da leitura e explicação do sistema de avaliação.</p> <p>1.8 Critérios na escolha de determinados valores.</p> <p>1.9 <i>Paralisação devido ao não cumprimento da lei 8026. (11 de abril a 14 de julho).</i></p> <p>1.10 Revisão dos conteúdos – o tempo como questionamento cosmológico e metafísico.</p> <p>1.11 Conceito de filosofia – comentários do texto entregue antes da greve.</p> <p>1.12 Críticas e exercício do texto.</p> <p>1.13 Vivências filosóficas – como proceder.</p> <p>1.14 Condições para ser filósofo.</p> <p>1.15 Trabalho em grupo – o destino e cada passo.</p> <p>1.15 Prova e autoavaliação.</p> <p>1.16 Apresentação dos 3 primeiros grupos.</p> <p>1.17 Apresentação dos demais grupos e considerações gerais.</p>	<p>1 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.1 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.2 Trabalho de reflexão.</p> <p>1.3 Falta</p> <p>1.4 Questionamentos sobre jovens e velhos e descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.5 Escolha em comum com os alunos sobre os assuntos dos próximos trabalhos.</p> <p>1.6 Entrega de folhas mimeograficas e leitura.</p> <p>1.7 Leitura e sistema de avaliação.</p> <p>1.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.9 <i>Paralisação devido ao não cumprimento da lei 8026. (11 de abril a 15 de julho).</i></p> <p>1.10 Revisão de conteúdos</p> <p>1.11 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.12 Exercício sobre texto</p> <p>1.13 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.14 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.15 Trabalho em grupo.</p> <p>1.16 Prova e autoavaliação.</p> <p>1.17 Apresentação de trabalhos.</p> <p>1.18 Apresentação de trabalhos.</p>
II BIMESTRE	JULHO/AGOSTO
<p>2 O objetivo da filosofia.</p> <p>2.1 A importância do objetivo para a realização de qualquer tarefa.</p> <p>2.2 Objetivo – como viver – qual a finalidade da vida.</p> <p>2.3 A liberdade – conceitos e consequências.</p> <p>2.4 Entrega de 6 textos (tema: a liberdade), divisão da turma em grupos.</p> <p>2.5 Leitura dos textos.</p> <p>2.6 Continuação das leituras com rápidos comentários.</p> <p>2.7 Elaboração dos trabalhos sobre liberdade e apresentação.</p> <p>2.8 Direitos e deveres – contingência da liberdade.</p> <p>2.9 A morte limite – a liberdade e seus limites – responsabilidade.</p> <p>2.10 O amor – condições de liberdade.</p> <p>2.11 Trabalho de reflexão- duas frases filosóficas para serem debatidas (de Sócrates e Platão).</p> <p>2.12 Prova</p> <p>2.13 Exercícios e comentários da prova.</p>	<p>2. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.1 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.2 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.3 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.4 Entrega de textos sobre tema liberdade e divisão de grupos.</p> <p>2.5 Leitura de texto.</p> <p>2.6 Leitura de texto e comentários.</p> <p>2.7 Elaboração de trabalhos.</p> <p>2.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.9 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.10 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.11 Trabalho de reflexão.</p> <p>2.12 Prova.</p> <p>2.13 Exercícios e comentários sobre a prova.</p>

Quadro 19 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Maria

(conclusão)

III BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO
<p>3 O Mito – surgimento (como e porquê).</p> <p>3.1 Importância do mito e o espanto do homem colocado num mundo estranho.</p> <p>3.2 As 1ª reflexões e questionamentos do homem.</p> <p>3.3 Trabalho de síntese de uma folha mimeografada a respeito do mito.</p> <p>3.4 Importância dos pré-socráticos – introdução.</p> <p>3.5 Tales de Mileto e Heráclito</p> <p>3.6 Trabalho elaborado em aula sobre a Filosofia de Tales e Demócrito.</p> <p>3.7 Leitura sobre a vida e a filosofia de Pitágoras, iniciando trabalho escrito.</p> <p>3.8 Sócrates e Cristo – paralelo</p> <p>3.9 Sócrates e Cristo – conclusão sobre o paralelo e o método socrático.</p> <p>3.10 Prova</p> <p>3.11 Exercício de reflexão.</p>	<p>3. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.1 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.2 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.3 Trabalho sobre Mito.</p> <p>3.4 Introdução aos Pré-Socráticos.</p> <p>3.5 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.6 Trabalho em aula sobre Tales de Mileto e Demócrito.</p> <p>3.7 Leitura sobre vida e filosofia de Pitágoras e trabalho escrito.</p> <p>3.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.9 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.10 Prova.</p> <p>3.11 Exercício de reflexão.</p>
IV BIMESTRE	NOVEMBRO/DEZEMBRO
<p>4 Platão: vida e obras.</p> <p>4.1 Platão - a importância de Sócrates na filosofia platônica.</p> <p>4.2 Platão e sua relação com o mundo atual.</p> <p>4.3 Trabalho de reflexão em grupo sobre Platão.</p> <p>4.4 Apresentação dos trabalhos e entrega de conclusões individuais (o mito da caverna).</p> <p>4.5 Comentários sobre os trabalhos.</p> <p>4.6 Aula com a participação de estagiários – a educação e a filosofia na vida atual.</p> <p>4.7 Aula ministrada pelo estagiário – tema violência.</p> <p>4.8 Aristóteles – considerações gerais.</p> <p>4.9 Importância da lógica Aristotélica e sua influência no pensamento científico atual.</p> <p>4.10 O raciocínio coerente, a lógica da argumentação.</p> <p>4.11 Ideologias e o ideal – diferença e conceito.</p> <p>4.12 Liberalismo – debates.</p> <p>4.13 1ª aula: Marxismo – capitalismo. 2ª aula: Positivismo.</p> <p>4.14 Conclusão dos textos lidos.</p> <p>4.15 Apresentação de texto (leitura, comentários). Mensagem de despedida aos alunos.</p>	<p>4. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.1 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.2 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.3 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.4 Apresentação dos trabalhos e entrega de conclusões individuais.</p> <p>4.5 Comentários sobre os trabalhos.</p> <p>4.6 Aula ministradas por estagiários</p> <p>4.7 Aula ministrada pelos estagiários</p> <p>4.8 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.9 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.10 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.11 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.12 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.13 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>4.14 Conclusão de textos</p> <p>4.15 Apresentação de textos e mensagem de despedida.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 20 - Disciplina de Filosofia (1987), Professor Manuel

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3º Ano 1987 Professor: Manuel	Turma base à produção do resumo: 3-B
Início: 11/03/1987	Turno: Noite
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL/JULHO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1. Abertura do ano letivo. Recepção dos alunos.</p> <p>1.1 A Educação no Brasil e a situação Política.</p> <p>1.2 A importância da filosofia na Escola.</p> <p>1.3 Introdução a filosofia – objetivos.</p> <p>1.4 Trabalho em grupo sobre “A reflexão filosófica”.</p> <p>1.5 Teste de filosofia.</p> <p>1.6 Exposição dos trabalhos por grupos – debates.</p> <p>1.7 <i>Greve geral do dia 10 de abril a 14 de julho.</i></p> <p>1.8 A filosofia do sinetaço do Magistério.</p> <p>1.9 A filosofia do sinetaço do magistério com debates.</p> <p>1.10 Exposição de trabalhos.</p> <p>1.11 Prova cumulativa</p> <p>1.12 Comentários sobre a prova</p>	<p>1. Início do ano Letivo</p> <p>1.1 Descrição dos Conteúdos Ministrados.</p> <p>1.2 Descrição dos Conteúdos Ministrados.</p> <p>1.3 Descrição dos Conteúdos Ministrados.</p> <p>1.4 Trabalho em grupo</p> <p>1.5 Teste de filosofia</p> <p>1.6 Exposição de trabalhos.</p> <p>1.7 Greve geral do dia 10 de abril a 14 de julho.</p> <p>1.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.9 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>1.10 Exposição dos trabalhos.</p> <p>1.11 Prova cumulativa.</p> <p>1.12 Comentários sobre a prova.</p>
II BIMESTRE	JULHO/AGOSTO
<p>2. Trabalho sobre Marginalização Social</p> <p>2.1 Continuação.</p> <p>2.2 Artigo da Veja “A revolução de</p> <p>2.3 Artigo – A razão.</p> <p>2.4 Avaliação do Bimestre – colocações espontâneas. Críticas positivas e debates.</p> <p>2.5 Exposição do grupo (A) “a marginalização social”.</p> <p>2.6 Exposição do grupo (b) “A marginalização social”.</p> <p>2.7 Exposição do grupo (c) “ A marginalização social”.</p> <p>2.8 Colocações dos estagiários da UFSM sobre a filosofia, porque filosofia hoje.</p> <p>2.9 As preocupações sociais – trabalho dirigido em grupo.</p> <p>2.10 Continuação dos trabalhos sobre “os preconceitos sociais- O Status Social.</p> <p>2.11 Estudo Dirigido- “A Missão Educativa da UFSM”.</p> <p>2.12 Prova Cumulativa</p> <p>2.13 Avaliação do Bimestre</p> <p>2.14 Seminário “A Missão da Universidade” – orientado pelos estagiários com a supervisão da professora de filosofia.</p>	<p>2. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.1 Descrição dos Conteúdos Ministrados</p> <p>2.2 Descrição dos Conteúdos Ministrados</p> <p>2.3 Descrição dos conteúdos Ministrados</p> <p>2.4 Avaliação do Bimestre</p> <p>2.5 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>2.6 Exposição do Grupo</p> <p>2.7 Exposição do Grupo</p> <p>2.8 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>2.9 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>2.10 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>2.11 Estudo Dirigido</p> <p>2.12 Prova Cumulativa</p> <p>2.13 Avaliação do Bimestre</p> <p>2.14 Descrição dos conteúdos ministrados</p>

Quadro 20 - Disciplina de Filosofia (1987), Professor Manuel

(conclusão)

III BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO
3. Avaliação do Bimestre – aspectos positivos e negativos 3.1 Trabalho Dirigido “A liberdade” em grupo. 3.2 Trabalho Dirigido “A liberdade a nível existencial”. 3.3 Trabalho sobre A liberdade a nível existencial. 3.4 Continuação. 3.5 Trabalho sobre A liberdade a nível existencial com exposição pelos grupos-debates. 3.6 Exposição dos grupos A, B e C, debates. 3.7 Prova cumulativa. 3.8 Prova cumulativa. 3.9 Trabalho em Grupo sobre “Entre a flor e o Parafuso”. 3.10 “Entre a Flor e o Parafuso” – trabalho em grupos. 3.11 Apresentação dos trabalhos por grupo – debates. 3.12 Idem	3. Avaliação Bimestral 3.1 Trabalho Dirigido 3.2 Trabalho Dirigido 3.3 Trabalho 3.4 Idem 3.5 Trabalho sobre o Tema Liberdade 3.6 Exposição dos Trabalhos 3.7 Prova Cumulativa 3.8 Prova Cumulativa. 3.9 Trabalho em grupo. 3.10 Trabalho em grupo. 3.11 Apresentação o de trabalhos. 3.12 Apresentação de trabalhos.
IV BIMESTRE	NOVEMBRO/DEZEMBRO
4. Exposição dos trabalhos 4.1 A filosofia no oriente 4.2 A filosofia do oriente em relação a filosofia de vida do homem moderno. 4.3 Exercício de Fixação. 4.4 Os Pré-Socráticos. 4.5 Sócrates- Platão e Aristóteles, 4.6 Sócrates- Platão e Aristóteles 4.7 Prova Cumulativa. 4.8 Prova Cumulativa 4.9 Correção e Avaliação da prova – comentários e debates. 4.10 Trabalho sobre a filosofia na Grécia 4.11 Exposição dos trabalhos 4.12 Teoria dos Valores, conceitos, valores objetivos e subjetivos, relação com o modo de vida. 4.13 Principais Correntes Filosóficas 4.14 Avaliação Geral 4.15 Exercícios de Fixação	4. Exposição de trabalhos. 4.1 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.2 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.3 Exercício de Fixação. 4.4 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.5 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.6 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.7 Prova Cumulativa. 4.8 Prova Cumulativa. 4.9 Correção da Prova. 4.10 Trabalhos. 4.11 Exposição dos trabalhos. 4.12 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.13 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.14 Avaliação Geral. 4.15 Exercícios de fixação.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 21 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia – 2º Ano 1987 Professora Eulália	Turmas Base À Produção do Resumo: 2A
INÍCIO: 11/03/1987	TURNO: MANHÃ
I BIMESTRE-	MARÇO/ABRIL/JULHO/AGOSTO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1. Apresentação da Filosofia da Escola; 1.1 Filosofia de Trabalho X Filosofia de Vida; 2.2.1-Filosofia de Vida; 2.2.3- Atividade com texto; 2.2.4- Trabalho sobre o Texto ; 2.5- O que é Filosofia? 2.5.1- Relação da Filosofia com as Ciências; 2.6- Filosofia Atual: “A liberdade a Nível Existencial”- Alienação e Individualidade- Liberdade e Normas Sociais- Conceitos de Liberdade; 2.7- Avaliação Bimestral;	2.1- Justificativa e análise de seu conteúdo; 2.2-Filosofia de Trabalho X Filosofia de Vida; 2.2.1-Descrição dos conteúdos ministrados; 2.2.3- Leitura e compreensão; 2.2.4- Conclusão 2.5- O que é Filosofia? 2.5.1- Descrição dos conteúdos ministrados; 2.6- Filosofia Atual: “A liberdade a Nível Existencial”- Alienação e Individualidade- Liberdade e Normas Sociais- Conceitos de Liberdade; 2.7- Avaliação Bimestral;
II BIMESTRE	AGOSTO SETEMBRO
2.1- Avaliação Geral dos Trabalhos Realizados no 1 bimestre; 2.2- Os Pré-Socráticos; 2.2.3- Relação entre Filosofia e Ciência: Separação das Ciências; 2.2.4- Sócrates; 2.5- Trabalho com texto sobre: civismo, moral, educação e pátria; 2.6- Abordagem da Fase Pré-Socrática- Pensamento Mítico e Tradicional; 2.7-Os Modelos de Conhecimento: Empírico, Científico e Filosófico; 2.8- Atividade Preparatória à Prova; 2.8.1-Avaliação Bimestral; 2.9- Os Pré-Socráticos- Pitágoras- Tales e Demócrito;	2.1- Exposição dos trabalhos; 2.2- Descrição dos conteúdos; 2.3- Descrição dos conteúdos; 2.2.4- Pesquisa sobre a vida, a obra e o método socrático; 2.5- Interpretação, reflexão e debate, com atividades de conclusão, entrega dos trabalhos, comentários e apresentação; 2.6- Descrição dos conteúdos; 2.7- Descrição dos conteúdos; 2.8- Retrospectiva dos conteúdos; 2.8.1- Prova cumulativa 2.8.2- Prova Cumulativa; 2.9-Descrição dos conteúdos;
III BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
3.1- Atividade em Grupo; 3.2-Liderança 3.3- Relações Humanas. 3.4- A Política de Platão 3.5-O Mito da caverna os Dois Mundos;	3.1-Análise do texto “Simulacro da Democracia”; 3.2- Análise dos tipos de liderança, atuação dos participantes em sala de aula e características; 3.4-Trabalho realizado com os alunos no pátio da escola; atividade de leitura e apresentação dos trabalhos; 3.4- Aspectos introdutórios; 3.5- Trabalho com texto;

Quadro 21 - Disciplina de Filosofia (1987), Professora Eulália

(conclusão)

IV BIMESTRE	NOVEMBRO/ DEZEMBRO
4.1- Avaliação do terceiro Bimestre ; 4.2-Filosofia atual: Liberalismo, Liberalismo Político e Econômico; 4.2.3 Introdução ao Positivismo; A teoria dos Três Estados; A Política Positiva; A Religião Positivista no Brasil; 4.2.4 Atividade em grupo; 4.3- As três Fontes do Marxismo; 4.3.4- Finalização do bimestre;	.1- Prova cumulativa; 4.2- Trabalho com texto: “Da consciência Ingênu a Consciência crítica”, relato de conclusão sobre: o Liberalismo, Liberalismo Político e Econômico; 4.2.3- Aspectos introdutórios, descrição dos conteúdos; 4.2.4-Trabalho em rupo sobre o positivismo, análise e interpretação de questões propostas no texto sobre o positivismo. 4.3-Aspectos introdutórios; críticas e contradições do capitalismo; 4.3.4- Atividade de Conclusão do marxismo e entrega dos trabalhos; não houve prova cumulativa;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE I – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1988): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 22 - Disciplina de Filosofia (1988), Professor Manuel

(continua)

Disciplina de Filosofia- 3º ano- 1988 Professor: Manuel	Turma Base À produção do resumo 2º C
Início: 14/03/1988	Turno: Noite
I BIMESTRE-	MARÇO /ABRIL/MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1. Abertura do ano letivo – recepção dos alunos 1.1 A Situação do Brasil em relação ao Ensino de Filosofia no 2º grau 1.2 Introdução a filosofia 1.2.1 Introdução à filosofia 1.3 Trabalho em sala de aula por grupos 1.4 Trabalho em sala de aula por grupos 1.5 Avaliação 1.6 Exposição dos trabalhos por grupos: debates 1.7 Debate sobre “as causas da violência “ 1.8 Paralisação 1.9 Mito, Filosofia e Ciência 1.10 Objetivo Material e Objetivo Formal 1.11 Métodos da filosofia e demais ciências 1.12 Tipos de Conhecimento na Filosofia 1.13 Trabalho em Grupo: liberdade 1.14 Prova cumulativa 1.15 Trabalho sobre a Liberdade 1.16 Exposição dos trabalhos – debates 1.17 Trabalho sobre líder e liderança	1. Abertura do ano letivo e recepção 1.1 Descrição dos conteúdos ministrados 1.2 Descrição dos conteúdos ministrados 1.3 Trabalhos em grupo 1.4 Trabalhos em grupo 1.5 Avaliação 1.6 Exposição de Trabalhos 1.7 Debate sobre “As Causas da Violência” 1.8 Paralisação 1.9 Descrição dos conteúdos ministrados 1.10 Descrição dos conteúdos ministrados 1.11 Descrição dos conteúdos ministrados 1.12 Descrição dos conteúdos ministrados 1.13 Trabalho em grupo sobre Liberdade 1.14 Prova cumulativa 1.15 Trabalho sobre liberdade 1.16 Exposição dos trabalhos 1.17 Trabalho sobre tema líder e liderança
II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
2. Exposição dos trabalhos sobre liderança – debates 2.1 Exposição dos trabalhos sobre liberdade a nível existencial 2.2 A mente humana – razão -raciocínio 2.3 O passado em Comum “veja” (junho de 1988) 2.4 A filosofia na Índia – budismo 2.5 Trabalho sobre a filosofia no oriente 2.6 Exposição dos trabalhos, debates e conclusão 2.7 Teste “A Assembleia geral dos objetivos e o contexto político do Brasil 2.7.1 Continuação do Teste 2.8 Fatores importantes da Filosofia na Grécia 2.9 A filosofia na Grécia 2.10 Principais Filósofos 2.11 Trabalho sobre os Principais Filósofos, ideias. 2.12 Exposição dos trabalhos 2.13 Prova cumulativa 2.14 Correção da prova- avaliação do bimestre 2.15 A figura de Sócrates em relação ao Homem de hoje, o problema da liberdade	5. Exposição dos trabalhos e debates 5.1 Exposição dos trabalhos sobre liberdade a nível existencial 5.2 Descrição dos conteúdos ministrados 5.3 Descrição dos conteúdos ministrados 5.4 Descrição dos conteúdos ministrados 5.5 Trabalho sobre a filosofia no oriente 5.6 Exposição dos trabalhos, com debates, conclusão 5.7 Teste “A Assembleia geral dos objetivos e o contexto político do Brasil 5.8 Descrição dos conteúdos ministrados 5.9 Descrição dos conteúdos ministrados 5.10 Descrição dos conteúdos ministrados 5.11 Trabalho sobre os principais filósofos 5.12 Exposição dos trabalhos 5.13 Prova cumulativa 5.14 Correção da prova 5.15 Descrição dos conteúdos ministrados

Quadro 22 - Disciplina de Filosofia (1988), Professor Manuel

(conclusão)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
<p>6 Trabalho sobre o surgimento da Filosofia na Grécia. O lugar do Mito em Relação a Razão. Os diferentes papéis e suas referências. O grande legado.</p> <p>6.1 A fase Mítica deixa o homem em crise. O papel dos Sofistas nesse contexto.</p> <p>6.2 Sócrates tenta mostrar o lugar do Homem no mundo. Sua grande mensagem.</p> <p>6.3 Exposição dos trabalhos sobre a filosofia na Grécia</p> <p>6.4 O corpo é vida – amor – comunicação. A expressão corporal em relação a Arte. A interioridade e o corpo.</p> <p>6.5 Teste referente aos conteúdos</p> <p>6.6 A filosofia de Platão e Aristóteles</p> <p>6.7 A Escolástica de Tomas de Aquino</p> <p>6.8 A influencia da filosofia Platônica na Igreja</p> <p>6.9 A filosofia de Agostinho</p> <p>6.10 Prova cumulativa</p> <p>6.11 Prova cumulativa</p> <p>6.12 Avaliação da prova</p> <p>6.13 Comentários sobre o tema de abertura dos jogos olímpicos – “a vida cósmica”</p> <p>6.14 O homem ser integrado no mundo</p> <p>6.15 A Psiqué Humana – divisão – qualidades</p>	<p>3 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.1 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.2 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.3 Exposição dos trabalhos sobre a filosofia na Grécia</p> <p>3.4 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.5 Teste</p> <p>3.6 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.7 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.8 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.9 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.10 Prova cumulativa</p> <p>3.11 Prova cumulativa</p> <p>3.12 Avaliação da prova</p> <p>3.13 Comentários sobre o tema de abertura dos jogos olímpicos – “a vida cósmica”</p> <p>3.14 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.15 Descrição dos conteúdos ministrados</p>
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
<p>4 Avaliação do bimestre</p> <p>4.1 As qualidades da Alma</p> <p>4.2 Características da Consciência – ingênuo</p> <p>4.3 O destino de cada passo – texto em forma de trabalho</p> <p>4.4 Trabalhos em grupo</p> <p>4.5 Exposição de trabalhos – debates</p> <p>4.6 Exposição de trabalhos – debates – conclusão</p> <p>4.7 Teste de filosofia em forma de trabalho</p> <p>4.8 As principais correntes filosóficas – liberalismo, Positivismo, Existencialismo, Personalismo.</p> <p>4.9 Exposição de trabalhos</p> <p>4.10 Exposição de trabalhos</p> <p>4.11 Prova cumulativa</p> <p>4.12 Prova cumulativa</p> <p>4.13 Correção das provas</p> <p>4.14 Encerramento do ano letivo</p>	<p>7 Avaliação do bimestre</p> <p>7.1 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>7.2 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>7.3 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>7.4 Trabalhos em grupo</p> <p>7.5 Exposição de trabalhos</p> <p>7.6 Exposição de trabalhos</p> <p>7.7 Teste de filosofia</p> <p>7.8 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>7.9 Exposição de trabalhos</p> <p>7.10 Exposição de trabalhos</p> <p>7.11 Prova cumulativa</p> <p>7.12 Prova cumulativa</p> <p>7.13 Correção das provas</p> <p>7.14 Encerramento do ano letivo</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 23 - Disciplina de Filosofia (1988), Professora Bibiana

(continua)

Disciplina de Filosofia - 2º ano - 1988 Professora Bibiana	Turma Base À Produção do Resumo 2-G
Início: 14/03/1988	Turno: Manhã
I BIMESTRE-	MARÇO/ABRIL/MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1. Apresentação dos alunos</p> <p>1.1 Trabalho de sondagem através de questionamentos para conhecimento da turma.</p> <p>1.2 Apresentação do texto: “Como você é importante”. Debate e questionamento sobre a importância do ser humano.</p> <p>1.3 Requisitos necessários para o desenvolvimento do pensamento filosófico.</p> <p>1.4 Texto: “Meus adolescentes não tem segredos”. Desenvolver a autocrítica. Analisar e debates no grupo e concluir pessoalmente.</p> <p>1.5 “Acidente aviatório”. Análise e debate das opções oferecidas para a escolha do líder. Apresentação no grande grupo.</p> <p>1.6 Mito. Trabalho em grupo. Leitura de texto. Debates nos pequenos grupos. Resumo e resolução das questões propostas.</p> <p>1.7 Continuação dos trabalhos nos pequenos grupos.</p> <p>1.8 Apresentação dos pequenos grupos com comentários do grande grupo sobre Mito.</p> <p>1.9 Filosofia, significado, conceito, vivência em filosofia.</p> <p>1.10 Diferença entre o homem e o animal. Evidenciando a característica principal do ser humano, a razão.</p> <p>1.11 Trabalho: “O homem ser que se pergunta”. Análise e questões sobre os textos.</p> <p>1.12 Conclusão da aula anterior.</p> <p>1.13 Análise crítica dos textos escolhidos do jornal “Mundo Jovem”. Apresentação no grande grupo.</p> <p>1.14 Continuação da aula anterior. Avaliação qualitativa do bimestre, sugestões.</p>	<p>1. Apresentação dos alunos.</p> <p>1.1 Trabalho de sondagem.</p> <p>1.2 Texto: “Como você é importante”. Debate e questionamento sobre a importância do ser humano.</p> <p>1.3 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.4 Texto: “Meus adolescentes não tem segredos”. Desenvolver a autocrítica. Analisar e debates no grupo e concluir pessoalmente.</p> <p>1.5 “Acidente aviatório” debate em grupo.</p> <p>1.6 Trabalho em grupo sobre mito, com leitura de texto e debates.</p> <p>1.7 Trabalho em grupo.</p> <p>1.8 Apresentação dos trabalhos.</p> <p>1.9 Introdução sobre significado da filosofia. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.10 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.11 Trabalho: “O homem ser que se pergunta”. Análise e debate em grupo.</p> <p>1.12 Trabalho: “O homem ser que se pergunta”. Análise e debate em grupo.</p> <p>1.13 Jornal Mundo Jovem – análise de textos.</p> <p>1.14 Jornal Mundo Jovem – análise de textos e avaliação qualitativa do bimestre.</p>

Quadro 23 - Disciplina de Filosofia (1988), Professora Bibiana

(continuação)

II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
<p>2 Divisão dos grupos para trabalho sobre Liberdade. Conceito individual sobre Liberdade.</p> <p>2.1 Trabalho em grupo sobre Liberdade: pesquisa.</p> <p>2.2 Continuação da aula anterior.</p> <p>2.3 Apresentação do trabalho: Liberdade. Introdução.</p> <p>2.4 Tipos de Liberdade.</p> <p>2.5 Doutrinas, Determinismo, Indeterminismo.</p> <p>2.6 Falsas Liberdades.</p> <p>2.7 Características da Liberdade.</p> <p>2.8 Introdução a Filosofia Oriental.</p> <p>2.9 Filosofia na Índia: momento filosófico. Hindu, budismo, yoga. Filosofia hoje na Índia. Jiddu Krishnamurti.</p> <p>2.10 Trabalho em grupo. Continuação da aula anterior.</p> <p>2.11 Continuação e conclusão dos trabalhos escritos. Debate nos pequenos grupos e apresentação fica para próximo bimestre.</p> <p>2.12 Avaliação do bimestre.</p> <p>2.13 Avaliação qualitativa do bimestre. Entrega de provas e trabalhos. Comentários a respeito.</p>	<p>2. Divisão de grupos sobre trabalho referente ao tema Liberdade. Introdução sobre liberdade.</p> <p>2.1 Trabalho em grupo.</p> <p>2.2 Trabalho em grupo.</p> <p>2.3 Apresentação de trabalhos.</p> <p>2.4 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.5 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.6 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.7 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.9 Introdução sobre filosofia Indiana, descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.10 Trabalho em grupo sobre a filosofia Indiana.</p> <p>2.11 Trabalho em grupo e debates</p> <p>2.12 Avaliação bimestral</p> <p>2.13 Avaliação qualitativa do bimestre. Entrega de provas e trabalhos. Comentários a respeito.</p>
III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
<p>3 Recapitulação do conteúdo do bimestre anterior.</p> <p>3.1 Filosofia na Índia Hoje. Sri Aurabinda, Jiddu Krishnamurti.</p> <p>3.2 Yoga</p> <p>3.3 Não Violência. Ganghi.</p> <p>3.4 Trabalho escrito a respeito do pensamento Mítico e Filosofia Oriental</p> <p>3.5 Continuação da aula anterior</p> <p>3.6 Filosofia na China – características.</p> <p>3.7 Confucionismo.</p> <p>3.8 Taoísmo.</p> <p>3.9 Trabalho escrito sobre a Filosofia na China.</p> <p>3.10 Sistema de valores. Sistema Brasileiro de valores. Sujeito de valoração. Culto a propriedade privada. Princípios coletivos (Jornal Mundo Jovem – setembro de 1988).</p> <p>3.11 Continuação da aula anterior.</p> <p>3.12 Revisão dos conteúdos. Exercícios de fixação.</p> <p>3.13 Prova bimestral</p>	<p>3. Recapitulação do conteúdo do bimestre anterior</p> <p>3.1 Filosofia na Índia atualmente. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.2 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.3 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.4 Trabalho escrito</p> <p>3.5 Trabalho escrito</p> <p>3.6 Descrição dos conteúdos ministrados</p> <p>3.7 Introdução ao confucionismo.</p> <p>3.8 Introdução ao taoísmo.</p> <p>3.9 Trabalho sobre Filosofia na China.</p> <p>3.10 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.11 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.12 Revisão de conteúdos com exercícios de fixação.</p> <p>3.13 Prova bimestral.</p>

Quadro 23 - Disciplina de Filosofia (1988), Professora Bibiana

(conclusão)

IV BIMESTRE	SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO
<p>4 Os Pré-Socráticos. Tales de Mileto.</p> <p>4.1 Entrega dos trabalhos, comentários e críticas a respeito do aproveitamento,</p> <p>4.2 Comentários e críticas da música “gita” de Raul Seixas.</p> <p>4.3 Anaxágoras e Empédocles.</p> <p>4.4 Heráclito e Demócrito.</p> <p>4.5 Continuação e conclusão dos filósofos Heráclito e Demócrito.</p> <p>4.6 Sofistas.</p> <p>4.7 Trabalho sobre Sofistas.</p> <p>4.8 Palestra proferida pela profª Marild -. “Os Instrumentos Mentais”. “Quem sou eu?”.</p> <p>4.9 Platão – trabalho individual. Paralelo entre o homem hoje e o prisioneiro da caverna.</p> <p>4.10 Filme: “ Gritos do Silêncio” realizado a tarde em horário especial. Os alunos farão análise crítica sobre o filme.</p> <p>4.11 Trabalho sobre a palestra Instrumentos mentais do eu e trabalho sobre o filme.</p> <p>4.12 Entrega dos trabalhos e comentários.</p> <p>4.13 Encerramento do ano letivo.</p>	<p>4. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.1 Entrega de trabalhos e comentários.</p> <p>4.2 Música Gita de Raul Seixas.</p> <p>4.3 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.4 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.5 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.6 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.7 Trabalho sobre Sofistas.</p> <p>4.8 Palestra proferida pela profª Marild -. “Os Instrumentos Mentais”. “Quem sou eu?”.</p> <p>4.9 Trabalho sobre Platão</p> <p>4.10 Filme “ Os gritos do Silêncio”</p> <p>4.11 Trabalho sobre a Palestra e o filme</p> <p>4.12 Entrega de trabalhos e comentários</p> <p>4.13 Encerramento do ano letivo.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 24 - Disciplina de Filosofia (1988), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2 anos-1988 Professora: Eulália	Turmas Bases Á Produção do Resumo: 2A, 2B, 2C, 3D
Início: 11/03/1988	Turno Manhã
I BIMESTRE-	MARÇO/ABRIL/JULHO/AGOSTO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1.1 Recepção dos Alunos</p> <p>1.2 Importância e Objetivo da Filosofia;</p> <p>1.2.2 O que é Objetivo? Objetivos e justificativa da Filosofia;</p> <p>1.2.3 Interrogações que desafiaram e desafiam a Mente Humana;</p> <p>1.2.4 Paralisação Nacional;</p> <p>1.2.5 Atividade em grupo;</p> <p>1.2.6 Avaliação;</p> <p>1.6.1 Liberdade;</p> <p>1.6.2 Orientação Educacional;</p> <p>1.6.3 Liberdade;</p> <p>1.6.3.1 Tipos de Liberdade;</p> <p>1.7 Liderança;</p> <p>1.8 Atividade para a Avaliação;</p> <p>1.8.1 Avaliação Bimestral;</p>	<p>1.1 Apresentação da disciplina;</p> <p>1.2 Considerações gerais sobre os temas filosóficos, uso do texto não filosófico: “Meus adolescentes não Têm surpresas” - debate;</p> <p>1.3 A problematização contextual; (04 aulas);</p> <p>1.2.3 Orientação de trabalho em grupo;</p> <p>1.2.4 Reunião na escola;</p> <p>1.2.5 Trabalho sobre a Mente Humana; conclusão, em (02 aulas)</p> <p>1.2.6 Teste, com uso do texto: “Liberdade Amizade e Individualidade”; atividade de reflexão e análise (02 aulas);</p> <p>1.6.1 Trabalho Integrado sobre o Centenário da Abolição, agendado na aula anterior;</p> <p>1.6.2 Aula integrada com o “Serviço de Orientação educacional”,</p> <p>1.6.3 Análise de texto: trabalho integrado e debate sobre o centenário da abolição;</p> <p>1.6.3.1 Trabalho individual com análise e interpretação de texto;</p> <p>1.7 Aula Integrada, com SOE-Serviço de Orientação Educacional;</p> <p>1.8 Revisão Geral;</p> <p>1.8.1 Apresentação dos relatórios dos debates;</p>

Quadro 24 - Disciplina de Filosofia (1988), Professora Eulália

(conclusão)

II BIMESTRE	MAIO/JUNHO/JULHO
<p>2.1 Tipos de Conhecimento: Empírico e Filosófico; 2.1.2 Avaliação 2.3 Estudos do Mito: Sua Influência na Busca do Entendimento;</p> <p>2.3.1 Mitologias Greco romana; 2.3.2 Atividade em Grupo;</p> <p>2.4 A Filosofia Oriental: Pensamento; Chinês; 2.5 O Pensamento Hindu; 2.6 Avaliação Bimestral; 2.6.1 Entrega das Avaliações;</p>	<p>2.1 Descrição dos conteúdos e aula de conclusão; 2.1.2- Teste sobre os tipos de conhecimento; 2.3 Aspectos introdutórios de definições conceituais;</p> <p>2.3.1 Estudo dos deuses, fábulas e divindades; 2.3.2-Trabalho sobre os mitos: desenvolvimento, conclusão e apresentação das atividades, somando (05 aulas); 2.4 Aspectos Introdutórios;</p> <p>2.5 Descrição dos conteúdos; 2.6 Descrição da atividade; 2.6.1 Comentários e considerações gerais;</p>
III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO
<p>3.1-Filosofia Oriental: Budismo e loga; 3.1.2- Filosofia na China: Confucionismo e Taoísmo; 3.2- Filosofia Grega: Fase cosmológica- Os Pré-Socráticos: Pitágoras, Tales, Demócrito, Heráclito e Parmênides; 3.2.1- Os Sofistas; 3.2.2- Sócrates: Vida, Ideias, Método e Morte; 3.3-Avaliação Bimestral (cumulativa);</p>	<p>3.1-Retomada do tema; 3.1.2- Descrição dos conteúdos, aula de conclusão e trabalho de interpretação da música “Gita” de Raul Seixas; 3.2- Conclusão e interpretação de textos: “A Importância do Homem”, “Capricho as Opalas” ; 3.2.1- Descrição do conteúdo, com posterior aula de conclusão; 3.2.2- Aspectos Introdutórios; 3.3- Trabalho dirigido; não foi realizado prova;</p>
IV –BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO
<p>4.1- Continuação de Sócrates e Jogos Olímpicos; 4.2- Platão: Ideias, Mito da Caverna- A Política de Platão: A República; A Política; 4.3-Ecologia, Meio Ambiente e Anatomia; 4.4- “Quem Sou Eu”: Instrumentos Mentais do “Eu” Mente Intelectual, Mente Espiritual; 4.4.1- Realidade e Racionalidade; 4.4.2- Trabalho com Filme; 4.4.3- Atividades Avaliativas; 4.4- Avaliação Bimestral;</p>	<p>4.1-Descrição dos conteúdos, conclusão do método socrático, trabalho em grupo sobre as ideias de Sócrates; 4.2-Descrição dos conteúdos, atividade de leitura do o texto “Racionalidade e Realidade” para debate temático, 4.3-Trabalho de informação com uso da Revista Geográfica Universal, trabalho relacionado ao Globo Repórter, com aula de conclusão, apresentação dos trabalhos e diálogos sobre o tema (03 aulas); 4.4- Proferida Pela Professora Marilda, tendo como assuntos: 4.4.1- Descrição do Conteúdo; 4.4.2- “Os Gritos do Silêncio”, produção de análise crítica sobre “Racionalidade e Realidade”; 4.4.3- Trabalhos sobre a Palestra “Quem Sou Eu” e acerca da “Racionalidade e Realidade” com aulas de conclusão dos mesmos. 4.4-Entrega das avaliações: trabalhos do bimestre;</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE J – DISCIPLINA DE FILOSOFIA (1989): ARQUIVOS DIGITALIZADOS DOS CONTEÚDOS E ATIVIDADES DIDÁTICAS

Quadro 25 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Elizabete

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2 Ano -1989 Professora Elizabete	Turma Base a Produção do Resumo 2-I
Início: 01/03/1989	Turno: Tarde
I BIMESTRE-	MARÇO/ABRIL/MAIO
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1. Sondagem, Pré – Teste 1.1 Trabalho em grupo – partes da filosofia 1.2 Introdução à filosofia 1.3 Introdução à filosofia – palestra prof Ivone 1.4 Partes da filosofia – apresentação dos trabalhos em grupo 1.5 A percepção humana 1.6 Estudo do Mito 1.7 Teste – inteligência – aplicação – comentários 1.8 O universo – aspecto estático, dinâmico e mecânico; 1.9 A equação da substância universal 1.10 Fundamentação – a nova visão da física – unidade universal. Trabalho Individual 1.11 Resumo final: o universo 1.12 Trabalho em Grupo: revisão geral dos conteúdos 1.13 Avaliação 1.14 Introdução ao estudo da vida 1.15 Revisão da avaliação: explosão de ideias no quadro e correção dos trabalhos 1.16 Introdução ao estudo da vida – trabalho individual. Texto de Jiddu Krishnamurti- “os direitos fundamentais do homem. 1.17 Apresentação e debate 1.18 Resumo e conclusão	1. Sondagem, Pré-Teste. 1.1 Trabalho em grupo. 1.2 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.3 Palestra sobre Introdução à Filosofia. 1.4 Apresentação de trabalhos. 1.5 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.6 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.7 Teste 1.8 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.9 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.10 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.11 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.12 Trabalho em grupo e revisão dos conteúdos. 1.13 Avaliação. 1.14 Descrição dos conteúdos ministrados. 1.15 Revisão da avaliação 1.16 Descrição dos conteúdos ministrados. Texto. Trabalho individual. 1.17 Apresentação e debate dos trabalhos 1.18 Resumo e conclusão dos trabalhos.
II BIMESTRE	JUNHO/JULHO
2. Instrumentos mentais do eu – a apresentação 2.1. Resumo e Debate 2.2. Ramana Maharishi – o autoconhecimento 2.3. O Eu – resumo – texto ilustrativo 2.4. Pedido dos alunos – Amor – concepção oriental 2.5. Análise do texto: “és um deus que dorme” 2.6. Comentário-estudo do consciente 2.7. Conclusão 2.8. I Ching – o livro das mutações 2.9. Consciente, Sub-Consciente, Super-Consciente 2.10. Resumo, Conclusão. Destino e Liberdade 2.11. Prova Individual 2.12. Trabalho sobre o Amor – texto Pietro Ubaldi 2.13. Continuação do trabalho e correção	2 Apresentação e descrição dos conteúdos ministrados. 2.1 Resumo e debates de trabalhos 2.2 Descrição dos conteúdos ministrados. 2.3 Texto e descrição dos conteúdos ministrados. 2.4 Descrição dos conteúdos ministrados. 2.5 Texto: “és um deus que dorme”. 2.6 Comentários e descrição dos conteúdos ministrados. 2.7 Conclusão 2.8 Livro e descrição dos conteúdos ministrados. 2.9 Descrição dos conteúdos ministrados. 2.10 Descrição dos conteúdos ministrados. 2.11 Prova individual 2.12 Trabalho e texto. 2.13 Trabalho e texto.

Quadro 25 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Elizabete

(conclusão)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO/OUTUBRO
3 Estudo sobre Deus 3.1 Resumo sobre tema – Deus 3.2 Continuação 3.3 Palestra Drº Denizard Souza: espiritismo e psiquiatria 3.4 Estudo sobre deus – Interpretação de texto 3.5 Conclusão: Quem é Deus? 3.6 Deus pode ser conhecido? Estudo de texto 3.7 Introdução ao estudo da política 3.8 Semelhanças e diferenças entre os governos 3.9 Democracia – liberal e soviética 3.10 Regimes totalitários e direitos humanos 3.11 Trabalho individual – Coerção e Hegemonia 3.12 Palestra sobre direitos humanos Drº Adelino Genro 3.13 Regimes totalitários: comunismo e capitalismo 3.14 Nazismo e Fascismo – conclusão 3.15 Prova cumulativa	3 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.1 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.2 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.3 Palestra Drº Denizard Souza: espiritismo e psiquiatria 3.4 Interpretação de texto. 3.5 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.6 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.7 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.8 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.9 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.10 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.11 Trabalho individual. 3.12 Palestra sobre direitos humanos Drº Adelino Genro. 3.13 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.14 Descrição dos conteúdos ministrados. 3.15 Prova cumulativa.
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO
4 História da Filosofia – pesquisa individual 4.1 Continuação 4.2 Apresentação: Pré-Socráticos – Sócrates e Platão 4.3 Aristóteles – Comte e Sartre 4.4 Existencialismo 4.5 Palestra sobre loga 4.6 Bergson-Bertram e Russel 4.7 Marxismo 4.8 Marcuse- Budismo 4.9 Prova 4.10 Pós-teste- Avaliação geral dos conteúdos desenvolvidos no ano letivo	4 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.1 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.2 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.3 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.4 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.5 Palestra. 4.6 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.7 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.8 Descrição dos conteúdos ministrados. 4.9 Prova. 4.10 Pós-teste- Avaliação geral dos conteúdos desenvolvidos no ano letivo

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 26 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Bibiana

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2º ano-1989 Professora: Bibiana	Turma Base à Produção do Resumo 2-E
Início: 01/03/1989	Turno: manhã
I BIMESTRE-	MARÇO/ABRIL/MAIO
CONTEUDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
<p>1. Apresentação dos alunos. Técnica de trabalho a ser desenvolvida durante o ano. Pré-teste, sondagem.</p> <p>1.1 Trabalho em grupo. Divisão de grupos.</p> <p>1.2 Distribuição dos trabalhos e material. Conteúdo: filosofia-conceito e origem do termo. Justificativa. Senso comum a filosofia. Ideias anti-filosóficas.</p> <p>1.3 Continuação de trabalhos em grupo.</p> <p>1.4 Apresentação dos trabalhos: o que é filosofar? Ideias anti-filosóficas.</p> <p>1.5 Justificativa. Objetivos da filosofia. Situações que preocupam o homem d e hoje e também os homens de todos os tempos. Parte da aula destina para escolha do conselheiro.</p> <p>1.6 Senso Comum. Visão da filosofia pelo Senso Comum. Vídeo sobre revolução na América Latina. Comentários e crítica.</p> <p>1.7 Filosofia e Ideologia – apresentação de trabalho.</p> <p>1.8 Introdução a teoria do conhecimento.</p> <p>1.9 Teste</p> <p>1.10 Trabalho em grupo sobre teoria do conhecimento.</p> <p>1.11 Continuação e conclusão do trabalho.</p> <p>1.12 Entrega e comentários dos testes.</p> <p>1.13 Apresentação dos trabalhos sobre teoria do conhecimento. Conceito de teoria do conhecimento. Conceito de conhecimento e verdade. Tipos de verdade.</p>	<p>1. Apresentação dos alunos. Técnica de trabalho a ser desenvolvida durante o ano. Pré-teste, sondagem.</p> <p>1.1 Trabalho em grupo.</p> <p>1.2 Distribuição dos trabalhos e material. Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.3 Trabalhos em grupo.</p> <p>1.4 Apresentação dos trabalhos.</p> <p>1.5 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.6 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.7 Apresentação de trabalho – Filosofia e Ideologia.</p> <p>1.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>1.9 Teste.</p> <p>1.10 Trabalho em grupo sobre teoria do conhecimento.</p> <p>1.11 Trabalho em grupo- conclusão.</p> <p>1.12 Entrega e comentários dos testes.</p> <p>1.13 Apresentação dos trabalhos e Descrição dos conteúdos ministrados.</p>
II BIMESTRE	MAIO JUNHO JULHO AGOSTO
<p>2. Fundamentos do conhecimento. Empirismo, Racionalismo, Realismo crítico e dialética.</p> <p>2.1 Greve do Magistério Público Estadual por melhores condições de trabalho. De fim de maio a fim de junho.</p> <p>2.2 Revisão dos conteúdos do 1º Bimestre.</p> <p>2.3 Ética – estudo dirigido.</p> <p>2.4 Conceito de Ética. Norma moral e norma jurídica. Diferença entre Consciência reflexiva do homem e Consciência moral e liberdade humana.</p> <p>2.4.1 Concepções Éticas. Hedonismo, Epicurismo, Estoicismo, Formalismo Kantiano. Valores morais: Ética objetiva, Ética subjetiva. Humanismo, Cristianismo, Teologia da Libertação.</p> <p>2.5 Continuação do trabalho, divisão no grupo e trabalho individual.</p> <p>2.6 Conclusão dos trabalhos escritos.</p> <p>2.7 Debates, comentários a respeito das questões propostas.</p> <p>2.8 Prova bimestral.</p>	<p>2 Descrição dos Conteúdos ministrados.</p> <p>2.1 <i>Greve do Magistério Público Estadual por melhores condições de trabalho. De fim de maio a fim de junho.</i></p> <p>2.2 Revisão dos conteúdos</p> <p>2.3 Estudo dirigido – Ética.</p> <p>2.4 Descrição dos Conteúdos ministrados.</p> <p>2.4.1 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>2.5 Trabalho em Grupo e individual com divisão dos grupos.</p> <p>2.6 Conclusão dos Trabalhos.</p> <p>2.7 Debates, comentários a respeito das questões propostas.</p> <p>2.8 Prova bimestral.</p>

Quadro 26 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Bibiana

(conclusão)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO/OUTUBRO
<p>3 Palestra sobre Medicina Preventiva.</p> <p>3.1 Conclusão dos trabalhos do Estudo Dirigido. Autoavaliação. Elaboração e organização dos trabalhos do 3º bimestre pelos alunos.</p> <p>3.2 Leitura individual da cartilha política. Trabalho feito pelos grupos sobre os assuntos escolhidos.</p> <p>3.3 Filosofia social: poder político. Conceito. Força social. Conceito de Soberania. Tipos de forças social, conceitos e diferenças. Apresentação do pequeno grupo e debates no grande grupo.</p> <p>3.4 Fundamentos do poder Político. Aristóteles. Jean Badin, Thomas Hobbes, Jean Jacques Rousseau. Marx e Engels.</p> <p>3.5 Visão do Homem no Capitalismo, Socialismo e Comunismo.</p> <p>3.6 Prova Bimestral.</p>	<p>3. Palestra sobre Medicina Preventiva.</p> <p>3.1 Conclusão dos trabalhos do estudo dirigido e autoavaliação.</p> <p>3.2 Leitura individual da cartilha política. Trabalho em grupos.</p> <p>3.3 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.4 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.5 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>3.6 Prova bimestral.</p>
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO
<p>4 Entrega das provas, trabalhos.</p> <p>4.1 Leitura da cartilha política para identificar ideias capitalistas, socialistas, comunistas.</p> <p>4.2 Continuação da aula anterior.</p> <p>4.3 Palestra sobre Socialismo e Pereistoika.</p> <p>4.4 Análise da palestra</p> <p>4.5 Apresentação dos trabalhos sobre Socialistas e Capitalistas.</p> <p>4.6 Introdução à Platão</p> <p>4.7 Liberalismo</p> <p>4.8 Continuação do liberalismo.</p> <p>4.9 Prova bimestral</p> <p>4.10 Prova bimestral</p> <p>4.11 Novas respostas do pré-teste, feito no 1º dia de aula. Avaliação e comparação das duas respostas, verificando o crescimento qualitativo dos alunos e despedida dos alunos.</p>	<p>4 Entrega de Provas, trabalhos.</p> <p>4.1 Leitura de cartilha e descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.2 Leitura de cartilha e descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.3 Palestra sobre Socialismo e Pereistoika.</p> <p>4.4 Análise de Palestra.</p> <p>4.5 Apresentação de trabalhos.</p> <p>4.6 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.7 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.8 Descrição dos conteúdos ministrados.</p> <p>4.9 Prova bimestral</p> <p>4.10 Prova bimestral.</p> <p>4.11 Novas respostas do pré-teste, feito no 1º dia de aula. Avaliação e comparação das duas respostas, verificando o crescimento qualitativo dos alunos e despedida dos alunos.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 27 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Eulália

(continua)

Disciplina de Filosofia- 2º Ano-1989 Professora Eulália	Turmas, Base de Referência Ao Resumo: 2-a, 2-D, 2-C
Início: 01/03/1989	Turno: Manhã
1 BIMESTRE-	MARÇO/ABRIL/MAIO
CONTEÚDOS	METODOLOGIA DE TRABALHO
1.1-Recepção dos Alunos; Apresentação dos Conteúdos, Método de trabalho e Sondagem de Interesses; 1.2- Greve nacional; 1.3-Atividade com texto: O que pensamos? 1.4-Gnosiologia: Teoria do Conhecimento e Tipos de Conhecimento; Capacidade e Limites; 1.4.1-Trabalho em Grupo; 1.4.2- O que é Filosofia? 1.4.3-Avaliação; 1.4.4-Natureza da Filosofia; Surgimento e Importância; 1.5- Avaliação Bimestral; 1.6-Método da Filosofia: Definição, Diversidade e Método e de Objetos das Ciências; Evolução do Método; 1.6.1- Antropologia; 1.7- Entrega das Provas Bimestrais;	1.1-Discussão dos conteúdos e diálogo com os alunos (03 aulas); 1.2-Início em 15/03/1989 até 23/03/1989; 1.3- Análise, reflexão e diálogos; 1.4- Descrição dos conteúdos; 1.4.1-Sobre a Teoria do Conhecimento, desenvolvimento e conclusão, (02 aulas); 1.4.2-Estudo dos conceitos através de textos: "Filosofia e sua vivência" e "Reflexão e sabedoria" 1.4.3- Teste bimestral; 1.4.4- Desenvolvimento do assunto e conclusão; 1.5- Prova Cumulativa; 1.6- Descrição dos conteúdos e conclusão do assunto; 1.6.1- Introdução e estudo do texto: "A Evolução da vida" com autoria de Teilhard de Chardin; 1.7-Correção dos erros Com avaliação das provas pelos alunos;
II BIMESTRE	JULHO/AGOSTO
2.1- Introdução ao Estudo da Ética: Condições Básicas Para o Exercício de Uma Vida Moral; Natureza e Importância da Ética; 2.2-Noção de Dever: Consciência Moral, Seu Valor; 2.2.1-O Dever e o Direito: Noções; Características; Direito e Dever; 2.2.2- Características do Direito; Fundamentos e Divisão; 2.2.3-Normas Morais e Normas Jurídicas; 2.2.4-A Consciência Reflexiva do Homem; 2.2.5- Moral e Liberdade, 2.2.6-Diferentes Concepções Éticas Valores Morais; Ética Subjetiva e Objetiva: Humanismo e Cristianismo; 2.3- Avaliação Bimestral; 2.4- Filosofia Política: Considerações Gerais Sobre o Poder; O que é o Poder? Político; Soberania, Força do Estado e Força Ideológica, Fundamentos do Poder Político,	2.1- Estudo dos conceitos, trabalho dirigido; debate e exercícios (03 aulas); 2.2.1- Descrição dos conteúdos ministrados; 2.2.2-Descrição dos conteúdos ministrados; 2.2.2- Descrição dos conteúdos com trabalho em dupla sobre dever e direito; 2.2.3- Descrição dos conteúdos; 2.2.5-Estudo dirigido; 2.2.6- Descrição dos conteúdos; 2.3- Prova Cumulativa; 2.4-Descrição dos conteúdos; problematização sobre o poder político (03 aulas);

Quadro 27 - Disciplina de Filosofia (1989), Professora Eulália

(continua)

III BIMESTRE	AGOSTO/SETEMBRO/OUTUBRO
3.1-Continuação dos Estudos de Filosofia Política; Fundamentos da Filosofia Política: Por que e para que existe o Poder Político? 3.1.2-Fundamentação Filosofia Política Através da História: Aristóteles, J. Bodin, T. Hobbes, Rousseau e Karl Max e Engels 3.2- Ideias Políticas: Platão e Aristóteles 3.3- Avaliação; 3.4- Governo: O que é Governo? Estrutura do Poder Público X Poder Privado; 3.4.1- Formas de Governo: República; Monarquia; Aristocracia; Oligarquia; Anarquismo; Presidencialismo; Tirania; Parlamentarismo; 3.4.2- Poder Político, a Lei, O Meio Social e a liberdade;	3.1- Prova cumulativa; com consulta livre a textos, na continuação da mesma; 3.1.2- Atividade de análise e debate; 3.2.-Descrição dos conteúdos minis; 3.3- Prova Cumulativa; 3.4- Descrição dos conteúdos ministrados; 3.4.1- Estudo dirigido, sobre as formas de governo com o texto: "Ser Humano e o Ser Social", com aula de conclusão;
IV BIMESTRE	OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO
4.1-Avaliação do debate dos Presidenciáveis; 4.1.2- Democracia; 4.3- Marx e o Marxismo: Vida e Ideias; Influência de Hegel e Engels; 4.3.1-Comunismo e Perestróica; 4.3.2- Comunismo X Capitalismo; 4.3.3- Liberalismo; 4.3.4- Marxismo; 4.3.4- Filosofia Política 4.5- Avaliação Final; 4.6- Encerramento Com Mensagem Para Reflexão;	4.1- Atividade relacionada com o estudo da Filosofia Política: "O Poder", realização do trabalho sobre o Poder Lei e Liberdade (02); 4.1.2- Atividade com o texto "O Simulacro da Democracia deve ser evitado", com debate sobre Responsabilidade e Liderança (02 aulas); 4.3- Descrição dos conteúdos; 4.3.1- Palestra integrada com a aula de História; 4.3.2-Descrição dos conteúdos; 4.3.3- Palestra 4.3.4-Realização de trabalho temático (o2 aulas); 4.3.4- Comentários de reportagem e leituras de revistas relacionadas ao assunto; 4.5- Prova Cumulativa feita em duas partes (02 aulas); 4.6- Entrega de trabalhos e Notas;

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE K – DESENVOLVIMENTO GERAL DA APRENDIZAGEM NAS TURMAS DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA - DIÁRIOS DE 1979 A 1989

Quadro 28 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1979

Docentes	Ano	Nº Alunos	Turma	Turno	Aprov	Reprov	Evad	Aulas Dadas
Arthur de 15/03 a 12/07/79 Joana de 02/08 a 26/11/79	1979	41	2-B	M	38	01	02	64
	1979	37	2-D	N	26	02	11	70
Catarina de 15/03 a 27/04/79 de Joana de 24 de abril a 26/11/79	1979	35	2-0	T	35	00	05	64
	1979	35	2-P	T	35	02	08	64
Catarina	1979	41	2-D	M	35	00	04	61
	1979	43	2-F	M	42	00	01	65
Elizabete de 12/03/79 a 12/07/79 Joana de 02/08/79 a 03/12/79	1979	46	2-Et6	N	33	00	12	64
	1979	48	2-Gs1	N	20	08	19	64
	1979	48	2-H	N	26	02	2 0	64
	1979	38	2-I	N	22	01	15	64
Elizabete de 14/03/79 a 28/03/79 Joana de 02/08/79 a 03/12/79	1979	40	2-J	T	35	00	05	64
	1979	39	2-L	T	33	02	04	64
	1979	32	2-M	T	28	00	04	64
	1979	37	2-N	T	32	00	05	64

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 29 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1980

Docentes	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Elizabeth e Catarina	1980	43	2-A	N	31	00	11	
	1980	45	2-B	N	31	01	14	64
	1980	43	2-C	N	28	00	15	64
	1980	32	2-G	N	18	01	13	64
	1980	37	2-H	N	27	01	10	64
Catarina	1980	43	2-D	T	28	05	10	64
	1980	49	2-F	T	27	06	16	64
	1980	35	2-H	T	28	00	07	65
	1980	32	2-J	T	27	00	05	65
	1980	36	2-I	T	32	00	04	65
	1980	37	2-K	T	33	01	03	
	1980	31	2-L	T	23	00	08	65
Eulália	1980	40	2-A	M	39	01	00	64
	1980	40	2-B	M	35	02	03	64
	1980	41	2-C	M	35	02	04	66
	1980	41	2-D	M	33	02	06	67
	1980	33	2-E	M	24	02	07	64
	1980	29	2-F	M	20	05	04	66

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 30 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1985

Docentes	Ano	N ^o Alunos	Trams	Turnos	Aprov	Reprov.	Evasão	Aulas Dadas
Eulália	1985	30	2-A	M	28	00	02	68
	1985	29	2-B	M	20	03	06	67
	1985	27	2-C	M	23	00	04	67
	1985	28	2-E	M	25	00	03	69
	1985	27	2-F	M	21	02	04	68
	1985	25	2-G	M	22	00	03	67
Maria	1985	29	2-I	T	22	00	07	66
	1985	28	2-J	T	19	00	09	65
	1985	28	2-K	T	20	00	08	67
	1985	26	2-L	T	19	00	07	65
	1985	25	2-N	T	21	00	04	69
	1985	30	2-A	M	28	00	02	68
	1985	29	2-B	M	20	03	06	67
	1985	27	2-C	M	23	00	04	67
	1985	28	2-E	M	25	00	03	69
	1985	27	2-F	M	21	02	04	68
	1985	25	2-G	M	22	00	03	67

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 31 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1986

Docente	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turno	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Eulália	1986	24	2-A	M	23	04	01	68
	1986	32 ⁸⁴	2-B	M	22	00	04	69
Bibiana	1986	32	2-C	M	26	00	06	66
	1986	33	2-D	M	26	02	05	64
	1986	36	2-E	M	24	00	12	64
	1986	32	2-F	M	22	02	08	66
	1986	31	2-G	M	29	00	02	64
Antonia	1986	29	2-H	T	18	03	00 ⁸⁵	65
	1986	23	2-I	T	11	04	01 ⁸⁶	65
	1986	23	2-J	T	15	00	00 ⁸⁷	64
	1986	21	2-K	T	19	00	00 ⁸⁸	68
	1986	23	2-L	T	15	01	01 ⁸⁹	67

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

⁸⁴ Conforme as descrições que constam no respectivo diário de classe houve nesta turma: 02 transferências para outras escolas, 01 remanejamento e 03 cancelamentos.

⁸⁵ Esta turma apresenta: 03 transferências, 03 cancelamentos, 03 remanejamentos.

⁸⁶ Encontra-se descrito: 05 cancelamentos, 01 remanejamento, 01 transferência.

⁸⁷ São listados: 05 remanejamentos, 03 cancelamentos.

⁸⁸ Averigui: 01 cancelamento e 01 remanejamento.

⁸⁹ Verifiquei: 05cancelamentos e 02 remanejamentos.

Quadro 32 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987

Docentes	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov.	Evasão	Aulas Dadas
Eulália	1987	31	2-A	M	29	01	01	66
	1987	30	2-B	M	30	00	00	68
	1987	30	2-C	M	18	12	00	66
	1987	32	2-D	M	17	12	03	67 67
	1987	32	2-E	M	13	17	05	67
	1987	33	2-F	M	20	10	02	66
	1987	33 ⁹⁰	2-G	M	11	17	04	66
Maria	1987	33	2-H	T	23	00	06 ⁹¹	64
Antonia	1987	32	2-I	T	24	00	00 ⁹²	67
	1987	33	2-J	T	20	00	01 ⁹³	69
	1987	31	2-K	T	20	03	00 ⁹⁴	67
	1997	32	2-L	T	16	00	00 ⁹⁵	67
	1997	33	2-M	T	20	01	03 ⁹⁶	67

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

⁹⁰ Sobre este período nos trabalhos de campo encontrei nos arquivos apenas os cadernos dos 2-A e 2-B, porém ao final do diário do 2-A encontra-se em anexo a lista acerca do desempenho das demais turmas, inclusive com anotações sobre as provações, reprovações e evasões, em todas as disciplinas. Fato que permitiu expandir a produção de dados no tocante a ensino de filosofia. Observo que quanto ao número de alunos somando todas as informações (aprovados, reprovados e evasões) fecha na disciplina de filosofia o número.

⁹¹ Constan: 02 remanejamentos, 01 cancelamentos e 01 transferência.

⁹² Está descrito: 03 transferências, 02 cancelamentos e 03 remanejamentos.

⁹³ Constan: 05 cancelamentos, 03 remanejamentos e 01 transferência.

⁹⁴ Está listado: 02 remanejamentos e 05 cancelamentos.

⁹⁵ Averigui: 07 remanejamentos, 01 transferência e 08 cancelamentos.

⁹⁶ Foi verificado na turma: 03 cancelamentos e 06 remanejamentos.

Quadro 33 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1988

Docentes	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Bibiana	1988	31	2-E	M	21	00	03 ⁹⁷	64
	1988	31	2-F	M	21	02	04 ⁹⁸	64
	1988	29	2-G	M	19	00	04 ⁹⁹	64
Elizabete	1988	26	2-H	T	17	00	02 ¹⁰⁰	64
	1988	29	2-I	T	21	01	02 ¹⁰¹	64
	1988	26	2-J	T	16	01	04 ¹⁰²	64
	1988	24	2-L	T	17	02	02 ¹⁰³	64
	1988	25	2-M	T	16	01	02 ¹⁰⁴	64
	1988	25	2-N	T	18	02	04 ¹⁰⁵	64

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

⁹⁷ No decorrer deste ano houve na turma: 06 cancelamentos de matrícula e 01 transferência de alunos.

⁹⁸ Constam nas anotações iniciais da chamada: 02 remanejamentos, 01 transferência e 03 cancelamentos de alunos.

⁹⁹ Está anotado na lista de chamada: 04 cancelamentos, 02 transferências, 01 remanejamento de alunos.

¹⁰⁰ Na listagem da turma está anotado: 03 cancelamentos, 01 transferência, 03 remanejamentos de alunos.

¹⁰¹ Na respectiva turma constam: 02 cancelamentos, 02 transferências e 01 remanejamento de alunos. Observo que a aluna n^o 17 consta como remanejada na chamada, porém permaneceu até o final do ano letivo na mesma turma.

¹⁰² Nesta turma houve 01 cancelamento de matrícula 04 transferências de alunos.

¹⁰³ Encontram-se anotados: 01 remanejamento, 01 transferência e 01 cancelamento de matrícula.

¹⁰⁴ Na presente turma foi realizado: 02 remanejamentos, 01 transferência e 03 cancelamentos de matrícula.

¹⁰⁵ Tem-se descrito: 01 remanejamento.

Quadro 34 - Segundos Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987

Docentes	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Eulália	1989	28	2-A	M	24	00	02 ¹⁰⁶	64
	1989	29	2-B	M	25	00	02 ¹⁰⁷	66
	1989	26	2-C	M	20	00	02 ¹⁰⁸	70
	1989	28	2-D	M	18	00	02 ¹⁰⁹	66
Bibiana	1989	29	2-E	M	22	00	04 ¹¹⁰	49
	1989	29	2-F	M	17	03	3 ¹¹¹	64
	1989	29	2-G	M	22	00	02 ¹¹²	64
	1989	29	2-H	M	21	00	05 ¹¹³	64
Elizabete	1989	24	2-I	T	19	00	00 ¹¹⁴	66
	1989	29	2-J	T	18	00	08 ¹¹⁵	69
	1989	27	2-K	T	22	00	04 ¹¹⁶	72
	1989	26	2-L	T	13	03	03 ¹¹⁷	68
	1989	26	2-M	T	22	03	00 ¹¹⁸	64

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

¹⁰⁶ Apresenta 01 cancelamento e 01 remanejado.

¹⁰⁷ Verifica-se: 01 transferência e 01 cancelamento.

¹⁰⁸ Estão listados: 02 transferências e 02 remanejamentos

¹⁰⁹ Constam nas anotações: 01 transferência, 06 remanejamentos, 01 cancelamento.

¹¹⁰ Nas descrições aparecem: 01 transferência e 02 cancelamentos;

¹¹¹ Nesta turma houve: 01 remanejamento, 03 cancelamentos e 02 transferências.

¹¹² Averiguou-se: 01 remanejamento, 03 cancelamentos e 01 transferência.

¹¹³ Encontra-se listado: 03 transferências.

¹¹⁴ Está listado: 02 remanejamentos e 03 transferências.

¹¹⁵ Encontram-se anotados: 02 remanejamentos e 01 transferência.

¹¹⁶ Ocorreu: 01 remanejamento.

¹¹⁷ São informados na lista de chamada: 05 cancelamentos, 01 remanejamentos e 01 transferência.

¹¹⁸ É certificado ao início da chamada: 01 remanejamento.

Quadro 35 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1982

Docentes	Ano	Nº Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Eulália	1982	37	3-A	M	34	0	2 ¹¹⁹	65
	1982	38	3-B	M	35	0	03 ¹²⁰	66
	1982	37	3-C	M	37	0	00	64
	1982	38	3-D	M	34	0	04 ¹²¹	66
	1982	38	3-E	M	32	2 ¹²²	04	64
	1982	38	3-F	M	35	00	03 ¹²³	65
Catarina	1982	44	3-A	N	33	02	09	64
	1982	46	3-B ¹²⁴	N	32	00	14	60
	1982	43	3-C	N	33	00	10	64
	1982	44	3-D ¹²⁵	N	37	00	07	60
	1982	42	3-E	N	29	01 ¹²⁶	12	60
Elizabete	1982	37	3-G	T	35	00	02	64
	1982	38	3-H	T	33	00	05	65
	1982	38	3-I	T	32	00	06	64

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

¹¹⁹ Conforme consta no diário de classe houve: um remanejamento e dois cancelamentos.

¹²⁰ Encontra-se descrito: três cancelamentos

¹²¹ Averigüei: quatro cancelamentos,

¹²² Esta turma apresenta: duas reprovações e quatro cancelamentos.

¹²³ De acordo com a lista de chamada consta: três cancelamentos.

¹²⁴ Consta nessa turma 42 alunos matriculados na lista de chamada, vindo a acrescentar mais quatro alunos remanejados do turno da manhã.

¹²⁵ Está descrito 44 alunos, sendo um remanejamento da manhã para a noite e sete cancelamentos.

¹²⁶ Consta: 01 reprovação e 12 Cancelamentos.

Quadro 36 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1983

Docente	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Eulália	1983	30	3-A	M	28	00	02	66
	1983	28	3-B	M	27	00	01	66
	1983	28	3-C	M	26	00	02	66
	1983	36	3-D	M	31	01 ¹²⁷	04	66
	1983	27	3-F ¹²⁸	M	34	00	04	67
	1983	29	3-G	T	28	00	01	64
	1983	36	3-H	T	34	00	02	65
	1983	32	3-J	T	29	00	03	65
Elizabeth e Catarina ¹²⁹	1983	51	3-A	N	30	02	19	62
	1983	50	3B	N	26	03	21	64
	1983	50	3C	N	28	01	21	64
	1983	48	3D	N	20	03	25	61
	1983	35	3-F	M	33	00	02	49

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

¹²⁷ Está listado: 01 reprovação e 04 cancelamentos.

¹²⁸ De acordo com as anotações no diário, no 2º Bimestre assume a regência da turma 3F professora Borsa.

¹²⁹ Conforme as anotações nos diários de classe averiguou-se que as turmas inicialmente seriam da professora Marilda, porém a regência foi assumida pela Professora Borsa.

Quadro 37 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1983

Docentes	Ano	Nº Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Repov	Evasão	Aulas Dadas
Eulália	1984	35	3- A	M	34	00	01	67
	1984	35	3-B	M	31	00	04	68
	1984	35	3-C	M	30	00	05	66
	1984	29	3-D	M	27	01	01	64
	1984	27	3-E	M	23	00	04	66
	1984	27	3-F	M	18	00	09	67
Maria	1984	24	3-G	T	22	00	02	74
	1984	28	3-H	T	22	01	05	75
	1984	29	3-I	T	24	01	04	75
	1984	24	3-J	T	17	01	06	75
Catarina	1984	51	3-A	N	28	04	19	66
	1984	44	3-D	N	26	01	17	64

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 38 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1985

Docentes	Ano	Nº Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Joaquina	1985	38	3-A	M	32	01	05	64
	1985	37	3-B	M	31	00	06	67
	1985	33	3-C	M	29	00	04	64
	1985	33	3-D	M	29	00	04	66
	1985	30	3-E	M	26	00	04	64
	1985	31	3-F	T	29	00	02	64
	1985	38	3-G	T	33	00	05	64
	1985	33	3-H	T	32	00	02	69
Manuel	1985	35	3-A	N	23	03	08	51
	1985	45	3-B	N	28	00	17	65
	1985	42	3-D	N	27	00	15	65
	1985	32	3-E	N	23	01	08	64

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 39 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1986

Docente	Ano	Nº Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Repov	Evasão	Aulas Dadas
Manuel	1986	28	3-A	N	22	00	06	68
	1986	30	3-B	N	20	00	10	68
	1986	28	3-C	N	19	00	09	68

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 40 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987

Docente	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turno	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Manoel	1987	31	3-A	N	21	00	10	66
	1987	30	3-B	N	21	00	09	65
	1987	29	3-C	N	16	00	13	67

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 41 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1988

Docente	Ano	N ^o Alunos	Turmas	Turnos	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Manoel	1988	29	3-A	N	13	02	14	66
	1988	27	3-B	N	11	02	14	67
	1988	24	3-C	N	15	00	09	68

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

Quadro 42 - Terceiros Anos do Segundo Grau - Colégio Manoel – 1987

Docentes	Ano	N ^o Alunos	Turma	Turno	Aprov	Reprov	Evasão	Aulas Dadas
Elizabete	1989	29	3-A	N	17	00	12	68
	1989	27	3-B	N	21	00	06	71
	1989	31	3-C	N	20	00	11	69

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir dos Diários de Classe.

APÊNDICE L – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PROFESSORA CATARINA

Pesquisadora – Como era o ensino em 1972? Pois, justamente foi em 1971, que a partir da nova LDB a disciplina de filosofia se tornou optativa e praticamente desapareceu de quase todas as escolas brasileiras.

Professora Catarina - O Manoel Ribas optou por ter a filosofia de forma direta, ou seja, como uma disciplina da grade curricular, nessa ocasião eu assumi, acho que foi em 1973, estou meio perdida nas datas, e como eles tinham assumido a disciplina, ela entrou meio, assim, se adaptando, não mantinha ainda o nome de filosofia, ficou como introdução, iniciação moral e cívica, ou estudos cívicos e biológicos. Aí, como eram numerosas as turmas, sempre a parte biológica era dada por um professor da biologia, que fazia contribuições nas principais doenças, tanto físicas como psicológicas. Enfim, naquilo, que mais atingia a população. E, nós entrávamos mais com a parte da ética, e com a parte mais de consciência, se levava muito para o nível de consciência psicológica, da mente, da memória e atenção, também, sempre voltado para a ética, muito de Santo Tomas de Aquino, de Aristóteles, voltada bem ao ensino medieval de cunho religioso, inclusive muitas pessoas que eram também ficaram cativas à religião, entraram nessa segunda parte, nessa segunda leva, onde os alunos tinham que ter a parte fisiológica no primeiro semestre. Então, um pouco da filosofia era ministrada, no segundo semestre. Esse tipo de atuação, daí invertia, os professores atendiam a todos os alunos, mas sempre, trocando de semestre. O curso científico que sofreu uma reforma, e se tornou preparação para o trabalho, os alunos odiavam essa palavra preparação para o trabalho, não tinha nada para preparação para o trabalho, tinha passeios de uma escola para outra, essa era a preparação para o trabalho. As disciplinas eram anuais, e o título da disciplina era abrangente, no primeiro semestre se trabalhava uma parte, a física, vou chamar de filosofia, e no segundo semestre se invertia, os alunos que tinham recebido um conteúdo e trocavam de professor. Por isso que não tem caderno de chamada com filosofia nos anos 70, mas a escola na grade ela já contava com filosofia, só que ainda não tinha a determinação de continua ou não continua da disciplina. Pesquisadora Sim, eu comecei a encontrar os cadernos de filosofia somente a partir de 1979, o que de certa forma justifica a ausência desses registros, desses arquivos.

Professora Catarina - mudou de nome, já lembrei o nome da disciplina, Programa de Saúde.

Pesquisadora – Eu vi esses cadernos, mas pelo nome não me chamou atenção, pois eu nunca imaginei que dentro desses cadernos teriam conteúdos filosóficos.

Professora Catarina – Programas de Saúde Mental e Cívica, eu acho que era isso. E quem teve uma disciplina com o nome Emergência Moral e Cívica, fui eu no último ano da minha faculdade em 1970, uma normativa que partiu do MEC, que nos tínhamos que ter essas disciplinas, daí nós fazíamos nos sábados, a palavra cívica não aparecia no segundo grau, aparecia no terceiro grau.

Pesquisadora - Já que a senhora entrou aproximadamente em 1973, até 80 vocês passavam por algum tipo de controle, dos conteúdos ensinados, já que a filosofia não tinha esse espaço de liberdade, nem o próprio nome era dado na disciplina?

Professora Catarina - Não, não tinha supervisionamento, a nossa supervisão era normal como de todos os outros, o registro que se fazia das aulas no caderno, que eram entregues para o SOP, Serviço de Orientação Pedagógica, e ele que avaliava.

Pesquisadora - E essa avaliação sofria algumas retaliações?

Professora Catarina - Não, porque nós nos reuníamos antes e fazíamos toda a programação, de quais temas nós iríamos tratar? Vamos tratar de liberdade em quem? Como Sócrates via Platão, Santo Agostinho, se determinava alguns filósofos, e aí se tratava dos temas, como consciência, morte, finitude, eram estes os temas.

Pesquisadora - Mas se vocês quisessem entrar com temas mais contemporâneos nesse período dos anos de 1970 a 1980, como o estudo do marxismo, de Sartre?

Professora Catarina - Sartre sim, eu fui uma que trabalhei bastante Sartre, o existencialismo era bastante trabalhado, aí nos tínhamos uma colega que dava o enfoque para o existencialismo espiritualista, nos tínhamos um colega padre, dava o enfoque mais no catolicismo, no cristianismo. Procurava mostrar a contradição de Sartre.

Pesquisadora - Eu preciso saber qual é a sua formação em instituição. Qual é sua formação geral?

Professora Catarina - A minha graduação é em filosofia, terminei em 1970, e mestrado é Antropologia filosófica em 1976, eu realizei os estudos na UFSM. O mestrado também no curso de filosofia nessa linha de antropologia.

Pesquisadora - Como os professores do Manuel Ribas preparavam os planos de ensino em um contexto de cerceamento das liberdades políticas e civis? Porque eu faço essa pergunta, porque era uma ditadura, porque não havia eleições gerais, para os cargos majoritários para Poderes Executivos no âmbito Federal e Estaduais, custou muito a ter eleições para governadores, inclusive eu quero averiguar, qual foi o último governador a ser indicado, Estado do no RS. Porque, antes de terminar a ditadura já foram abrindo alguns espaços de representação pelo voto em algumas cidades, em outras que inclusive que eram consideradas regiões estratégicas, nem espaço à eleição para prefeito elas tinham. Então, eu lhe pergunto como se dava o cerceamento das liberdades civis. Ele pode não ter se dado de forma direta, tu não vai ensinar isso ou aquilo, mas de forma sutil, ou seja, não havia certa organização para que vocês trabalhassem os conteúdos filosóficos, que não mexessem com processos mais revolucionários, no ensinamento dos alunos.

Professora Catarina - Aí, eu não sei te dizer, se era nós que não tocávamos a questão de política, então tema político não existia, se tratava muito sobre a história,

e sempre que eram feitos os planos de ensino eles eram feitos em grupo, um sugeria, outro sugeria, era muito velado, acho que até as pessoas tinham receio de se expor mais. Não existia uma diretriz, mas de certa forma nós éramos mais contidos, mais autopolicadas. Isso, eu não vou falar nos grêmios, eles tinham sido dissolvidos, aquelas lideranças estudantis, elas não estavam mais na escola. Eu sinceramente, no meu tempo de Maneco, eu tive muito mais problema foi com a indisciplina dos alunos, mas sempre procurava conduzi-los da melhor maneira possível.

Pesquisadora - Existia um controle das Secretarias de ensino em relação aos conteúdos ensinados?

Professora Catarina - Havia e vinham diretrizes gerais, dos temas para serem desenvolvidos. Os temas vinham com sugestão de títulos e aí a gente seguia aquelas sugestões. Vocês têm que tratar da finitude, da esperança, da motivação, muitos temas da psicologia, tinha tema do civismo, amor à pátria. Eu norteava os estudos a partir da história da filosofia. E o civismo, cada um desenvolvia da sua maneira, partia daquele tripé, o homem precisa do outro, o homem precisa desenvolver sua consciência, mas enquanto não desenvolve a consciência, daí aparece à necessidade do governo, dar conta disso através da educação. O governo vai de encontro aos interesses do ego, mas também vai de encontro ao interesse da macro/sociedade, numa perspectiva de consciência coletiva organizada de forma crítica. Então, havia uma condução, mas ela era sutil, não poderia se fazer o registro de certas ações pedagógicas nos diários de classe, como se cada um tivesse dando uma disciplina diferente. Passou essa impressão pesquisadora?

Pesquisadora - Eu achei algumas coisas soltas, tem uma parte que eu vou te perguntar, porque é muito da psicologia, parece que a filosofia desaparece um pouco, onde vocês abordam a psicologia?

Professora Catarina - Isso aí partiu do interesse dos alunos, sabe quando eles ficam reagindo, eu quero saber sobre isso, faziam várias perguntas, mas no campo da psicologia.

Pesquisadora- Era uma vertente muito forte no Brasil, dentro dos espaços de estudos da filosofia, realizarem, também, os estudos da psicologia. Haja vista que a psicologia foi retirada do currículo, nem como optativa se fazia presente na escola.

Professora Catarina - até o nosso departamento lá fora, era Departamento de filosofia, psicologia e sociologia.

Pesquisadora - Os alunos do Maneco nessa época eram predominantemente das classes mais enriquecidas de Santa Maria, ou das classes das mais pobres, ou havia um equilíbrio quanto à condição social deles?

Professora Catarina - As classes eram bem distintas, sim, os alunos da manhã, geralmente eram de classe média, para média alta, com algumas exceções. Eram aqueles mais dedicados, que hoje são profissionais que fizeram nome por aí. Eram alunos dedicados, com as famílias querendo, que os filhos fossem isso, ou aquilo no campo profissional, pouquíssimos vinham das classes mais humildes. Os

da noite ao contrário, eram pessoas que trabalhavam no comércio, chegavam atrasados, cansados, tinham alguns grupos da classe média mais baixa, alguns deles estavam ali, com vistas ao crescimento profissional. No entanto contávamos com a presença do pessoal mais humilde, foi uma grande oportunidade, principalmente para as moças, que não tinham recursos e moravam nas casas de família, que então puderam estudar a noite.

Pesquisadora - Eu entrei em 1974 no Maneco e tive uma dificuldade enorme de conseguir vaga no turno da manhã, eu queria estudar neste turno, então uma professora amiga da minha cunhada que era professora na instituição intercedeu, para que eu conseguisse entrar: eu consegui. Então, quando eu fui para o terceiro ano, eu acabei tendo que ir para o turno tarde, mas eu fiquei grávida eu tive muitas dificuldades, na gestação, eu troquei de turno mais ou menos a partir de julho ou agosto, após me afastei por indicação médica. Neste contexto, eu tive que fazer aquelas provas especial, enquanto um direito das gestantes, mesmo assim, eu tive dificuldades para estudar, nessa época. Isso foi em 1986, quando a ditadura já havia terminado. Eu fui uma pessoa, que lutei no decurso da finalização de ditadura. Então, nesse processo eu passei por vários momentos de repressão, porque, quando eu entrei no Maneco em 1984, ainda era ditadura, alguns professores do colégio eram favoráveis à continuidade deste regime de governo. Nesse sentido, eu ia de encontro à percepção deles, por meio de enfrentamentos contrários as suas falas, em sala de aula. Também, eu fui do grêmio em 1985, e isso me deixou bastante marginalizada dentro da escola.

Professora Catarina - O grêmio funcionava?

Pesquisadora - Sim e já tinha antes um grêmio, antes de nós em 1984, mas era muito vinculado com a direção da escola, concordava com todas as questões que a direção colocava, era um grêmio que promovia eventos culturais, tais como "A Garota do Maneco", e nós aos poucos tiramos essa configuração de grêmio festivo, nos entramos para o grêmio, politizados, amargamos vários momentos, porém conseguimos os documentos através da UNE, UBES e do movimento estudantil de Santa Maria, para que não mais precisávamos ter aquela professora atuando conosco. A qual de certa forma, não era uma parceira, pois exercia uma tutela sobre o grêmio, então, nós tiramos essa professora do grêmio, aí começaram os problemas.

Professora Catarina - eu lembro na faculdade disso, que os diretórios se tornaram bem festivos colocavam uma música agradável, faziam reunião dançante, com isso perderam todo o caráter de política estudantil, na faculdade. No Maneco eu simplesmente ignorei a existência do grêmio, portanto, não posso falar nada.

Pesquisadora - o que eu vi ali nos documentos antigos foi mesmo o perfil de um grêmio muito festivo, e como já disse suas ações eram muito próximas da direção escolar.

Professora Catarina - Nas minhas aulas, embora eu tivesse os meus posicionamentos, eu não permitia nenhuma discussão política, nada, eu não queria me complicar, era por aí. Minha posição docente era voltada apenas a dar as aulas sobre minha regência, reafirmo não queria me complicar. A gente sabia que sempre

tinha alguém de olhos e ouvidos prontos... Porém, eu não sabia quem, talvez nem os outros soubessem. Eu terminei o meu curso de filosofia e entrei logo naquela dinâmica de dar aulas nos turnos da manhã, tarde e noite. Nessa época nós trocávamos de turma a partir de agosto, nos tínhamos 32 turmas no primeiro semestre e 32 no segundo, uma aula por semana. A acumulativa acontecia a cada bimestre, daí eram duas aulas, mas as outras provas e avaliações que se faziam eram dentro do período de uma hora.

Pesquisadora - o ensino de filosofia passava por constantes processos de monitoramento no tocante do trabalho das supervisões e coordenações pedagógicas, como atuavam as inspetoras escolares, você teve contato, sabia da existência?

Professora Catarina - Eu sabia que os programas eram feitos anualmente, que as aulas eram planejadas e registradas em cadernos, e elas eram avaliadas no SOP.

Pesquisadora - Existiam visitas, que vinham de fora da escola, parecido com aquilo que a gente chama, hoje de 8ª CRE?

Professora Catarina - A gente via o movimento, mas era sempre no SOP ou na direção. Essas visitas eram restritas as direções, o famoso tripé, a direção, a orientação e a supervisão. As visitas existiam, sim, mas os professores não tomavam conhecimento delas. Tinham as comunicações gerais, os informativos mais oficiais e depois cada grupo se reúne por disciplina, para fazer seus planos de aula. Isto, a cada 15 dias, de manhã ou pela tarde, era só meio turno, aí tinha a famosa reunião, com todos os professores. Então a direção vinha relatava as normativas escolares e se retirava, também, se formavam os grupos das disciplinas ou disciplinas afins, para planejarem e chegarem a um acordo, de como conduzir as aulas, do que tinha que ser reformulado, a gente focava muito nos conteúdos.

Professora Catarina - Eu trabalhei com Hegel, os princípios do comunismo, a formação de classe, baseada no movimento do raciocínio. Eu acho que trabalhei com Marx, eu acho que dei em Hegel, aquela visão da tese, antítese. Quanto, ao Marx, eu me lembro de ter mostrado a contradição, os aspectos do contraditório, que se dá na antítese. E, se um dia se formar a síntese, ela vai se transformar em uma nova tese, então, já era um desmantelamento filosófico do Estado. Essas contradições nós resolvíamos nas reuniões, bem como trabalhar, com cada autor.

Pesquisadora - Então existia uma liberdade mínima para o grupo discutir, todos sabiam até onde poderiam ir, e o quê não poderiam ultrapassar? Como ficava o estudo de Marx, um autor mais revolucionário, vocês leram o manifesto comunista?

Professora Catarina - Jamais, a gente leu este texto escondido, não era orgulho nenhum, era muito feio ler Marx. Na nossa grade era tanto conteúdo e tão pouca aula, que tínhamos que pensar o que íamos pegar para passar de cada filósofo: liberdade... finitude, o tempo era pouco - vamos dar uma passada por toda a História da Filosofia.

Pesquisadora - Mas vocês só tinham a filosofia a partir do segundo ano?

Professora Catarina - Teve muita mudança, no terceiro ano a filosofia era a praia, era o descansinho, porque eles estavam exaustos, por conta das disciplinas do vestibular, “filosofar” era a hora do relaxamento. Mas, não foi escolha dos professores, talvez a coordenadora da disciplina participasse, porque era quando os alunos precisavam descansar da matemática, da física, da biologia da química.

Professora Catarina - A filosofia por vezes se resumia para os alunos a esse horário de descanso, então eu te pergunto: Neste contexto, qual era a possibilidade dos alunos e alunas produzirem a reflexão dos conteúdos filosóficos, bem como a leitura e a produção da escrita filosófica, a senhora conseguia chegar a este contexto da reflexão e da escrita filosófica?

Professora Catarina - Eu conseguia alguma coisa com interpretação de textos pequenos, que davam a oportunidade dos alunos refletirem e colocarem suas opiniões, mas escreviam, com qualidade relativa. Aqueles, que de fato se motivavam faziam reflexões excelentes, tem turmas que eu devo ter guardado os materiais até hoje. Mas a grande maioria dizia vamos terminar logo, para sair, ir embora ou para o pátio, ou para dar mais uma estudada para alguma prova, que realmente tinha valor na percepção deles.

Professora Catarina - Os conteúdos sobre o Homem, o animal, a condição humana, semelhanças entre o homem e o animal, fatores intermediários, diferenças essenciais entre o homem e animal, estudo da sensação e percepção, estudo sobre a imaginação e fantasia, estudo sobre a inteligência e desenvolvimento intelectual, eram vinculados com os estudos da Filosofia Oriental ou apenas com as bases teóricas da Filosofia Ocidental ou da Psicologia?

Professora Catarina - Sim, com exceção de uma professora, a professora Marilda, ela que fazia muitos estudos na linha da Filosofia Oriental.

Pesquisadora - Eu lhe pergunto assim: Sobre a Filosofia Oriental a senhora trabalhou, suas bases, nos seus estudos com os alunos?

Professora Catarina - Sim, aquela linha histórica, muito rápida, sem grandes reflexões. Uma pincelada. Não se chegava a trabalhar com os textos da filosofia oriental. Porém, eu destacava, quais foram os principais representantes e alguns fragmentos. Um estudo bem generalista mesmo. A parte bem aprofundada integrava a Filosofia Ocidental os Pré-Socráticos, Sócrates e Platão, se, eu retomava muito estes filósofos. Na linha da Psicologia, até nos tínhamos uma colega foi coordenadora por um tempo a Maria Luísa Medeiros, que era a única psicóloga formada que atuava na escola, então ela marcava muito estes aspectos mentais e comportamentais das pessoas, e os alunos aceitavam essa abordagem psicológica dos temas referentes à memória, a inteligência, ao desenvolvimento intelectual e as emoções. Eles tinham muito interesse, por estudar as emoções, e tínhamos alunos muito bons, que faziam textos bem significativos.

Pesquisadora - Como eram trabalhadas as questões sobre o civismo nas aulas de filosofia?

Professora Catarina - Era muito a partir daquelas reflexões sobre a natureza humana, Rousseau, Locke, a necessidade de um poder que controle, porque o homem precisa se socializar, ah... mas, a sociedade corrompe e destrói, por aí, entrava a discussão do civismo- surge um estado para defender a vida, dar segurança, era por aí.

Pesquisadora - Eu vejo mais uma prevalência do Locke e do Hobbes nos cadernos, Rousseau aparece menos, talvez porque ele tem uma postura mais revolucionária que os outros.

Professora Catarina - Tanto que ele foi uma das mentes que favoreceu a revolução liberal da Europa, mas com a ideia mais voltada ao poder soberano, não a representação política, como foi na Inglaterra. Para Rousseau, apenas o poder soberano seria eleito pelo povo, para o comando geral, e se entregava ao escolhido o poder de governar, em favor do povo, que se representava a, si mesmo, nas assembleias populares.

Pesquisadora - Na sua percepção o governo militar pode ser considerado uma revolução na estrutura política do país, ou uma ditadura?

Professora Catarina - para mim foi uma ditadura. Com certeza, houve fechamento de instituições, quando as instituições foram silenciadas, dava aparência de que não se tratava de uma ditadura, até por causa dos direitos pertinentes as relações internacionais, seria caótico politicamente, mas as características das atitudes eram de uma ditadura. Sobre as perseguições eu senti mais no tempo da faculdade, porque a gente era bastante assustada com o famoso SNI, que tinha um Gabinete, um setor junto à reitoria, que controlava tudo, nos tínhamos professores, que sabíamos que eram delatores. Então, às vezes as colegas falavam o fulano foi levado para SNI, foi ameaçado, mas não provaram nada dele. Então essas conversas existiam, mais no tempo da faculdade. Depois, na escola era aula, aula e aula, e as coisas iam acontecendo.

Pesquisadora - Nesse contexto, o Segundo Grau no que se refere ao ensino de filosofia preparava os alunos a reflexão crítica, ou a presença dessa disciplina na escola, não tinha muita importância na formação dos jovens?

Professora Catarina - A importância da filosofia nessa época era para manter o espaço na escola: a partir de algumas questões como: eu existo, eu estou aqui, eu não sou sempre assim, como estou lhe apresentando.

Pesquisadora - Assim pergunto, como era a sua relação com os alunos e alunas, quando vocês estudaram Sócrates, Platão e outros filósofos, os quais tiveram mais espaços dentro dos conteúdos desenvolvimento nos diários de classe? Também, em algum momento você sentiu que alguma turma estava sendo afetada, pelo ato de filosofar, bem como certa produção crítica por parte deles(a). Enfim, o retorno não existia ou apenas, por vezes, se fazia presente?

Professora Catarina - Eu sempre percebi que tinha muito essa discussão do que era necessário, ou, não era necessário, fica este conteúdo, ou tira-se, mas eu

sentia a necessidade de não me deixar entregar, por aí... ensinar filosofia era uma luta, para manter o seu espaço como disciplina.

Professora Catarina - Nos primeiros anos que lecionei não havia muito interesse, em grande parte dos alunos, era mais uma manutenção, do espaço, a filosofia que estava ali, dentro da escola.

Pesquisadora - Eu pergunto isso, porque quando eu estudei em 1984 e depois em 1985, no segundo ano nós já tínhamos os movimentos revolucionários dentro da escola, eu lembro que eu fui muito afetada pela filosofia, quando eu estudei Diógenes, dentro da filosofia antiga, foi muito intenso para mim. Eu lembro, até hoje, da professora Eunice falando dele com a canequinha na praça, nos não falávamos muito, mas ela falava bastante, aí eu pensava nele, com a canequinha na praça, lutando por uma mudança de vida dentro da sociedade que ele existia, no mundo grego. Eu me afetei muito, por isso, foram os estudos de filosofia que eu realizei no Maneco, que me levaram a fazer depois o Curso de Filosofia.

Professora Catarina - A maioria dos nossos alunos eles nem tomavam conhecimento da importância da filosofia até mais ou menos 1980, eles não participavam de muito nas aulas, eles recebiam os conteúdos.

Professora Catarina – A Elizabete fez uma revolução, mas sempre levando para o espiritismo. Nós passamos a fazer parte de reuniões dos professores com os alunos nos sábados à tarde. Onde todos eram convidados, tratávamos, com temas mais da antropologia, destino do homem, razão do viver, virtude, vícios. Sentíamos um retorno muito grande dos alunos, quem ia ali, porque queriam, por isso que eu vejo que a filosofia, na época era importante para manter um espaço.

Professora Catarina - A biblioteca era muito velada, o acesso para o uso era sempre controlado.

Professora Catarina - Eu dei aula de 72 a 1984

Café Dani, Santa Maria RS, 27 de outubro 2020

APÊNDICE M – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PROFESSORA JOANA

A entrevista com a Professora Joana, a qual lecionou a disciplina de Filosofia entre o início da década de 70, foi realizada em sua residência, no apartamento – centro, na cidade de Santa Maria/RS no dia /10/2020. Início, observando que apropriada entrevista vai ler as perguntas da roda de conversas, em função de uma dificuldade auditiva.

Professora Joana – Eu fiquei pouco tempo dando aula de filosofia, eu fiz depois orientação Educacional em nível de especialização, e fui trabalhar como orientadora educacional, mas minha formação é em Filosofia, eu comecei o curso em Bagé, na faculdade particular, e depois vim transferida para cá. Então, eu terminei o terceiro ano na UNIFRA, antiga FIC- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição. E, depois terminei o quarto ano, que era estágio na UFSM.

E sobre a questão do plano de ensino no colégio, a gente se reunia só com o pessoal da área da filosofia. Eu e a Professora Catarina, nós repartíamos o apartamento juntas, quando eu vim embora, alugamos um apartamento juntas, e foi por causa da Catarina, que eu fiz mestrado em Filosofia, antes disso, eu fiz orientação educacional e depois fui fazer o mestrado em filosofia na UFSM. Naquela época, não falavam muito, era ditadura, mas nunca, eu não me lembro deles virem dizer, não pode dar isso, não pode dar aquilo, nos pegávamos o programa e era aquilo ali, o programa estava pronto. Quando você começou a falar, que naquela época era ditadura, eu não me lembro de nada. Foi a melhor época que eu tive, a gente tinha teatro, exibiam peças. O teatro nem era reformado, a gente fazia fila para conseguir um convite de graça. Eu assist, várias peças de teatro maravilhosas. Eu não me lembro de terem pressionado a gente naquela época, claro, se eu fosse drogada, talvez, isso tivesse acontecido. Aqui, eu não me lembro desse controle. Quanto às provas, agora neste momento, eu não me lembro, se haviam prova.

Pesquisadora – Segundo a professora Borsa, vinha tudo pronto e vocês seguiam o programa de conteúdos.

Professora Joana – Pelo que você viu ali, eu lecionei um ano só, a filosofia dois anos, depois eu fui para orientação. Eu fui dar aula de programa de saúde, como não tinha professor formado, eles precisavam de alguém para o programa de saúde. Também na filosofia tinha saúde mental, eles me deram 34 turmas de Programa de Saúde e tinha um pouco de filosofia nessa disciplina. Mas no programa de saúde eu dava sobre a rubéola, tuberculose, enfim tratava das doenças, mas eu não era formada na área da saúde, mas eu tive que dar aula, por isso que não aparece nos diários muito a filosofia.

No programa de saúde no primeiro ano do ensino médio, manhã, tarde e noite, vinha o programa pronto. Então, eu tinha que trabalhar na saúde mental, com psicose, e na parte física todas as doenças que temos hoje, tuberculose e meningite. Então, o que eu fazia, eu entrevistava os médicos, com os quais eu me tinha acesso, eles me explicavam como que era estas doenças, e eu transmitia sobre elas, para os alunos, já que eram 34 turmas, eu repetia 34 vezes a mesma coisa.

Eu nem me lembrava, mais, que eu dava aula de filosofia. Eu dei aula de filosofia há quarenta anos, atrás. A gente dava todas as causas destas doenças, e o pior é que quando a gente falava, um aluno dizia: - professora, todos esses sintomas o meu filho tem, o que eu faço? Então, eu dizia que não era médica, já pensou. Agora na disciplina de filosofia, eu lembro ter feito, até psicodrama. Na filosofia, eu trabalhava muito com textos sobre a técnica cibernética, mas eu não me lembro, muito dos conteúdos tratados, mas eu usava muito os textos para interpretar os assuntos tratados.

Eu comecei em 18 de abril. Bom, eu me aposentei no Maneco, dobrando duas licenças prêmios, porque eu fiz concurso para a Universidade, daí não podia juntar. Posteriormente, eu me aposentei em dezembro, fui chamada em março na UFSM, agora não me lembro, qual o ano, acho que foi em 1989, porque depois na universidade eu me aposentei proporcional, já que ia mudar a lei, então com medo dessa mudança da lei, que até hoje não mudou, eu pedi para me aposentar proporcional. Eu fui prejudicada, porque eu recebo somente sessenta por cento do salário. E, naquele ano eu perdi a audição e fui chamada para ver se eu queria voltar, para dar aula, eles precisavam, mas eu ia me aposentar por invalidez e, então, eu ia ganhar tudo o que havia perdido, mas eu não aceitei. Sabe por que eu não aceitei? Eu me aposentei, porque estavam me dando aulas, para eu lecionar nos turnos da manhã, da tarde e da noite. E em uma noite destas eu acabei saindo da universidade às 23h e quase entrei embaixo de um caminhão, foi quando eu desisti.

Pesquisadora – E sobre os exercícios acerca dos limites do conhecimento e provérbios para interpretar.

Professora Joana – Eu usava muito os provérbios, todos ligados à filosofia. Então, eu dava o texto, e eles tinham que interpretar. O budismo era considerado como uma filosofia. A gente sempre procurava, assim, estudar primeiro sobre Buda, tínhamos que saber quem ele era, e depois estudar como se desenvolvia a filosofia budista. Sobre o Budismo sempre se falava, que o mesmo, não era considerado uma religião, o objetivo era para as pessoas entenderem essa filosofia, enfim, que não existe só cristo e o catolicismo, existe também o Budismo. Então, eu sempre procurava apresentar o que consistia nos aspectos filosóficos do Budismo, enquanto um modo de pensar o mundo, o universo, eu gostava muito dessa orientação filosófica. Eu fiquei um ano somente, dando aula, duas vezes por semana.

Pesquisadora – Eu tenho uma dúvida sobre o conteúdo, referente ao universo e a matéria na física.

Professora Joana – Aqui sem querer, tu entras na psicologia e na parte da física. Eu trabalhava muito com textos para eles discutirem, porque no ensino da filosofia, não adiantava somente eu falar, eu falava, mas eles tinham que trabalhar sobre os conteúdos.

Pesquisadora – Você pode falar sobre os seguintes temas: A vida, O Evolucionismo, A origem da vida, O homem.

Professora Joana – Apenas trabalhávamos um pouco de Darwin, sobre a origem da vida.

Pesquisadora – As aulas de filosofia passaram a ter uma abordagem voltada a psicologia em alguns momentos, no desenvolvimento dos conteúdos letivos, principalmente nos terceiros semestres. Vida psicológica na maturidade e velhice, teste de liderança, trabalho individual sobre o sentido da vida, instrumentos mentais do eu, mente instintiva e mente intelectual, o eu, quem sou eu. Então, a senhora pode contar um pouco acerca desses conteúdos aqui:

Professora Joana – Eu tive que trabalhar com a psicologia, porque eles não tinham psicologia, então de dentro da filosofia, eu tirava o espaço para discutir filosofia, para eu fazer isso. Era Freud, que eu trabalhava. Eu, não me lembro, muito, mas tenho a impressão, de que a Delegacia de Ensino mandava a lista de assuntos, porque eu não me lembro.

Esse controle, eu não lembro se tinha controle, vinha o programa, mas eu não me lembro de práticas de controle.

Pesquisadora - Eu penso que quando vem tudo pronto já existe uma forma de controle, um controle sutil (eu escrevi está observação no em caderno, para a para Professora Joana, devido sua deficiência auditiva).

Professora Joana - Por trás tem essa sutileza.

Pesquisadora - O ensino de filosofia passava por constantes monitoramentos no tocante ao trabalho das supervisões, coordenações pedagógicas, como atuavam os setores escolares? Esta pergunta, também foi lida pela professora Professora Joana, bem como todas as que foram realizadas.

Professora Joana - Eu não me lembro disso. Não era direto com a gente, era feito por trás.

Professora Joana - Primeiro eu fazia aulas expositivas, depois eu dava o texto ou uma frase para eles participarem. O que acontece é que naquela época, como falavam no regime militar, os alunos, em vista disso, tinham medo de se manifestarem, mas participavam das aulas. Sobre essa questão política, eu não sei se é porque não dava tempo, eram apenas duas aulas por semana. Talvez, por isso não discutíamos muito sobre política, mas se tinham dúvidas sempre perguntavam.

Professora Joana - Essas questões de escrita filosófica, eles, não faziam. Era feito um trabalho junto com a biologia, nessa questão da escrita. Nessa época, eles não tinham, também, a disciplina de psicologia sozinha, era dentro desse contexto de estudos que trabalhávamos tudo junto. Eu não sei como está agora.

Professora Joana - Naquela época também tinha moral e cívica, era uma disciplina, não sei, se continua hoje, era na época da ditadura, onde tinha essa disciplina separada da filosofia. Eu, particularmente, acho que não foi uma ditadura, dizem que foi, mas a meu ver, não foi. Ela tinha esse objetivo, mas dependendo de como se dava a disciplina, não preparava, para a reflexão. Não tinha muito tempo para isso.

Professora Catarina - Eu dei aula de 72 a 1984

Café Dani, Santa Maria RS, 27 de outubro 2020

Residência da docente, Santa Maria 23 de outubro.

APÊNDICE N – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: PROFESSORA - BIBIANA

Hoje nós estamos aqui com a professora aposentada Bibiana - que lecionou na disciplina de Filosofia No Colégio Manoel Ribas, fazenda entrevista sobre as suas práticas de filosofia a partir de 1986 que corresponde a uma das décadas do meu trabalho de tese, intitulada: “O ensino de Filosofia no Colégio Manoel Ribas nas Décadas de 1970-1980: Entre os Materiais Pedagógicos e as Memórias dos(as) professores e professoras” considerando as décadas de 1970 a 1989. Então eu vou começar a entrevista com a professora é uma entrevista semiestruturada aberta, pensando nas práticas do vivido. Então pergunto: como, se deram estas práticas do vivido na docência da professora e aí eu vou começar com a primeiras das questões abertas, a partir das quais ela via estar completamente livre para respondê-las da forma que lhe convier. Então Boa tarde professora, podemos começar?

Professora Bibiana - Boa tarde, eu gostaria de contribuir com tudo o que eu posso para que teu trabalho seja um trabalho de sucesso. Pesquisadora - Obrigada. Professora Bibiana - Para tu possa entender que essa primeira caminha da gente não foi fácil que a gente saia da escola. Eu não trabalhei com Filosofia, mas com psicologia lá em Cruz Alta, quando eu comecei, depois eu trabalhe Filosofia da Educação tudo, assim, mais ou menos direcionado, somente no Maneco quando eu vim para Santa Maria, que então, era Filosofia.

Pesquisadora - Então foi em 1986 que você começa a lecionar no Maneco. A primeira pergunta que lhe faço. Qual a sua formação e a instituição, onde estudou? Professora Bibiana - Fiz o Curso de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria, sou da segunda turma fizemos 50 anos de formados agora em dezembro. As

Pesquisadora - Meus Parabéns.

Professora Bibiana - eu fui à única que fui professora de filosofia, nós nos formamos em oito, uma disse que no dia da formatura ficou sabendo que filosofia era proibida nas escolas, não tinha e ela, então, já entrou para o Curso de Português, deve ter feito na faculdade particular, mas eu não tinha intenção de fazer outro curso.

Pesquisadora - Sim eu também, quando eu comecei eu sabia de todas as dificuldades que nós tínhamos de trabalho, mas eu tinha a perspectiva de que a filosofia era o meu lugar de estudo entendeu, em virtude das aulas que eu tive com a professora a Eulália, suas aulas me encantaram, com ela eu estudei com o filósofo Diógenes e os demais pensadores da Antiguidade Clássica.

Professora Bibiana - Ela foi minha colega. Também estudei Sócrates, entendeu? Foi muito importante para mim.

Professora Bibiana - Sócrates continua sendo.

Pesquisadora - Ele é um ícone na filosofia.

Professora Bibiana - Ele é o meu caminho, não só por isso, ele foi o primeiro que se preocupou com outras questões.

Pesquisadora - E a questão da Liberdade, nele está o nascedouro da ideia de liberdade, da densidade da fala do outro.

Professora Bibiana - Imagina eu li a Apologia, que conta a morte dele toda àquela defesa, eu li umas dez vinte vezes, porque eu gostava desta procura da verdade. No entanto, ele foi condenado, mesmo, sendo inocente, apesar tudo.

Pesquisadora - Era um homem sem culpa.

Professora Bibiana - Um homem sem culpa, e aceitou a culpa. Ele aceitou a culpa.

Pesquisadora - Na verdade ele aceitava ou ele aceitava o desterro ou tomava cicuta e, assim, morria. Ele disse que, como ajudou a construir a democracia, não podia então aceitar o desterro, era o mesmo que aceitar um crime que não cometeu, preferindo a morte, ao não quere sair da Grécia, a sua própria noção democracia não lhe conferia naquela época está possibilidade.

Professora Bibiana -, mas ele podia ter fugido e não fugiu, dizem, os discípulos queriam que ele fosse embora.

Pesquisadora - Sim os discípulos queriam que ele fosse embora.

Professora Bibiana - mas, ele não aceitou.

Pesquisadora - Para ele seria o mesmo que aceitar a culpa.

Professora Bibiana -, até hoje, eles falam em Sócrates.

Professora Bibiana - até hoje eu falo em Sócrates, esse meu amigo que é advogado, mas a gente ainda comenta Sócrates.

Pesquisadora - Os meus alunos perguntam assim, professora vamos estudar, eu estudo bastante o conceito de liberdade em alguns fragmentos e eles não querem para de estudar o Sócrates, até hoje, na tua época era assim?

Professora Bibiana - Também. Eles amavam o Sócrates. Adoravam fazer teatro também.

Pesquisadora - Como as professoras do Manuel Ribas preparavam os planos de ensino em um contexto já de abertura da democracia, de consolidação da democracia em 1986, no processo de democratização dos pais? Vocês dialogavam entre si?

Professora Bibiana - cada um, a gente só tinha um professor de filosofia, eu e a Eulália, não dois, eu e a Eunice, tínhamos a Ivone que faleceu, não havia interlocução, porque eu fiz filosofia e a Eunice fez pedagogia, então tinha algumas diferenças entre nós, depois em seguida a Eunice se aposentou e eu fiquei.

Pesquisadora - ela se aposentou em 1989, eu acho que ela tem alguns cadernos um pouco depois, eu tenho os cadernos dela até 89 que fecha a década, e tu continuas depois, pelo que eu vi, eu não peguei todos os cadernos, dos anos 90, por exemplo, eu percebi que tinham cadernos teus lá e que tu continuaste dando aula, então, não havia reuniões de planejamento?

Professora Bibiana - Não havia reuniões de planejamento, eu vou trabalhar isso, vou trabalhar não sei o que, a gente combinava mais ou menos... uma das coisas que eu gostava muito de trabalhar é a teoria do conhecimento, sempre partia disso daí.

Pesquisadora - Eu percebo nos cadernos

Professora Bibiana - Por que esse meu viés do conhecimento? Simplesmente por uma coisa, eu não conheço tudo. Eu preciso dessa busca, e é isso que eu queria que eles buscassem, a minha preocupação era isso, era não olhar aquela camiseta e dizer que ela é amarela, ela pode ser verde, ela pode ser não sei o que lá, depende da luz, depende de uma porção de fatores, então a teoria do conhecimento foi o meu carro chefe. Eu acho que foi. Porque eu convidava, vamos filosofar. Trabalhava a origem da palavra, mas o que é ser sábio? Eu partia sempre disso. Tu convidas os teus alunos para fazerem uma caminhada por determinada estrada, tem que ter um questionamento, o que eu vou fazer lá? Que estrada é essa? Eu sempre partia disso, sempre não, cada ano eu fazia diferente. Mas essa era a minha preocupação de que as pessoas não fossem uns extremistas, extremadas... Porque tem algumas questões que eu colocava em prova ...eu não fazia tanta prova ...eu colocava às vezes, eles podiam responder SIM ou NÃO e argumentar, o que estava certo SIM ou NÃO. Se eles argumentassem de uma forma que convencessem, eu era a sofista e eles também. Então o argumento era importante, o argumento era a coisa mais importante. SIM ou NÃO, não era resposta. E eu me lembro do meu pai. Eu era criança e já perguntava para os meus pais, às vezes, porque eles não deixavam sair e diziam - não vai. Eu o questionava o motivo pelo qual, eu não poder ir a determinados lugares, por que não? E eu dizia para ele: Não, não é resposta. Então, eu exigia a argumentação, pois sempre achei muito importante.

Pesquisadora- Que elas pudessem ter a liberdade se expressar.

Pesquisadora - Como funcionava o Ensino de Filosofia a partir de 1986, que é a fase que você começou a atuar na escola. Quais eram as relações de pertencimento dos professores e professoras junto à comunidade escolar. Vocês tinham bastante contato com a comunidade escolar, os professores de filosofia? Em relação aos alunos, a equipe os pais, já havia esses espaços dialógicos, pois nos já estamos falando de democracia, a escola se abriu, porque eu concluí o Ensino Médio no Maneco em 1986, quando você estava, na época entrando para esta instituição. Eu tinha uma dificuldade, porque a escola passou por processo bem intensos onde a abertura não aconteceu como nós, do grêmio estudantil prevíamos. A escola permaneceu em um processo de inflexão da democracia, segurando bastante ainda os espaços de liberdade, que nós buscávamos constituir com o Grêmio estudantil, isso em 1986, que foi quando eu terminei o terceiro ano, e você estava entrando.

Professora Bibiana - Isso, eu estava entrando. E depois eu fiz o curso de orientação educacional, eu trabalhei também no SOE, tivemos uma ocasião que nos tivemos um grupo, a gente repensou uma escola diferente, e fizemos uma experiência com um grupo de cinco turmas, a gente pediu para o diretor e explicou aí a gente tinha um trabalho todo, pois planejávamos juntos, no terceiro ano a gente fazia uma prova só relacionando todos os assuntos, e conseguimos o menos número de reprovação, os alunos gostavam de fazer parte do projeto, os professores que iam, eram das turmas do projeto viam diferença nos alunos das turmas. Criou-se uma comunidade dentro das turmas, uma amizade muito forte, aí teve a vivência de comunidade escolar. Eu ia para a escola, eu fazia almoço com eles, eu ficava lá ao meio-dia.

Pesquisadora - Qual era o nome do projeto? Não seria um projeto de planejamento familiar, aborto.

Professora Bibiana - Não. Isso nos trabalhava. Teve uma aluna que dentro do primeiro ano do projeto, abortou os pais a obrigaram. E, ela escrevia poesias. Então, eu percebi porque ela me entregou uma poesia sobre um feto, entendendo a atitude da mãe, que a obrigou a fazer está prática. Então, eu pensei muito no significado disso, e perguntei: O que aconteceu contigo? Quem é essa criança? Eu trabalhava no SOE também, trabalhava com filosofia e a gente tinha reunião. A melhor época da minha vida foram esses cinco anos, pois se trabalhou em comunidade, os pais participavam.

Pesquisadora - Na discussão desses problemas, pois eu vi que tem esse projeto. O nome desse projeto era Planejamento Familiar, e dentro desse projeto entrava essas questões da sexualidade, e eu noto que nos teus cadernos tem muito sobre esse assunto. Eu não sei se é este mesmo projeto, dos quais vocês faziam os almoços na escola.

Professora Bibiana - Sim, a gente fazia porque às vezes não dava tempo fora, a gente convidava outras pessoas para colaborar, mas não era apenas sobre isso. Numa determinada época eu, eu li sobre o BAR FILOSÓFOCO, eu fiz na escola.

Pesquisadora - O Bar Filosófico?

Professora Bibiana - o Bar filos. Fazia um ambiente de bar. Colocava até garrafas de uísque, com chá, ou levava guaraná para por dentro das garrafas, e a gente colocava a mesinha, claro, o assunto estava no caderninho, que era o cardápio, e estava escrito Bar Filos - Sofos, esse era o bar. Amigo da Sabedoria. Vinha num caderninho escrito em grego, eu não sabia, mas eu pedi para alguém desenhar, a minha filha que desenhava, fazia desenho industrial na universidade, um caderninho, com uma folha dentro, com o assunto dentro. Aí era uma comunidade, eles eram os atores, naquele bar. Que era muito bom, os alunos adoravam.

Pesquisadora - E os conteúdos filosóficos entravam dentro desse contexto de bar criado?

Professora Bibiana - Sim, eles estavam no Bar tranquilo, relaxado, discutindo os assuntos referentes à filosofia: era muito produtivo. No noturno eu trabalhei uma vez junto com a professora de biologia, tem que ver os cartazes que os alunos fizeram de biologia, porque a gente trabalhou nesse bar os irmãos, sabe o que eles pensam dos irmãos. E isso foi muito bom. Essa era a escola que nós imaginávamos, como uma escola modelo, nesses moldes. Os pais sabiam do projeto e participavam dele, também os alunos estavam presentes no conselho de classe junto, porque o nosso conselho era diferente, realizado com todos os alunos e professores. Se alguma coisa em alguma das turmas desse projeto não estava bem, a gente parava tudo e fazia um conselho, para discutir o que estava acontecendo, o que não estava bem, por que não estavam aprendendo. Então, ela disse: Gurias eu não quero trabalhar em outras turmas, eu quero trabalhar apenas com o terceiro ano, nas turmas do projeto, porque os alunos querem aprender, eles fazem os exercícios rápidos, e ainda dizem: pode passar mais exercícios professora. Eu nunca vi isso. A gente trabalhava a educação emocional, os atravessamentos do cotidiano.

Pesquisadora - Agora tem outra pergunta aberta, você não precisa ficar te modelando por elas, porque elas são semiestruturadas. Eu senti uma grande solidão de estar com os cadernos e saber que por detrás dos cadernos existiam práticas do vivido de docentes, com os quais eu não conseguia me conectar, conversar para saber se essa parte do afetamentos que nos temos na sala de aula entre professor e aluno, e é isso que vocês estão me dando, quando eu converso com vocês.

Professora Bibiana - Se você não trabalha essa parte emocional, essa relação muito boa com eles, à gente não consegue, nós nos apresentamos para toda a escola o Bar Filos, dentro de todo o público a gente fez um quadrado e um círculo e colocamos as classes, e ali a gente uma demonstração disso. Depois apresentamos em uma festa de escola, os cegos e o elefante. Eu fazia teatro disso. Tudo que dava para transformar eu teatro, eu fazia. Trabalhando dentro da teoria do conhecimento. Com Os cegos e o Elefante, cada um percebe uma parte da realidade, porque a gente não percebeu tudo, e isso faltou na minha vida, aí a gente fica flexível, mas a gente tem um norte ético, visita lá e visita aqui, mas volta para o lugar da coerência e do meio termo, porque a verdade está no meio. Isso a gente sabe. A gente trabalhava o Mundo de Sofia sempre, eles não gostavam muito.

Pesquisadora - Eu trabalho com os meus alunos e eles gostam, os teus gostavam de estudar o Mundo de Sofia?

Professora Bibiana - Não, depende. Às vezes a gente fazia até teatro.

Professora Bibiana - A gente faz umas pinceladas um pouco de cada um. Para obrigar a ler, sabe o que eu fazia: roteiros, aí eu sabia que eles tinham lido.

Pesquisadora - O roteiro é a ideia deles?

Professora Bibiana - é para ler mesmo, um roteiro de leitura. Iam lendo, e eu mostrava os tópicos e eles iam fazendo.

Pesquisadora - O ensino de filosofia passava por constantes processos de monitoramento escolar e depois em 1986, ou esse monitoramento escolar das

coordenações pedagógicas, supervisões eles desaparecem ou tinha esse monitoramento?

Professora Bibiana - Olha, eu não acredito que fosse monitoramento, porque para você avaliar um trabalho de um professor de filosofia, em primeiro lugar tu tens que ter um curso de filosofia. Eu não acredito que quem fez pedagogia, quem fez o curso de supervisão, administração possa perceber e entrar nesse trabalho. Até pode, porque acontecia isso né, mas não deveriam argumentar nada. Quando a gente aparecia nos conselhos de classe ou em qualquer lugar, eles sempre ficavam temerosos das perguntas da gente ou das coisas que nos percebíamos e os outros não.

Pesquisadora - A gente problematiza, eu sou uma pessoa assim, eu nunca baixei a cabeça dentro da minha escola, para aquilo que eu não concordava.

Professora Bibiana - A gente enxergava coisas que eles não viam, me chamava atenção e eu perguntava.

Pesquisadora - E tem um ordenamento na escola, querendo ou não tem um ordenamento, e esse ordenamento passa pelo controle de disciplina, pelo supervisionamento do que realizamos, a escola é um lugar de disciplinamento, agora pelo fato dela ser um lugar de disciplinamento, não quer dizer que ela vá ser um lugar de não liberdade.

Professora Bibiana - Eu me senti livre, porque as pessoas não argumentavam com a gente. A gente usava muito as disciplinas, por exemplo, a química para problematizar como as coisas começaram como tudo começou? Nos pré-socráticos, tu estudas isso aí, o aparecimento da ciência. Saia do período mítico, eu trabalhava mito também, saiu do mito e aí acontece isso lá, mas e daí como acontece? Não era a mesma resposta né, mas afinal onde está a verdade, aí eu começava, eu não tenho tudo escrito aqui, alguns tópicos. E eu convidava os professores para assistirem meus bares, até o diretor e diretora eu convidava: Vamos lá assistir? Hoje é dia de Bar, eu gostaria da tua presença lá no nosso bar. E uma coordenadora foi lá e disse: mas tem uísque? Depois ela me chamou do nada e disse, você trouxe até uísque para dentro da sala de aula, eu respondi: Claro que eu trouxe, quer experimentar uma dose, então eu chamei o garçom, o aluno se vestia de preto, com borboletinha, era uma aluna minha que era a garçonete. Eu disse: por favor, a professora aqui deseja uma dose de uísque, a aluna respondeu: experimenta que este uísque é muito saboroso. Então, eu dei a dose, então ela viu que era guaraná. Isso são as práticas, que nós vamos aos poucos, nos lembrando.

Pesquisadora - quadro de perguntas

1- Os alunos eram receptivos aos conteúdos de filosofia e participavam ativamente das aulas com desempenho satisfatório nos trabalhos e provas, a partir de 1986?

2- As aulas eram expositivas com espaços para debates e diálogos juntos aos alunos ou as aulas eram apenas expositivas? Havia espaços, para discutir as dúvidas dos alunos e as questões políticas que atravessavam a conjuntura do país, após a democratização?

Professora Bibiana - Na minha aula era proibido proibir, sempre aberto, qualquer hora, não atrapalhava, e eu já dizia assim: não existe pergunta, não inteligente, todas as perguntas são inteligentes, vocês podem perguntar, pois isso é importante, a gente só caminha ou busca alguma coisa por meio da pergunta, eu acredito que dei muita abertura, e parava sempre que precisava e questionamentos de como vamos fazer isso, dentro da perspectiva de analisar a conjuntura política do país, no início da democratização. Todos colocavam o seu conhecimento.

Professora Bibiana - Eu notei que você fazia avaliações, fazia provas, testes e às vezes você fazia muito mais avaliações com trabalhos de estudos com pesquisas, eles se envolviam de forma satisfatória?

Professora Bibiana - Se envolviam e eram muito criativos e eu usava às vezes, quando eles estavam muito inquietos, as práticas de relaxamento. Isso aí antes deles responderem qualquer questão, ou um teste, eles relaxavam um pouco e depois eu colocava as questões, e eu achava que como isso ajudava eles a se concentrarem no trabalho, eu achava que isso era importante para eles. Eu nunca fui tradicional, eu fui chamada de boazinha. Eu tenho uma aluna que eu trabalhei a noite, ela me contou depois de tempos assim: professora o seu Deus eu acredito. E encontrei uma mãe em uma festa que era bem religiosa, que disse assim para mim: Professora eu lia todos os seus trabalhos, eu lia tudo que a minha filha tinha em relação a sua disciplina. Ela se envolvia com o processo.

Pesquisadora - Então no contexto da democratização do país, em 86, ano que a senhora lecionava, quais eram as possibilidades dos alunos e alunas produzirem a reflexão dos conteúdos filosóficos, bem como a leitura e a produção da escrita filosófica, por que não é uma coisa fácil. A Catarina me disse que na época dela, havia a leitura, mas a produção da escrita filosófica, ela apenas se aproximava, era muito difícil para os alunos na época. Eu não sei como começa esse processo a partir de 1986. Tu percebias que os teus alunos, além da reflexão dos conteúdos filosóficos no processo de leitura, eles chegavam até a produção da escrita filosofia?

Professora Bibiana - Não, eles não tinham essa profundidade, nem podiam né. A gente quando entra na faculdade também tem essa dificuldade, eu tive. Esse processo, essa compreensão era muito difícil. Eu sou da segunda turma de filosofia, então os professores, que eram nossos professores, também estavam engatinhando... Eu tive didática da filosofia, gente eu fiz magistério aqui no Bilac, a professora de didática da matemática, era a mesma professora que eu tinha na universidade de didática da filosofia, eu gostava muito dela, ela era professora que eu conseguia aprender tanto e produzir tanto com ela, para mim ela é especial, quando ela foi lá, trabalhou os mesmo conteúdos, não foi nada direcionado para a didática da filosofia, nos saímos assim oh, por isso que eu acho que as pessoas da minha turma, a Cecília nem se fala, mas quem ficou como soldado da frente de combate é o professor de filosofia. A Cecília Pires continuou, eu me mudei para cá, me mudei para lá e fiz concurso para psicologia, porque na época não tinha professor de filosofia, como o concurso dava direito para psicologia ou filosofia, eu fiz para psicologia, eu trabalhei com psicologia também em Cruz Alta e Rio Grande. Eu trabalhava em uma escola de segundo grau.

Pesquisadora - Eu vou te fazer uma pergunta, que é sobre a ditadura, mas você responde na medida em que puder, porque eu não sei se você chegou a atuar em sala de aula na época da ditadura. Mas a tua percepção geral, então eu vou fazer só a primeira, nem vou perguntar a segunda já que tu não tens contexto. Na tua percepção, o governo militar pode ser considerado uma revolução na estrutura política do país ou uma ditadura?

Professora Bibiana - Tem gente que diz que não, mas ditadura nunca mais mesmo. Eu prefiro a pior democracia a melhor das ditaduras. Na democracia tu podes experimentar, eu tive tios que foram presos um de Cruz Alta, que ele era comunista, ele trabalhava na Rede Ferroviária.

Pesquisadora - uma coisa que eu percebi no teu trabalho é que em 1986 tu trabalhas muito mais com textos numa linha de trabalhar com a leitura de textos filosóficos e não filosóficos. Porém, depois de 1987, você centra mais em um trabalho voltado a História da Filosofia e nos textos de filosofia, não é que tu deixes de trabalhar com o texto filosófico, mas parece que você centra mais no estudo da filosofia, por que você faz isso?

Professora Bibiana - Olha, eu penso que no início eu estava pensando de como iria trabalhar com os meus alunos, porque a nossa didática, eu estagiei em psicologia, já que na filosofia não podia, então, realmente eu não estava preparada para trabalhar filosofia, eu não tinha didática de filosofia, eu tive a didática como eu te falei. Eu aprendi na prática, fui obrigada a experimentar.

Pesquisadora - Você utiliza algum livro didático no processo de preparação das suas aulas.

Professora Bibiana - Tinha uns quantos. E sempre que aparecia algo de novo eu comprava.

Pesquisadora - A escola disponibilizava livros didáticos você para usar, na preparação das suas aulas.

Professora Bibiana - A escola comprou o livro Filosofando, não me lembro de outros os autores. São as Marias.

Pesquisadora - E a Chauí você nunca usou?

Professora Bibiana - De vez em quando. Nas férias eu me preocupava muito, eu passava pensando como é que eu vou fazer. Quando eu viajava eu ia às livrarias para o que tinha de novo para comprar. Eu estava sempre comprando livros, porque eu queria achar um norte, porque a gente não saiu assim nesse sentido da prática de ensino.

Pesquisadora - Os conteúdos sobre o homem e o animal, a condição humana, semelhanças entre o homem e o animal, fatores intermediários, diferenças essenciais entre o homem e o animal, estudo sobre a imaginação e fantasia, estudo sobre a inteligência eram vinculados com os estudos da Filosofia Oriental, ou apenas, com as bases teóricas da Filosofia Ocidental ou da Psicologia. Tais,

conteúdos não aparecem nos teus cadernos esses conteúdos. Em 1986, eu não encontrei esses conteúdos?

Professora Bibiana - Era o começo, tudo foi uma caminhada, eu acredito que foi uma caminhada, mas eu trabalhei muito mais com os conteúdos da filosofia e textos voltados ao cotidiano dos alunos.

Você, também trabalhou um texto chamado “Quem sou eu”, ou era apenas uma pergunta, cuja descrição aparece em todos os cadernos?

Professora Bibiana - era apenas um questionamento. A gente tinha uma aula por semana de 50 minutos, depois tinha algumas turmas que nós tínhamos dois períodos, isto, quando nos inventávamos as atividades extraclasse, aumentava as possibilidades de estudo e reflexão.

Professora Bibiana - Eu noto que você trabalhava bastante o marxismo e o positivismo, como se dava essas discussões na sala de aula, era tranquilo para ti, ou tinha algum tipo de embate com os alunos, pois são temas bem fortes?

Professora Bibiana - Eu me colocava na seguinte situação, eles estão aprendendo, então era eu que tinha que montar um conflito em sala de aula. Eu escutava as posições deles.

Pesquisadora - É bem presente essa questão da escuta nas tuas aulas, pois quando você faz trabalhos em grupo, são abertos espaços de diálogos e ali nos temos a questão da escuta.

Professora Bibiana - Além disso, estamos fazendo um exercício do pensar, é como aprender a caminhar, a gente começa com o nenê levantando a cabeça, segurando-o, para dar os primeiros passos, engatinhando, é assim.

Pesquisadora - Eu vejo que você trabalhou bastante a conjuntura dos partidos políticos, a constituição e a questão do voto, em debates feitos na escola. Isso, em 1986, um ano depois da democratização. Onde você discutiu bastante a conjuntura política, iniciando a partir do trabalho com Aristóteles e Sócrates. Está tudo descrito, nos teus diários de classe. Assim te pergunto, eles debatiam bastante sobre a questão do voto?

Professora Bibiana - claro. Era um assunto que os interessava muito.

Pesquisadora - E depois em 1986, você desenvolveu os bimestres letivos com muita produção, a partir do uso dos textos não filosóficos, os quais me tocaram bastante, por exemplo, apresentação do trabalho sobre o livro “Mulher objeto de Cama e Mesa”, sobre o qual você fez debates em grupo. E depois as trabalhou “As Belas Mentiras” que é outro livro também. Como você lembra-se dessas práticas, do vivido?

Professora Bibiana - sim eu trabalhei estes dois livros, abordando as questões de gênero e a educação, depois que uma aluna leu uma parte do livro, ela veio conversar comigo, que não estava mais sentindo culpa pelo fato de não amar a mãe.

Ainda sobre a questão de gênero, eles levaram um homossexual para a sala de aula no turno da noite, para questionar sobre esta condição, daí a gente fez perguntas. Explicamos, então estávamos fazendo um trabalho um trabalho sério, dissemos: nos não queremos que você fique melindrado, a gente quer aprender contigo. Os alunos e alunas propuseram muitas perguntas para ele, isso foi uma questão marcante, ainda mais para a época. Eu cheguei depois na sala de aula, eu sou meio louquinha assim, então disse: oba, oba, tem aluno novo, chegou um aluno novo. Dai uma das alunas disse, professora ele vai ser entrevistado, faz parte trabalho que nós vamos fazer.

Pesquisadora - Que ano foi isso? Você consegue lembrar o ano foi em 1990 ou depois de 90?

Professora Bibiana - foi quando eu comecei a trabalhar a noite, deve ter sido depois.

Eu deixava os assuntos livre, as turmas podiam escolher o que queriam, então, um grupo escolheu a homossexualidade e a postura da turma com a pessoa entrevistada foi de compreensão. Ele contou que tinha irmãs, e eu amava as roupas das minhas irmãs, mas isso é uma coisa muito difícil, porque ele queria ser homem e ter vontades de homem, eu queria poder me sentir bem nas roupas de homem, mas disse que dentro dele não existia isso.

Professora Bibiana - sim eu trabalhei estes dois livros, abordando as questões de gênero e a educação, depois que uma aluna leu uma parte do livro, ela veio conversar comigo, que não estava mais sentindo culpa pelo fato de não amar a mãe.

Ainda sobre a questão de gênero, eles levaram um homossexual para a sala de aula no turno da noite, para questionar sobre esta condição, daí a gente fez perguntas. Explicamos, então estávamos fazendo um trabalho um trabalho sério, dissemos: nos não queremos que você fique melindrado, a gente quer aprender contigo. Os alunos e alunas propuseram muitas perguntas para ele, isso foi uma questão marcante, ainda mais para a época. Eu cheguei depois na sala de aula, eu sou meio louquinha assim, então disse: oba, oba, tem aluno novo, chegou um aluno novo. Daí uma das alunas disse, professora ele vai ser entrevistado, faz parte trabalho que nós vamos fazer.

Pesquisadora - Que ano foi isso? Você consegue lembrar o ano foi em 1990 ou depois de 90?

Professora Bibiana - foi quando eu comecei a trabalhar a noite, deve ter sido depois.

Eu deixava os assuntos livre, as turmas podiam escolher o que queriam, então, um grupo escolheu a homossexualidade e a postura da turma com a pessoa entrevistada foi de compreensão. Ele contou que tinha irmãs, e eu amava as roupas das minhas irmãs, mas isso é uma coisa muito difícil, porque ele queria ser homem e ter vontades de homem, eu queria poder me sentir bem nas roupas de homem, mas disse que dentro dele não existia isso.

ANEXO A – POEMA - ENTRE A FLOR E O PARAFUSO

Autor: Simão Goldman¹³⁰

Lá vão eles
Lá vão eles que somos nós
Marchando às pressas, empurrando
Nadando num mar de ansiedades sem uma triste bússola
Sem tempo para sorrir sem tempo para amar
Apenas tempo para correr

Escravos de outros escravos
Acorrentados por algemas psíquicas
Mais escravos que os escravos dos navios negreiros
Fiéis vassalos de uma nova ordem que só tem uma ordem
Correr, correr, correr
Atrás de uma recompensa pré-fabricada
Sem tempo para pensar para se situar

Neste universo de universos infinitos
Um homem só, sem tempo para parar, só tempo para correr
Um homem só, a correr, a correr, a correr
Entre as montanhas de concreto da cidade

Ande, pare, consuma... Ande, pare, consuma.. Ande, pare, consuma...
Não há mais tempo para sonhar, não há mais tempo para dormir
E nos sonhos a ansiedade matar
Apenas sinais, sinais, sinais.
Ande... pare... ande... pare... Volkswagen... Coca-Cola, www
Anda robô, anda robô
Entre a cultura massificada e rotulada
Tu és feliz, tu és feliz, tu és feliz

Tu vives na era tecnológica mas não tens tempo para sorrir
Não tens tempo para chorar
Apenas tempo para correr
Correr, correr, correr
Fazer parte da coisificação humana
Numa natureza que se transformou
Num amontoado de alavancas, pregos e parafusos
Onde não há lugar para a flor
E passaram-se mil, cinco mil, trinta mil anos
Um dia um homem sereno, tranquilo
Leu sobre o século vinte e não acreditou que aquilo existiu
Acariciou a flor que estava ao seu lado
E que tinha o mesmo perfume de sempre
Beijou-a ternamente, sorriu

¹³⁰ GOLDMAN, Simão. Entre a flor e o parafuso. **Palavras e Silêncio**, [S. l.], 2009. Disponível em: <http://digonnes.blogspot.com/2009/08/entre-flor-e-o-parafuso.html>. Acesso em: 11 jun. 2022.

ANEXO B – POEMA - FASCINA-ME A CORAGEM

Autora: Rosemary Lopes Pereira- Apucarana PR¹³¹

Fascina-me a coragem! Quando vejo um vagalume acendendo sua lanterna diante da potente luz elétrica. Quando vejo a rosa nascer, desafiando os espinhos. Deslumbra-me a coragem da semente pequenina, desapontando na terra pisada sobre ela; do lavrador plantando para matar a fome dos poderosos. Encanta-me a coragem de um coração menino. Nele toda a sabedoria do Evangelho. Toda a candura do mundo. Toda a verdade cristã, desafiando o coração enrugado do homem grande e egoísta. Tenho pena dos covardes e dos incrédulos. Dos que recuam ao menor obstáculo. Dos que se omitem com um silêncio carunchado. É preciso ter a coragem de um menino para saltar do topo da montanha. Coragem não só para enfrentar a vida do dia-a-dia. Mas, a coragem para reagir diante da mentira. De ser um vagalume a acender a sua lanterna, diante da força elétrica. Coragem para dizer um basta aos abusos contra a pessoa humana. Coragem de aceitar o seu erro e modificar-se. Coragem em deixar a escravidão do vício, para viver a liberdade de ser gente. Ter coragem de modificar um sistema. De quebrar grilhões de séculos. De falar nem que seja para as pedras do deserto. Ter coragem de começar um caminho novo. Quebrar o gelo dos homens com o próprio coração. Levantar nem que seja uma só estaca na construção de um mundo melhor. Ser vagalume, mas acender a sua lanterna, gerando luz própria, pela vontade de fazer os outros crescer por dentro também. É preciso ter coragem para recusar o fascínio de faturar alto usando de meios escusos. Ter coragem de não sofrer a influência do meio, mas transformá-lo. Mas é preciso muita coragem em ser o único a dizer não. Basta um homem corajoso para que haja esperança. A coragem é a forma animadora do mundo. É preferível ser um vagalume e ter luz própria do que ser um farol com luz artificial. Fascina-me a coragem! Principalmente quando vejo Rosas lindas desabrocharem, desafiando os espinhos. Seja você uma rosa ou um vagalume, mas tenha coragem!

¹³¹ Na segunda década do XXI este poema foi achado na rua, por um policial no Estado Pará, datilografado em folha amarelada. Após, a morte da autora em 2015-, o mesmo, descobriu sua família no Paraná e o enviou por carta a seu filho. Travessia do tempo lá no Estado este texto, não filosófico, na forma de poética fixou sentidos e história, aqui em Santa Maria/RS, houve a sua utilização em sala de aula na década 1980. Referência: CARVALHO, Jess. Sensibilidade de policial do Ceará promove reencontro de um filho com as ideias de sua mãe, no Paraná. **Plural**, Curitiba, 24 set. 2021. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/sensibilidade-de-policial-do-ceara-promove-reencontro-de-um-filho-com-as-ideias-de-sua-mae-no-parana>. Acesso em: 12 jun. 2022.

ANEXO C – MÚSICA: CAMPO, PAMPA E QUERÊNCIA

Autor João Chagas Leite¹³²

Campo, ventre que gera meu canto
Universo dos meus versos, sementeira onde me planto;
Solo fértil, colo quente,
És o seio onde semeio os anseios de meu canto.
Campo, ventre que gera meu canto
Universo dos meus versos, sementeira onde me planto;
Solo fértil, colo quente,
És o seio onde semeio os anseios de meu canto.

Campo dos que colhem sem plantar, dos que plantam se colher
Ah, pudesses tu escolher de quem ser e a quem se dar;
Pampa faz da voz dos que te cantam campo livre onde se laçam
As sementes da esperança do suor dos que te plantam.

Campo dos que colhem sem plantar, dos que plantam se colher
Ah, pudesses tu escolher de quem ser e a quem se dar;
Pampa faz da voz dos que te cantam campo livre onde se laçam
As sementes da esperança do suor dos que te plantam.

¹³² Referência: LEITE, João Chagas. Campo, Pampa e Querência. **Música Tradicionalista**, [S. l.] [201-?]. Disponível em: <https://musicatradicionalista.com.br/musica/9927/letra-campo-pampa-e-querencia.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

ANEXO D – CORAÇÃO DE ESTUDANTE

Autor: Milton Nascimento / Wagner Tiso¹³³

Quero falar de uma coisa,
Adivinha onde ela anda?
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar

Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu

Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto

Coração de estudante
E há que se cuidar da vida
E há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes: plantas e sentimento
Folhas, coração, juventude e fé

¹³³ NASCIMENTO, Milton. Coração de Estudante. **Letras**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/milton-nascimento/47421/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ANEXO E – O ÚLTIMO DISCURSO DE CHARLES CHAPLIN, EM O GRANDE DITADOR

Autor: Charles Chaplin¹³⁴

Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar – se possível – judeus, o gentio... negros... brancos. Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar ou desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma do homem... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas duas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-se muito mais. A próxima natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem... um apelo à fraternidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhões de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, criancinhas... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: "Não desesperéis!" A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem os homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como um gado humano e que vos utilizam como carne para canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos.

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas é escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou um grupo de homens, mas dos homens todos! Estás em vós! Vós, o povo tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo tende o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse

¹³⁴ Referência: YASHINISHI, Bruno. O discurso final do filme "O grande ditador" (1940). **Canto dos Clássicos**, [S. l.] 11 set. 2016. Disponível em: <https://cantodosclassicos.com/o-discurso-final-do-filme-o-grande-ditador-1940/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice. É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos. Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontres, levanta os olhos! Vês, Hannah? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo – um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergues os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!.

NUP: 23081.120036/2022-75

Prioridade: Normal

Ato de entrega de dissertação/tese

134.334 - Dissertação e tese

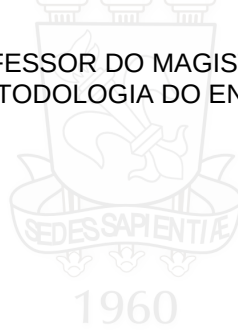
COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
1	Tese de doutorado (134.334)	Tese_Sandra final setembro PDF.pdf

Assinaturas

31/01/2023 16:48:33

ELISETE MEDIANEIRA TOMAZETTI (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)
05.23.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO - DMEN



Código Verificador: 1991940

Código CRC: 1f3f2d40

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

